

Je ne fay rien  
sans  
**Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

Ex Libris  
José Mindlin





SEGUNDA SERIE

---

# SELECTA BRASILIENSE

OU

Noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades

EM RELAÇÃO

**AOS HOMENS, Á HISTORIA E COUSAS DO BRÁZIL**

POR

**J. M. P. DE VASCONCELLOS**

MEMBRO DE DIVERSAS SOCIEDADES SCIENTIFICAS E LITTERARIAS  
DA CÔRTE E DAS PROVINCIAS DA BAHIA, S. PAULO,  
S. PEDRO DO SUL E ESPIRITO-SANTO.

---

**RIO DE JANEIRO**

TYP. DO— DIARIO DO RIO DE JANEIRO

97 RUA DO OUVIDOR 97

—  
1870



# JUIZO DA IMPRENSA

SOBRE A

## SELECTA BRASILIENSE

PRIMEIRA SERIE

---

DJARIO DO RIO DE JANEIRO

21 DE AGOSTO DE 1868

O estabelecimento typographico dos Srs. E. & H. Laemmert acaba de dotar o paiz com mais uma publicação interessante, em relação a assumptos nacionaes.

E' a *Selecta Brasiliense* que se compõe de uma serie de noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades em referencia aos homens, á historia e ás cousas do Brasil.

O merecimento da obra é garantido pelo nome do seu autor, tão conhecido por trabalhos de outros generos que teem sido bem aceitos do publico.

---

CORREIO MERCANTIL

22 DE AGOSTO DE 1868

Mais uma obra de incontestavel utilidade acaba de ser publicada. Intitula-se *Selecta Brasiliense*, e é devida ao Sr. J. M. P. de Vasconcellos.

Compõe-se a obra de noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades em relação aos homens, á historia e cousas do Brasil, e divide-se em tres partes: Biographia-Historia, Indigenas e Curiosidades—Variedades.

Collegindo varias noticias sobre os homens e sobre as cousas mais notaveis do paiz, e commentando-as ou reunindo os commentarios de outros escriptores, o autor da *Selecta Brasiliense* faz com a publicação deste livro um bom serviço á sua patria.

O volume publicado deve ser acompanhado de outros de igual assumpto, se o autor encontrar, como merece, a necessaria coadjuvação.

JORNAL DO COMMERCIO

23 DE AGOSTO DE 1868

O Sr. J. M. P. de Vasconcellos acaba de publicar um livro tão curioso como interessante com o titulo *Selecta Brasiliense*. É uma collecção de noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades em relação aos homens, á historia e cousas do Brasil. Divide-se em tres partes, na primeira das quaes se encontram notas biographicas; a segunda occupa-se dos indigenas, e a terceira compõe-se de ligeiras noticias sobre uma variedade de cousas.

COMMERCIAL, DO RIO GRANDE DO SUL

5 DE SETEMBRO DE 1868

SELECTA BRASILIENSE.— Sob este titulo o Illm. Sr. J. M. P. de Vasconcellos acaba de enriquecer a litte-

ratura nacional, com uma perola que deve ser apreciada, porque adorna a historia patria, assim como acha-se engastada nos mais bellos relevos dos nossos annaes.

Nesta galeria historica encontram-se os retratos habilmente reproduzidos pela penna delicada e o estylo fluente do distincto autor e se alguns traços são copiados de outra obra não menos preciosa, (*Varões Illustres*, de Pereira da Silva) a modestia os aponta; a perspicacia do leitor pode apreciar que a nova collecção dos eminentes caracteres brasileiros, encaminha-se para pôr na sua completa luz, e arrancar do esquecimento a memoria dos homens que em todos os ramos tem illustrado nossa patria, abrindo, muitas vezes, a estrada em que hoje caminham ovantes e sem rivaes eximios genios.

Alphabeticamente, colloca o Sr. Vasconcellos os homens illustres, cuja perda lamentamos, sem esquecer os relevantes serviços, o que notamos para que os leitores não attribuam ao erro chronologico, uma nova e mais facil maneira de encontrar o esboço historico e biographico que se dezeja consultar.

Esta pequena obra confiada á mocidade lhe seria tanto mais preciosa que de continuo lhe apresentaria factos dignos de serem imitados, modelo de todas as virtudes, rasgos de vontade, inspirados para nobres e elevados fins; feitos que o patriotismo aconselha, e que a gloria burila em caracteres indeleveis nos fastos da patria.

O serviço que o Sr. Vasconcellos acaba de prestar ás letras patrias, estende-se tambem a tudo quanto interessar possa o Brasil, cuja historia particular

apresenta tantas duvidosas asserções, mormente quando do genio, virtudes e elevação de sentimentos de seus filhos se tenta esboçar o perfil.

E' necessario que o autor da *Selecta Brasiliense* ponha um remate a seu plano, continuando-a, embora a tarefa seja tão ardua quanto é gloriosa.

Sua imparcialidade historica e politica será sempre altamente apreciada pelos homens illustrados, que no historiador reconhecem unicamente os factos taes quaes a natureza os produziu sem atavios, nem favores que os desfigurem.

O exemplar desta obra que nos foi offerecido por um cavalheiro desta cidade, é um mimo que preciosamente conservamos, e temos convicção que se numerosos exemplares da *Selecta Brasiliense* forem apresentados á venda, devem encontrar nos paes de familia e no nosso illustrado publico, em geral, numerosos apreciadores de tão interessante, quão utilissimo trabalho.

---

PARAHYBANO DE S. JOÃO DA BARRA.

6 DE NOVEMBRO DE 1868

*La critique est aisée, mais  
l'art est difficile.*

GEORGE SAND

I

Todas as vezes que apparece no mundo litterario um livrinho de autor nacional, e cuja substancia util e agradavel se recommenda á apreciação dos leitores, enchemo-nos de verdadeiro prazer, de verdadeira satisfação.

Contrista-nos, porém, que a litteratura em nosso paiz seja tão mal aquilataada pelos iconoclastas do bem, mas, contudo o espirito dos filhos de Santa Cruz, alimentado nas santas crenças da liberdade, proclamada pelos Andradas, não deve esmorecer, não deve perder de vista o interesse e engrandecimento nacional, pois é dever de cada cidadão contribuir com suas forças para esse fim tão justo quão louvavel.

Exultamos, pois, sempre que se apresenta um novo subsidio para as lettras, porque pensamos que a litteratura é o verdadeiro thermometro da civilisação de um povo; sem ella, este nada é em face do mundo, é apenas um simulacro ou uma mumia egypcia, cujo valor só é reconhecido nos dominios da archeologia.

O Brasil sahido ha pouco da obscuridade, tendo lançado para longe os grilhões coloniaes com um brado divino proferido ás margens do Ypiranga, já tem uma litteratura: ahi já vemos brilhar uma myriade de talentos transcendentés, escriptores de mãos cheias, que procuram nobilitar o torrão patrio com producções de sua intelligencia fecunda.

Onde brilham grandes talentos, ha civilisação, ha intelligencia: o sol quando brilha resp'andece a todos.

## II

E' assim que nos exprimimos ao apparecer o bello livrinho intitulado *SELECTA BRASILIENSE*, sahido ha pouco do prelo, em cujo trabalho deparamos o bom senso do autor já bem conhecido na republica das lettras.

O Sr. José Marcellino Pereira de Vasconcellos é o autor desse trabalho monumental, cuja primeira serie elle

apresenta esperando ser secundado, para assim proseguir no mesmo labor.

O opusculo divide-se em tres partes. A primeira consta de biographias de homens illustres do paiz: a segunda de noções sobre os nossos indigenas; e a terceira de variedades e observações.

Muito nos deleitamos ao ler a vida dos nossos homens, buriladas em letras de ouro nos fastos patrios: tarefa é essa que nunca deslustra a quem a emprehende—prova-o a celebridade de nossos biographos como Pereira da Silva, Mello Moraes, Warnhagen e outros escriptores nacionaes.

Quanto ao conhecimento sobre os indigenas, são elles tão uteis que dispensam elogios:— as cousas da patria sempre nos devem interessar summamente, pois « sem patriotismo não existe nenhuma virtude ou talento » como diz o estimavel autor do—*Genio do Christianismo*.

Leitura amena e agradavel bem demonstra este livro o estylo do autor, já vantajosamente conhecido no mundo litterario, como um dos nossos mais notaveis talentos.

Desculpe-nos se offendemos a sua modestia. Não costumamos erguer o thuribulo da lisonja sobre as aras da verdade: fallamos franca e lealmente, de todo o nosso coração.

No seculo em que estamos, quando tanta luz se diffunde no mundo, é mister que os cultores das letras não abandonem sua carreira; retemperem as suas forças athleticas, para rolar sem desanimo o rochedo de Sisypho.

E' esta nossa apreciação, não um juizo critico, mas uma noticia sobre a *SELECTA BRASILIENSE*, que tantos encomios obteve da imprensa da Côrte.

Para criticos não temos força, e sim para apreciadores.

J. S. VIDAL JUNIOR.

S. José de Leonissa.

---

IMPRESA ACADEMICA DE S. PAULO

1º DE MAIO DE 1869

Nestes tempos em que existe sómente enthusiasmo pelo que nos vem da França, ou da Inglaterra, e em que a indiferença pela nossa historia parece ter adquirido alto imperio na maioria da nossa sociedade; é do nosso dever, é dever de todos aquelles, em cujo coração existe a sagrada chamma do patriotismo, entoar um hymno aos que empregam seus labores em produções, que dizem respeito aos nossos homens illustres e aos seus gloriosos feitos.

Neste caso acha-se a—*Selecta*— elaborada pelo distincto escriptor Vasconcellos, já conhecido por suas obras de direito.

O estylo claro do trabalho do Sr. Vasconcellos, a fidelidade historica e o conhecimento que revela dos negocios brasileiros, tornam digna de elogios a *Selecta Brasiliense*.

CORRESPONDÊNCIA DE PORTUGAL

14 DE SETEMBRO DE 1869, N. 143.

Recebemos a seguinte publicação :

SELECTA BRASILIENSE, OU NOTÍCIAS, ETC. — E' um livro digno de lêr-se.

O Sr. Vasconcellos fez na primeira parte, a biographica, um excellente serviço ás duas nações irmãs. São nossos os brasileiros, como são dos brasileiros os portuguezes que, até a separação politica dos dous Estados, contribuíram para gloria e engrandecimento tanto do velho Portugal, como da mais preciosa joia que Pedro Alvares Cabral collocou na esplendida corôa de D. Manoel.

Passando dos homens á historia, e ás cousas do Brasil, o Sr. Vasconcellos fez tambem um relevante serviço á litteratura e á sciencia. O livro do Sr. Vasconcellos colloca o seu nome a par dos mais illustres escriptores contemporaneos.

DIARIO DA BAHIA

21 DE OUTUBRO DE 1869

SELECTA BRASILIENSE. — Com este titulo acaba de ser enriquecida a litteratura e a historia patria com uma excellente obra, impressa no Rio de Janeiro, fructo das aturadas locubrações de um distincto brasileiro o Sr. José Marcellino Pereira de Vasconcellos, membro

de diversas sociedades scientificas e litterarias da Côrte, e das provincias da Bahia, S. Paulo, S. Pedro do Sul e Espirito-Santo, dividida em tres partes; contendo *noticias, descobertas, observações, factos e curiosidades em relação aos homens, á historia e cousas do Brasil*. E' um bello volume in 8º que pelo merecimento que possui de derramar variados e uteis conhecimentos dos homens e das cousas do Brasil, deve de ser com prazer acolhido por todos os brasileiros, e por isso o recommendamos aos bahianos, cultores da intelligencia e amantes como são da instrucção em geral e das letras patrias.

---

Ao « Juizo da Imprensa » adicionaremos as seguintes observações, que particularmente recebemos, e que folgamos ter occasião de agradecer.

---

PARNAHYBA DO PIAUHY

30 DE OUTUBRO DE 1868

Coordenou V. S., em um commodo volume, uma grande parte da historia patria, e dos seus vultos, fazendo assim um grande serviço aos que, como eu, não podem dispôr de meios para possuir as obras, se bem que mais extensas, mas tambem mais dispendiosas.

Felicito-o, pois, por mais esta inspiração litteraria, que tanta luz vae derramar no paiz, desejando-lhe muitos annos de vida e saude, para progredir em suas sabias locubrações.

A. A. DE M. C.

MARANHÃO

3 DE NOVEMBRO DE 1863

A sua *Selecta* é um ramallete precioso, e muito bem organizado: denota em seu autor bastante tino, muito bom gosto, talento cultivado, intelligencia esperancosa e acurada paciencia.

A sua consciencia já lhe terá dito, que á patria prestou um bom serviço, e será esta talvez a unica recompensa, que receberá actualmente, até que a posteridade se lembre do numero dos esquecidos injustamente, onde achará o seu nome condemnado ha muito ao mais cruel ostracismo.

DR. C. A. MARQUES.



# SELECTA BRASILIENSE

## PARTE I

### BIOGRAPHEIA — HISTORIA

#### ANDRE VIDAL DE NEGREIROS

Nasceu na Parahyba do Norte.

Depois de haver prestado relevantes serviços expulsando os holandezes da Bahia em 1636 e 1638, sendo ferido em um combate; depois de ter alcançado glórias e honras no exercito, tendo já o posto de tenente-coronel, determinou partir para Pernambuco em 1644 afim de observar o poder e vantagens do inimigo, que devastava essa capitania. Tomando o pretexto de ir visitar alguns parentes na Parahyba, embarcou-se para Pernambuco levando algumas armas destinadas a servir contra os adversarios de sua patria; mas sendo obrigado a vender essas armas aos oppressores de seu paiz, partiu para a Parahyba a fallar com Fernandes Vieira. (\*) Ahi lhe fizeram ver com côres as mais negras as perseguições do inimigo. Desesperado, e com o coração sangrando pela patria, voltou á Bahia.

---

(\*) Vide a 1ª serie da *Selecta*, pag. 83.

Em 1645 dirige-se de novo a Pernambuco procurando cada dia occasião de romper; aguarda com impaciencia o dia de poder manejar o braço e a espada. A destruição de um pequeno navio carregado de munições deu-lhe pretexto para atacar os hollandezes.

Desde então tornou-se o guia de todos, o chefe dos seus, o heroe desse punhado de guerreiros que se levantavam contra os inimigos de sua terra. Vidal não mais descansou -- parecia ter jurado, como Annibal, não guardar a espada, enquanto não visse a patria livre e salva.

Em 1645 bate os hollandezes no engenho de Anna Paes, derrota-os perto do engenho de Antonio Fernandes Pessoa. Uma bala passa-lhe pela copa do chapéo; seus olhos turvam-se; o guerreiro vacilla, mas, despertando como de ligeira vertigem, mais bravo e destemido se apresenta, e triumpho.

Em 1646 o Rio Grande do Norte geme com as perseguições dos hollandezes, e pede soccorro. Vidal offerece-se a ir perseguir os inimigos nessa direcção, e todos os do *congresso* aceitam o offerecimento.

Volta a Pernambuco coberto de glorias e abençoado pelo povo.

Na primeira batalha dos Guararapes *accomette* o inimigo de noute, e o desbarata -- combate como Cesar -- uma bala mata-lhe o cavallo, mas elle tudo vence e sabe dar victoria aos seus.

Na segunda do mesmo nome combate como heroe, fazendo desaparecer os perigos diante de seu valor e coragem.

Em 1654 toma o reducto de Milhon e sabe ter piedade com os vencidos, permittindo a muitos sua retirada.

Com 1100 infantes ataca o forte das Cinco Pontas. A empreza é arriscada e difficil,mas Vidal supera tudo. Aniquilla n'essa acção o pôder dos hollandezes, apesar de ferido em uma perna. Tomado o forte, seguiu-se a capitulação. Depois de conferenciar com o inimigo. esforçando-se por incluir no tratado de paz a terra de seu berço, assigna o tratado de 1654, pelo qual os hollandezes entregaram a praça do Recife com todas as suas defensas, e as capitánias de Itamaracá, Rio-Grande e Parahyba.

Encarregado de levar a D. João IV em Lisboa a noticia da paz, é recebido com agrado, e em recompensa de seus longos serviços durante vinte annos de guerra, é nomeado governador do Maranhão, concedendo-se-lhe o fôro grande, uma commenda lucrativa na Ordem de Christo, tendo elle já a commenda de S. Pedro e as alcaidarias-mores de Marialvas e Moreira.

Foi nomeado tambem successor de Vieira no governo de Angola.

Foi instituidor da capella da Senhora do Desterro, perto de Goyana, attribuindo á intercessão dessa Santa as victorias alcançadas.

Em Angola fez importantes serviços salvando o imperio africano portuguez pela victoria em Ambouilla.

Não se sabe o anno, e o logar de sua morte. O Sr. Varnhagen não hesita em *apresentar Vidal como digno até de figurar em uma epopéa nacional*, e o padre Vieira diz em uma carta dirigida ao primeiro Rei da casa de Bragança: *Tem Vossa Magestade mui poucos no seu Reino como André Vidal; é tanto para tudo o demais, como para soldado; muito christão, muito executivo, muito amigo da patria e da razão, e sobretudo muito desinteressado.*

### ANGELA DO AMARAL RANGEL (\*)

Celebre poetisa, nascida no Rio de Janeiro, e descendente de uma familia illustre pelos serviços prestados ao paiz. Cega, inteiramente cega, não teve para seus paes um olhar de amor infantil; mas sua imaginação portentosa desenhava montes e serras, campos anilados, um oceano cinzento, lagos crystalinos, e céu azul, sem nodoas, brilhante, magestoso.

Quando em 1752 a academia dos *Selectos* reuniu-se em palacio sob a presidencia do padre-mestre Francisco de Faria para celebrar as virtudes de Gomes Freire de Andrade, a musa de Angela veio tambem pagar seu preito ao grande general com as producções de seu engenho,

Com a mesma facilidade com que improvisava na lingua de Camões, recitava suas poesias em lingua italiana e hespanhola.

Reuniu as graças da poesia ás virtudes christãs, e foi D. Angela instruida tanto quanto'lhe permittiam as circumstancias peculiares de seu tempo e de nosso paiz.

### ANNA RODRIGUES

Falleceu em 1868 com a idade de 119 annos, na povoação de S. Vicente, em Montevidéo.

Brasileira, era conhecida pelo appellido de *portu jeza*, e exercia a profissão de curandeira.

Nasceu no anno de 1749; perdeu seu primeiro filho de 35 annos em 1803; esteve captiva 8 annos entre os indios Pampas; sahiu dalli caminhando 8 dias em um

---

(\*) Vide *Brasileiras Cebres* do Sr. J. Norberto, Paris, 1862.

cavallo em pello: casou-se cinco vezes; seu ultimo matrimonio effectuou-se no 1º de Janeiro de 1860, com 110 de existencia consagrada ao amor, á familia e á medicina.

No anno de 1840, aos 11 dias do mez de Novembro, fez um de seus testamentos ante o alcaide D. Bernardino de Quiroza, no qual se lê a clausula :

« 7. Item declarado que dos quatro matrimonios precedentes tive *trinta filhos* legitimos, a saber : João, José, Luiz, Margarida, Antonia, Magdalena, Maria de Jesus, Maria Fernanda, Angelina, Luiza Ildefonsa, Rita Názaria, Antonia Joaquina, Josepha, etc., etc., os quaes agora não me lembra.»

O testamento original e cem cópias circulam na povoação de S. Vicente.

No anno de 1867, estando o actual arcebispo de visita na referida povoação, fez chamar a D. Anna para certificar-se da authenticidade de sua pessoa.

Uma vez presente e interrogada sobre o estado de sua saude, respondeu : « que passava excellentemente bem, com quanto perseguida pelo inimigo da carne que todas as noutes a tentava. »

Este era o unico signal de caduquice que dava D. Anna, que nos seus ultimos dias representava 50 annos, vestia-se com luxo e adornava-se, conservando sempre seu corpo em perfeito estado de aceio.

O cholera fez de D. Anna uma de suas victimas a 17 de Janeiro de 1868, em que falleceu em perfeito uso de razão depois de receber os ultimos Sacramentos.

E' curioso dar aos nossos leitores uma idéa do tratamento que seguia com os doentes que a consultavam.

D. Anna tinha em sua casa, situada no antigo povoado de S. Vicente, um altar de tres pés de largo, cheio de quadros de santos, a cada um dos quaes acendia uma vela todos os dias.

Quando algum doente chegava á sua porta perguntando pela — medica, ella sahia a receber as aguas passadas, cuja côr examinava á luz da vela que ardia diante de algum dos santos. De sua côr deduzia o mal e sua gravidade, e receitava verbalmente ou por escripto, se o doente sabia escrever.

De ordinario as suas receitas limitavam-se a alguma beberagem de raiz de malvas, flôr de sabugueiro, e outras; a um banho quente, ou á applicação de um pedaço de baêta escarlate sobre o estomago depois de ter bebido alguns goles de vinho.

Este systema de cura produziu-lhe honra e proveito.

A morte de D. Anna Rodrigues causou verdadeiro pezar a todos quantos a consultavam como oraculo, e a todos quantos admiravam nella um dos typos mais curiosos que tem creado a natureza.

O testamento, de que fizemos menção, existe em original em poder do Sr. cura de S. Vicente, assim como a certidão do ultimo casamento e de seu fallecimento.

Addicionaremos para terminar que no dia de sua morte, esta mulher secular não se recordava que vivesse nenhum de seus filhos, pelo que deixou seus escassos bens a um amigo que assistiu aos seus ultimos instantes.

E' preferivel morrer com menor idade escutando no ultimo momento o adeus de nossos filhos, a morrer com

cem annos de uma vida de trabalhos, vendo extinguir-se com a nossa existencia o nome de uma familia sem posteridade.

## ANTONIO AUGUSTO DE QUEIROGA

Nasceu na cidade do Serro, na provincia de Minas Geraes, e formou-se em direito na academia de S. Paulo, em 1834, pouco mais ou menos.

Distinguiu-se como estudante, e, além do talento de improvisar, era buscada sua conversação pelo tom ironico com que a temperava.

Fixou sua residencia na Diamantina, depois de sua formatura, e ahi adquiriu grande credito como advogado, e sobretudo como orador. De compleição fragil, padecendo do peito desde bem moço, sua vida comtudo era calma, e de um verdadeiro philosopho — sua musa alegre e satyrica manifestava-se especialmente nos festejos patriarchaes das noutes de S. João.

Compoz satyras espirituosissimas, em que ridicularisava alguns usos absurdos do logar.

Foi um dos redactores da *Revista Philomatica*.

Morreu na flôr da idade.

Entre as composições deste poeta ha uma que é um primor de harmonia, e começa assim:

Tudo é silencio no bosque,  
Que solitaria mansão!  
Sabiá, cantando amores,  
Só povôa a solidão;  
Em debil ramo, saudoso,  
Descanta, geme e suspira.

Ah ! junta, cantor plumoso,  
Junta aos sons de minha lyra  
Teu canto melódioso . . . .

Tua musica suave  
E' doce como a lembrança  
Que em desabrida tormenta  
Fórma do nauta a esperança ;  
Dize: tu cantas zeloso ?  
Ou feliz amor te inspira ?

### ANTONIO DE SA'

Nasceu no Rio de Janeiro a 26 de Julho de 1620.

Foi conhecido em seu tempo como *principe da oratoria ecclesiastica*, e reputado pelo padre Antonio Vieira como afamadissimo prégador, dizendo que « não fazia falta no pulpito, quando Antonio de Sá o occupava ».

Na idade de 12 annos entrou para a companhia de Jesus, ahi se educou e estudou.

Empregou-se muito tempo em Roma como secretario do geral da companhia, cargo que sómente se dava aos mais instruidos da sociedade.

Voltou á Lisboa, foi prégador regio, e muito estimado pela côrte.

A bibliotheca publica fluminense possui alguns de seus sermões, que merecem fama pela dicção apurada, e selectos conceitos.

Regressou ao Brasil na idade de 50 annos, renunciando aos applausos, e admiração, que em Portugal gran-geára, e dedicou-se á cathechese dos indios.

Falleceu no Rio de Janeiro ao 1.º de Janeiro de 1678.

## ANTONIO MANOEL DE MELLO

Nasceu a 2 de Outubro de 1802 na cidade de S. Paulo.

Com 11 annos e poucos mezes assentou praça de alferes aggregado ao 3º regimento de cavallaria de 1ª linha, fazendo ao mesmo tempo em S. Paulo seus primeiros estudos.

Perdeu logo seu pae o marechal de campo Antonio Manoel de Mello Castro Mendonça; mas um outro general, Daniel Pedro Muller, seu padrastrô, desvelou-se em amal-o e dirigil-o pelo caminho da honra.

Em Julho de 1823 obteve permissão do governo para vir frequentar os estudos da academia militar da Côrte, e em 1824 matriculou-se. Obteve louros academicos nos dous primeiros annos, mas interrompeu seus estudos, marchando para os campos da batalha que se abria na Cisplatina.

Procurou sempre distinguir-se, soffrendo paciente todos os rigores da campanha, quer ahi, quer na batalha de Ytuzaingo.

Em Março de 1828 foi nomeado vogal permanente do conselho de guerra.

Celebrada a paz em Agosto do mesmo anno, Mello embainha a espada, e volta ao seio da academia, merecendo gloriosos os premios no exame de cada anno lectivo.

Capitão desde 12 de Outubro de 1827, é nomeado commandante da 1ª companhia do corpo municipal permanente da Côrte em 21 de Dezembro de 1831—ainda não havia concluido seu curso academico. Em documento official do governo foram louvados os serviços

que Mello prestou em tal commissão n'uma época, em que o Rio de Janeiro estremecia a cada hora, sob a ameaça de movimentos anarchicos.

Vice-director da fabrica de ferro de S. João de Ypanema, foi nomeado em Setembro de 1829 para director effectivo do mesmo estabelecimento.

Dispensado daquella commissão, conseguiu todos os titulos scientificos conferidos pela academia militar, e, em 15 de Junho de 1837, foi elevado a lente substituto das cadeiras do curso de pontes e calçadas, sendo promovido, a 13 de Setembro do mesmo anno, ao posto de major de engenheiros.

Suave, modesto, paciente, sem aspirar grandezas, sem amar o mundo pelas suas festas deslumbrantes, arrebatando os ouvintes pela proficiencia com que se distinguia em sua cadeira, que dirigiu oito annos, foi nomeado, em 15 de Julho de 1845, lente de geometria descriptiva, e recebeu o titulo de doutor em mathematicas, que, segundo a lei, lhe competia então.

Outros serviços prestou mais ao Estado. Foi professor no Lyceu da provincia do Rio de Janeiro, director do arsenal de guerra da Côrte mais de um anno, director das obras civis e militares do ministerio da marinha, commissario encarregado de examinar o Atlas das provincias do Imperio, organizado pelo visconde de Villiers, materia sobre que escreveu dous importantes relatorios; membro de commissões e laboratorios astronomicos; director interino da escola central e vogal do conselho supremo militar.

Foi ministro da guerra em 1847, em Maio de 1862, e em Maio de 1863.

Era insigne astrónomo.

Embocada a trombeta de guerra, ultrajando a honra, e ameaçando a integridade do Brasil, acompanhou Mello a S. A. o Sr. Príncipe conde d'Eu até a provincia de S. Pedro do Rio Grande, então invadida ou sadamente, sendo em Uruguayana designado para o commando geral da artilharia do exercito brasileiro, e dahi seguiu até as margens do Paraná em desempenho de sua gloriosa tarefa.

Poucos mezes foram concedidos ao seu civismo. Os trabalhos e privações prostraram o seu corpo, já abatido e cansado, e, a 8 de Março de 1866, a morte cerrou suas palpebras.

Foi deputado uma vez pela sua provincia. Além das medalhas da campanha da Cisplatina e da Uruguayana, teve a commenda de Aviz, a da Rosa, e a Grã-Cruz da ordem de Christo de Portugal. Foi nomeado guardaroupa da imperial camara.

As filhas do Imperador o chamavam—*meu mestre*— porque muitas vezes o ouviam em prelecções de astronomia. (\*)

## ANTONIO SIMPLICIO DE SALLES

Nasceu na cidade da Campanha, da provincia de Minas-Geraes, e formou-se em S. Paulo em 1856.

Um anno depois falleceu, contando apenas 24 annos de idade.

---

(\*) Esta biographia extrahimos de um discurso necrológico do secretario do Instituto Historico o Sr. Dr. J. M. de Macedo—1866.

Era de physionomia doce e sympathica, e, segundo o Sr. Couto Magalhães, se lhe puzessem uma toga sobre os hombros, seria uma verdadeira figura de grego, tal qual nol-a representam suas estatuas.

Poeta, como todo o brasileiro na idade de 20 annos, Salles voltou-se para a Grecia, e depois de ter admirado Hesiodo, Homero e Sophocles, estudou Ossian, e a poesia primitiva da Escossia, voltando-se para o Norte.

E' d'elle a seguinte poesia— *O cavallo de Mazeppa*—em que se descobre a energia selvagem, que recorda os poderosos accentos da musa de Byron:

Eia, vôa, corsel: sobre teu dorso  
Minha musa e amor, ninguém mais quero,  
E's filho do trovão; pasmem os homens,  
Não me assusta, porém, correr tão féro.

—  
Percorre do Oriente ao Occidente  
Sobre a cruta das vagas navegando,  
Eleva-te ás regiões do ar ethéreo  
Nos ligeiros vapores cavalgando.

—  
Corre, corre, gñete, sem destino,  
Vadêa a esmo a amplidão do espaço,  
Nada quero da terra: já quebrou-se  
Entre mim e os homens negro laço.

—  
Eu e tu, minha musa e meu amor,  
Dirigimos ao globo eterno adeus:  
Aos prazeres humanos fui extranho,  
Jamais compartilhei delirios seus.

Eia, vôa, ginete, nobre amigo,  
Não cances de correr ; e se cançares,  
Arroja-te do sol ao disco ardente,  
Ou sepulta-te no fundo desses mares.

Durante o anno de 1853 foi orador do Ensaio Philosophico Paulistano. Suas palavras tinham a autoridade do oraculo, defendendo a causa da sciencia e das idéas nobres.

Dia e noute encerrava-se em seu gabinete de estudo, que era uma verdadeira officina de trabalho, ou, melhor, um mystico altar onde, sacerdote do pensamento, queimava constantemente incenso.

São de Bernardo Guimarães os seguintes versos a respeito de Salles:

Em manso adejo desflorando a terra  
Passou um dia o cysne peregrino,  
E sonoros quebros gorgendo  
Desappareceu nas nuvens.

### ANTONIO VIEIRA (PADRE)

Nasceu em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1608, e logo em 1615 passou ao Brasil, acompanhando sua familia.

Foram seus paes Christovão Vieira Ravasco e D Maria de Azevedo.

Mal desembarcou na Bahia, começou a frequentar as aulas dos jesuitas, estudando os primeiros rudimentos e humanidades. Devoto da Virgem, a cuja influencia attribue o esclarecimento de sua razão e intelligencia, que parecêra acanhada nos primeiros annos, abandonou sua casa, e recolheu-se ao collegio em 1625, tendo pouco

mais de 15 annos, apezar das suasões de seus paes, que lhe reservavam outros destinos.

Professando na ordem, continuou seus estudos, mas fez voto comsigo de despendêr a vida na conversão e doutrina dos escravos africanos, e selvagens do Brasil, e para esse intento entregou-se logo ao estudo das linguas de uns e de outros.

Aos 21 annos quizeram os padres que Vieira começasse um curso de philosophia para passar depois ao de theologia, mas elle declarou o seu voto, que guardára em segredo. Os superiores lhe recusaram a execução de seus projectos.

Em 1635 Vieira foi ordenado presbytero, celebrou a primeira missa, e, quer antes, quer depois, prégava nas igrejas da Bahia e de seus arredores, desdobrando desde então grandes qualidades oratorias, com que depois enchia de admiração Lisboa e Roma.

A 27 de Abril de 1641 partiu da Bahia Antonio Vieira em companhia de Simão de Vasconcellos, e contrastada a viagem por furiosas e repetidas tempestades, o navio só pôde ancorar nas costas de Portugal nos ultimos dias de Maio. Ahi esteve em risco de morrer, por ter o povo de Peniche arremettido contra elle e seu sequito, na persuasão de serem membros da familia dos traidores do Estado, como consideravam a mulher e filhos do marquez de Montalvão ;—sendo necessario que a prudencia do conde de Atouguia, governador da praça, os fizesse recolher em uma prisão, para evitar peiores resultados do motim.

Foi prodigioso o effeito produzido pelos sermões de Vieira na Côrte de Lisboa ; amigos e inimigos eram attrahidos e avassallados pela sua eloquencia; rica de

todos os dotes. A privança e valimento com a Côrte medrou tambem de dia em dia, de modo que Vieira entrava francamente no paço a qualquer hora, correspondia-se com a Rainha, com os Infantes, e com todos ; passava horas inteiras nas secretarias d'Estado, assistia a todas as juntas de negocios graves, e successivamente foi nomeado prégador d'El-Rei, mestre do principe herdeiro da corôa, diplomata a differentes côrtes da Europa, e afinal embaixador na de Hollanda.

No maior auge desta fortuna, esteve Vieira arriscado a vê-la interrompida por dissensões com a sua propria Ordem, aggravadas pela inveja de rivaes e competidores offuscados de sua gloria. Taes dissensões o obrigaram a apartar-se para o Maranhão em 1652, e por ultimo o lançaram nos carceres da inquisição.

O seu desinteresse em materia de dinheiros e riquezas, nunca se desmentiu—até os proventos licitos engeitava.

Nas missões de Hollanda e Roma teve avultadas quantias á sua disposição, em que nem sequer tocou. Para suas despezas pessoaes, nessas e em outras missões, satisfazia-se com ajudas de custo mui limitadas, pois sempre andava com extrema simplicidade, e sem outra comitiva além de um moço para lhe descalçar as botas; e ainda assim, se lhe ficavam algumas poucas dobras, as repunha escrupulosamente.

Nunca quiz receber esportulas dos sermões, recusava a liberalidade dos amigos, e mandando-lhe El-Rei dar em Paris vinte mil cruzados para comprar livros, não aceitou nem dous tostões para um *Diurno*.

Tratou com muitos homens eminentes, examinou na Europa as melhores livrarias, e nos collegios da companhia vivia *mais na livraria do que na cella*.

Não poupava em parte alguma os seus invejosos inimigos, e ostentava com vaidade sem igual o seu valimento.

Não se dobrou, visto como o perigo podia menos em Vieira do que o orgulho, ao processo que lhe iniciou e preparou a inquisição—sendo necessario que a intervenção de Alexandre VII mudasse a face do negocio, para que Vieira recuasse e cedesse sem dezar. Foi relevado *da maior condemnação, que por sua culpa merecia*, segundo a sentença publicada em 23 de Dezembro de 1667 na sala da inquisição de Coimbra, sahindo no dia 31 para a casa do Pedroso, logar que lhe foi assignado para reclusão, sendo-lhe commutada esta pena para a casa da Cotovia em Lisboa, e, seis mezes depois, de tudo perdoado. O processo de Vieira durou quasi cinco annos.

Restituido Vieira á Lisboa, e passado o tempo de sua interdicção, entrou de novo a prégar, e a readquirir a fama prodigiosa, que lhe fôra habitual. Foi resolvida sua viagem a Roma, com a missão ostensiva de solicitar a canonisação de 40 martyres da Ordem, e com a particular de alcançar a annullação da sentença do santo officio; mas neste empenho não obteve, como pretendia, a menor récommendação e favor de D. João IV

Em Roma, aonde chegou em Agosto de 1669, foi acolhido com grande apparato pelos jesuitas, vindo a seu encontro a duas milhas da cidade, e guiando-o em triumpho á presença do geral da Ordem. Foi tratado com distincção por todos, inclusive o Papa, cardeaes e summidades estrangeiras que alli residiam.

Aprendeu o italiano para prégar nessa lingua, como lhe requeriam, e conquistou novos louros. Concorreu ás palestras litterarias e academicas, tomou parte nellas, mórmente na sociedade, que em seu palacio reunia a celebre Christina de Suecia, que por esse tempo vivia em Roma.

Nocivo á sua saude o clima de Roma, achacado de annos e de enfermidades, esgotados os negocios que alli o levaram a Roma, pois deixou em meio, sem poder concluir, o processo da canonisação dos martyres, e pouco alcançando a respeito da sentença da inquisição a seu respeito, retirou-se em 1675 para Portugal, donde, em 27 de Janeiro de 1681, partiu para o Brasil, recolhendo-se na Bahia á quinta do *Tanque*, descontente e triste, vivendo com os livros, e com o padre José Soares, seu antigo e fiel amigo.

Acontecimentos se deram entre o governador e seu irmão Bernardo Vieira, que era secretario do Estado, e que fôra mandado recolher a uma enxovia — destes acontecimentos deram-se para o Reino informações compromettedoras contra Vieira, o que lhe produziu insomnia, delirios e outros soffrimentos, que puzeram sua vida em perigo.

Em 1688 teve patente de visitador da provincia do Brasil, e nesse encargo prestou serviço ás missões, e á companhia, com o mesmo zelo e actividade que desenvêra em idade vigorosa.

Publicou onze volumes de seus sermões, deu consultas e pareceres sobre negocios politicos e administrativos. Em 1694 ainda Vieira e o padre Faya foram privados de voz activa e passiva por sentença, que lhes foi intimada, por terem solicitado votos no congresso

provincial em favor de um companheiro, que devia ir á Roma como procurador da provincia, contra os estatutos da Ordem. Appellada esta contenda, Vieira obteve provimento; mas quando chegou á Bahia a decisão, com as delongas e distancias do costume, Vieira era morto, o que teve logar em 18 de Julho de 1697, contando quasi 90 annos de idade, e 75 de religião. Finou-se com todos os Sacramentos e mostras de piedade e conformidade christã

Escreveu muito sobre a sorte dos indios, fez immensas conversões, principalmente no Maranhão, e fez-se acompanhar, em todos estes trabalhos, de outros missionarios, cujo numero se estendeu a mais de quarenta nos ultimos tempos de suas proveitosas fadigas (\*).

### ANTONIO DO LADO DE CHRISTO (FR.)

Era no seculo o seu nome Antonio Francisco Martins. Nasceu na freguezia de Santa Rita, do Rio de Janeiro.

Dezajando pertencer á ordem de S. Francisco foi acolhido com benevolencia pelo provincial do convento Fr. Joaquim de Jesus Maria Brados; e em 13 de Janeiro de 1796 recebeu o habito franciscano.

---

(\*) Vid. *Jornal do Timon*, de J. F. Lisboa, vol. 4º, Maranhão, 1865, *Bibl. dos Bach. em letras*, do Sr. Bomsucesso, Rio, 1867, *Curso de litt.*, de Sotero, Maranhão, 1837.

O padre André de Barros escreveu a vida do padre Vieira, a qual foi publicada em Lisboa em 1746, e de um exemplar fizemos presente ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro. Tratando desta obra um distincto critico, cujo nome não declina o Sr. Innocencio no seu *Dicc.-Bibl.*, exprime-se assim: « Na vida de Vieira mostra-se mais panegyrista que historiador; largo e até prolixo em cousas menos importantes, e nimiamente conciso nas mais graves. Emprega o estylo corrupto, que era estimado no seu tempo. Admirando com razão a simplicidade e candura das relações que escreveu Vieira, nem por isso o quiz imitar na da sua vida. »

Depois do anno de noviciado, durante o qual patenteou as bellas qualidades de sua alma, professou no mesmo convento em 14 de Janeiro de 1798.

Dezejando applicar-se aos estudos philosophicos, dirigiu-se a S. Paulo, onde teve por lente o padre mestre Fr. Francisco da Candellaria. Seus progressos foram rapidos, porque sua vasta intelligencia tornava faceis as difficuldades da sciencia.

Recebeu ordens sacras nessa cidade em Fevereiro de 1804.

Eloquente na tribuna sagrada, recto na sua vida de monge, foi nomeado prégador e confessor em 7 de Abril do mesmo anno.

Em 1810 foi nomeado pela Ordem lente do respectivo collegio.

Em 21 de Novembro de 1819 foi nomeado por D. João VI para prégador regio, tão afamado tornou-se o seu nome e o seu credito.

Adoecendo gravemente por ter comido, segundo se diz, algumas folhas de cicuta, suppondo ser agrião, succumbiu a 6 de Abril de 1821, depois de ter recebido todos os Sacramentos.

Extraviaram-se quasi todos os sermões deste distincto ministro da Igreja, deste notavel orador brasileiro, o qual, sempre que subia ao pulpito, manifestava em suas palavras o amor, que tributava á sua patria.

### A. J. N. BURNIER

Natural do Rio de Janeiro, a cujo clima, que lhe era pernicioso, voltou por occasião de cruel enfermidade,

que interrompêra seus estudos na faculdade do Recife.

Buscou a provincia de Minas, onde ares mais doces e benignos lhe podiam attenuar os soffrimentos.

Contava apenas 17 para 18 annos quando aos seus olhos abria-se a campã, aos seus ouvidos soava a hora fatal. Mortal melancolia se lhe desenhava pelas faces, ralava-lhe o coração, lia-se em seus versos. A mão da morte, que lhe roubára primeiramente o caro pae, depois a adorada mãe, e finalmente o respeitavel avô e o deixára orphão e só neste mundo, o impellia para o sepulchro, aonde tombou. A chamma da poesia que cedo illuminou-lhe a mente, cantou-lhe assim os presentimentos, e os ultimos momentos!

Como o nauta pressente a tempestade  
Des'que as ondas encrespa fero norte,  
Assim na amarga dôr que o peito ancêa,  
No desanimo d'alma sinto a morte.

De mil modos em vão me prendo á vida,  
Para a lousa me acena impio fadario :  
Sonhos, sonhos gentis que m'embalaste,  
Gelou-vos o contacto do sudario.

Como é triste morrer quando o horizonte,  
Se reveste de luz, dourando as aguas;  
Quando o bosque repete as harmonias  
Do sabiá, que trina suas magoas!

E' bem triste não ter no peito um hymno,  
Quando em hymnos acorda-se a natura !  
E' cruel o sentir as cordas d'alma  
Partidas pela mão da desventura !

Partidas, sim, que o peito já não vibra  
Como d'antes, ao sopro da esperança;  
E dos cantos d'outr'ora a alma esquecida,  
Não conserva, se quer, uma lembrança !

---

Qual foi minha missão, no entrar da vida,  
Meu destino qual é, qual meu futuro ?  
Pergunto embalde, o pensamento escuro  
Não responde á pergunta proferida.

Qualquer explicação sincera e fida  
Dos mysterios que vejo, em vão procuro;  
Em terreno tão falso, e mal seguro  
Vacilla o pensamento, a alma duvida.

Mas eterna será a nuvem densa  
Que o horisonte da vida entenebrece,  
Cercando-o d'uma cerração intensa ?

Oh ! não; a escuridade se esvaece  
Quando brilha de Deus a luz immensa  
Nas altas regiões do hymno da prece.

### ANTONIO MARIANNO DE AZEVEDO MARQUES

Nasceu em 1797 na cidade de S. Paulo.

Foi o poeta que saudou a abertura da academia de direito, estabelecida n'aquella cidade; foi o poeta popular, o autor de hymnos festivaes que desapareceram com a época da febre patriotica. Nos seus cantos avulta o nome de Pedro I, que era então para o Brasil o sagrado palladio da liberdade. Não era Azevedo Marques verdadeiro poeta lyrico, e entre a collecção

de seus versos, que nunca foi publicada, uma unica cançoneta existe, dedicada ao amor, ao gosto das lyras de Gonzaga.

Foi um dos primeiros estudantes que se formaram ; collaborou o *Pharal Paulistano* com o marquez de Monté Alegre, escreveu um resumo de Quintilianno, que até 1859 corria alterado sob'o nome de *Caderneta de rhetorica*.

Foi um advogado celebre no fôro civil da capital de S. Paulo, e professando na cadeira de latim aos 15 annos de idade, foi, pelo bem que se houye nessa ardua tarefa, cognominado o *Mestrinho*, nome que lhe ficou, e pelo qual era conhecido em toda a provincia.

Falleceu em 1847.

Na ode á abertura da academia, finge que Minerva falla aos brasileiros, e diz :

Meus filhos, ella diz, não basta ainda,  
Sois felizes, é certo, mas a prole  
Que de vós nascerá tem jus igual  
A' sorte que gozaes.

Da liberdade os fructos, que heis colhido,  
Pouco tem produzido; seus arbustos  
Delgados inda são; um sopro os póde  
Por terra derribar.

Dous fecundos jardins de minha escolha  
Vos deparo em Olinda e Paulicéa ;  
Alli plantei esta arvore mimosa,  
E dormi socegada.

Vós todos colhereis dourados pomos,  
A paz, a liberdade, os gozos todos,  
Que a deusa do saber, Pallas divina,  
E' só quem póde dal-os.

### ANTONIO PEREIRA (PADRE)

Nasceu em 1541 no Maranhão — jesuita, foi theologo distincto, pregador de fama, e grande missionario.

Escreveu varios tratados sobre os costumes dos gentios, e um vocabulario da lingua brasilica, que perfeitamente conhecia.

Morreu em 1702 de uma flechada, que lhe atiraram os indios do Pará na occasião em que os procurava para cathechisal-os. (\*)

### D. ANTONIA BEZERRA

Mulher de Francisco Berenger de Andrada, matrona de primeira nobreza, foi carregada de ferros, e soffreu terrivel prisão em Pernambuco, por acompanhar seu esposo nas luctas hollandezas sob o commando do governador João Fernandes Vieira. Depois de duas renhidas batalhas campaes dadas em 17 de Agosto de 1645, lhe foi restituída a liberdade, assim como a Isabel de Góes, mulher de Antonio Bezerra, e a Luiza de Oliveira, mulher de Amaro Lopes, que se achavam nas mesmas condições.

D. Maria Cesar, mulher do proprio governador, refugiou-se em um bosque, descalça e mal abrigada.

D. Brasida, mulher do capitão Pedro Cavalcanti de Albuquerque, e sua mãe D. Maria Pessoa, arrastaram vis cadêas, e despresaram as acerbis torturas por que passaram, e a perda de todos seus bens, sem a mais leve mancha de sua honra.

---

(\*) Vide *Almanak de Lembranças Brasileiras*, 1868.

## AURELIANO DE SOUZA OLIVEIRA COUTINHO

(VISCONDE DE SEPETIBA)

Nasceu na provincia do Rio do Janeiro, sendo baptisado em 21 de Julho de 1800.

Seu pae foi o celebre engenheiro o coronel Aureliano, o constructór da velha estrada da Estrella.

Educado no seminario de S. José, desenvolveu ahi bem cedo os seus talentos. Matriculou-se depois na academia militar, onde foi sempre premiado. D. João VI mandou Aureliano para Coimbra, onde formou-se com grande conceito. Voltando, seguiu para S. João de El-Rei como juiz de fóra, despedindo-o, ao retirar-se, mais de 600 cidadãos com saudades e benções.

Presidente da provincia de S. Paulo, em 1830, viu crescer, e tomar fórmas assustadoras o acontecimento de 7 de Abril, sem poder desvial-o.

Foi desembargador da relação da Côrte, e intendente geral da policia.

Em 1832 foi chamado pela regencia ao ministerio da justiça, e quer então, quer successivamente por quatro annos, occupou differentes pastas. Era essa a quadra, em que se achavam nas altas espheras da politica os interesses mais desencontrados e infrenes, onde tudo pre-sagiava a proxima dissolução da hierarchia brasileira. Aniquilou o *polvo revolucionario* que estendia os braços de Norte a Sul, e derrocou impassivel e friamente todos os embaraços até conseguir o escopo desejado.

A casa de correcção, o monte de soccorro, o monte pio dos servidores do Estado, a companhia dos omnibus, etc., etc., são serviços seus.

Presidente do Rio de Janeiro fez obras de grande valor, e, com o engenheiro Koeler, e o conselheiro Paulo Barbosa, foi o fundador de Petropolis, a Versailles brasileira.

Era grande do Imperio, conselheiro, fidalgo da casa Imperial, gentil-homem da imperial camara, senador do Imperio pela provincia das Alagôas, cavalleiro, dignatario e grã-cruz de diversas ordens brasileiras e estrangeiras, vice-presidente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, membro da sociedade Ethnologica de Paris, etc.

Morreu em 24 de Setembro de 1855.

O desembargador Ramiro, deputado, dizia em pleno parlamento: — « O Sr. Aureliano dentro e fóra da camara é o melhor cidadão! São muitos e de immensa importancia os seus serviços, ahí estão bem patentes, e prasa a Deus que não nós esqueçamos nunca, nós todos brasileiros, de apreciar e respeitar tão benemerito cidadão.»

Bernardo Pereira de Vasconcellos, seu frenetico adversario, dizia:—«O nome do Sr. Aureliano está gravado na base da nossa monarchia.»

Amigo da orphandade e da pobreza, um dos mais religiosos catholicos da época, democrata sincero e puro, sereno e calmo no enthusiasmo das suas victorias, nas dores da derrota de suas patrioticas ambições, ante a injuria que seus adversarios lhe atiravam aos pés, eis desenhado Aureliano.

### AURELIANO JOSE' LESSA

Nasceu na cidade da Diamantina, da provincia de Minas Geraes, e formou-se em S. Paulo no anno de 1853.

Como Alfredo de Musset, Lessa passou sua vida triste no meio de um mundo gelado e triste.

Compoz muitas poesias, emquanto estudante.

Depois de ter advogado algum tempo na Diamantina foi estabelecer-se no Serro, aonde falleceu em 1866.

No *Diario Official* de 1867, n. 38, encontram-se como *specimen* algumas poesias daquelle malogrado genio.

### BARBARA ELEODORA GUILHERMINA DA SILVEIRA

Nasceu em S. Paulo, e era descendente de uma familia illustre. Tinha rara belleza, e possuia esmerada educação, o que despertou o amor do Dr. Ignacio José de Alvarenga Peixoto. (\*)

A joven donzella folgava poder pagar ao seu amante verso por verso; o commercio das musas engrandeceu aquelle amor, em que mutuamente se abrazaram, e a religião santificou-o. Tendo-se Alvarenga compromettido na revolução do Tira-dentes, foi desterrado, e seus bens sequestrados. D. Barbara mostrou-se ahí heroína, encarou com coragem a adversidade, cuidou da educação de seus filhinhos, mas, quando soube da sentença de 2 de Maio de 1792 declarando infames seus filhos e netos, não pôde resistir a tanta dôr, e . . . a infeliz enlouqueceu.

No meio de seu delirio pronunciava sempre o nome de seu esposo, e filhos, derramava depois uma torrente de lagrimas, e . . . assim morreu.

---

(\*) Vide *Selecta Brasiliense*, 1ª serie, pag. 75 *Brasileiras Célèbres* do Sr. J. Nozbertó, Paris, 1862.

Era conhecida por *Maria das Contendas*, por sua belleza e outras causas.

### BEATRIZ FERRÃO (D.)

Natural de Minas Geraes, compositora notavel de musica, e de optimos versos portuguezes, latinos e italianos.

### BENTO TEIXEIRA PINTO

Nasceu em 1545 em Pernambuco.

Foi o primeiro escriptor nascido no Brasil, segundo a ordem chronologica, e distinguiu-se como cultivador das musas.

Compoz um poema intitulado *Prosopopeia*, dedicado a seu compatriota e amigo Jorge de Albuquerque Coelho, e compoz tambem a relação do naufragio, que, no anno de 1565, ambos soffreram, indo de Pernambuco para Lisboa a bordo da náó *Santo Antonio*.

### BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS

Nasceu em Ouro Preto a 27 de Agosto de 1795. Foram seus paes o Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcellos, e D. Maria do Carmo Barradas.

Dotado de viva comprehensão, foi por seus paes destinado desde logo á carreira dos estudos, e mandado para Portugal aos 12 annos de idade, para, sob direcção de pessoas de alta posição da sua familia portugueza, aproveitar as lições mais apuradas de certo nas aulas da metropole do que o podiam ser nas da colonia.

Corria infelizmente o anno de 1807: os acontecimentos politicos embarçaram a realisação das intenções paternas. O navio que levava o menino brasileiro foi aprisionado e dirigido para Inglaterra: Portugal estava então occupado pelas armas de França, e a França estava nas suas grandes guerras com a patria de Pitt, ou antes com a Europa inteira.

Da Inglaterra teve de regressar para o Brasil, e aqui teve de concluir os seus estudos preparatorios. Seguindo outra vez para Portugal em 1813, matriculou-se nas aulas de direito da universidade de Coimbra, frequentando-as com a maior distincção, e sahindo em fim em 1818 com o gráo de bacharel

Na companhia de seus tios, o conselheiro de Estado Fernando Luiz de Souza Barradas Cardoso e Silva e Dr. Bernardo de Souza Barradas, conservou-se um anno em Lisboa, para completar os seus estudos juridicos; só em 1820 regressou á patria.

Consagrou-se á profissão de advogado; mas tão abundantes naquella época não eram os homens de estudo, que fosse possível ao joven legista seguir a sua vocação para essa profissão; foi logo despachado juiz de fóra de Guaratinguetá, na provincia de S. Paulo. Dahi, de volta para Ouro Preto, obteve nomeação de desembargador da relação do Maranhão.

A esse tempo agitava-se o paiz: a revolução da independencia, a convocação da constituinte, seus debates, suas lutas, sua dissolução, tinham-se succedido, sem que ao distincto joven coubesse nesses primeiros ensaios da vida politica do paiz grande papel. Proclamada porém a constituição, convocada a primeira assembléa

legislativa, VASCONCELLOS, eleito entre os representantes da provincia de Minas, veio sentar-se, nesse recinto de que não devia mais arredar-se, em embargo de todas as vicissitudes dos tempos, até que fosse occupar a cadeira vitalicia de senador.

Então começou a vida politica desse homem, cuja falta ainda hoje todos lamentam.

Bom senso nesse gráo tão apurado que é quasi genio, amor ao estudo, facilidade de concentrar-se na mais profunda attenção, força de iniciativa para descobrir a solução das complicações, vastidão de conhecimentos, sempre augmentada por indefesso estudo de todas as horas, tornaram esse homem o que os contemporaneos presenciaram, o que a posteridade, consultando os monumentos das nossas leis, os annaes do nosso parlamento, os registros do nosso Conselho de Estado, ha de por certo admirar.

Para isso tudo concorreu: até a sua saude deteriorando-se, pregando-o á cadeira e ao leito por fatal paralyisia, como que o obrigava a concentrar a vida nas faculdades intellectuaes, e não lhe deixava por unica distracção ás dôres constantes, por unica occupação, senão o estudo, a leitura reflectida dos melhores livros, a conversa familiar e instructiva. Sempre affavel, VASCONCELLOS abria todas as noutes a sua sala a quem quer que o procurasse; com a mais prazenteira amabilidade, sem que nunca esmagasse os outros com a sua superioridade intellectual, punha a conversação na altura da intelligencia dos que com elle estavam, e sabia dest'arte aproveitar todos os conhecimentos que cada qual podia ter, em qualquer especialidade.

Com esses dotes entrando na vida publica, VASCONCELLOS alistou-se necessariamente entre esses deputados brasileiros e liberaes que, em opposição ao governo, procuravam dar ao paiz a verdade do regimen constitucional, e as instituições prometidas pela constituição. No meio das patrioticas aspirações que então se multiplicavam, poucos eram os homens praticos, poucos os que, aos principios e ás theorias, podiam accrescentar conhecimentos positivos de administração e de governo. Entre esses poucos, VASCONCELLOS era um dos mais notaveis, e nos trabalhos dessas camaras que nos deram a organização superior do thesouro, da caixa da amortização, do supremo tribunal de justiça, das camaras municipaes, que enfim organisaram o paiz tão recentemente constituido em nação, ampla participação teve elle.

D. Pedro o chamou logo em 1828 para o ministerio; mas então o regimen parlamentar não era comprehendido no paiz; entendia-se que o deputado liberal devia condemnar-se eternamente á posição de adversario do governo, nunca aceitar o poder. Por deferencia aos seus amigos politicos, VASCONCELLOS teve de curvar-se a essa doutrina, e de repellir o convite da corôa. A luta assim travada, a questão politica assim entendida, não podia ter desfecho senão em uma revolução; ella appareceu.

Nem se julgue que, se aceitasse o poder, quando a elle chamado, VASCONCELLOS teria salvo o paiz; primeiro, era mais do que certo que a Côrte o não receberia nas condições legitimas de ministro parlamentar; em segundo lugar, com todo o seu prestigio e todo o seu talento, é mais do que provavel que VASCONCELLOS, mi-

nistro nessa época, sem dominar a torrente, teria sido abandonado pelos seus amigos, considerado transfuga da causa popular. Cumpria pois deixar que o tempo trouxesse as suas grandes lições, e provasse aos liberaes que a opposição não é senão o combate para triumpho de uma idéa, triumpho que se effectua no dia em que é ella chamada ao poder.

Pela revolução de 7 de Abril de 1831, os liberaes vencedores aceitaram emfim a posição que, desde 1828, D. Pedro lhes havia offerecido. Mas então estavam soltas as paixões revolucionarias, a agitação armada, o motim da soldadesca, as pretensões exageradas do entusiasmo punham o paiz em quotidiano perigo.

VASCONCELLOS foi ministro da fazenda do primeiro ministerio liberal. As finanças então achavam-se no grão maior de descredito e de ruina, aggravado ainda pelo effeito natural da revolução, pela intimidação permanente do motim.

Mal comprehendemos hoje os serviços prestados por esse ministerio de 1831, que teve de lutar, no meio da dissolução de todos os elementos de governo, com todos os germens de dissolução social. Reprimir o motim nas ruas; dissolver a soldadesca, manter a ordem publica, restaurar a força moral do governo, até então universalmente considerado como o inimigo da sociedade, conservar unidas as provincias que os sonhos federalistas arrastavam, fazer frente ás despezas do serviço público, manter illeso o credito nacional, lutar contra a invasão da moeda falsa de cobre, a par da moeda depreciada de um banco mais do que roubado e fallido. . . . Honra e gloria aos homens de então ! Honra e gloria ao patriotismo e á devoção dos brasileiros ! Tudo isso se

conseguiu, e a posteridade reservará bello quinhão nos seus agradecimentos a esses que lhe salvaram a patria.

Em 1832 foi dissolvido esse ministerio.

Em 1833 estava VASCONCELLOS em Ouro Preto, quando ahi rebentou uma revolta contra a autoridade do presidente da provincia, que então era o desembargador Manoel Ignacio de Mello e Souza; depois barão do Pontal. No meio dos gravissimos indicios que haviam annunciado, achando-se o presidente ausente da capital, assumiu VASCONCELLOS, na qualidade de 1º vice-presidente, as redeas da governança; era uma posição de perigo e de sacrificio; VASCONCELLOS não tinha a prudencia egoistica que nessas horas abandona o paiz, e tergiversa com o dever: cumpria suffocar o motim. Infelizmente a dedicação do homem não bastava, eram necessarios recursos, e não houve tempo de reunil-os: os insurgentes haviam combinado o seu plano com tanta sagacidade, que a autoridade só no ultimo momento prevenida, não pôde contel-os. VASCONCELLOS foi por elles preso.

Consequindo porém evadir-se aos sediciosos, apresentou-se na cidade de S. João d'El-Rei, ahi organisou o governo e a defeza, chamou ás armas os mineiros, e, dentro de poucos dias, forças consideraveis marchavam contra os dominadores da capital. A revolta não se pôde manter, e o presidente chamado, instado por VASCONCELLOS, para vir tomar conta do seu logar, pôde fazel-o, livre de todo o perigo, sendo aliás coadjuvado, nas medidas que posteriormente teve de tomar, pela influencia e conselho do grande estadista.

Em 1834 tinha a camara sido reunida com os poderes necessários para reformar a constituição, e realisar essa promessa, que fôra como o ponto da transacção entre todas as fracções liberes, senhoras do paiz depois de 1831. A difficuldade porém dessa obra constituia uma das maiores complicações do momento: VASCONCELLOS foi della encarregado; infelizmente ao seu trabalho fizeram-se emendas, contra as quaes muitas vezes reclamou perante os seus amigos e alliados politicos, emendas que tornaram defeituosa essa reforma, hoje *acto adicional*, e que exigiram alguns annos depois a sua interpretação.

Em 1835 membro da primeira assembléa provincial mineira, comprehendeu elle que cumpria mostrar praticamente a bondade dessa instituição, e o muito que com ella podia ganhar a administração das provincias; meditando pois sobre as necessidades de melhoramentos apresentou, ácerca das estradas e do ensino publico, projectos cuja adopção marcou uma verdadeira época de progresso, e a que se prende tudo quanto de melhor tem-se posteriormente feito nesse sentido.

As circumstancias politicas entretanto se modificavam; o fallecimento do Sr. D Pedro I, que fazia perder todas as esperanças, e portanto todos os receios de uma restauração, a votação do acto adicional, tinham trazido a distensão dos espiritos, tanto tempo empenhados nas lutas politicas, e com ellas novas necessidades para a governança: cumpria organizar, todos o sentiam, e proclamavam; mas como, em que sentido? E quem poria peito a essa reorganisação?

Separado dos seus antigos alliados politicos, VASCONCELLOS tomou a frente da opposição, que então se apre-

sentava ao governo do regente Feijó. As sessões de 1836 e 1837 o viram constantemente na tribuna, instando com esse governo para que apresentasse os remedios que julgava necessarios aos males, que elle proprio denunciava, e que todavia elle proprio aggravava. Por fim, em vez de modificar o seu governo, o regente preferiu renunciar ao alto cargo que occupava, entregando-o ao senador Pedro de Araujo Lima, hoje marquez de Olinda. VASCONCELLOS tomou então a pasta da justiça e interinamente a do Imperio. Foi o ministerio de 19 de Setembro.

Não apreciaremos agora a acção e influencia desse tão fallado ministerio; o que ninguem contestará, é que se lhe devê o triumpho do regimen parlamentar, o reconhecimento da condição de solidariedade no gabinete, do apoio das maiorias, da disciplina das discussões. Não é menos certo que as idéas monarchicas, tanto tempo obliteradas, começaram a resurgir nos espiritos, e em publicas e officiaes demonstrações.

Foi nesse tempo, e no meio desses cuidados que VASCONCELLOS, que queria dar impulso aos estudos no Brasil, fundou o collegio de Pedro II, e decretou a existencia de outros estabelecimentos de instrução, que não chegaram infelizmente a realisar-se, talvez por falta de cooperadores.

Dissolvido o ministerio de 19 de Setembro, outros lhe succederam, durante os quaes o prestigio do poder regencial foi-se alluindo.

Em 1840, quando já a revolução da maioridade estava senhora do triumpho, VASCONCELLOS, que estava retirado dos conselhos e da influencia do governo, foi chamado para junto do regente. O movimento já ia muito adi-

antado: VASCONCELLOS não o pôde conter. Algumas horas depois da sua entrada no gabinete, havia elle triumphado. Ahi corre impresso um manifesto em que o distincto estadista expõe circumstanciadamente o que então occorreu, quaes as vistas e intenções do governo, qual o sentido de seus actos, e porque foram malogrados.

No seu ministerio, VASCONCELLOS havia preparado o immenso trabalho da réforma do codigo do processo. Interrompida a discussão desse projecto, que elle como senador havia offerecido em 1839, continuou depois em 1841 sob os auspicios do ministro da justiça Paulino José Soares de Souza, depois visconde de Uruguay. Esse foi de todos quantos debates teem occupado o nosso parlamento o mais aturado, e o mais completo; para a gloria de VASCONCELLOS bastaria a parte que nelle tomou. Adoptado emfim pelas camaras é a lei de 3 de Dezembro de 1841.

Coube-lhe igualmente a gloria de sustentar, e de fazer passar o projecto, tambem por elle elaborado, da criação do conselho de Estado.

Não menos se lhe devem os estudos que prepararam o projecto da lei das terras; embora por outrem offerecido á attenção das camaras, ninguem ha que ignore a parte que na sua elaboração, como na sua sustentação, coube ao distincto estadista.

Depois da criação do Conselho de Estado, VASCONCELLOS, nomeado conselheiro ordinario, prestou sempre o mais acurado apoio á administração do paiz, ainda com ministerios que lhe eram infensos: o conselheiro de Estado punha de lado a politica, para esclarecer com

a sua vasta intelligência as questões administrativas, e conseguir o bem do paiz, ainda quando feito por mãos de adversarios seus. Póde-se quasi sem hyperbole affirmar que enquanto foi vivo, VASCÓNCELLOS era o Conselho de Estado.

Se não faltaram calumnias á sua vida, não lhe faltaram tambem applausos e galardões.

Ministro duas vezes, deputado em todas as legislaturas até que em 1838 entrasse para o senado, conselheiro de Estado desde a fundação, condecorado em 1849 com a grã-cruz do Cruzeiro, havia anteriormente recebido de Sua Magestade o Rei dos Francezes a grã-cruz da Legião de Honra, por ter sido o plenipotenciario brasileiro no tratado matrimonial da Sra. princeza D. Francisca com o Sr. principe de Joinville.

Nos ultimos annos de sua existencia, a paralyisia que o atormentava, foi tomando um character mais grave, sem todavia conseguir quebrar a serenidade de seu espirito, a actividade do seu amor ao estudo, e do seu zelo pelo paiz.

Ouvindo-o, illudido pelo vigor desse espirito, ninguem podia fazer idéa da fraqueza, do soffrimento desse corpo. Só os seus intimos conheciam, vendo o progresso dos estragos da horrivel enfermidade, que essa immensa luz do genio estava para apagar-se com a ruina desse corpo.

Entretanto não foi a paralyisia. Em 1850 a febre amarella que dizimava o Brasil, e que parecia escolher as suas victimas nas eminencias sociaes, acomettedo-o... e em 1º de Maio a cidade do Rió de Janeiro, coberta de luto, as camaras que já tinham soffrido tantos golpes doloro-

sos, ouviram a noticia fatal: « BERNARDO PEREIRA DE VASCONCELLOS já não existe. »

Seu corpo jaz no cemiterio de S. Francisco de Paula: seu nome na historia, e na recordação dos brasileiros.

## CARLOS MIGUEL DE LIMA E SILVA

Nasceu no Rio de Janeiro a 29 de Setembro de 1812, sendo seu pae o marechal de campo, senador, e ex-regente Francisco de Lima e Silva.

Destinado á carreira das armas, assentou praça de 1º cadete no antigo regimento de Bragança, então 2.º batalhão de caçadores, em Setembro de 1824, tendo apenas 12 annos de idade. Concluidos seus estudos elementares, seguiu para a provincia de S. Paulo, na qualidade de alferes do estado-maior do exercito, e ajudante de ordens de seu pae, nomeado governador das armas da mesma provincia.

Regressando á Côrte, foi Carlos Lima escolhido para fazer parte do batalhão do Imperador, onde serviu até a revolução de 1831.

Matriculado na escola militar. foi approvedo nas materias do ensino lectivo, e, despachado immediatamente para fazer parte da legação do Brasil em Bruxellas, como addido de 1ª classe, servindo de secretario, partiu para aquella côrte em fins de 1833, onde se conservou até Junho de 1842.

Havendo regressado á capital do Imperio, depois de ter visitado Londres, Paris, Roma, Vienna, Lisboa, etc. seguiu para Minas em 1842, como ajudante de ordens de seu irmão hoje duque de Caxias.

Carlos Lima distinguuiu-se muito no combate de Santa Luzia, e mostrou muita bravura, e, tempo depois, foi tambem com seu irmão para o Rio Grande de Sul, ao fim de conseguir esta a pacificação d'aquella provincia. Tres annos de campanha influiram na saude do major Lima, e falleceu de uma febre perniciosa, aos 12 de Janeiro de 1845, na villa do Rio Pardo.

### CASIMIRO DE ABREU

Nasceu na Barra de S. João, da provincia do Rio de Janeiro, a 4 de Janeiro de 1837. Seu pae José Joaquim Marques de Abreu era negociante, e a essa profissão o destinava, apesar do talento para o desenho, que mostrava desde tenra infancia.

Aos seis annos aprendeu os rudimentos da lingua, e aos nove foi para Friburgo, onde entrou para o collegio Freese. Sem ter completado os preparatorios, veio para o escriptorio de seu pae no Rio de Janeiro, d'onde foi enviado, em 1853, para Lisboa, por se ter mostrado indocil á disciplina commercial. Ahi cercaram as musas, e as folhas portuguezas receberam com applauso as primicias de seu estro.

Voltando ao Rio em 11 de Julho de 1857, seguiu para Inday-aquí, fazenda de seu pae nas margens do rio S. João, onde esteve um mez. Regressou ao Rio para de novo empregar-se no commercio, entrando em Setembro para casa dos Srs. Camara Cabral & Costa, onde se conservou até Junho de 1859. Durante esse periodo medraram-lhe as tendencias poeticas, e mais dura se tornou sua condição, porque duras reprimen-

das vieram aggravar as intimas dores de sua organisação delicada.

Em Abril de 1860 partiu para a fazenda de seu pae, de quem recebeu o ultimo adeus.

Quando a fortuna ia sorrir-lhe, visto que o pae lhe legára bens para honesta e descansada subsistencia conheceu-se affectado dos pulmões. Dirigiu-se para Friburgo d'onde veio a noticia de sua supposta morte, que tanto affligiu os amigos das lettras, que já o conheciam pelo volume de suas *Primaveras*.

Falleceu em sua fazenda a 18 de Outubro de 1860 rodeado de sua mãe, e de alguns parentes e famulos, sob o golpe da cruel enfermidade que o despenhou, ainda joven, no sepulchro.

Ao desabrochar do talento, na aurora da gloria, morreu um poeta, de tanto sentimento e de tanta harmonia, como todos o conhecem. O Sr. Zaluar acerca de Casimiro de Abreu expressa-se assim :

« Entre seus companheiros é o cysne da tradição mythologica. Expirou cantando ! Alma candida e perfumada como o *bogary* das selvas, timida e medrosa como a *róla* sorprendida nas balças do espinheiro, seus versos são um suspiro da aurora, seus cantos um raio de luz matinal. Suspenso já entre o mundo e o céo, tem medo de se afastar da senda luminosa da sua primeira patria, e macular as plantas no lodaçal da terra ! Vagueia no espaço como a *andorinha* estrangeira, pousa no cimo das arvores como a *juruty* dos bosques; e quem como elle exhalou cantos mais sentidos, queixas mais saudosas, e gotteando lagrimas brilhantes, como as flores da collina entornam as perolas do orvalho ?

« Este poeta viveu e passou como uma estrella fugaz, mas o seu brilho ficará eterno nos cantos da musa nacional.

« Seu tumulo singelo, segundo a expressão do Sr. Reinaldo Montoro, está collocado na Barra de S. João, ao par d'aquelle em que jazem os restos de seu pae. Acalentam-o ao longe as ondas, quebrando-se nas praias do Atlantico, e as aves dos palmares vêm nos arvoredos proximos annunciar-lhe a aurora com seus hymnos doces e cadenciados. » (\*)

## CUSTODIO FERREIRA LEITE

( BARÃO DE AYURUOCA )

Nasceu na comarca do Rio das Mortes, da provincia de Minas, a 3 de Dezembro de 1782. Desde tenra infancia revelou talento e perspicacia, que seriam aproveitados fructuosamente, se a escassez das luzes, mormente em uma provincia central, que allumiavam o Brasil colonia, lhe permittissem dedicar-se ás letras.

Ao fim de entregar-se á lucrativa industria da mineração, partiu o joven Custodio com seus irmãos para as margens do Rio Preto; mas pouco se demorou ali, pois, como curioso observador, percorreu as provincias sul-americanas, que pertenciam á Hespanha, e que hoje constituem outros tantos Estados independentes. Agui-

---

(\*) Nesse cemiterio passámos horas de contemplação ao 1º de Janeiro de 1855, recordando-nos das lugubres, porém bellissimas palavras de Woung, nas suas *Notes*. Foram momentos de doce e agradável scismar, de que nunca nos deslembraremos.

lhado pelo espinho da saudade, e abandonando projectos de viagens mais longinquoas, voltou aos lares patrios.

Seu logar estava de ante-mão marcado. Necessitavam as provincias do Rio de Janeiro e de Minas de um homem, assaz dedicado aos seus interesses, para as pôr em communicação facil e segura por meio de estradas e de pontes.

Genio comprehendedor, o capitão-mór (po to que lhe fôra conferido em sua mocidade) não trepidava em embrenhar-se pelos sertões, ainda por esse tempo povoados de selvagens, atravessar a nado caudalosos rios, expor seus dias ás feras.

Abrir fazendas era para o capitão-mór Custodio negocio da maior facilidade, em que sentia summa satisfação. Amplamente ganharam com isso seus amigos e protegidos, e mais de um personagem deveu a origem de sua fortuna á magnanimidade do distincto mineiro.

Seria Custodio Leite um millionario se cuidasse só de seus interesses; porém esquecia-se de si para só se lembrar dos outros, preferindo a satisfação de fazer bem á positivas vantagens da colossal riqueza. Tinha em compensação a posse da maior popularidade.

O fundador do Imperio distinguia-o com sua particular amizade, e agraciou-o com a commenda da ordem de Christo, e com a patente de coronel de milicias.

Sua modestia, e o cuidado que tinha em occultar seus serviços, fez a impossibilidade de seguir par e passo essa bemfazeja existencia.

Abriu a estrada chamada da *Policia*, que se dirige de Iguassú a Minas—mandou fazer os aterrados do *Engenho*

do Brejo—e por muitos annos administrou os trabalhos das estradas de Sapucaia e Feijão-crú. Offertou á provincia do Rio de Janeiro a estrada, que, a expensas suas, mandou fazer desde Magé até Sapucaia, assim como a ponte lançada sobre o rio Parahyba no trajecto dessa estrada, cedendo gratuitamente do privilegio, que por muitos annos lhe fôra outorgado.

Com o producto de subscripções por elle agenciadas, e com seus auxilios pecuniarios, erigiram-se ou repararam-se as matrizes da Barra Mansa, Arrozal, Vassouras, Conservatoria, Valença, Sapucaia e Mar de Hespanha. Nesta villa construiu elle a casa da camara com prejuizo de algumas dezenas de contos, concluindo pouco antes de seu passamento um formoso e vasto edificio, onde em 1860 se achava estabelecido o *collegio Brândão*.

Quando lhe permittiam as innumeradas occupações da vida positiva, entregava-se á leitura de bons livros, especialmente aquelles que tratavam d'agricultura e industria. Assim introduziu elle melhoramentos na cultura do café, e iniciou a da batata de Demerara nos municipios do Mar de Hespanha e Leopoldina.

Exerceu muitos cargos electivos, foi-lhe dado o titulo de barão no ministerio do marquez de Paraná, e teve assento na assembléa provincial de Minas, aonde sua velha experiencia era sempre ouvida com respeito.

Victima de uma congestão cerebral, falleceu a 17 de Novembro de 1859, pobre e onerado de dividas.

Atravez de chuvas, e dos ardores da canicula, caminhando a deshoras por invias estradas, com o chapéo replecto de papeis, e trajando a maior simplicidade, andava constantemente o barão de Ayuruoca tratando

alheios negócios, interesses de parentes, amigos e conhecidos. Era um procurador geral, um *Ashaverus da caridade*. (\*)

## D. DELFINA BENIGNA DA CUNHA

Nasceu a 17 de Junho de 1791 na fazenda ou estancia do Pontal de S. José do Norte, provincia de S. Pedro do Sul, sendo seus paes o capitão-mór Joaquim Francisco da Cunha Sá e Mênzes e sua mulher D. Maria de Paula Cunha. Tinha vinte mezes D. Delfina, quando seus paes velavam noite e dia junto a seu berço, atacada como se achava da cruel enfermidade conhecida pelo nome de *bexigas*, que invadira, com todo o seu cortejo de horrores, povoações inteiras da provincia do Rio Grande.

Deus attendeu aos rogos do pae de Delfina, preservando-a da morte; mas a molestia terrivel privou-a da vista. Houve, porém, com o correr dos annos, uma compensação para tamanha perda, porque lhe veiu a luz da inspiração poetica, o talento e a facilidade de improvisar.

A publicação de suas poesias repassadas de uma melancolia resignada, exhalada e vasada em tantas dôres, animada no amor de Deus, e das virtudes christãs, popularisou-lhe o nome.

Perdeu seu pae em 1826, perdeu sua mãe em 1833, e deixando as terras do patrio ninho atravessou os mares,

---

(\*) Vide a *Rev. Pop.*, vol. 7º, 1860 Esboço Biographico escripto pelo Sr. conego J. C. Fernandes Pinheiro.

e veio submeter-se á protecção de Pedro I, de cuja imperial munificencia alcançou uma pensão, em remuneração de serviços prestados por seu pae na carreira das armas.

Volveu á luz da eternidade, ao seio de Deus, no anno de 1857, amortalhada com o véo nupcial, engrinaldada com as flôres da virgindade, depois de terprehendido viagens á sua provincia, e á da Bahia.

O seguinte soneto lamenta a desgraça com que a ferira a enfermidade, ainda nas faxas infantis:

Vinte vezes a lua prateada  
Inteiro rosto seu mostrado havia,  
Quando terrivel mal que já soffria  
Me tornou para sempre desgraçada.

De ver o céu e o sol sendo privada,  
Cresceu a par de mim a magoa impia;  
Desde então a mortal melancolia  
Se viu em meu semblante debuxada.

Sensível coração deu-me a natura,  
E a fortuna, cruel sempre comigo  
Me negou toda sorte de ventura.

Nem sequer um prazer breve consigo:  
Só para terminar minha amargura  
Me aguarda o triste, sepulchral jazigo!

Eis novos gemidos, traduzidos na linguagem divina,  
que Deus poz em seus labios:

Hoje, qual uma taboa no oceano  
Abandonada ao impeto das ondas,  
E perdida p'ra todos—tal me vejo!

Tudo careço, porque a luz é tudo ;  
Dae-me a luz... dae-mé a luz... em vão vos peço.  
Pois bem, o braço ao menos, e segura  
Meus passos levarei á sepultura.

Pungida pela saudade de seus paes, exhalou sua dôr  
nas seguintes endeixas :

Os olhos de meu pae, da mãe terníssima  
Perspicazes velavam meu destino :  
E assim meus debeis passos se afoitavam...  
Seus desvelos, caricias, seus cuidados  
Da minha idéa desviavam sempre  
A extensão dessa perda que eu soffria ;  
Cheguei a ser feliz, a amar a vida...  
Porém dêsse meu ser mesquinho e fraco  
Os esteios cahiram finalmente,  
Horriavel mão da morte arrebatou-m'o  
Foi perdendb-os, que eu vi que nada via

### DIOGO ANTONIO FEIJO'

Nasceu na cidade de S. Paulo em Agosto de 1784.  
Depois de ter frequentado as aulas de latim, rhetorica e philosophia com notavel aproveitamento, passou-se á cidade de Campinas, onde se occupou no ensino da mocidade, merecendo por isso a maior consideração e amor dos seus habitantes ; pois nessa época ainda alli não haviam aulas publicas de instrucção secundaria. Compoz uma grammatica latina, extrahida dos melho-res autores, na qual afastava-se do systema ordinario, começando por dar algumas noções da ethymologia, e

regras geraes adaptadas á comprehensão de seus discipulos, os quaes em pouco tempo aprendiam a traduzir facilmente os autores mais difficéis.

Com uma reputação illibada, adquirida desde seus primeiros annos por suas luzes e vida exemplar; instruido nas materias de theologia dogmatica e moral, regressou á capital em 1807, e nesse mesmo anno tomou todas as ordens sacras inclusive a de presbytero.

Voltou a Campinas em 1810, e no meio de seus trabalhos agricolas; abriu um curso de rhetorica por um compendio por elle organizado, obra assaz estimavel, e da qual muita vantagem tirou, não só a mocidade, como muitos clergos já iniciados em ordens sacras.

Em 1818 fez a sua mudança para Itú, deixando a sua fazenda e escravos aos cuidados de um amigo, e administrador, afim de viver com os padres chamados do Patrocinio, os quaes não obstante, as suas virtudes, começavam a soffrer publicas censuras, motivadas pelo espirito de intolerancia que os dominava. Mestre dos principios da moral, e da verdadeira religião de Jesus Christo, conseguiu sobre elles grande ascendencia; moderou suas doutrinas, fazendo-lhes conhecer as doçuras da linguagem evangelica, de sorte que dentro em pouco tempo o nome dos padres do Patrocinio, era pronunciado com veneração e respeito.

Procurando sempre ser util ao seu paiz, na propagação das luzes, abriu ahí um curso de philosophia racional e moral, tambem por um compendio seu, extrahido de autores notaveis, e das doutrinas Kantianas, até então desconhecidas no logar.

Com a proclamação do systema constitucional, tendo a provincia de S. Paulo de enviar seus representantes

às Côrtes de Lisboa, não podia deixar de ser lembrada uma de suas mais notáveis illustrações, e Feijó teve de fazer parte daquella assembléa, onde com a coragem e independencia proprias de seu character, e com verdadeiro patriotismo, sustentou os direitos de seu paiz. Foi dos poucos que preferiram, antes emigrar, do que jurar uma constituição que atacava os direitos do Brasil, reduzindo-o ao antigo estado de colonia portugueza, como elle assaz o demonstrou em um manifesto aos seus constituintes, sem, todavia, deixar de apresentar em sua analyse, o muito que ganhava a causa liberal, com os princípios sanccionados na mesma constituição.

No seu regresso ao Rio de Janeiro, com a franqueza que lhe era natural, fez sentir a José Bonifacio os males que da politica adoptada no seu ministerio deviam provir ao Brasil; e recusando todas as vantagens, que lhe propunha o governo para ficar na Côrte, declarou a intenção em que estava de viver na sua provincia, estranho absolutamente a negocios politicos.

Retirando-se para S. Paulo, a cuja capital chegou em 12 de Junho de 1823, foi ahi recebido com o maior enthusiasmo pelos homens de todos os partidos, assim como em Itú, onde residia, e em Campinas, aonde tinha a sua fazenda com engenho de assucar; demorando-se, apesar disso, poucos dias em todos esses logares, para viver longe do povoado.

Quando, porém, mui tranquillo se achava, distante mais de trinta leguas da capital, eis que é sorprendido pela noticia de haver o capitão-mór de Itú recebido uma portaria do ministro do Imperio, datada em 11 de Junho, na qual em nome do Imperador se lhe determinava—« que procurasse por todos os meios occultos,

conservar debaixo de maior vigilância o padre Diogo Antonio Feijó, ex-deputado às côrtes de Lisboa, por ser constante ao mesmo Sr., que elle, aos sentimentos anarchicos e sediciosos de que era revestido, unia a mais refinada dissimulação, da qual sem duvida resultaria grande prejuizo á tranquillidade e união dos povos daquella comarca, sem se empregarem todas as cautellas na sua perniciosa influencia.»

Vendo-se Feijó, por uma tal portaria, tão atrozmente vilipendiado, não obstante divulgar-se ao mesmo tempo a queda do ministerio Andrada, julgou de sua dignidade dirigir ao Imperador uma carta (\*) expondo-lhe quanto havia dito ao ex-ministro, nas entrevistas que com elle tivera, durante o tempo que esteve na Côrte, e mostrando a convicção em que estava de semelhante portaria não ter sido approvada previamente pelo Imperador.

Dissolvida a assembléa constituinte, e dando o Imperador a constituição que havia promettido, mandou ouvir a opinião das camaras municipaes, antes da sua adopção; e consultado Feijó pela camara de Itú, já então apresentou a idéa das eleições por circulos, e votação directa, além de outras observações, algumas das quaes fazem parte da reforma e acto adicional á mesma constituição.

Eleito deputado á assembléa geral, propoz em 1828 a reforma das municipalidades; teve parte em todos os projectos de interesse geral. Como verdadeiro christão,

---

(\*) Esta carta foi publicada na *Necrologia do Senador Feijó*, publicada em 1861 pelo Sr. Dr. Mello Moraes, e da qual extrahimos estas notas biographicas.

alguns projectos offereceu para refutar os argumentos daquelles, que confundem os erros do clero com a verdadeira religião de Jesus Christo.

O seu parecer sobre a abolição do celibato clerical, é uma prova desta verdade; a maneira por que o sustentou, assaz demonsttra a sua erudição em materias ecclesiasticas, e direito canonico, como melhor se póde verificar pelos seus escriptos que correm impressos.

Homem de principios e de um character austero, não comprehendia como podesse haver religião sem moralidade de costumes, assim como liberdade sem a mais exacta observancia das leis; por isso muitas vezes apartou-se de seus correligionarios politicos. Como membro da commissão de poderes, deu o testemunho mais notavel da firmeza de suas idéas, quando a camara dos deputados, na sessão de 1830, pretendeu annular as eleições dos deputados Salvador José Maciel, Clemente Pereira e Oliveira Alvares, no seu parecer julgando-as leaes, e approvando-as contra a opinião de um dos membros da mesma commissão; parecer que depois de uma calorosa discussão foi approvado por votação nominal, embora com a maioria de quatro a cinco votos.

Sendo membro do conselho do governo da sua provincia, nada esqueceu do que convinha á administração, municipalidades, melhoramentos materiaes da provincia e civilisação do sindios. A' sua enengia e força de vontade, deveu-se não ter sido a capital o theatro de scenas bem tristes, nos dias 22 e 23 de Novembro de 1830, e seu ouvidor victima do furor da mocidade academica, e de exaltados, os quaes com a maior injustiça, lhe

attribuíam o assassinato do Dr. Badaró, a cujos excessos, como redactor de uma folha politica, elle ouyider apenas oppunha os meios legaes em cumprimento de seu dever.

Fez dissolver a multidão que cercava a casa da sua residencia, ameaçada de ser invadida; e guardal-a por uma força de linha.

Emquanto as massas na frente do palacio do governo esperavam o deferimento da representação feita contra o mesmo ouvidor, taes foram as medidas então lembradas por Feijó, que, quando mal pensavam, já elle, cautelosamente acompanhado por um capitão de 1ª linha, e soldados da sua confiança, bem perto se achava de Santos, d'onde, pela costa, seguiu para a Côrte.

O estado da anarchia a que chegámos, depois de 7 de Abril, de tal sorte aterrou os habitantes desta capital, que ninguem se julgava seguro em sua pessoa e bens.

A regencia conhecendo, que alguns de seus ministros não tinham sido bem succedidos na applicação dos meios precisos para conter os revoltosos, entendeu que os devia substituir por homens de sua inteira confiança, e Feijó foi encarregado da repartição da justiça.

Conhecendo bem as difficuldades que tinha a vencer, e que nada poderia concluir, se as suas idéas ficassem subordinadas á maioria de seus collegas, e sem ter o livre arbitrio de fazer o que entendesse, só aceitou o ministerio, depois da regencia ter annuido ás suas reflexões, e assignado as seguintes condições:

1ª Conservarem-se os membros da regencia na maior harmonia, sem outras vistas em suas resoluções que a prosperidade do Brasil.

2ª Tomarem-se todas as resoluções relativas á escolha e demissão de empregados, a medidas geraes e a casos particulares, em conselho de ministros, presidido pela regencia, ficando livre ao ministro da repartição a que o negocio pertencer, quando seja dissidente, fazer o que entender; e desonerados os outros de defender semelhante acto. As ordens tendentes a mandar executar as leis, dar esclarecimentos e proceder a diligencias para propôr a final resolução em conselho, poderão ser dadas pelo competente ministro, independente do conselho.

3ª Dentro de um anno, se por motivo de molestia me fôr indispensavel largar a pasta, por algum tempo será esta interinamente substituida ou occupada pelo ministro que eu indicar á regencia; mas se o incommodo durar mais de quatro mezes, e mesmo depois deste primeiro anno, a regencia nomeará outro ministro, se quizer.

4ª Se fôr necessario demittir alguns dos ministros actuaes, o que só terá logar, quando estes o peçam, ou a verdadeira opinião publica se declare contra elles, os que os substituirem serão da approvação do conselho, pela maioria de votos dos ministros e regentes.

5ª Haverá um periodico dirigido por mim.

*Exposição do modo por que me pretendo conduzir no ministerio:*

Persuadido de que em todo o tempo, e principalmente nos convulsivos, só a firmeza de conducta, a energia e a justiça podem sustentar o governo, fazê-lo amado, e respeitado; e certo de que a prevaricação, e mais que tudo, a inacção dos empregados, é causa do justo queixume dos povos, serei rigoroso e inflexivel

em mandal-os responsabilisar. As leis são, a meu ver inefficazes, e o processo incapaz de por elle conseguir-se o fim dezejado ; mas a experiencia desenganará os legisladores, salvará o governo da responsabilidade moral, e o habilitará para propor medidas salutarés que removam todos os embaraços.

Como o governo livre é aquelle em que as leis imperam, eu as farei executar mui restricta e religiosamente, sejam quaes forem os clamores, que possam resultar de sua pontual execução ; não só porque esse é o dever do executor, como por esperar que, depois de algum tempo, cessado o clamor dos queixosos, a nação abençoê os que cooperaram para a sua prosperidade.

#### *Advertencia*

A minha maneira de vida, o meu tratamento pessoal não soffrerá alteração alguma, será o mesmo que até aqui.

Para que a todo o tempo, ou me reste a consolação de, quando feliz nos resultados, ter sido fiel a meus principios, e á minha consciencia ; ou me encha de vergonha, por haver faltado ao que nesta prometto, assigno-me ; rogando á regencia, queira tambem assignar em testemunho de que aceita, e concorda com o exposto.

Rio de Janeiro, 4 de Julho de 1831.—*Diogo Antonio Feijó, Lima, Braulio, Costa Carvalho.*

Desde logo as suas acertadas providencias, fizeram sahir as autoridades policiaes da inercia e apathia em que se achavam ; enthusiasmaram o povo, e grande numero de officiaes do exercito contra os desordeiros, como se vio pela firmeza e denodo com que se apresen-

taram na rebelião da noute de 14 d'aquelle mez, e claramente o demonstra o officio que foi dirigido ao 1º secretario da camara dos deputados em 22 de Julho de 1831.

Então, o sempre choraço redactor da *Aurora Fluminense*, em um dos seus luminosos artigos, tratando da consternação e terror em que nos achavamos, depois de narrar o que na França, em circumstancias identicas, fizera M. Perrier, assim se exprime:

« No Brasil, um patriota conhecido pela firmeza de character, e rectidão de seu espirito, de tal merito que aos mesmos anarchistas foi impossivel recusar-lh'o, não duvidando sacrificar-se pela patria em perigo, tomou em circumstancias delicadissimas a pasta da justiça, e tem ahi feito apparecer uma força d'alma, uma constancia, que antes d'elle não fôra conhecida entre nós:

« Não se fizeram mais vergonhosas capitulações com o crime, ufano de suas victorias. Os olhos da população ameaçada se voltaram para este homem forte e integro, é d'elle que aguardam as providencias com que a sociedade se mantenha sem risco de ser invadida por hordas de barbaros; e a confiança veio finalmente corôar os esforços do digno membro da administração publica. Não lhe queimamos pôdre incenso; esta linguagem tem sido a de todos os jornaes da capital... e se acaso se inquirir a massa dos cidadãos interessados na ordem, elles dirão que é no Sr. Feijó, e na sua coragem civica, que tem posto a ancora da sua esperança.»

A 30 do sobredito mez de Julho, mandou distribuir armamento e cartuchame pôr tres mil cidadãos, que tinham as qualidades de eleitor, e pelos commandantes de esquadra o numero preciso para as rondas diarias.

Accusado na camara dos deputados, em 29 de Julho, por ter, em portaria de 22 do mesmo mez, mandado suspender a concessão de cartas de seguro, o que Feijó praticára, tanto pelo abrigo que os desordeiros encontravam nellas, como pela antinomia entre o § 9º do art. 179 da constituição, que só reconhece o alvará de fiança como meio de excluir a prisão, e cuja interpretação esperava do corpo legislativo; foi a denuncia julgada improcedente pelo parecer da commissão especial, approvado na sessão de 31 de Agosto, por votação nominal de cincoenta e sete votos, contra quinze que tivera o voto separado de um dos membros da referida commissão.

Feijó occupado sómente em procurar os meios de salvar o Imperio, a nenhuma outra cousa attendia, de sorte que no dia antecedente, 30, quando a discussão d'aquelle parecer se achava no maior auge de calor, foi interrompida, por annunciar o presidente da camara achar-se elle na ante-sala; e recebido com as formalidades do estilo, apresentou a proposta creando o corpo de municipaes permanentes.

Pedi, em 5 de Outubro, a lei do codigo do processo criminal.

Naquelle mesma data dirigiu mais dous officios, declarando em um, estar o governo resolvido a fazer-se obedecer; ter dado todas as providencias para serem atacados os rebeldes, e assim desaffrontar a capital de tantos actos de ameaças, insubordinação e rebeldia, que tola a prudencia não tem podido vencer; e em outro se exprime da maneira seguinte:

« Constando ao governo, neste momento, que o senado ainda se acha em sessão permanente, participo a

V. Ex. para fazer presente ao mesmo, que a fortaleza da ilha das Cobras foi escalada pelos soldados da patria, e pelos guardas nacionaes, rivalisando estes dous corpos em valor e denodo inaudito ; e entre acclamações de vivas á constituição, ao Sr. D. Pedro II, etc.; foram presos os rebeldes côm pouca ou nenhuma perda, o que ainda se não verificou, apezar do vivo fogo de parte a parte, e com perda de um guarda municipal, e um ou dous levemente feridos, dolorosa perda por ser de um cidadão pacifico, honrado e corajoso ; mas a patria se mostrará grata ao sacrificio da sua vida. Resta, que a sabedoria e patriotismo do senado, descubra prompto remedio aos males, que ainda estão imminentes e pelos quaes reclama a capital e o Imperio todo.

« Deus guarde, etc. »

Procurando por todos os modos excitar o entusiasmo a favor da ordem, referendou o decreto de 12 do sobre-dito mez, ordenando á camara municipal, que fizesse inscrever no livro destinado a transmittir á posteridade os grandes acontecimentos, o nome do cidadão Estevão de Almeida Chaves, com a declaração de ter sido o primeiro guarda nacional, que no dia 7 de Outubro deu a vida em defeza da lei, da patria e da liberdade, atacando os rebeldes na ilha das Cobras.

No meio de tudo isto já não era sómente o partido farroupilha que o governo tinha a debellar ; anarchistas de alta graduacão a elle se unem e planos tenebrosos aos concertados ; Feijó, porém, homem de *antes quebrar que torcer*, a tudo oppõe as convenientes cautelas. Por aviso de 7 de Março de 1832, manda pesquisar de um partido que tendia a proclamar a federacão já e já, e de outro que preparava a restauracão de D. Pedro I. Fez

vêr quanto era de mister a actividade, e fazer velar as autoridades sobre os manejos desses inimigos internos, de modo que lhes frustrassem os planos e destruíssem suas tentativas.

Verificou-se, entretanto, a fusão desses dous partidos, na sessão secreta que teve logar na loja maçónica do valle do Passeio Publico, na qual foi deliberada a rusga de 3 de Abril, devendo ser precedida do assassinato de Feijó e outros cidadãos benemeritos; substituida a regencia por dous dos membros da mesma reunião, e de um outro que se achava em Pernambuco. E' notável que de tantos homens reunidos, um só não exista hõje; todos estão na eternidade, inclusive aquelle que não só por ter horror ao derramamento de sangue, mas por ser amigo de algumas das victimas, embora de opinião diferente e idéas exaltadas, confidencialmente fez constar tão feróz deliberação.

Feijó, com a sua costumada actividade, logo na manhã do dia 2, reunindo em sua casa os juizes de paz, commandante e officiaes do corpo de permanentes e da guarda nacional, tomou immediatamente todas as precauções necessarias ao triumpho da ordem publica. Antes de oito horas da noute, a regencia e ministerio se achavam reunidos no arsenal de marinha; a esse tempo já corria impresso uma especie de manifesto em nome do povo e tropa, designando os nomes dos novos regentes, e ameaçando com a morte, do modo mais brutal, a todos que não annuissem a tão *salvadora* rebellião. Passou-se todavia a noute, sem que grupo algum dos desordeiros se apresentasse, talvez por conhecer pelo movimento da guarda nacional e municipaes permanentes, que tão feróz plano estava descoberto.

Quando, porém, ao raiar a aurora, cada um tratava de recolher-se á sua casa, eis que vôa a noticia de haverem desembarcado na praia de Botafogo alguns officiaes, soldados e presos das fortalezas de Willegaignon e Santa Cruz, e que, cercados da canalha, em ordem de marcha, se dirigiam ao campo da Acclamação. Todos os cidadãos da guarda nacional se reuniram com promptidão, para debellar os inimigos da patria. Entretanto já o Sr. major Luiz Alves de Lima, hoje duque de Caxias, havia recebido da mão e por lettra do proprio ministro, um aviso, determinando-lhe, que sem perda de tempo, fosse ao quartel dos municipaes permanentes e, assumindo o commando desse corpo, marchasse á sua testa ao campo da Acclamação, onde constava achar-se postada a força em numero de 200 soldados fugidos das fortalezas e os fizesse dispersar a ferro e fogo.

O Sr. Luiz Alves, cujo denodo, pericia marcial e fidelidade, desde seus primeiros annos já tanto o distinguiam, com a velocidade do raio, cumpriu aquella ordem, desbaratando a banda de facciosos, que, depois de terem dado os primeiros tiros, fugiram covardemente, tendo sido presos mais de 40 desses revoltosos, alem de um morto e alguns feridos.

Feijó não cessava de dirigir circulares aos presidentes das provincias, insinuando-lhes os meios que deviam empregar para a manutenção da ordem publica. Em 5 de Abril participando-lhes a sedição do dia 3, dizia... «Não é possivel que haja tranquillidade e segurança, á vista da impunidade que a fraqueza das leis, a negligencia e prevaricação de alguns magistrados protegem, o governo deve salvar a patria. Vão ser tomadas as medidas necessarias para esse fim.

«... A assembléa geral julgará da justiça ou injustiça dellas... Espera que V. Ex. da sua parte, escorado dos cidadãos que respeitam a lei e dezejam ver firmada a tranquillidade publica, dobrando de actividade e energia, trabalhe para conservar segura a provincia que foi confiada ao seu governo.»

Emquanto assim procurava o ministro da justiça sustentar a ordem e segurança publica em todo o Imperio, proseguiam os restauradores em seus nefandos planos, não obstante o mallogro que os farroupilhas por elles instigados, acabavam de soffrer. A imprensa restauradora, sem rebuço ou dissimulação, prégava a quéda da regéncia e a proclamação do Sr. D. Pedro I; e tão seguro presumia o feliz resultado, que, na noute de 16, dous negociantes fallidos, tentaram seduzir alguns guardas nacionaes, adoptivos, para tomarem parte na conjuração, que daquella noute para o dia seguinte devia rebentar.

Um capitão-tenente da marinha, hoje fallecido, e talvez o unico desta nobre corporação, que faltou até agora á santidade de seu juramento, com uma ordem falsa, em nome do almirante Taylor, exigiu e obteve 50 marinheiros armados da fragata *Imperatriz*.

Constando já então a Feijó a certeza do rompimento desta sedição, todas as providencias e com tanto acerto foram tomadas, que os improvisados anarchistas se acharam de tal sorte emmaranhados em um tão intrincado labyrintho, que não lhes foi mais possivel atinarem com a sahida, e o resultado desta nova tentativa se póde ver na circular, que aos presidentes das provincias dirigiu Feijó em data de 19 do sobredito mez.

Batidos e destroçados os restauradores, presos e entregues á acção da justiça, o foragido Boulow, e seu

infame bando, continuava, todavia, a sociedade e o seu principal chefe, na combinação de suas mais perfidas manobras; estando Feijó sabedor de tudo, por denuncia de alguns delles. Como porém a abertura da assembléa geral se approximava, julgou Feijó dever antes esperar do corpo legislativo o remedio, ácerca do chefe principal de tudo, do que, por um golpe de Estado, tiral-o da posição em que se achava.

No emtanto, continuava a habilitar os presidentes das provincias com regulamentos e instrucções necessarias a respeito de estrangeiros, que, sem passaporte legal, chegassem aos portos do Imperio, assim como para obstar inteiramente o vergonhoso trafico da escravidão de africanos.

Reunida a camara dos deputados, foi approvedo o diploma de Feijó, como deputado reeleito pela provincia de S. Paulo, em uma das sessões preparatorias. Logo que foi installada a assembléa geral, apresentou S. Ex. o relatorio da sua repartição, o qual produziu as mais vivas sensações em ambas as camaras e na gente sensata. A maneira energica e vigorosa com que Feijó descreveu os males sobranceiros á patria, alegrou os verdadeiros patriotas, e a quantos eram interessados na prosperidade do paiz, e assustou a todos aquelles que, plantando a desconfiança, assoalhando a intriga, dirigindo e lisongeando as facções, procuravam empolgar o mando. Depois de ter indicado as principaes fontes dos males do Brasil, a que cumpria aos legisladores dar adequadas providencias: depois de ter pintado a immoralidade do corpo judiciario: o deleixo do clero, a licença da imprensa; a impotencia das leis criminaes e os inconvenientes da impunidade, consequencia da falta de um

codigo de processo, em que se encerrasse a bella instituição dos jurados; depois de ter mostrado o espirito de insubordinação, que tanto lavrava e expunha o governo aos ataques da inveja, da ambição, da maledicencia e da calumnia. . . Conclue dizendo: «Um abysmo horroroso está a um passo diante de nós. Remedios fortes e promptissimos podem ainda salvar a patria. Um só momento de demora talvez faça a desgraça inevitavel. Ou lançai mão delles com presteza, ou decidi-vos já pela negativa. O governo está firmemente resolvido a ajudar vossos esforços em salvar o Brasil, quando queirais marchar de accordo com elle, ou abandonar já o logar, para ser substituido por quem se julgue com valor de arrostar tantas difficuldades. »

Dizia Feijó publicamente no começo da sessão que se retiraria da scena publica, logo que lhe fossem negadas as medidas fortes e salvadoras que requeria, e foi repetindo estas palavras que elle terminou o seu famoso discurso na sessão de 21 de Maio. A remoção do tutor, uma das primeiras indicadas, naufragou no senado por maioria de um voto; e Feijó, incapaz de faltar á sua palavra, cumpriu o que havia dito, demittiu-se, e com elle todos os seus companheiros.

O effeito que produziu semelhante acontecimento, não se póde bem explicar: a consternação, o temor pintou-se nos semblantes, e o prospecto de futuros males se apresentou aos olhos de todos e, ainda mais, á vista do seguinte officio com que elle se despediu da regencia:

« Senhor.—Se alguém se persuade que com grande energia da parte do governo, e sem a cooperação sincera e mui activa dos empregados publicos, póde manter-se ainda por algum tempo a tranquillidade publica da

capital; ninguém dirá, que com os meios á disposição do governo, podem as facções ser supplantadas, ou o Brasil prosperar.

« Ha mais tempo teria eu cumprido a minha palavra, se a honra me não obrigasse a esperar pelas accusações, que dentro e fóra da camara se diziam preparadas; mas está quasi a findar-se o terceiro mez, e nenhuma tem apparecido: estou portanto demittido do ministerio que V. M. Imperial confiou ao meu cuidado. Sinto não haver feito quanto dezejava a bem da patria, mas, ao menos, fiz o que pude, e muito agradeço a V. M. Imperial a sincera approvação que deu sempre aos meus actos. Como cidadão, em qualquer parte do Imperio onde me achar, prestarei os serviços que forem compatíveis com as minhas circumstancias, para ajudar o governo de V. M. Imperial a sustentar a dignidade nacional, a liberdade e independencia de meus compatriotas.

« Deus guarde a V. M. Imperial. Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1832. De V. M. Imperial, subdito respeitador, *Diogo Antonio Feijó.* »

As noticias que se divulgaram, de que nenhum cidadão da confiança da regencia queria aceitar a pasta de ministro; a urgente necessidade de uma grande mudança; tudo assustou e poz em dolorosa espectação os cidadãos honrados e pacificos. O partido restaurador, entretanto, exultava com o triumpho do seu chefe, e ameaçava realizar o plano mallogrado a 17 de Abril. A' vista de tão medonho espectáculo, qual o coração patriota, qual o amigo da ordem publica, que não sentiria esfriar-se-lhe o sangue nas veias, contando assim perdidos os esforços de um anno para se guardar livre

o Brasil de ensanguentadas revoluções?? Este afflicto quadro, ainda mais atterrador tornou-se, com a deliberação tomada pela regencia de demittir-se. Ao reclamo dos juizes de paz, toda a guarda nacional se conserva em armas do dia 29 para 30 de Julho, e dirige uma representação ao corpo legislativo. Em resultado, é enviada pela camara dos deputados uma mensagem á regencia, exhortando-a a conservar-se no posto a que tinha sido elevada; declarando que a assembléa passava a tomar as medidas que a crise tão urgentemente requeria. A regencia ficou no proposito de continuar no desempenho de sua missão, sendo por isso dissolvida a força de guardas nacionaes, convocada só para o fim de manter a ordem, e o socego da capital; durante o tempo em que estiveram reunidas, assaz demonstra quanto eram calumniosas as invenções dos restauradores nessa occasião.

Emquanto Feijó tratava de retirar-se para a sua provincia, teve de conhecer o amor que lhe tributavam os amigos sinceros da ordem, como áquelle a cuja energia e espirito de justiça, devia o Imperio não ter sido devorado pelo fogo da anarchia.

A sociedade defensora da liberdade e independencia nacional, por uma deputação do seu seio, dirigiu-lhe um voto de graças, do qual fô: o orador o Sr. Dr. Francisco de Salles Torres Homem, que em um discurso cheio de eloquencia, depois de demonstrar quanto era doce e grato o dever da sociedade defensora, testemunha e participadora dos mui altos e inapreciaveis serviços que Feijó prestára á patria attribulada, em tão horrivel e desastrosa crise, significara-lhe que sobejavam-lhe gloriosos titulos para figurar na pauta

dos benemeritos da patria e descrevera-lhe o abandono em que estavam a honra, a vida, a fortuna dos cidadãos aos furores de bandos delirantes.

A resposta verbal de Feijó, cheia de expressões tocantes e de reconhecimento, muito lisongeou a deputação, e á sociedade, quando transmittida pelo seu orador.

Procurando occultar o dia de sua partida, afim de evitar acompanhamentos; apesar de ter deixado a casa de sua residencia na ante-vespera, e passado para a de um seu maior amigo na rua das Violas, de onde sahiu na tarde de 5 de Agosto; quando chegou ao Aterrado já o acompanhavam cerca de cincoenta cavalleiros, e outros lhe foram sahindo ao encontro, de sorte que, ao chegar á Venda Grande, excedia a duzentos o numero daquelles que entenderam dar-lhe essa demonstração de amizade.

Seu nome era por toda a parte repetido com viva gratidão, e saudade, por isso algumas caixas de lenços, que chegaram de Paris, tendo o seu retrato, com tal enthusiasmo eram procurados, que antes de oito dias, em nenhuma loja se encontravam por dinheiro algum.

Fallecendo nesse mesmo mez o senado: marquez de Santo Amaro, desde logo entenderam os fluminenses, que deviam dar um publico testemunho do seu reconhecimento a Feijó, na eleição que se tinha de proceder para preenchimento daquella falta no senado. O partido restaurador apresentando os seus chefes como candidatos, fazia a mais crua guerra á candidatura do homem a cuja energia deveram sempre a sua aniquilação. Tão infelizes, porém, foram em suas combinações que, em resultado, apurados os votos na camara da capital,

foi Feijó o primeiro com duzentos e trinta e nove votos, ao mesmo tempo que o mais votado dos restauradores apenas obteve trinta e nove votos!! Nomeado senador por carta imperial de 5 de Fevereiro de 1833, foi a eleição julgada nulla pelo senado, na sessão de 13 de Abril, caso até então nunca visto, pela mesma maioria de um voto, pela qual havia sido rejeitado o projecto da camera dos deputados, que demittia o tutor.

Tendo-se de proceder a outra eleição, exultaram os restauradores, persuadidos de cantarem o triumpho com esse novo appello; porém ainda maior foi a sua derrota, por ter Feijó então obtido mais setenta votos, isto é, trezentos e nove, em vez de duzentos e trinta e nove que obtivera na eleição antecedente. Por outra carta imperial do 1º de Julho do mesmo anno, foi de novo nomeado senador do Imperio, e sua eleição approvada pelo senado na sessão de 11, não obstante os esforços aliás empregados por alguns de seus irreconciliaveis antagonistas.

O merito de Feijó era reconhecido pelas mesmas nações estrangeiras; altas personagens da Europa lhe téceram os maiores elogios: o proprio ex-Imperador os repetia, chegando a dizer em uma das suas correspondencias, que o ministro Feijó era no Brasil o apoio dos homens de bem.

Tendo sido designado o dia 7 de Abril de 1835, para a eleição de um regente na conformidade do art. 26 do acto adicional, o nome do ex-ministro Feijó, tão considerado entre as nações estrangeiras, não podia deixar de ser lembrado em todas as provincias do Imperio.

Quando tantas ambições interessavam no mando supremo ; no meio de tantas commoções, a profunda tranquillidade e boa ordem com que, em todos os collegios do Imperio, foi feita a eleição do regente, muito acreditou o character brasileiro em todos os paizes do universo.

Remettidas ao senado as respectivas actas, teve logar a sua apuração em assembléa geral, cujas sessões começando a 5 de Outubro, terminaram a 9 do mesmo mez, em que foram julgadas legaes, e nesse mesmo dia convidado Feijó para prestar juramento como regente do Imperio.

Ficando entretanto a assembléa em sessão permanente, tratou deapprovar a formula do juramento, e a proclamação aos brasileiros, que depois desse acto, devia ser publicada.

Feijó, porém, respondeu que depois de achar-se de cama por doente, ha alguns dias, ainda naquelle começava a levantar-se, e por isso, não lhe era possível comparecer, o que julgava poder fazel-o segunda-feira, á hora que lhe fosse marcada ; ao que annuiu a assembléa, deliberando que o juramento ficasse transferido para esse dia ás 11 horas da manhã ; coincidencia notavel, por completar-se nesse mesmo dia 12 de Outubro o decimo terceiro anniversario da acclamação do fundador do Imperio.

No dia e hora aprasada, reunida a assembléa geral, chegou Feijó ao paço do senado, e, introduzido por uma deputação de sete senadores e quatorze deputados, repetiu com voz firme o juramento, segundo a formula approvada na sessão anterior. Immediatamente o presidente em alta voz, leu a proclamação da assembléa geral aos brasileiros, declarando Feijó regente do Im-

perio, na fórmula da constituição e das leis. Acabado este acto retirou-se Feijó com as mesmas formalidades com que fôra recebido.

Não obstante os entusiasticos vivas do immenso povo que o saudava ao sahir do paço do senado, Feijó dava bem a conhecer no seu semblante a amargura do seu coração e a repugnancia a tão oneroso encargo, cujos deveres dependiam mais de alheias vontades que da sua.

Ao tempo em que, no dia 9, era convidado a tomar posse como regente, recebia tambem o officio em que o ministro da justiça, com as expressões mais lisongeiras, lhe communicava, em nome da regencia, a sua nomeação de bispo de Marianna; ao que elle respondeu do modo mais polido, significando a sua gratidão. Este acto com que a regencia, então representada sómente na pessoa do inclyto e benemerito general Francisco de Lima e Silva, consumou a sua alta missão, teria sido bastante para seu completo elogio, se tantos outros nótaveis já de longos annos, o não recommendassem ao respeito, gratidão e amor dos brasileiros. Feijó, todavia, logo que assumiu o poder, determinou que o decreto de sua nomeação ficasse guardado na secretaria, e nenhuma das participações do estylo se fizessem.

Desejando assignalar a sua regencia com a extincção das dissensões provenientes do espirito de partido, pretendeu organiza<sup>r</sup> um ministerio de coalisção, e foi dessa época que começou-se a ouvir a palavra—conciliação—As escuzas, porém, que encontrou em alguns dos estadistas de sua confiança, fez com que dous dias depois, fosse incompletamente composto o ministerio com os Srs. desembargadores Limpo de Albreu, hoje visconde de Abaeté, para a pasta da justiça, e in-

terino do Imperio ; o Dr. Alves Branco, depois visconde de Caravellas, para a de estrangeiros, general Manoel da Fonseca Lima, depois barão de Suruhy, para a da guerra, e interino da marinha ; continuando Manoel do Nascimento Castro e Silva, na da fazenda. Foram estes os ministros, aos quaes coube a gloria de referendar o importante manifesto, ou programma do governo do regente, baseado no espirito de justiça, tolerancia, e coherencia de principios.

A esse tempo a mais feroz anarchia inundava de sangue a bella provincia do Pará ; e a capital do Rio Grande, por questões meramente de influencias, de odios pessoaes e de exagerações politicas, era ameaçada de uma sedição. O regente que, segundo os seus principios, não confundia o crime com o erro de entendimento, nomeou o general Andréa, depois barão de Cassapava, para pacificar o Pará por meio da força, e José Araujo Ribeiro, para presidente da provincia do Rio Grande, de que era representante, com plena autorisação para empregar os meios que, em sua reconhecida intelligencia, julgasse necessarios a conciliar os animos, manter a paz, e a ordem da provincia.

O general Andréa, com as poucas forças de que o governo podia dispôr, com os auxilios que pelo presidente do Maranhão, o Sr. Costa Ferreira, depois barão de Pindaré, lhe foram dados, e com cem homens que do Ceará marcharam, tendo á sua frente um sobrinho do senador Alencar ; pôde dirigir-se de um modo tão notavel, e que tanto illustrará sempre a memoria de seu nome, que em carta dirigida ao regente, em data de 31 de Julho de 1836, já dava conta da pacificação da provincia !!

No entanto a mór parte dos municipios da provincia do Rio Grande, congratulando-se com o regente pela sua posse, eram accordes nos protestos de fidelidade e sustentação da ordem publica. A camara da cidade do Rio Grande, em data de 29 de Outubro de 1835, depois de significar o seu regosijo, pôr mais de tres quartas partes dos eleitores da provincia terem concorrido com a sua votação para a eleição do Sr. Feijó, pela illimitada confiança nas suas virtudes civicas e sentimentos patrioticos, assim se exprime: « A camara por esta occasião julgou conveniente prevenir a V. Ex., que os ultimos acontecimentos aqui occorridos, não teem, nem podem ter fins politicos. . . . Convença-se V. Ex. pois, que a integridade do Brasil, e os principios fundamentaes da constituição, não serão jámais nem levemente atacados nesta parte do Imperio. »

Quando, á vista disto, parecia que, com a presença do novo presidente, a ordem seria inteiramente restabelecida, outra já era a face politica que apresentava a capital de Porto Alegre, á sua chegada ao Rio Grande. A assembléa provincial achava se reunida, e em sessão de 9 de Dezembro, sob o pretexto de esperar o deferimento de uma representação que havia dirigido ao regenté, e de receio de commoções populares, adrede inventadas, resolveu adiar a posse do presidente!! Estando as cousas nestes termos, a publicação da proclamação do regente, datada em 4 do referido mez, promettendo amnistia, desconcertou de algum modo os planos dos sediciosos; e o coronel Bento Manoel, separando-se destes, apresentou-se com a sua gente para sustentar o governo legal.

A assembléa dirigiu então uma deputação de tres membros ao Sr. Araujo Ribeiro, convidando-o a ir tomar posse da presidencia, por estarem desvanecidos, dizia ella, os receios de processos e perseguições, quando aliás a proclamação mencionada não avançou mais do que já havia promettido o mesmo Sr. Araujo Ribeiro. Não podendo, porém, S. Ex., por achar-se doente, sahir do Rio Grande, tomou ahi posse, perante a respectiva camara, em 15 de Janeiro de 1836. Recebendo a assembléa provincial esta noticia, officiou immediatamente a S. Ex., extranhando o seu procedimento como contrario ás leis de 1 e 3 de Outubro de 1828 e 1834; conjurando-o a que fosse verificar a posse na capital, até o dia 15 de Fevereiro, sob pena de não o reconhecer como presidente da provincia.

De tal sorte as cousas se complicaram, que o proprio regente vendo mallogradas as suas idéas conciliadoras, teve de recorrer ao emprego da força armada, cujas consequencias, como tanto previa, realisaram-se de fórma, que só depois de uma lucta de perto de dez annos, coube ao hoje duque de Caxias a gloria da pacificação da provincia.

Desgraçadamente ainda continuava a dissidencia entre o nosso governo, e o de Sua Santidade, sobre a confirmação do bispo eleito para o Rio de Janeiro; mas o regente tendo só diante dos olhos a dignidade nacional, submetteu essa questão ao corpo legislativo. Na falla da sessão da abertura da assembléa geral, em 31 de Maio de 1836, demonstrando as lisongeiras expressões de estima e consideração que tinha recebido de todas as potencias amigas, interessadas pela conservação do throno constitucional do Sr. D. Pedro II, em

cujo nome regia o Imperio pelo voto nacional, diz o seguinte: « Não posso, comtudo, occultar-vos, que Sua Santidade, depois de dous annos de explicações reciprocas, resolveu não aceitar a apresentação imperial do bispo eleito desta diocese. O governo tem de seu lado a lei e a justiça; mas Sua Santidade obedece á sua consciencia. Depois desta decisão julgou-se o governo desonerado de ter condescendencias com a Santa Sé, sem comtudo faltar jámais ao respeito e obediencia ao chefe da Igreja universal.

« Em vossas mãos está livrar o catholico brasileiro da difficuldade, e muitas vezes impossibilidade de mendigar de tão longe, recursos, que lhe não devem ser negados dentro do Imperio. E' tão santa a nossa religião; tão bem calculado o systema do governo ecclesiastico, que sendo compativel com toda casta de governo civil, póde sua disciplina ser modificada pelo interesse do Estado, sem jámais comprometter o essencial da mesma religião. Não obstante esta colisão com o Santo Padre, nossas relações amigaveis continuam com a côrte de Roma. O Brasil está em paz com todo o mundo. »

Quando o governo com tanta franqueza assim se apresentava, parece incrível, mas viu o paiz a ingratição com que homens, chamados amigos da ordem, conhecidos alguns delles como Feijoistas e moderados, principiam, desde que Feijó subiu á regencia, a fazer-lhe a mais cruenta guerra, ao ponto de negarem todos os meios reclamados a bem da tranquillidade publica. Emfim a maioria da camara temporaria, tanto mais hostil se apresentava, quanto o governo, por seus actos, mais digno se tornava da consideração dos brasileiros; embora o Sr. Limpo de Abreu, hoje visconde de

Abaeté, um dos ornamentos do ministerio, cujo nome tanta gloria de ha muito havia adquirido, como orador consciencioso e liberal da camara dos deputados, com uma logica e eloquencia, que nada deixava a invejar dos oradores mais distinctos dos parlamentos de todos os paizes civilisados, pulverisasse os argumentos capciosos, em que se encastellava a opposição.

Feijó pela sua independencia, e força de character, sempre coherente com os principios, que proclamára como base de seu governo, não podia convir a homens avezados a dominarem quasi todos os ministerios. Entretanto em tudo que não dependia das camaras, procurava o governo provar, por seus actos, o interesse e desejo de fazer prosperar o commercio, a agricultura, e quanto havia de mister para elevar o Brasil ao grão de prosperidade a que é destinado pela Providencia.

Na esperança de ver se obtinha do corpo legislativo algumas das leis que havia indicado, prorogou a sessão até o dia 31 de Outubro, em que a encerrou com a seguinte falla: « Augustos e dignissimos Srs. representantes da nação. — Seis mezes de sessão não bastaram para descobrir remedios adequados aos males publicos: elles infelizmente vão em progresso. Oxalá que, na futura sessão; o patriotismo e sabedoria da assembléa geral, possa satisfazer as urgentissimas necessidades do Estado. »

Apezar da falta de segurança que em algumas provincias se fazia sentir, as rendas publicas cresciam, prosperava a lavoura e o commercio; emfim, tanta era a confiança que havia no governo, que as apolices da dívida publica, cujo valor nominal desde antes de 7 de Abril, se conservava para menos de sessenta, subiram

a noventa e seis! Quasi todas as camaráas municipaes do Imperio não cessavam de dirigir ao regente votos de graças com expressões as mais satisfactorias e respeitosas. A do Rio de Janeiro, além disso, querendo perpetuar a memoria de Feijó, resolveu unanimemente a mudança do nome da segunda travessa de S. Joaquim, para o da rua do Regente, por que é hoje conhecida; em razão de ter a casa em que elle rezidia uma das frentes para essa travessa.

Dizia-se geralmente que Sua Santidade o Papa Gregorio XVI havia de todo mudado a opinião em que estava a respeito de Feijó, depois que o Nuncio apostolico, arcebispo de Tarço, tendo encontrado em S. Ex., quando ministro da justiça, a franqueza e prompta solução nos negocios da Santa Sé, que nunca encontrára em nenhum dos ministros, desde o tempo do ex-Imperador, officiára á sua côrte fazendo justiça ao seu modo de pensar, espirito religioso, e justiceiro; e que, em consequencia disso, tinha o mesmo Santo Padre a maior consideração por S. Ex. Acredita-se que, talvez, por esse motivo, tivesse o internuncio Fabrini insinuação para tratar conjunctamente com os ministros da Austria e França, em conferencia privada com o regente, o modo de terminar amigavelmente a questão a respeito da confirmação do bispo eleito para o Rio de Janeiro. Verdade é que essa conferencia teve lugar, e que constou, como certo, ter-se então proposto a permuta do Dr. Moura para Marianna, e a de Feijó para o Rio de Janeiro, deixando-se entrever a intenção em que estava o Santo Padre de dar ao bispo regente um testemunho publico da sua alta consideração. Nada porém pôde alterar os principios do regente, só pre-

occupado da dignidade do paiz, sem cousa alguma querer para si.

O regente, abrindo a sessão da assembléa geral em 3 de Maio de 1837, começou por mostrar o direito que tinha a nação a esperar do corpo legislativo ver diminuidos os males que a affligiam ; sem esquecer a necessidade de medidas sobre o meio circulante : e conclue dizendo : « Augustos e dignissimos Srs. representantes da nação, remedios fracos e tardios pouco ou nada aproveitam na presença de males graves e inveterados. »

A camara dos deputados, entretanto, se apresentou ainda com mais violencia, desde suas primeiras sessões, embora os seus oradores, nem ao menos, pudessem contestar os argumentos com que o Sr. Limpo os convencia do erro em que elaboravam, e das tristes consequencias que podia trazer á ordem publica: tudo era inutil. O projecto da resposta á falla do regente, assaz provou a sua tenacidade ; pois era mais um voto de acre censura, que um voto de graças; e a maneira por que foi recebida pela maioria ainda mais o justifica. O Sr. Limpo conhecendo a impossibilidade de um ministro poder prestar serviços uteis ao paiz, sem o concurso e confiança do corpo legislativo, deu a sua demissão, na qual foi acompanhado pelos seus collegas. Feijó, não com pequena repugnancia, annuiu aos dezejos do ministerio, e forçado a organizar um outro, assentou de recorrer a algumas notabilidades das duas camaras, a homens que, ao seu reconhecido saber, reunissem a precisa coragem para combater os excessos da camara temporaria.

Por decreto de 16 do mesmo mez ficou, pois, o ministerio organizado:— senador José Saturnino da Costa Pereira, ministro dos negocios da guerra, o Sr. Monte-

zuma, hoje visconde de Jequitinhonha, da justiça e interino dos negocios estrangeiros, Alves Branco, depois visconde do Caravellas, da fazenda e interino do Imperio, almirante Tristão-Pio dos Santos, da marinha. Com excepção de Alves Branco, nenhum dos outros entretinha relações com Feijó, antes o Sr. Montezuma, como deputado, o havia accusado, quando ministro da justiça, pela suspensão das cartas de fiança; e o Sr. Saturnino, como senador, tinha apresentado um voto em separado oppondo-se a que S. Ex. tomasse assento na camara vitalicia pela provincia do Rio de Janeiro: circumstancias que talvez mais concorressem para estas nomeações, segundo os dezejos de resistencia a taes excessos, de que o regente estava possuido.

Depois de longa discussão, foi afinal approvada a resposta á falla da abertura, e apresentada no dia 6 de Junho ao regente, que deu á deputação a seguinte resposta: « Como me interesso muito pela prosperidade do Brasil, e pela observancia da constituição, não posso estar de accordo com o principio contido no segundo periodo da resposta á falla do throno: e sem me importar com os elementos de que se compõe a camara dos Srs. deputados, prestarei a mais franca e leal cooperação á camara, esperando que, ao menos desta vez, cumpram as promessas tantas vezes repetidas, de tomar em consideração as propostas do governo. »

Desta resposta vê-se bem que Feijó, com quanto constitucional e amigo da liberdade legal, era incapaz de transacções. Feijó desde a demissão do seu primeiro ministerio, dizia em particular aos seus amigos, que continuava a carregar tão pezado onus, para não passar pela vergonha de dar a seus adversarios politicos o

prazer de dizerem — que o haviam enxotado da regencia.— Todavia, seu espirito cada vez mais se agitava, vendo-se privado de poder prestar ao Brasil os meios que entendia convir á segurança e direitos dos seus concidadãos, e á sua prosperidade; ao ponto de soffrer molestias nervosas, que de dia em dia mais aggravaram o seu estado.

Neste estado lastimoso, logo que lhe pareceu mais acalmada a maioria da camara, pela concessão das leis de fixação das forças de mar e terra, tratou de procurar quem lhe succedesse na regencia. Neste sentido convidou a seu amigo o Sr. Limpo a voltar para o ministerio dos negocios do Imperio, que desde a sua demissão continuava em interinidade, ao que S. Ex. se recusou. Então, fazendo vêr sua deliberação ad Sr. Araujo Lima, hoje marquez de Olinda, disse-lhe que a sua escolha de senador precederia ao decreto de sua nomeação para a pasta do Imperio, que S. Ex. havia aceitado, o que deveria realizar-se, logo que chegassem os seus animaes, e no mesmo dia em que tivesse de retirar-se para a sua provincia. A conducção, porém, demorava-se: o horror de Feijó á regencia crescia de tal modo, que se banhava em suores, quando alguém o procurava nessa qualidade; por isso nomeado senador o Sr. Araujo Lima, assignou no dia 18 o seu decreto de ministro do Imperio, retirando-se no seguinte para a chacara de seu amigo e compadre o Sr. Bernardo José de Figueiredo, onde de sua propria lettra escreveu o seguinte officio e manifesto :

« Illm. e Exm. Sr.— Estando convencido de que a minha continuação na regencia não póde remover os males publicos, que cada dia mais se aggravam por

falta de leis apropriadas ; e não querendo de maneira alguma servir de estorvo a que algum cidadão, mais feliz seja encarregado pela nação de reger seus destinos; pelo presente me declaro demittido do logar de regente do Imperio, para que V. Ex., encarregando-se interinamente do mesmo logar, como determina a constituição politica, faça proceder á eleição do novo regente, na fórma por ella estabelecida. Rogo a V. Ex. queira dar publicidade a este officio e manifesto incluso.

« Deus guarde a V. Ex. muitos annos, 19 de Setembro de 1837.—Sr. Pedro de Araujo Lima.—*Diogo Antonio Feijó*.

« P. S. Accresce achar-me actualmente gravemente enfermo. »

« Brasileiros !—Por vós subi á primeira magistratura do Imperio, por vós desço hoje desse eminente posto.

« Ha muito conheço os homens e as cousas. Eu estava convencido da impossibilidade de obterem-se medidas legislativas adequadas ás nossas circumstancias, mas forçoso era pagar tributo á gratidão, fazer-vos conhecer pela experiencia, que não estava em meu poder acudir ás necessidades publicas, nem remediar os males que tanto vos affligem.

« Não devo por mais tempo conservar-me na regencia ; cumpre que lanceis mão de outro cidadão, que mais habil ou mais feliz, mereça as sympathias dos outros poderes politicos.

« Eu poderia narrar-vos as invenciveis difficuldades que previ : mas para que ? Tenho justificado o acto de minha espontanea demissão, declarando ingenuamente que eu não posso satisfazer ao que de mim esperaveis.

« Entregando-vos o poder, que generosamente me  
« confiastes, não querendo por mais tempo conservar-  
« vos na especção de bens de que tendes necessidade,  
« mas que não posso satisfazer-vos; confessando o  
« meu reconhecimento e gratidão á confiança que vos  
« merecí, tenho feito tudo quanto está da minha parte.

« Qualquer, porém, que fôr a sorte que a Providencia  
« me depare, como cidadão brasileiro, prestarei o que  
« devo á patria.

« Rio, 9 de Setembro de 1837.—*Diogo Antonio Feijó.* »

Desde esta data Feijó só tratava do seu regresso; da muita gente que o procurava apenas aos seus intimos amigos recebia: e foram de martyrios os dias que se passaram, até que tendo noticia de acharem-se os seus animaes no Campinho, immediatamente, na madrugada de 12 de Outubro, em que se completavam os dous annos de sua posse da regencia, sahiu de Andarahy, em seu carro, com seu compadre Figueiredo, e um outro amigo, em direitura áquelle logar, onde o esperava a conducção, e nesse mesmo dia continuou a sua viagem para S. Paulo. Talvez, porque Feijó em qualquer posição em que se achasse, a todos tratava sempre com a mesma urbanidade, encontrou em todos os logares por onde teve de passar, até chegar á sua casa, geral dedicação e provas de amizade.

No gozo da vida privada, de que tantas saudades tinha, embora reduzido a poucos meios de subsistencia, por ter consumido a mór parte de sua pequena fortuna nas despezas indispensaveis á decencia do alto emprego, de que acabava de descer, parecia viver contente e satisfeito. Entretinha-se com a sua

lavoura, como meio hygienico ; evitando entrar em questões politicas, para não aggravar o máo estado de sua saude, deixou por isso de vir á sessão do anno de 1838. Recebendo a esse tempo um officio do governo para mandar cuidar das bullas de sua confirmação ao bispado de Marianna, Feijó não só respondeu, que não havia aceitado semelhante nomeação, mas até fez publicar no *Observador Paulistano* a seguinte declaração :

« Tendo eu escripto alguma cousa sobre diferentes pontos de disciplina ecclesiastica, havendo tambem pronunciado alguns discursos na camara dos Srs. deputados sobre o mesmo objecto ; ainda que tudo isto fizesse, persuadido que zelava da mesma Igreja catholica de que sou filho e ministro, e que attentava a bem da salvação dos fieis, comtudo, constando-me que algumas pessoas não só estranharam as minhas opiniões, como algumas expressões pouco decorosas á mesma Igreja, e ao seu chefe ; não querendo eu em nada separar-me da Igreja catholica, e ainda menos escandalisar a pessoa alguma ; por esta declaração revogo e me desdigo de tudo quanto podesse directa ou indirectamente offender a disciplina ecclesiastica, que a mesma Igreja julgou dever ser conservada, ou a pessoa alguma.

« Esta minha declaração é espontanea, filha unicamente do receio de haver erradô, apesar das minhas boas intenções ; e é tanto mais desinteressada, que ha pouco acabei de declarar ao governo de S. M. Imperial, que eu nunca aceitei a nomeação de bispo de Marianna, nem a carta de apresentação, que então se me quiz entregar. Deus queira, que se algum es-

candalo hei dado por causa de taes discursos e escriptos, cesse elle com esta minha ingenua declaração.

«S. Paulo, 10 de Julho de 1838. *Diojo Antonio Feijó.*»

Escusado é dizer a viva impressão que produziu esta declaração; e limitar-nos-hemos a repetir as ultimas palavras do artigo dos redactores em seguimento á mesma publicação... « Possam os seus gratuitos detractores, cobertos de pejo, convencer-se da honra e desinteresse deste benemerito brasileiro, deste digno Paulista. »

Melhorado Feijó de seus incommodos, resolveu-se a comparecer á sessão de 1839, e teve de conhecer ainda quanto era geralmente estimado. O senado, em cuja illustrada maioria achou sempre algum apoio, quando ministro, e mais quando regente, o collocou á sua frente na cadeira presidencial, ren dendo assim uma homenagem á probidade, ao desinteresse do varão honrado, que pela primeira vez, depois de regente, se apresentava em sessão. Sempre coherente com os seus principios. teve muitas vezes de deixar a cadeira, para tomar parte em todas as discussões importantes, produzindo a maior sensação o seu primeiro discurso na sessão de 16 de Maio, sobre os negocios do Oyapock, quando se discutia o voto de graças. Com uma argumentação simples, mas positiva, e rica de factos, demonstrou na sessão de 27 do referido mez, os erros e abusos do governo, na pacificação do Rio Grande, Sem mencionarmos outros muitos iguaes discursos, como o que proferiu na discussão da interpretação do acto adicional, terminaremos dizendo, que Feijó na sessão de 22 de Agosto, deu ainda uma prova, de que só tinha na idéa a sustentação da ordem e

tranquillidade publica, offerecendo nesse sentido um projecto que nada deixava a dezejar, embora alguns liberaes julgassem violentas as medidas indicadas. Lembrando-se do decreto de 18 de Março de 1836, que, ao correr da penna, redigira em um dos dias, que passára nas Paineiras, quando regente, propunha no art. 8º daquelle projecto, que ficasse de novo em vigor o mencionado decreto, e com o caracter de lei na parte relativa ao abuso da imprensa. E' certamente digno de elogios o discurso, com que Feijó justificou a necessidade das medidas propostas nesse projecto, algumas das quaes foram adoptadas na reforma do codigo do processo criminal.

Finda a sessão, retirou-se Feijó para S. Paulo, e quando com as viagens parecia completamente restabelecido, foi acommettido de uma paralyisia, de que ficou de todo sem acção do lado esquerdo. Nestas tristes circumstancias, não pôde Feijó vir á sessão do anno de 1840; e soffrendo as maiores contrariedades e privações, ninguem o vio jamais dar a menor demonstração de desanimo, antes resignado com a vontade do Eterno, assim mesmo celebrava em todos os domingos e dias santos, no oratorio de sua fazenda, em Campinas, e fazia tocantes predicas ao immenso povo da vizinhança, que se reunia a cumprir o preceito da missa, chamando-o ao temor de Deus, e ao culto da Virgem junto á Cruz, de que era muito devoto.

Tendo nesse anno cessado o governo da regencia com a proclamação da maioridade, logo que constou ao monarcha as privações que estava soffrendo Feijó, concedeu-lhe, por effeito de sua alta beneficencia e

magnanimidade, uma pensão de 4:000#000 annuaes por decreto de 24 de Dezembro, que foi approved pela assembléa geral, e sancionado em 15 de Junho de 1841. Então, apesar de bem doente, achava-se Feijó na Côrte, e mesmo assim tomava parte nas discussões do senado, comquanto fizesse para isso grande esforço, por embarçar-lhe a pronuncia o torpôr, que, em consequencia da enfermidade, lhe ficára na lingua.

Por decreto de 18 de Julho desse mesmo anno, ainda a imperial munificencia mais honrou ao ex-regente Feijó, dando-lhe a grã-cruz da imperial ordem do Cruzeiro, e elle por tudo tão reconhecido se mostrou, que, quasi sem poder andar, foi beijar a mão bemfazeja do mesmo Augusto Senhor.

Obrigado a voltar à sua provincia antes de encerrada a sessão, por aggravarem-se cada vez mais os seus incommodos, continuou como d'antes na sua fazenda de Campinas, mais occupado dos exercicios espirituaes, que dos temporaes.

Infelizmente, no principio do anno de 1842, começou a provincia a agitar-se com a publicação das leis de 23 de Novembro e 3 de Dezembro. A assembléa provincial, então reunida, e da qual faziam parte as principaes notabilidades da provincia, deliberou dirigir uma deputação ao throno imperial, afim de ponderar as tristes consequencias que deviam provir da execução de taes leis. A deputação, porém, não foi recebida, e tendo de regressar sem nenhuma decisão do governo, deu lugar a que o povo procurasse pelos meios materiaes o deferimento, que acabava de ser negado à deputação da sua assembléa.

Feijó comquanto homem de principios e de ordem, não desconhecia, todavia, o direito de resistencia legal, como assaz o demonstrou quando regente, extremando a sedição do Rio Grande, da rebellião do Pará, no modo da pacificação de uma e de outra provincia. Vendo, pois, compromettidos os seus amigos, entendeu que os não devia abandonar, talvez persuadido que a sua intervenção serviria a obstar excessos.

Falharam, entretanto, as suas previsões, e lastimando os factos que seguiram-se, diremos sómente que, com espanto geral, vio-se, depois de pacificada a provincia, a deportação de Feijó e Vergueiro, sem attenção aos privilegios que ambos gozavam como senadores do Imperio! Transcrevendo a seguinte carta de Feijó a um dos deportados em Lisboa, de sua intimidade, conhecer-se-ha quanto são ephemeras e illusorias as cousas deste mundo.

« Meu caro G.—Aqui estou degredado na Victoria, tendo vindo deportado com o Vergueiro para o Rio, onde, nem ao menos, se nos permittiu desembarcar, estando apenas um só dia no porto. Nesse pouco tempo, o nosso bom compadre Figueiredo fez-me toda a casta de obsequios, evitando que eu viesse sómente com a roupa que trazia no corpo. Não tive o gosto se quer de beijar a mão de tua virtuosa mãe, e aqui viemos ao abandono, e a não ser a caridade do commandante, o Paixão, que nos poz á sua mesa, teriamos de comer a ração do porão. E' assim que o Brasil tem constituição..

« Muito senti o teu degredo, porém ao menos estás em melhor mundo, e livre da solidão desta Victoria.

« S. Paulo emporcalhou-se. . . . o resto da provincia entregou-se á sorte. Talvez ali vejas nos *jornaes* do

Rio a minha correspondencia com o Costa, e por ella podes fazer idéa do que por cá tem havido.

« Moro aqui com o Vergueiro, unico companheiro que me resta; elle pede-me que o recomende á tua lembrança. Dá saudades ao Meirelles, e um apertado abraço ao nosso Limpo, a quem depois escreverei, que agora não posso. A minha enfermidade cada dia mais se aggrava, sem esperanza alguma de melhora: não sei se ainda terei o prazer de abraçar-te; entretanto continuo resignado com a vontade de Deus.

« Não te descuides de escrever-me; pois, se sempre apreciei a tua correspondencia, muito mais agora neste ermo onde habito. Sê feliz e dispõe de mim como do teu amigo.—*Feijó*.

« Victoria, 11 de Agosto de 1842. »

Com a reunião da assembléa geral, em Dezembro, cessou o degredo, e Feijó foi mandado vir para tomar assento no senado, onde se apresentou na primeira sessão preparatoria a 26 desse mesmo mez. No dia 1º de Janeiro de 1843 teve logar a sessão imperial da abertura, e, na sessão de 12, mandou Feijó á mesa um requerimento, para que, em observancia do art. 173 da constituição, a commissão respectiva examinando os actos do governo, que indicava, entre outros, o de ter delegado em alguns presidentes a autoridade de suspender as garantias; deportar e conservar os deportados, mesmo senadores, fóra de seus domicilios, além do tempo da chamada suspensão; declarasse se, taes actos, eram ou não constitucionaes, e indicasse os meios de providenciar agora, e para o futuro, contra outras semelhantes violações da constituição. Esta indicação tendo sido apoiada, depois de mui discutida,

não passou por mui pequena maioria, na sessão de 19 do mesmo mez.

Emquanto tudo isto se passava, um monstruoso processo se organisava na capital de S. Paulo, em que Feijó e Vergueiro foram pronunciados como cabeças de rebellião! Com officio do ministro da justiça, foi esse processo apresentado ao senado na sessão de 28 do referido mez, e remettido ás commissões de constituição e legislação, as quaes na sessão de 3 de Fevereiro, deram o seu parecer; e para que se conheça a maneira por que consideraram tão importante objecto, passamos a transcrever o penultimo paragrapho, e a sua conclusão :

« As commissões entendem que um dos meios indispensaveis para esclarecimento e apreciação deste objecto, é a publicação de todas as suas circumstancias, isto é, os factos e as razões qualificativas delles; e reconhecem assim tanto mais, quanto a gravidade dos crimes imputados, e alta gerarchia dos accusados, interessam sobre maneira a todos. Isto posto, não só para que o senado, ficando ao alcance de bem pesar toda a materia, se guie immediatamente pelas suas proprias convicções, com o para que os Srs. senadores, ora accusados, tenham logar a concorrer para a manifestação da verdade procurada, assentam as commissões reunidas, que, antes de tudo, se lhes franqueem os respectivos processos, e sejam elles ouvidos por escripto; pois que, de suas contestações, poderá melhor resultar a luz, e formar o senado um juizo tanto mais seguro, quanto forem apropriadas e concludentes as razões que elles queiram subministrar ao seu criterio.

« 1.º Que se dê aos accusados vista de seus respectivos processos para allegarem dos seus direitos o que entenderem.

« 2.º Que, com as respostas ou razões offerecidas, se imprimam os processos que ainda não correm publicados.

« 3.º Que na execução dessas medidas, se observe a deliberação tomada pelo senado em Julho de 1829.

« 4.º Emfim, que no conhecimento destes e de quaesquer outros processos crimes individuaes, de que conhece o senado, se siga a lei da responsabilidade dos ministros e conselheiros de Estado, naquillo que fôr applicavel. »

Este parecer foi approved no mesmo dia ; e indo os autos com vista ao Sr. Feijó, apresentou este a sua resposta na sessão de 12 de Maio, a qual foi mandada imprimir. S. Ex. começou dizendo, que só, para dar uma prova de consideração ao senado, passava a responder á pronuncia que o qualificava cabeça de rebellião, embora não tivesse vindo o processo todo, como ordena a constituição e a lei, e tivesse sido feito por pessoa incompetente ; com o que não se occuparia ; e qualquer que fosse o valor que o senado lhe quizesse dar, serviria de mostrar o miseravel estado do paiz. Com os artigos do Código Criminal, demonstrou as circumstancias precisas para haver crime de rebellião ; assim como, que pelo modo por que a nossa legislação tem definido o que é autor, fazendo differença entre cabeça e autor, nunca poderia ser elle qualificado cabeça no mesmo processo. Declara que nunca negou ter adherido e approved o movimento sedicioso, o que se conheceria da simples leitura das suas cartas ao barão de Caxias, e officios ao

barão de Mont'Alegre, e por isso mesmo não podia ser cabeça ; provando-o com a minuciosa analyse dos depoimentos das testemunhas mencionadas no incompleto processo, proseguiu dizendo... « que se todos os cidadãos fossem fieis ao juramento prestado á constituição, nunca haveriam movimentos revolucionarios, por que os que ousassem lançar sobre ella mãos sacrilegas, cahiriam cobertos de maldições e desprezo, quando não soffressem as penas da lei. Entende ser um dever de todos que prezam os fóros e dignidade de cidadãos livres, opporem-se ás infracções da constituição de seu paiz, não só por todos os meios que esta e as leis lhes facultam, como tambem, faltando estes, por todos os outros que lhes restem ; pois se em outros tempos isso tivessem feito a Inglaterra e a França, se não se tivessem deixado intimidar pelos anarchistas de então, não se teria horrorisado o mundo, vendo as catastrophes de Carlos I e de Luiz XVI, sacrificados, pela infracção das constituições destes paizes, ao odio dos mesmos infractores dellas. »

Justifica os seus principios com os esforços que, desde que entrara na vida publica, havia empregado para consolidar a liberdade por meio da monarchia representativa ; e diz « que seria incoherente se, vendo a constituição mutilada, violada, escarnecida, e por consequente os perigos a que ficaria exposto o paiz, pelas leis da reforma judiciaria e Conselho de Estado, que acabavam com a liberdade do cidadão, e cortavam as attribuições do monarcha, se deixasse ficar insensivel, e não tomasse parte no movimento revolucionario, a que os seus amigos recorreram em ultimo caso. »

Depois de mencionar os extraordinarios serviços prestados pelo Sr. D. Pedro I, dando-nos a independencia e a liberdade, e a Portugal a restauração da constituição violada pelo Infante D. Miguel, sem que jámais fosse censurado como rebelde; assim como aos que na Inglaterra vingaram a constituição violada por Cromwel e seus adherentes, e depois pelos Stuarts, e a consolidaram finalmente em 1688; e aos que em França reagiram contra os ministros que violaram a constituição em 1830; e de ter finalmente provado, que não houve rebelião em S. Paulo, e que não podia ser considerado cabeça, no movimento contra aquelles que se rebelaram violando a constituição do Estado, que não é um crime antes um dever, termina a sua defeza do seguinte modo:

« Assim como não me occupei com as innumeradas nullidades desse monstruoso processo, não me occuparei tambem com o proceder do senado, mandando-me responder sem lei ou artigo regimental, e pretendendo julgar-me sem lei, ou ao menos sem lei anterior ao facto, contra a expressa determinação do § 11 do art. 179 da constituição; eu resigno-me a tudo, deixo tudo ao juizo do senado, certo de que, em tempos como estes e em crimes taes, rara vez se ouve a voz da justiça e da razão, e tarde é que apparece o remorso: não serei eu a primeira victima immolada pela defeza das liberdades publicas: talvez mesmo são indispensaveis taes sacrificios para firmar-se uma constituição, porque todas as nações os teem tido: oxalá seja eu a unica victima, e assim se consolide em meu paiz a monarchia representativa! Oxalá que o triumpho definitivo della, embora infallivel, não seja á custa de muitas victimas mais!

« Já eu, embora sem culpa formada, embora senador, fui preso, deportado e degredado contra a lettra expressa da constituição ; enfermo como sou, e todos reconhecem, fui lançado nas praias da Victoria, sem que nem ao menos se me prestassem os alimentos na viagem, e sem que lá se me proporcionassem meios de conservar a vida ; fui assim conservado no degredo muito depois de finda a suspensão das garantias, pretexto das violencias praticadas : regressando a esta, depois de tantos incommodos, quasi moribundo, como vêdes, nem ao menos se quiz conhecer desses attentados contra mim praticados, que o são igualmente contra a constituição e contra o senado, antes se honrou com a presidencia d'elle a esse mesmo que tinha praticado a mór parte das violencias : que pois mais poderei soffrer ? Já quasi de sessenta annos, e, além disso, já á borda do tumulto, poderei acaso apreciar tanto esses poucos dias, que me possam restar de vida, muito mais quando pelo meu estado de saude, não os posso mais empregar a bem do paiz ?

« Tendo tido tal ou qual parte nos negocios do Brasil desde 1821, em que despontou a aurora de sua felicidade, já em Lisboa, já na camara dos deputados e no senado, já nos conselhos, geral e do governo, e na assembléa provincial de S. Paulo, já como ministro e regente ; ténho a consciencia de que só procurei sempre o bem do paiz, trabalhando unicamente para o consorcio da liberdade com a autoridade, por meio da monarchia representativa : este unico pensamento dirigiu-me, e nunca a ambição e o egoismo, como o provaram meus actos. Foi pois esse mesmo pensamento que me dirigiu nos meus ultimos actos em S. Paulo : quem tivesse

conhecido minha vida anterior, não deveria esperar de mim outra conducta : fiz então o que fiz sempre, trabalhei como sempre, pelo triumpho da monarchia representativa.

« A' vista do exposto, parece-me evidente que eu não sou culpado; mas, se diverso é o juizo do senado, se elle me é desfavoravel, consolo-me com a consciencia de ter desempenhado um dever, e de que eu seria indigno da estima dos meus concidadãos, se outra tivesse sido a minha conducta; resigno-me satisfeito a todas as consequencias, quaesquer que sejam, descansando na acção da Providencia, e della esperando com confiança, tarde ou cedo, o remedio aos males do meu paiz.

« Tenho concluido.

« Rio de Janeiro, 12 de Maio de 1843.—*Diogo Antonio Feijó* ».

Tão conhecida era a infirmitade do processo vindo com tanta precipitação de S. Paulo, que o ministro da justiça, com novo officio, remetteu, na sessão de 3 de Julho, as cópias *exigidas pelo governo ao presidente da mesma provincia, por ter-se notado que os processos dos senadores Feijó e Vergueiro, não continham todas as testemunhas que no processo geral haviam-se referido aos ditos senadores*. O senado mandou ás commissões a que estavam affectos estes negocios.

Entretanto, a enfermidade de Feijó se tornava cada dia mais grave; por isso foi elle obrigado a dirigir ao senado o officio lido na sessão de 7 de Julho, pedindo decisão do processo em que se achava pronunciado, visto não poder continuar a rezidir na Côrte pelo estado de sua saude; que no caso de ser indispensavel a demora, se lhe concedesse licença para se retirar,

obrigando-se a comparecer logo que fosse necessario. Remettido ás commissões a que se achava affecto o respectivo processo, deram estas parecer na sessão de 10 do mesmo mez, julgando attendiveis as razões expendidas no officio, e concedendo a licença pedida. O senador Saturnino requereu urgencia, e teve por isso a primeira discussão immediatamente; continuando nas seguintes sessões, foi approvedo o parecer na de 14, permittindo-se a Feijó retirar-se para sua casa afim de tratar da sua saude.

Quando Feijó, em virtude desta licença, se achava em sua casa, na capital de S. Paulo, esperando a morte a todo o instante, eis que as commissões reunidas apresentaram na sessão de 31 de Julho o parecer ácerca do referido processo, concluindo — *que a vista delle, não podia Feijó deixar de ser considerado como cabeça, e que por isso devia o seu processo continuar, ficando suspenso do exercicio de seu logar de senador, enquanto se não mostrasse livre do crime.* O Sr. Visconde da Olinda, um dos membros das commissões, assignou-se vencido quanto ao Sr. Vergueiro, a quem a commissão não julgava cabeça, e quanto a Feijó, declarou: — *que tinha razão particular para não ser seu juiz.*

O senador Lopes Gama, porém, foi o unico membro da commissão, que em voto separado, exigiu que fosse presente ao senado o processo por inteiro, para que as provas que contra elle se offerecessem, podessem ser consideradas como resultado legal do mesmo processo.

Sustentando então o parecer, que como um dos membros da commissão de poderes, havia dado, disse em seu ultimo discurso na sessão de 2 de Junho: « Que muito glorioso lhe era defender um homem

abandonado do governo, e execrado da nação, não tendo para isso mais que o ser desgraçado; mas que também lamentava a sorte da especie humana, quando tinha de ser julgado pela razão do mesmo homem.» Depois de mostrar com os artigos da constituição, quaes os direitos exigidos para ser-se deputado, e destruido todos os argumentos com que fôra arguido pelos mais distintos oradores daquela camara; terminou declarando... «que se quizessem examinar a sua idoneidade, Feijó se demittiria immediatamente, para não ser coberto de injurias e insultos, como acontecia, desde que se descia á personalidade.»

Em resultado, nessa mesma sessão foi approvedo o parecer da commissão por quarenta e um votos contra quarenta e cinco em votação nominal, cuja importancia melhor se poderá apreciar á vista dos nomes mencionados na acta respectiva. Clemente Pereira provocado pelo senador Ferreira de Mello não só negou que tivesse cabalado para ser membro de semelhante commissão, como confessou-se agradecido a Feijó, e propoz o adiamento da discussão para o anno seguinte.

Na sessão de 11 de Agosto, começou a discussão do parecer e voto separado, sendo necessario os esforços dos mais importantes discursos de Paula Souza, para no fim de cinco dias de renhido debate, vencer-se que fosse discutida separadamente a conclusão do parecer na parte relativa a Vergueiro, a qual passando á segunda discussão, foi approveda na sessão de 18. Então seguiu-se nesse mesmo dia a primeira discussão da parte relativa a Feijó, requerendo Paula Souza, que adiado o parecer, se discutisse primeiro o voto separa-

do. Sem tratarmos dos magníficos discursos de amigos e correligionarios de Feijó, como Paula Souza, Costa Ferreira, depois barão de Pindaré, e Ferreira de Mello, diremos que a gloria desta intrincada discussão, pertenceu toda aos distinctos e illustrados senadores visconde de Maranguape, e visconde de Albuquerque.

O Sr. Maranguape justificando a necessidade da approvação de seu voto disse: « que quando o poder judiciario tem de tomar conhecimento de um facto, é preciso decidir pelas provas dos autos, e não pelo que diz o governo... Ora, o acontecimento de Sorocaba foi considerado pelo governo como rebelião, em razão de conterem os municipios, que a elle adheriram, mais de vinte mil almas, e fez se corpo de delicto debaixo desse ponto de vista... » Houve um desses crimes no Rio de Janeiro, zo qual o governo qualificou de tentativa, entretantó a Relação disse — não é tentativa, é conspiração, e nesse sentido julgou que podia dar, como deu, um *habeas corpus*... O que eu queria era ver no processo verificada e provada a rebelião; é por isso que eu quiz o processo inteiro.

« No processo de Feijó como era o unico, cujas provas importavam para mim a continuação delle, queria ver tudo para verificar se o juiz tinha perguntado — até que ponto aquellas povoações que se tinham empenhado no acontecimento o tinham feito; tudo é preciso para um juiz, á vista dos artigos do codigo, dizer tal movimento é rebelião. S. Ex. continuandó em outros luminosos raciocinios de direito, e do modo por que na Inglaterra e França são julgados taes processos; abundando em infinitos exemplos, prosegue com a seguinte declaração :

« . . . . Privilegio de ser julgado pelo senado é um, e o privilegio de decidir-se que um processo continue ou não, é outro, e estou persuadido que não precisamos tal privilegio, tendo o outro de ser julgado no senado, porque este demonstrava a inutilidade de outro . . . »

O visconde de Albuquerque com o cavalheirismo, generosidade e independencia de character, que tanta consideração e amor lhe grangeou entre todos os partidos, assim se exprimiu : *O juiz deve discutir pouco : a defeza dos réos é para os advogados, e a accusação para os accusadores.* Apresentou as considerações capitaes que o levavam a sustentar o adiamento, e a necessidade de ser presente ao senado o processo por inteiro . . . « Não podendo o Sr. Feijó comparecer a esta discussão e tratar de sua defeza, por ter-lhe o senado concedido licença, e achar-se ás portas da morte, *que pressa haverá de emitir nos já um juizo destes, quando temos uma proposição que diz : informemo-nos melhor acerca deste processo ?*

« A casa sabe que não nutro esses motivos de amizade que outros teem para o Sr. Feijó; tenho sim sentimentos de sympathia pela nobreza de seu character, pela sua franqueza, e por outras qualidades distinctas . . . mas não serei eu que diga, que um cidadão respeitavel por tantos titulos, que foi escolhido pelo meu paiz para estar á testa de sua administração, desça á campa coberto com uma nodoa, que poderá ser que lhe não pertença ! . . . »

« Senhores, que pressa temos de lançar já um decreto ignominioso ? . . . Seremos nós tão indifferentes á reputação de nossos collegas ? A pessoa deve-nos merecer alguma consideração; não prostituamos assim, senhores, aquillo que devemos respeitar ! . . . O Sr.

Diogo Antonio Feijó não é um cidadão ordinario, não só pelas qualidades individuaes, mas pela posição que occupa em nossó paiz! »

Na sessão de 19, respondendo ainda ao discurso do ministro da justiça, entre outros mui brilhantes raciocinios, diz : « Senhores, fallar de si, é sempre máo, e fallar de si sem interesse da causa publica, é pessimo. Mas quando o interesse publico o reclama, não ha remedio senão sacrificar-se o individuo.

« Eu, depois de ter fallado em salvar reputações, fallei com effeito da reputação do Sr. Feijó; e tive de mencionar uma opinião que não é de hoje: o muito respeito que tributo ao nobre cidadão Diogo Antonio Feijó. A primeira vez que tive noticia do Sr. Feijó, foi quando estive nas côrtes de Lisboa; conheci-o depois na camara dos deputados, desde que se abriram as primeiras camaras no Brasil, e respeito e symphathia para com elle tive-a constantemente. Para respeitar o Sr. Feijó (quero pagar-lhe uma divida que todo o cidadão honesto deve pagar) bastava, Sr. presidente, considerar o character do nobre paulista, e que a sêde do ouro nunca entrôu naquelle cidadão! Seu desinteresse, sua probidade, tenha os defeitos que tiver, tendo isso, não se póde deixar de respeitá-lo. »

« Mas no seculo de corrupção em que vivemos, quando Israel é quem governa, apparecer um homem para quem o ouro é cousa desprezível, é para admirar, e muito! O Sr. Feijó pois, ponham-lhe as pechas que quizerem, ha de ser sempre respeitado pelos seus patricios, pelos estrangeiros e pela posteridade! Mas não é só a sêde do ouro que o não póde accommetter:

elle tambem despreza as honras... Sua vida foi sempre singela, nunca pretendeu essas distincções exteriores; esse cidadão, eu me recordo e todo mundo o sabe, rejeitou um bispado! Pois um ambicioso, a quem se offerecesse uma mitra, não a rejeitaria. O Sr. Feijó foi regente, e sahiu da regencia com o maior desapego que se póde ter. Não sei pois, em que se póde dizer que um cidadão, que mostra tanta indifferença por estas cousas, não seja um cidadão respeitavel.

« Em verdade, grande desinteresse mostrou elle em deixar a regencia; mas grande erro commetteu nisso, e grandes contas o seu paiz tem de tomar-lhe por semelhante erro, e oxalá que fosse só esse illustre cidadão que errasse! Na minha opinião errou elle, erraram todos aquelles que para isso concorreram: erraram todos aquelles que trabalharam para se consumir esse acto de desgraça! O nobre ministro da justiça chama-me a terreiro? Diz que eu fiz guerra e fui inimigo do Sr. Feijó? Quando eu não tivesse outros juizes, eu não chamaria para ser julgado a este respeito, senão a consciencia e a rectidão do proprio ministro da justiça.

« Até o anno de 1830, estive na camara quasi sempre votando com o Sr. Feijó; até essa época o meu deputado era o Sr. Feijó; o homem que me pareceu mais interessado pelo meu paiz, mais independente, foi o Sr. Feijó; dei-me com elle. Apareceu o acontecimento de 7 de Abril, veio o Sr. Feijó de S. Paulo, e correspondeu a essa opinião, que não só eu tinha d'elle, mas muitos outros. Apresentou-se o Sr. Feijó na camara, em sessões secretas, é ver-

dade, mostrando os sentimentos os mais dignos de serem applaudidos por todos os brasileiros. Foi o Sr. Feijó em consequencia disso chamado ao ministerio da justiça; fiz opposição, não ao Sr. Feijó, fiz opposição aos seus actos. Especialmente oppuz-me aos sentimentos de querer o Sr. Feijó constantemente achar o paiz submergido, não ter esperanza em cousa nenhuma, e tudo pintar com côres negras. . . . Eis o primeiro motivo da minha opposição. Depois, o Sr. Feijó commetteu alguns actos como ministro da justiça que eu não achei bons.

« O Sr. Feijó salvou o paiz em crises mui importantes; mas nem por isso eu sympathisei sempre com alguns meios seus, com algumas medidas por elle tomadas. Porém, porque achei que uma ou outra medida não foi boa, segue-se que não hei de tributar respeito pelas grandes medidas tomadas em taes e taes acontecimentos? Porque eu reconheço tantas virtudes individuaes e mesmo publicas, hei de approvar cousas que julgo prejudiciaes ao meu paiz?

« Trata-se de pronunciar um membro desta casa, e eu pergunto se ha todos os elementos para o pronunciar. Um membro de commissão diz: Não; são precisos mais esclarecimentos. E pergunto; ha algum inconveniente nessa demora? Todos respondem: Não. Pois então o que temos a fazer? Deferir o requerimento do adiamento, pedirmos maiores esclarecimentos, e assim, damos, a meu ver, satisfações muito concludentes, muito fortes a quem quer que queira censurar o nosso procedimento. Mas se desprezarmos isto, se entrarmos logo na discussão da pronuncia, talvez não só os principios

da justiça, mas mesmo os principios da acção politica sejam compromettidos. »

« Supponho ter dito bastante para provar, que o parecer de um membro dissidente da maioria deve ser approvedo; assim como o requerimento do Sr. Paula Souza. »

Continuando a discussão, ficou no dia 23 adiada pela hora, e como não tivesse sido dada para a ordem do dia seguinte, requereu o senador Ferreira de Mello que *prosequisse com preferencia essa discussão*, cujo requerimento não foi approvedo; e desde esse dia 24 de Agosto até 24 de Outubro, em que teve logar a sessão imperial do encerramento, nunca mais se tratou de tal materia.

Entretanto Feijó, *cercado como Job, de dores do inferno*, com igual paciencia, só encontrava allivio nos recursos espirituaes e Sacramentos da Igreja. Conheceu-se então o amor que lhe tributavam os seus patricios e habitantes de S. Paulo, sem distincção de partidos, no interesse que tomavam pela sua saude. Feijó sempre que permittia o seu estado, a todos acolhia com a sua costumada affabilidade, e com uma quietação de espirito raras vezes vista em taes circumstancias, não cessava de fazer sentir a conveniencia da observancia das doutrinas de Jesus Christo, repetindo textos dos sagrados livros. Depois de assim passar agonisante algumas semanas, deu a alma ao Creador a 9 de Novembro pelas 10 horas da noute, deixando um vasio bem difficil de encher-se; pois homens taes, poucas vezes a Providencia nos depara. Sua perda foi geralmente sentida, e ainda hoje commemorados com saudade os importantes serviços, que em crises as mais difficeis e arris-

cadás prestára ao paiz ; por isso acreditamos piamente que sua alma goza a *bemaventurança da luz eterna*.

Embalsamado o seu cadaver, foi a 14 conduzido para a igreja dos terceiros de Nossa Senhora do Carmo, sendo o seu enterro o mais pomposo, que até então se tinha visto na capital de S. Paulo, não obstante haver elle no testamento com que fallecêra, declarado o seguinte: «Quero ser enterrado sem acompanhamento, nem officio, e de lôba sómente.» Todas as corporações religiosas, grandes e pequenos de todas as classes, e de todos os crédos politicos o acompanharam ao seu ultimo jazigo, vindo muitos seus amigos afeiçoados, de mais de vinte leguas de distancia, para tomarem parte neste acto de piedade e religião. No seguinte dia, depois de findo o officio de corpo presente, a missa solemne e encomendações de estylo, subiu ao pulpito o Rev. padre Pedro Gomes de Camargo, e, em um eloquente e pathetico discurso, de tal modo descreveu as virtudes do varão de quem havia sido um dos discipulos, que fez derramar lagrimas aos seus ouvintes. Terminadas as ceremonias religiosas, ao dar-se o corpo á sepultura, foram feitas pela tropa de todas as armas, que se achava postada nas immediacões do templo, as honras militares que lhe competiam como Grã-Cruz da Imperial Ordem do Cruzeiro.

Sumptuosas exequias se seguiram não só em quasi todas as cidades e comarcas de S. Paulo, como nas de outras muitas differentes provincias.

Alguns annos depois entenderam os seus parentes, que lhe deviam dar um jazigo perpetuo na igreja da ordem terceira de S. Francisco, de que era então commissario o seu particular amigo, o honrado brigadeiro

Raphael Tobias de Aguiar, e para alli particularmente foi trasladado no mesmo caixão de chumbo; conservando-se ainda hoje o seu cadaver em perfeito estado, assim como o seu coração, tambem na mesma redoma de vidro em que havia sido collocado. Houve quem applicasse a Feijó o verso 6º do Psalmo VIII que diz— *Minuisti eum paulo minus ab Angelis, gloria et honore coronasti eum, et constituisti eum, super opera manum tuarum.*—

Com mui tenue differença  
Dos anjos o distinguiste :  
De dotes, de honra e gloria  
O c'roaste, o revêstiste :  
Sobre as mais obras divinas  
Tu lhe déste a preferencia.

Diz o Sr. Homem de Mello, em 1858, nos seus *Estudos Historicos Brasileiros*.

« Feijó é um dos vultos mais notaveis e mais bem caracterisados de nossa galeria politica; dotado de uma probidade á toda prova, e talhado pela sua energia de ferro para as grandes crises e commoções sociaes, elle desenvolveu na vida publica esse nobre e elevado character de desinteresse e civismo patriotico, que o colloca entre os maiores homens do nosso paiz. »

## DOMINGOS BORGES DE BARROS

(VISCONDE DA PEDRA BRANCA)

Nasceu em 1783 na provincia da Bahia, e formou-se em philosophia na Universidade de Coimbra.

Foi deputado ás côrtes constituintes portuguezas pela sua provincia, e mostrou talento oratorio: vol-

tou ao Brasil, quando declarada sua independência, aceitando cargos de diplomacia.

Teve carta de conselheiro, e de senador do Imperio, e viajou em varios paizes da Europa.

O madrigal era sua arma favorita, na altura delicada das musas, aonde teve distincto logar, como um dos melhores poetas deste seculo.

No congresso apresentou, entre outras propostas, uma para emancipação do sexo feminino, pretendendo para elle a fruição dos direitos politicos.

Falleceu em 1855.

Conta o Sr. Joaquim Norberto, que a paralytia detendo-o no caminho da vida, já em estado valetudinário, uma menina veio trazer o seu album ao visconde, e pedir-lhe uma contribuição. O velho tomou a penna, e escreveu sem pensar :

Brasilia toma o teu album,  
Não bulas comigo, não ;  
Se as pernas andar não podem,  
Inda pula o coração !

### DOMINGOS CALDAS BARBOZA (\*)

Natural do Rio de Janeiro, e,segundo outros, nascido sobre as ondas do oceano. Desde menino tornou-se improvisador, e esse dom com que a natureza procurou compensar-lhe o accidente da côr escura, lhe foi fatal.

Tão facil era em metter a ridiculo, em seus improvisos, todas as pessoas que lhe cahiam no desagrado,

---

(\*) Vide *Revista Popular*, vol. 14, 1862, artigo do Sr. J. Norberto sobre os poetas repentistas brasileiros.

tantas queixas appareceram por esse motivo contra o joven poeta, que o governador capitão-general Gomes Freire de Andrade, depois conde de Bobadella, fel-o arrancar dos bancos da escola, e seguir com praça de soldado para a colonia do Sacramento.

Alli morreria desconhecido, se a invasão daquella praça pelos hespanhoes, em 1762, não o obrigasse a regressar ao Rio de Janeiro, com o resto da guarnição. Deu baixa, seguiu para Portugal, onde encontrou a protecção do conde de Pombeiro, e do conde de Figueiró, que lhe franquearam sua casa, e o apresentaram ás pessoas mais gradas da cidade do Porto.

Passando á Lisboa em companhia de seus protectores, tomou ordens sacras. Suas prendas o tornaram ali conhecido de todas as sociedades, que o admiravam pela habilidade com que se acompanhava, á uma viola, cantando seus improvisos, que constavam de glosas sobre assumptos que lhe davam, ainda os mais difíceis. Em todas as reuniões, em todos os passatempos, mesmo aristocratas, faltava o encanto, se o poeta brasileiro não comparecia com sua viola, e não entoava as modinhas brasileiras com a sua voz doce, harmoniosa e um pouco descaçada.

Nem todas as suas poesias se publicaram. Perderam-se, ou se apagaram os rasgos de sua musa satyrica, desde a experiencia que tão cara lhe custara na juventude.

Encontrando-se uma vez Caldas com o padre Antonio Pereira de Souza Caldas, dirigiu-lhe por cumprimento a seguinte quadra, em que mostra as contrariedades que se davam entre elles, até na côr :

Tu és Caldas, e eu sou Caldas,  
Tu és rico, e eu sou pobre;  
Tu és o Caldas de prata  
Eu sou o Caldas de cobre.

Falleceu em 9 de Novembro de 1800.

### DOMINGOS RIBEIRO DOS GUIMARÃES PEI- XOTO (DR.)

(BARÃO DE IGUARASSU)

No fim do seculo passado nasceu em Pernambuco este varão que se tornou grande e illustrado, já como professor de cirurgia da escola de medicina do Rio de Janeiro, cuja criação a elle se deve em grande parte, e cujos estatutos fez e imprimiu á sua custa, já como homem particular, pois os seus amigos e sua familia perderam nelle um arrimo e protector.

Do conselho de Sua Magestade fidalgo cavalleiro, official mór da casa imperial, commendador de diversas ordens, medico da imperial camara, obteve o gráo de doutor em medicina pela faculdade de Paris, e foi membro correspondente de diversas academias e sociedades scientificas da Europa.

Falleceu em 29 de Abril de 1846, deixando balda de recursos e em triste orphandade sua numerosa familia.

### EUSEBIO DE MATTOS (FR.)

Nasceu na cidade da Bahia em 1629. Depois de cursar os primeiros estudos, tomou o habito de padre da companhia de Jesus, na qual porém não permaneceu muito tempo, passando-se para a ordem dos Carmelitas, sob

cuja regra findou a vida, isenta de nodosa e cheia de virtude.

Era irmão de Gregorio de Mattos, (\*) porém uma antithese perfeita do genio deste Juvenal brasileiro.

Distinguiu-se nas cadeiras de philosophia e theologia, onde leu por muitos annos; sendo concordes os historiadores e biographos em elogiár seus talentos e altos dotes oratorios. Foi tambem musico, arithmetico, pintor e poeta, mostrando em tudo tal talento, que Vieira o admirava, dizendo:— *que Deus se apostára em o fazer em tudo grande, e que não fôra mais por não ter querido.*

### EUSEBIO DE QUEIROZ COUTINHO MATTOSO DA CAMARA

Nasceu em S. Paulo de Loanda a 12 de Dezembro de 1812, ao tempo que seu pae servia alli o logar de ouvidor geral da comarca.

Seu pae o conselheiro Eusebio de Queiroz Coutinho da Silva era casado com sua prima D. Catharina M. de Queiroz Camara. Houveram cinco filhos deste consorcio, mas Eusebio foi o primogenito dos dous unicos, que escaparam ao clima deleterio da Africa Portugueza. Veiu com tres annos de idade para o Rio de Janeiro, e levado ao Serro Frio quando tinha seis annos, aprendeu ahi as primeiras lettras. Em 1822 aprendeu latim em Pernambuco com o padre Francisco do Rego Barros, em 1826 e 1827 frequentou o seminario de S. José, estudando philosophia com o padre-mestre Fr. Peres, e rethorica e grego com o padre-mestre Fr. Custodio de

---

(\*) Vid. *Selecta Brasiliense* 1ª serie, pag. 73.

**Maria.** Este professor fazia de seu discipulo tal conceito, que no attestado de frequencia declarou ser tão distincto, que se houvessem premios nessas aulas, os seus mesmos condiscipulos proclamariam que a elle se deviam. Em 1828 repetiu na Bahia a aula de rhetorica, quando se abriu o curso juridico de Olinda, para onde seguiu em companhia do primeiro lente daquella academia, e seu director interino desembargador Lourenço José Ribeiro.

Foi premiado em todos os quatro annos do curso, cabendo-lhe a honra de ser premiado com o fallecido bispo do Rio de Janeiro o Sr. conde de Irajá, que já era sacerdote e lente de theologia moral no seminario de Olinda.

Fechada a academia antecipadamente pelas perturbações politicas de 1832, fez acto e tomou o grão de bacharel no mez de Setembro, e aos 20 de Outubro chegou ao Rio de Janeiro para a companhia de seu pae, que servia então no Supremo Tribunal de Justiça.

Em 9 de Novembro foi nomeado juiz do crime do bairro do Sacramento na Côrte, logar que começou a servir com o de juiz de fóra no dia 24 de Novembro de 1832! Ia fazer 20 annos em 27 de Dezembro!

Em 1833 foi nomeado juiz de direito chefe de policia da Côrte que exerceu até Abril de 1844. A época era melindrosa:— filho de um homem que se occupava exclusivamente dos seus deveres como magistrado, e que se conservava extranho á politica, Eusebio continuou nessa vereda até 1849.

Em 1835 casou-se com D. Maria Custodia Ribeiro de Oliveira, filha de José Ribeiro de Oliveira e da hoje

condessa da Piedade, por ter casado em segundas nupcias com o conselheiro José Clemente Pereira.

Em Março de 1843 foi nomeado desembargador da Relação do Rio de Janeiro, continuando no exercicio de chefe de policia; apenas obteve a demissão desse cargo continuou a servir na Relação até Maio de 1848, em queda camara dos deputados, passou a occupar o ministerio da justiça em 29 de Setembro de 1848, onde se conservou até Maio de 1852.

Em 1840 apezar de candidato da opposição, obteve o 4º lugar entre os deputados do Rio de Janeiro para a camara, dissolvida nas sessões preparatorias no anno de 1842. Reeleito para de 1843 serviu nella até ser dissolvida, discutindo-se o voto de graças de que fôra relator, tendo previamente pedido, e obtido demissão de chefe de policia.

Voltou á camara dos deputados em 1848, de onde sahiu para o ministerio; reeleito constantemente dahi em diante, foi eleito e escolhido senador em 1854.

Quando em Março de 1833 entrou para o cargo de chefe de policia, este cargo não tinha attribuições definidas; não podia dar uma busca, e até havia quem lhe contestasse o direito de ordenar prisões. A consignação para a policia era apenas para pagar a secretaria, e deixava menos de 2:000\$ para eventuaes.

Entretanto a cidade estava inçada de ladrões, que atacavam as casas mesmo nas ruas as mais frequentadas, como a dos Ourives, Quitanda, Ouvidor, etc.

Pedro Hespanhol era seu chefe, que espalhava o terror e passeiava impune; as fabricas de cobre trabalhavam até na rua do Cano.

A actividade da policia apprehendeu em 1833, dentro de poucas semanas, mais de seis fabricas, uma dellas em tão grande escala, que excedia em alguns misteres á casa da moeda. Pedro Hespanhol foi preso depois de resistencia, que o deixou tão ferido, que em alguns dias morreu ; — sua quadrilha foi dispersada, indo a maior parte para as galés, sendo o seu ultimo feito o ataque da ilha da Caqueirada, onde foi assassinado o infeliz Liberal — algumas dezenas de seus socios foram purgar nas galés seus attentados.

O thesouro foi roubado, mas a perseverança da policia conseguiu em alguns mezes rehaver quasi todo o roubo, prender os salteadores, e, se todos não pagaram suas culpas, dependeu isso do jury de Nitherohy, de escandalosa celebridade então.

Diligencias importantes sobre o papel-moeda descobriram as fabricas até mesmo em Portugal, onde se encontraram provas e depositos por indicações da policia do Rio de Janeiro.

O Sr. Limpo de Abreu, visconde de Abaeté, dizia em 1836 em seu relatorio: « Só uma actividade que não cansa, um zelo que não desmaia, podem explicar algumas importantes diligencias, que se teem feito nesta capital. Além das prisões de muitos facinorosos, apprehendeu-se, no mez de Dezembro do anno passado, a um francez cerca de 99:000\$ em notas falsas. A fabrica foi vigiada constantemente pela policia por espaço de mais de um mez, e a apprehensão das notas effectuou-se precisamente na occasião em que ellas iam ser introduzidas em circulação. Uma diligencia delineada com tanta perspicacia, seguida com tanta perseverança e execu-

tada com tão feliz resultado, faria honra á policia mais bem montada. »

No senado o Marquez de Barbacena exaltava a nova actividade da policia, na camara dos deputados Marinho, Ottoni e outros membros de partidos oppostos elogiavam o joven chefe de policia.

O jury chegou a ter 11 sessões annuaes, das quaes oito presididas por Eusebio para pôr em dia processos atrasados desde 1808! Em Dezembro de 1833 houveram os disturbios da sociedade militar, e as medidas que tomou para suffocar esse movimento agradaram ao governo, que nesse tempo se correspondia directamente com os juizes de paz.

Se, como chefe de policia, Eusebio prestou ao paiz serviços reconhecidamente valiosos, ahi estão perduraveis outros que prestou como ministro da justiça desde 29 de Setembro de 1848 até 11 de Maio de 1852. A sua força de vontade é devida a existencia do nosso codigo commercial e respectivos regulamentos, a lei da guarda nacional, a cessação do trafico de africanos, a lei das terras publicas e muitos outros actos, que formam o corpo da legislação de 1850. O tempo tem mostrado a necessidade de serem alteradas algumas de taes disposições, mas ninguem contestou até hoje de boa fé, que o tempo e a occasião deixasse de exigir medidas, que a alguns espiritos pareceram de rigor.

Activo, de intelligencia superior, energico, como deputado e como senador, agradava na argumentação e na exposição oratoria.

Fez uma viagem á Europa, por occasião de sobrevir-lhe um amollecimento de cerebro, e em todos os paizes que percorreu foi visitado e muito considerado.

Não se restabeleceu porém, e a 7 de Maio de 1868 deu alma ao Creador, sendo geralmente lastimada para o paiz a perda de tão grande vulto.

### FABIANO DE CHRISTO (FR.) (\*)

Religioso leigo do convento de Santo Antonio, era natural de Braga em Portugal. Veiu moço para o Rio de Janeiro, onde tomou o habito de franciscano capucho, com o qual viveu piedosamente 41 annos, empregando não menos de 37 em servir de enfermeiro com singular piedade.

Foi homem tão venerando que era respeitado por todos os frades e pelas autoridades da casa.

Era conhecido e amado em toda a cidade, e muitos enfermos ricos e pobres vinham ao convento pedir ao simples enfermeiro a sua intervenção perante Deus.

Falleceu em 17 de Outubro de 1747 com o corpo martyrisado de chagas e soffrendo de hydropsia; despediu-se de seus companheiros com suaves consolações, annunciando-lhes o dia e hora de seu passamento, que exactamente veio a verificar-se.

Existem dous attestados passados pelo governador geral Gomes Freire de Andrade, depois conde de Bobadella, e do bispo D. Fr. Antonio do Desterro, nos quaes dizem — que viram o cadaver de Fr. Fabiano flexivel, com as faces rosadas, olhos crystalinos como vivos, e que das antigas e asquerosas chagas corria sangue puro e odorifero. (\*\*)

---

(\*) Vid. *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro* do Dr. J. M. de Macedo, 1º vol. 1862.

(\*\*) Estas attestações foram publicadas em sua integra no tomo segundo do *Brasil Historico*.

Foi homem rico de virtudes, pelo que a sua memoria merece louvor.

Uma noute um frade impertinente pelo genio, pela idade e pela molestia, pediu um caldo a Fr. Fabiano que servia de enfermeiro.

Satisfeito o pedido, como o frade não achasse o caldo a seu goste, atirou com a chicara delle ainda quente, á cara de Fabiano, ferindo-a e queimando-a.

Insensivel á dôr, e cheio de angelica paciencia, disse: « Perdô-me, meu padre, vou preparar-lhe outro caldo. »

O frade confundido com tal procedimento, desfez-se em lagrimas, e, esquecendo a molestia, lançou-se fóra do leito e exclamou:— Perdão. . . perdô-me pelo amor de Deus a offensa que lhe fiz. . .

No dia seguinte o prelado, vendo o enfermeiro com o rosto ferido, sem que elle lhe revelasse a verdadeira causa do damno, impoz-lhe o preceito da obediencia, a que Fr. Fabiano sujeitou-se de joelhos, com o Crucifixo na mão, pedindo e obtendo o perdão do offensor.

Só uma alma sobrehumana é capaz de tanta virtude!

## FRANCISCO ALBERTO TEIXEIRA DE ARAGÃO

Nasceu em Lisboa em 1788, e cedo dedicou-se á carreira da magistratura. Regressando de Paris em 1824, e vindo para o Brasil, foi nomeado ouvidor da comarca do Rio de Janeiro, e logo depois intendente da policia. Foi promovido a desembargador da relação da Bahia, commendador da ordem de Christo, e teve titulo de conselho. Em 1828 foi nomeado deputado da mesa da consciencia e ordens, sendo escolhido no mesmo anno

ministro do supremo tribunal de justiça, por occasião de sua criação. Nos ultimos annos de sua vida applicou-se a trabalhos litterarios, sendo o creador da primeira *Gazeta dos Tribunaes* que houve no Rio de Janeiro. De intelligencia superior, e incansavel magistrado, dedicou-se a tamanhos trabalhos no supremo tribunal, que accelearam sua morte occorrida em 15 de Junho de 1847.

### FRANCISCO ALVARES MACHADO DE VASCONCELLOS

Nasceu na cidade de S. Paulo a 21 de Dezembro de 1791. Foi oriundo, pelo lado paterno, de uma das mais distinctas familias, e de um dos ascendentes do celebre economista francez J. B. Say, e pelo materno do benemerito e fiel paulista Amador Bueno.

Deu-se muito cedo ao estudo da cirurgia, ao principio leccionado por seu proprio pae, e ao depois, em 1806, inscripto como praça ajudante de cirurgia na legião de voluntarios de S. Paulo, para ter direito não só a ouvir as lições dadas naquelle tempo pelo physicomór das tropas da provincia o Dr. Marianno José do Amaral, como a praticar no hospital militar da mesma provincia.

Assiduo em suas locubrações, e no feliz instincto de ser préstadio á humanidade soffredora, mereceu em breve a primazia entre seus condiscipulos, e a deferencia e consideração de seu mestre.

Obteve sua demissão em 1809 do logar de ajudante de cirurgia da legião, continuando porém a ter franca entrada no hospital militar, onde perseverou em sua

prática, guiado por seu pae, que então começava a gozar de grande reputação medica.

Em 1812 transferiu-se para Itú, e ahi firmou a séde de sua clinica, entregando-se a analyses e investigações de historia natural. Casou-se com D. Candida Maria de Barros, e deste consorcio houve uma filha.

Habile e afortunado, quanto beneficente, obteve em 1814 a nomeação de cirurgião-mór do 1º regimento de 2ª linha, confirmada por carta patente de D. João VI.

Obteve de seus comprovincianos suffragios para conselheiro, deputado provincial, e para deputado geral desde que o systema representativo funccionou no teor da constituição.

Só deixou de ser reeleito em 1842 por causa do estado excepcional, em que se collocou a provincia de S. Paulo.

Sua capacidade parlamentar acha-se registrada na publicação dos debates da tribuna. Justo em seus raciocinios, profundo em seus pensamentos, patriota quanto podia ser, sua argumentação foi sempre vigorosa e vernacula. Sujeito á poesia da honesta jovialidade, ameno em sua linguagem sempre bella e florida, puro de personalidades, incisivo que resvalava sem direcção, sabia commover os animos, dominar as convicções, e fazer proselytos. Mostrou-se versado na historia do christianismo, e no estudo da litteratura.

Presidente do Rio Grande do Sul em 1840, cuja rebellião era preciso terminar, vio-se empenhado, de um lado, com todos os horrores da rebellião, e de outro com a intriga, a desconfiança e a ambição. Valiosos serviços prestou nessa commissão, sendo-lhe concedida a exoneração, que pediu, com a honorifica condecoração

dé official da ordem do Cruzeiro, e com a nomeação de cirurgião honorario da imperial camara.

Os acontecimentos de 1842 fizeram tal impressáo em seu ánimo, que, desde então, uma fatal enfermidade apagou em seus labios os sorrisos do gracejo, o estylo das facecias, tornando-se taciturno, e sujeito a apprehensões melancolicas.

Falleceu em 4 de Julho de 1846, ouvindo-se-lhe entre arquejos balbuciar estas solemnes palavras:—*Eis o ultimo momento da miseria humana.*—Precedeu o seu passamento um como respirar tranquillo do somno da madrugada, depois do gemer anciado de longo pesadelo.

## FRANCISCO BERNARDINO RIBEIRO

Nasceu na provincia do Rio de Janeiro, e, ainda mui joven, em 1835, obteve o gráo de doutor em direito na academia de S. Paulo, e uma cadeira de lente.

Era uma dessas almas ardentes, que parecem predestinadas por Deus a um fim prematuro. Sua passagem no mundo foi rapida, como a do Bernardim Ribeiro portuguez, e morreu, deixando apenas alguns artigos publicados na *Revista Philomatica*, um discurso eloquente e erudito pronunciado na abertura da aula de direito criminal a seu cargo, e algumas poesias. Sua morte teve logar aos 26 annos de idade:—o Sr. desembargador Firmino Silva comparando este poeta a uma de nossas arvores seculares diz:

Da noute o furacáo prostrou tremendo  
Audaz jequitiba, que inda na infancia  
Cò'a cima excelsa devassava os céos!

— Eu o vi pelos raios matutinos  
Do sol apenas nado auri-tingido,  
Inda sepulta em trevas a floresta !  
Eu o vi, e asylo-me a sua sombra.

**FRANCISCO CORDEIRO DA SILVA TORRES E  
ALVIM**

(VISCONDE DE JERUMERIM)

Natural da Vargem de Ourem, no reino de Portugal, donde veio para o Brasil poucos mezes depois da familia real portugueza.

Occupou os mais honrosos cargos, inclusive o de conselheiro de Estado, e nelles distinguui-se pela sua illustração. O seu elogio cifra-se nestas palavras do Sr. Araujo Porto Alegre.—« Foi um homem do melhor bom senso, bemfazejo, e de uma piedade exemplar ; foi um varão intelligente, laborioso, probo e compassivo. O seu nome está escripto no solo da patria, nos beneficios que fez á nação brasileira durante as tres phases mais importantes da nossa vida social, porque ensinou as sciencias da engenharia, e praticou-as ; porque curou das finanças do paiz, e da sua agricultura e industria ; e porque nos deixou com o exemplo de sua vida o typo de pae, de cidadão e de christão.»

Falleceu no Rio de Janeiro em 8 de Maio de 1856.

**D. FRANCISCO DE LEMOS DE FARIA PEREIRA  
COUTINHO**

Nasceu, bem como seu irmão mais velho João Pereira Ramos, no engenho de Marapicú, freguezia de Santo

Antonio de Jacutinga, termo do Rio de Janeiro, aos 5 de Abril de 1735. Seus paes ricos e abastados, pertenciam a uma das mais antigas e illustres familias das provincias do Espirito Santo e de S. Paulo. Na idade de 11 annos (1746) partiu para a Europa ao complemento de sua educação, para que o convidava, mais que tudo, a entrada recente de seu irmão como oppositor na Universidade de Coimbra, á Faculdade de Canones, cujo curso seguiu. A 30 de Junho de 1752 entrou para o collegio dos militares como porcionista; passou a collegial aos 6 de Setembro de 1754, e logo no dia 24 do mez seguinte se graduou em Canones, contando apenas 19 annos. Seguiu a vida academica, foi oppositor, e depois a 31 de Julho de 1761 sahiu reitor do collegio dos militares.

Pouco dezejoso de seguir a monotonia da carreira cathedratica, quiz aproveitar-se de um ensejo, que se offereceu, e que lhe pareceu favoravel, afim de ver os seus lares e gozar do clima que o bafejára na infancia. Constando a vaga do Deado da cathedral do Rio de Janeiro, D. Francisco de Lemos reduziu toda a sua ambição a obter a successão, e a pediu; bem notavel é que o unico pedido de toda a sua longa vida fosse este, em que mostrava dezejo de viver onde nascêra. Consta que ao apresentar o requerimento ao celebre Pombal, este grande ministro respondera: « Não lhe convém tal emprego, não limite tanto as suas vistas. » O politico illustrado, que possuia em alto gráo a arte de conhecer o prestimo dos homens, quiz logo aproveitar-se dos talentos de D. Francisco de Lemos: conferiu-lhe em 29 de Agosto de 1767 o logar de juiz geral das ordens militares; pouco depois, por decreto de 18 de Janeiro de

1768, o despachou desembargador da casa da supplicação; e por carta de 29 do mesmo mez o proveu supranumerariamente em um logar do tribunal da inquisição em Lisboa. Ainda aqui não ficam as honras ao agraciado. Creou-se a mesa censoria. D. Francisco é para ella nomeado em 22 de Abril, e no fim do mesmo anno é nomeado vigario capitular de Coimbra. Esta commissão (segundo elle se explica) era critica sem duvida, pelas circumstancias e desordens em que as cousas se achavam: a lisonja e a intriga principiaram logo a fazer o seu officio, accumulando males sobre males, e, só á custa de não pequenas fadigas, pôde elle desviar e pôr tudo em paz, e no mesmo estado em que o seu antecessor tinha deixado.

Neste exercicio de vigario capitular de Coimbra se conservou até 14 de Maio de 1770, em que foi nomeado reitor da Universidade, para que, de um homem illustrado, se pudesse contar com a coadjuvação nas reformas que se iamprehender; e por este motivo foi tambem no mesmo anno nomeado conselheiro da junta encarregada da dita reforma, presidida pelo proprio mârquez de Pombal, que o chamou juntamente com João Pereira Ramos, e outros cinco varões dos mais abalisados em luzes e talentos, que então se conheciam em Portugal. Nesta junta, segundo dizem escriptores imparciaes, foram os dous brasileiros irmãos os que mais trabalharam, occupando-se da formação e redacção dos estatutos; logo que estes se concluíram foi D. Francisco de Lemos agraciado com a carta de conselho, e a 11 de Setembro de 1772 provido no logar de reformador reitor, bispo de Zenopole, e futuro successor no bispado.

Fallecido o bispo de Coimbra D. Miguel da Anunciação, na conformidade da bulla da sua coadjutoria e futura successão, tomou posse do baculo, e por uma representação, que fez, pediu a demissão de reitor e reformador, allegando não ser compativel a accumulção, a qual lhe foi concedida.

Cumpre não esquecer que foi este justo avaliador do verdadeiro merecimento litterario quem chamou a Coimbra, e deu a conhecer ao illustre marquez de Pombal o Dr. José Monteiro da Rocha, o qual vivia na obscuridade, e quasi sem ser empregado, por ter sido membro da proscripta sociedade dos Jesuitas.

Em 1777, sendo chamado para assistir á acclamação da Rainha D. Maria I, lhe apresentou um volume, em que dava uma conta geral do estado da Universidade, das vantagens das reformas, e das providencias indispensaveis.

Em 1799 lhe conferiu novamente o principe regente o titulo de reformador reitor.

Por occasião da invasão franceza em Portugal foi um dos deputados que, de ordem de Junot, foram mandados á Bayona em Março de 1808. Tendo a deputação alli conferenciado em Abril com o Imperador Napoleão, sobre o destino de Portugal, mandou este que os deputados se retirassem a Bordeaux, e que alli esperassem o resultado. No entretanto sobrevindo a revolução em Portugal, e sendo dalli expulsos os francezes, obteve de Napoleão licença para se retirar, e entrou em Portugal no dia 9 de Novembro de 1810. O reconhecido acolhimento, que déra Napoleão a um sabio tão conhecido na Europa, fez que, apenas chegado a Portugal, fosse visto pela regencia como suspeito de infidelidade ao seu Rei ;

porém tendo requerido justificação foi absolvido com triumpho ; e Sua Alteza Real em 1811 o restituiu ao seu bispado, bem como aos seus antigos cargos de reitor e reformador, sendo recebido em Coimbra com grandes festas e applausos. Cansado dos serviços e dos annos, obteve a 21 de Setembro de 1821 descanso, retirando-se á sua quinta de S. Martinho, tendo por consolação o haver por successor o sabio, digno, e venerando prelado, depois eleito patriarcha de Lisboa. Seguir e relatar miudamente todos os serviços que fez á Universidade, valeria o mesmo que escrever a sua historia no tempo todo que tão illustre varão a regeu. « Deu nova e melhor fórma a todo o paço das escolas. Erigiu os sumptuosos edificios do museu de Historia natural, do gabinete de physica experimental, do laboratorio anatomico, do dispensatorio pharmaceutico, da officina typographica. Fez construir o observatorio astronomico, e deu principio ao jardim botanicò. Refundiu em muitos pontos a legislação litteraria, encheu de bellos regulamentos a policia academica: organisou e installou a junta da directoria geral, centro regulador da ensinança publica. Fez completar o ensino das faculdades philosophica e mathematica, criando novas cadeiras de metalurgia, de hydraulica, de astronomia pratica. Estabeleceu doudas viagens, expedições philosophicas, assim dentro, como fóra da patria. » Nestas foram contemplados por conta do governo os brasileiros Camara e José Bonifacio. Deu insignes providencias ao observatorio, enriquecendo-o de machinas, de instrumentos, creando e promovendo a ephemeride astronomica tao util á navegação. Propoz e formalisou a grande lei dos Cosmographos do Reino. Zelou a instruc-

ção do clero nacional... Tudo abrangeu, tudo melhorou o seu zelo indefeso. Nem era menos admiravel no modo suavissimo com que regia os espiritos, e favorecia os que de seu auxilio necessitavam. O nome de quem fez tantos serviços, e tanto concorreu para o progresso das luzes entre os seus compatricios, passará á posteridade com o reconhecimento universal. — Mas depois de tantos serviços e variados encargos estaria esquecido de seus lares? Não. E sirvam de testemunho as seguintes expressões de um monge de Alcobaca, que correm impressas desde 1822. « Brasil, que és o novo paiz de Canaan; terra de prodigios, reservada para os mais altos destinos, e como feita para elles por decreto do Autor da natureza; que em teus rios, em tuas montanhas, em tuas florestas, e até nas proprias entranhas do teu solo ostentou seu poderio e delineou tua futura grandeza.... Arca mysteriosa, onde os augustos e serenissimos principes da casa de Bragança escaparam ás furiosas vagas da revolução franceza; cidade de refugio, onde se uniram, reverdeceram e floresceram os ramos de uma arvore, que se ficasse entre nós (em Portugal) teria sido o ludibrio da tormenta..... seja-me permittido agora saudar-te, render-te sinceras graças, porque nos enviaste como em paga de tudo quanto nos devias, o Exm. Sr. Francisco de Lemos. Elle nunca se pejou de lhe teres dado o berço, antes se gloriava de ser teu cidadão, e quasi proponho a affirmar (continúa Fr. Fortunato de S. Boaventura) que coube ao seu espirito uma certa analogia com essas agigantadas producções, em que sobresaes ás outras partes do globo.... Nunca fallou de ti sem um alvoroço, um enthusiasmo que se transfundia aos seus ouvintes. » Em paga de tantas vir-

tudes os seus patricios lhe deram uma grata e decidida prova de reconhecimento, elegendo-o deputado ás côrtes; porém reconhecendo que a sua avançada idade não lhe podia dar forças para sustentar as novas pretensões e direitos dos seus concidadãos, não chegou a tomar assento em côrtes, vindo a fallecer aos 22 de Abril de 1822.

Remataremos com as justas expressões, em que o seu eloquente apreciador, de cujas phrases nos havemos já por vezes valido, pinta o seu character: « Genio vasto, profundo, cheio de qualidades as mais sublimes; foi util ao sacerdocio, foi util ao Imperio. Como pastor serviu á Igreja, honrou o baculo: como sabio, chefe e protector dos sabios, diffundi os conhecimentos, adiantou a civilisação. (\*)

## FRANCISCO DE PAULA MENEZES

Nasceu em Nitherohy a 25 de Agosto de 1811.

Brilhando-lhe na frente a chamma divina do talento, e abraçando-lhe o coração o fogo celeste da caridade, matriculou-se na academia medico-cirurgica do Rio de Janeiro, e em 1834 terminou sua vida laboriosa de estudante.

---

(\*) Aqui poremos em nota ( diz o Sr. F. A. Varnhagen ) o que em 11 de Maio deste anno (1840) nos respondeu o sabio patriarcha eleito de Lisboa, por satisfazer a uma pergunta que lhe haviamos feito, ácerca dos elogios funebres, que se recitaram por morte de seu digno antecessor.

« Não me lembro do que se disse do Sr. bispo de Coimbra Lemos nos elogios funebres que V.... aponta; e como os tenho muito longe

Entrando no mundo encontrou no berço a pobreza, e só uma vontade de ferro, e o mais acrysoládo amor do estudo, o faria vencer tantas privações, pois nem livros próprios tinha para estudar, e só dedicava-se á leitura quando descansava do trabalho a que recorria para viver !

Essa pobreza elle sempre procurou vencer, já com a sua clinica, já com a sua tão habil penna, redigindo um jornal da imperial academia de medicina, uma revista noticiosa, traduzindo a Rethorica de Vict. Leclerc, compondo os *Quadros de Litteratura Brasileira*, a tragedia *Lucia de Miranda*, a comedia *A noite de S. João na roça*, etc.

A' sua esposa e filhos legou honrosa, mas triste pobreza ; e a elle pode-se applicar o que Lamartine disse de Palissy : — *Sua vida quer dizer trabalho e sua morte martyrio.*

### FRANCISCO DE S. CARLOS (FR.) (\*)

Nasceu no Rio de Janeiro a 13 de Agosto de 1763, sendo seus paes José Carlos da Silva, e D. Anna Maria de Jesus.

Mal completou seus primeiros estudos, e ainda na idade de 13 annos, tomou o habito franciscano, indo para o convento de S. Bernardo, em Macacú, que não era então, como hoje, um deserto de montões de ruinas, mas uma bella e importante villa.

de Lisboa, mal posso responder á pergunta de V.... Posso porém dizer em geral que aquelle illustre prelado merece um elogio historico, extenso e circunstanciado, ainda querendo-o limitar simplesmente ao litterario ; e que seria difficil nos elogios funebres, ainda illustrados com notas, dar sufficiente idéa dos seus vastos conhecimentos, e variados trabalhos, em beneficio do publico e das lettras.»

(\*) Vide *Bibliotheca do Instituto dos Bachareis em Lettras*, 1867.

Abraçou seu genio a theologia, a philosophia, a poesia e eloquencia, e, abrigado sob o tecto da religião, S. Carlos dilatou o seu talento com o estudo das materias ecclesiasticas, e com a leitura das obras litterarias antigas e modernas.

De 1790 a 1796, na cidade de S. Paulo, leu a cadeira de theologia dogmatica com todo o applauso; foi commissario dos terceiros da Penitencia, guardião do convento do Bom Jesus e da Penha, definidor e visitador geral, e com reconhecida honra e vasta intelligencia desempenhou todos esses cargos. Foi tambem lente de eloquencia sagrada no seminario de S. José, e em seu convento; prégador regio, examinador da mesa de consciencia e ordens, titulos de que lhe fez mercê D. João VI pelo talento oratorio, que nelle admirava.

Prégou muito, sempre victoriado e applaudido, cognominando-o seus admiradores com o epitheto de *serão do pulpito*, sendo unanimes os autores em conceder-lhe o logar de orador de primeira ordem; mas nos ultimos annos de sua vida S. Carlos deixou o pulpito, e encerrou se em sua cella, aonde morreu a 6 de Maio de 1829.

Compoz um poema *Assumpção da Santa Virgem*, obra original, toda filha de sua imaginação e de seu estro, poema rico de bellezas, e de quadros tão magnificos, senão iguaes aos mais brilhantes rasgos dos versos de Klopstok, e Milton.

FRANCISCO DE SANTA THEREZA DÊ JESUS  
SAMPAIO (Fr.) (\*)

Nasceu no Rio de Janeiro em 1778, sendo seus paes Manoel José de Sampaio, e D. Helena da Conceição. Entrou para a ordem franciscana aos 15 annos de idade: — completou seu curso de humanidades em S. Paulo e tomou no Rio de Janeiro a ordem de presbytero.

Foi digno, pelos seus talentos, de exercer os maiores encargos da Ordem. Excellente prégador, obteve o titulo de prégador da real capella, foi examinador da mesa de consciencia e ordens, censor episcopal, e em 1824 deputado da Bulla da Cruzada. A fama de seu nome transpoz os muros da patria, pois foi nomeado socio correspondenté da academia de Bellas Lettras de Munich.

Morreu, sorprendido no meio de sua carreira gloriosa, aos 42 annos de idade, isto é, em 13 de Setembro de 1830, victima de uma apoplexia.

Sampaio foi digno continuador de Caldas e S. Carlos; foi um dos primeiros oradores sagrados.

Deixou em sua cella um caixão com mais de 300 sermões, o qual, arrecadado pelo Provincial frei Joaquim de S. Daniel, por morte deste, em 1852, foi offerecido a um jôven religioso, seu discipulo.

A sua cella no convento de Santo Antonio no Rio de Janeiro, é cheia de curiosas e importantes recordações.

---

(\*) Vide *Bibliotheca do Instituto dos Bachareis em Lettras*; 1867.

Em 1821 e 1822 serviu de club para os patriotas, e depois foi muito frequentada pelo Sr. D. Pedro I.

Quando se procurou impedir a retirada do Principe regente para Portugal, o capitão-mór José Joaquim da Rocha, coronel Nobrega, e outros, reuniram-se ahi, e prepararam os grandes acontecimentos de que resultou a independencia.

Ahi escreveu Sampaio para o *Regulador*, jornal politico de sua redacção, d'ahi enviava os seus autographos para a imprensa, ahi os copiava em um livro, que ainda se conserva no convento, ahi lia-os o Sr. D. Pedro I, que o visitava muitas vezes, e com elle conversava até 10 horas da noute, discorrendo sobre politica.

A chave dessa cella é guardada, como recordação historica, pelo Provincial frei Antonio do Coração de Maria e Almeida.

O Dr. José Mauricio Nunes Garcia professor de anatomia da faculdade de medicina, estudou a cabeça de frei Sampaio, e nas suas *lições do anthropotomia*, depois de estudo consciencioso de tão preciosa reliquia, diz : « *que considera o craneo deste orador sagrado como um typo dos meliores, das bellas formações craneanas, e declara que elle se presta a todos os systemas craneometricos melhor do que nenhum dos que ha podido ver.* »

Debaixo do ponto de vista phrenologico ainda notou o desenvolvimento extraordinario da bossa da idealidade.

### FRANCISCO FERREIRA BARRETO (PADRE)

Natural de Pernambuco. Brillhou na tribuna sagrada, e abrilhantou a tribuna legislativa nas sessões da antiga constituinte. Tinha sympathica presença, voz clara e sonora, estylo fluente, florido e poetico, mimica expressiva.

Escriptor distincto, ensaiou-se em todos os generos. Quer na vida, quer nos seus ultimos momentos illuminou-lhe a mente a flamma sagrada da poesia. Os lindos poemas— a *Creação do primeiro homem e da primeira mulher*— o *Hymno da Conceição, do nascimento do Menino*, as *Paraphrases de alguns psalmos de David*, honram por sem duvida o seu autor, e lhe ornam a fronte de immarcessiveis louros.

Arremessado ao leito da morte por grave enfermidade, seu estro accendeu-se, e pendente da cruz a imagem do divino Redemptor, á sua cabeceira, improvisou um soneto sublime e pungente—e recebendo depois o Santo Viatico, improvisou ainda outro mais sublime pela grandeza e mysterio de seu assumpto.

### FRANCISCO JULIO XAVIER (DR.)

Nasceu no Rio de Janeiro a 16 de Fevereiro de 1809. Seu pae, do mesmo nome, havendo exercido a profissão de medico por espaço de 30 annos com zelo e intelligencia, quiz tambem que seu filho abraçasse a sciencia do velho Hypocrates.

Depois de lhe ter mandado ensinar humanidades, e de o haver matriculado nas aulas de estudo secundario, o fez entrar em 1823 para a academia medico-

cirurgica, que frequentou por quatro annos, dirigindo-se depois a Paris, em cuja academia obteve o grão de doutor, sustentando uma these sobre a hepate.

Em 1830 chegou á patria trazendo profundos conhecimentos de medicina, e principalmente da arte obstetrica, de sorte que, pondo-se a concurso a cadeira de partos da escola de medicina, obteve a nomeação de professor em Abril de 1833.

No magisterio adquiriu nome honroso, e brilhante, leccionou muitas vezes sciencias naturaes aos alumnos do 1º anno, e, no exercicio de sua profissão medica, conseguiu ser considerado o primeiro parteiro de seu tempo. E era um medico generoso e caritativo, pois soccorria o pobre no leito da dor e da miseria.

Fez parte da sociedade de Medicina, entranhando-se ahi em trabalhos scientificos, publicando bellos trabalhos no jornal da corporação, e escrevendo luminosas memorias sobre a escarlatina, a febre amarella, etc.

Occupou uma cadeira na assembléa provincial em duas legislaturas. Era cavalleiro da Imperial Ordem de Christo, e socio da sociedade Amante da Instrução. Exerceu algum tempo o logar de medico dos expostos da Santa Casa da Misericordia.

Por occasião da febre amarella, que invadiu o Rio de Janeiro em 1850, o Dr. Julio soccorria a todos, trabalhava sem descanso, sem temer fadiga, nem contagio. Não trabalhou só como medico, serviu ao paiz como patriota—curou e alimentou os pobres—era a Providencia da pobreza.

Nesse mesmo anno, no dia 8 de Dezembro, no gozo da melhor saude, divertindo-se com alguns amigos e collegas, dando expansão a seu genio jovial e alegre, sentiu-se afflicto, procurou sua casa, mas não se levantou mais do leito... Em poucos instantes enviou ao céo sua alma, victima de uma apoplexia cerebral, como confirmou a autopsia do cadaver.

Para seu funeral, e para a educação de seus filhos, houve necessidade da caridade de seus amigos.

Tres dias depois de seu fallecimento foi publicado o decreto, que lhe dava o officialato da Rosa pelos serviços prestados durante a epidemia. O Dr. José Mauricio, collega do finado, foi ao Paço, pedir ao Imperador em troca da graça dada ao Dr. Julio um olhar de compaixão para seus filhos.

O Imperador enviou 500\$, e S. M. a Imperatriz 400\$, para serem repartidos pelos filhos do Dr. Julio...

## FRANCISCO MARIA DOS GUIMARÃES PEIXOTO

(TENENTE-CORONEL)

Nasceu a 12 de Março de 1826 a bordo da náó *D. Pedro I*, em viagem que fazia á provincia da Bahia, transportando SS. MM. Imperiaes, a quem os paes de Peixoto, o barão e a baroneza de Iguarassú (\*) tiveram a honra de acômpañhar.

---

(\*) Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, Vid. pag. 114. Foi elle quem recebeu em suas mãos o nosso augusto Imperador quando nasceu— e por este foi agraciado com o título de barão de Iguarassú tambem em 23 de Fevereiro de 1845 por occasião do nascimento do principe imperial D. Afonso.

Recebeu a bordo as aguas do baptismo, tendo sido seus padrinhos o Sr. D. Pedro I, e a Serenissima princeza D. Maria da Gloria.

Contando 10 annos de idade, partiu para França, onde cursou as aulas do real collegio de S. Luiz, regressando ao Brasil, cinco annos depois, em 1841, tendo aproveitado no collegio as lições de habéis professores dos estudos fundamentaes para a carreira, a que se destinava.

Apezar do empenho, que fazia seu pae, para que Peixoto não seguisse a carreira militar, assentou elle praça de 1º cadete no 1º batalhão de infantaria a 22 de Fevereiro de 1844.

Seguiu o curso de sua arma, com geral approvação, na academia militar, e em 20 de Março de 1847 foi designado para fazer parte da guarda de honra, que a Macahé devia acompanhar S. M. o Imperador.

Promovido alferes em 7 de Setembro de 1847, foi em 25 de Novembro do mesmo anno mandado em commissão á provincia do Rio Grande do Sul—em Março de 1849 marchou para Minas com o seu batalhão—em 1851 foi mandado novamente ao Rio Grande do Sul—em Fevereiro de 1854 foi nomeado em commissão para Montevidéo—em Dezembro do mesmo anno foi nomeado instructor dos recrutas, que formavam a escola do morro do Cavallão, em S. Domingos, logar que exerceu somente doze dias, por ter sido mandado em commissão ao Paraguay em 25 do mesmo mez e anno.

Em 10 de Janeiro de 1856 marchou para a Bahia com o seu batalhão, e tendo sido promovido a tenente em 2 de Dezembro, no dia 15 partiu com o visconde de Camamú para o Rio Grande do Sul.

Em 15 de Novembro de 1858 casou no Rio de Janeiro, e seis dias depois marchou, levando em companhia sua espoza, para a provincia do Pará, na qualidade de ajudante de ordens do respectivo presidente.

Em 2 de Dezembro de 1859 foi promovido a capitão da 7ª companhia, e em Agosto de 1860 seguiu para a provincia do Paraná.

Constantemente elogiado nas commissões, que lhe foram confiadas, e completando 20 annos de bons serviços, foi condecorado com o habito de S. Bento de Aviz.

Em Outubro de 1864 seguiu para o Rio da Prata, commandando um contingente do 1º batalhão de infantaria, sendo destacado a bordo da corveta *Nietheroy*, ás ordens do vice-almirante Visconde de Tamandaré.

Desembarcado com o seu contingente, e com o accrescimento de cento e tantas praças de fuzileiros navaes, e imperiaes marinheiros, atacou em 6 de Dezembro a cidade de Paysandú, cuja guarnição então era de 1,400 homens.

Foi ferido na manhã desse dia, mas isso não o fez abandonar as forças, que lhe foram confiadas, antes penetrou na cidade por brechas, e outras arriscadas difficuldades, permanecendo ahi até 7 horas da noute, em que teve ordem de recolher-se ao porto.

Apezar de haver soffrido a dolorosa amputação do dedo medio da mão direita, continuou a commandar a força, e assistiu ao sitio posto á cidade de Paysandú, o qual durou até 30 de Dezembro, em que chegou o general barão de S. Gabriel, entrando nos ataques de 31 de Dezembro, 1 e 2 de Janeiro de 1865, que deram em resultado a tomada daquella cidade.

Assistiu á capitulação de Montevidéo.

Passou para o *Jequitinhonha* com o seu contingente já bastante reduzido, quando se organisou em 1865 a esquadrilla, que tinha de bloquear o rio Paraná.

Agraciado com o habito de cavalleiro do Cruzeiro em 11 de Março, desembarcou em 25 de Maio, e assistiu ao combate dado contra os paraguayos na cidade de Corrientes com as forças argentinas, sob o commando do general Paunero.

Foi promovido a major por actos de bravura.

Entrou no memoravel combate de Riachuelo, não sendo pisado pelas hordas do presidente do Paraguay o convez do *Jequitinhonha*, apesar de tentada a abordagem da corveta por tres vapores inimigos.

Abandonado o *Jequitinhonha*, passou Peixoto para bordo do vapor *Ipiranga* com parte de seu contingente, e entrou no combate das barrancas de Mercedes.

Em Março de 1866 foi nomeado official da Imperial Ordem da Rosa.

Recolhido ao exercito afim de assumir o commando interino de um batalhão; teve a gloria de ser um dos primeiros, que pizou no territorio paraguayo em Abril de 1866, entrando nos combates que se deram no Passo da Patria, e nos dos dias 2, 20 e batalha de 24 de Maio. Nesta batalha, apesar de contuzo uma hora depois de haver começado a acção, conservou-se tomando parte activa na refrega; e, mesmo perdendo o cavallo, conservou-se no fogo por mais de uma hora, até que, novamente ferido, foi conduzido então para o hospital de sangue.

Promovido a tenente-coronel, em Setembro de 1866 por actos de bravura, nomeado official da Ordem de

Cruzeiro em attenção a seus serviços, recolheu-se ao Rio de Janeiro, de ordem superior: — ahi foi operado, e regressou ao exercito dous mezes depois. Antes de partir, ao despedir-se de S. M. o Imperador, entregou-lhe este a venera do Cruzeiro, que ornou outr'ora o peito do fundador do Imperio, e « que brilhava agora no seu, para que Peixoto a erguesse no estandarte do batalhão de seu commando. »

Com o seu batalhão, e assumindo o commando da 12ª brigada, entrou ainda no combate de 31 de Julho de 1867, que deu em resultado a tomada de Tuyu-Cué.

Ahi uma pneumonia dupla o levou ao leito; Peixoto não quiz deixar sua barraca, dizendo que *em frente do inimigo era esse o seu dever.*

Uma ordem terminante do visconde de Herval o fez recolher á enfermaria, porque os conselhos e as instancias do medico isso não alcançaram.

Abatido e alquebrado, quiz voltar ao serviço. O nobre marquez de Caxias não consentiu, obrigou-o a recolher-se á Côrte. Extenuado pelas molestias, que lhe originaram os trabalhos, as fadigas, e os ferimentos da guerra, succumbiu, fallecendo nos braços de sua familia, no 1º de Maio de 1868. Morreu pobre.

Sua physionomia franca e rasgada era a um tempo insinuante e altiva, tendo o condão de inspirar simultaneamente a sympathia e o respeito.

Peixoto tinha o fôro de fidalgo cavalleiro da Casa Imperial.

FRANCISCO SOLANO (FR.) (\*)

Natural da villa de Santo Antonio de Sá. Pertenceu á ordem franciscana, foi de grande habilidade, e notavel por ter feito diversos espaldares e quadros existentes no convento de Santo Antonio na Côrte.

Nunca sahio do Brasil não frequentou artistas abalisados, e nem teve educação academica.

Em seus quadros sauda-se o genio, reconhece-se o talento e a inspiração.

Quando o celebre franciscano José Marianno da Conceição Velloso se occupava da *Flora Fluminense*, não sabendo desenhar, pediu um ajudante desenhador, e, por proposta sua, o vice-rei Luiz de Vasconcellos Souza escolheu Frei Solano para tal mister, e d'então em diante tornou-se companheiro inseparavel de Velloso, seguiu-o em suas excursões pelo interior, embrenhou-se pelas florestas, passou vigílias, emfim são delle todos os desenhos da *Flora*.

Ainda em 1814 chegou a ser ministro provincial de sua ordem.

Contam de D. Solano o seguinte facto :

Os religiosos capuchos do Rio de Janeiro ornaram muito a sua igreja por occasião da festa de Santo Antonio, e para este fim pediram emprestadas a um devoto, quatro lindissimas jarras de porcellana da India.

Depois de passados muitos annos, em que sempre se repetiram o pedido, e o obsequio, o sacristão des-

---

(\*) Vide *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, do Dr. J. M. de Macedo, 1º vol., 1862.

armando o altar, conversava com Fr. Solano, e dizia:

— Agora, cuidado com as jarras do devoto — com effeito, disse o frade, seria uma infelicidade se uma dessas jarras se quebrasse.

— Certamente porque não ha outras tão lindas, e tão ricas na cidade, e não poderíamos haver por preço algum uma ou duas iguaes para restituir ao dono.

— Pois é preciso não pedil-as emprestadas outra vez.

— Sim... mas...

— Quando tem de ser entregues estas jarras?

— Hoje mesmo.

— Pois eu preciso què ellas me sejam confiadas por quatro ou cinco dias.

— Para que?

— E' um segredo meu.

O frade levou as jarras, tirou-lhes o molde, e copiou a pintura.

No anno seguinte não houve mais o pedido, nem o favor, porém o devoto mal poz os olhos no altar-mór, disse espantado:

— As minhas jarras!

Fitou mais as vistas desconfiado, e convencido de que não as tinha emprestado, repetiu:

— São as minhas jarras!

Correu á casa, viu as suas n'um armario, voltou ao convento e ainda disse:

— Mas por fim de contas são as minhas jarras!

O sachristão sorrindo-se, tirou-as do altar, e veio apresental-as, dizendo:

— Bem vê que não são as mesmas!

— Como? são as minhas jarras!

— Neste caso ahi as tem, tome conta dellas.

O devoto recebeu-as, examinou-as, e disse:

— Não são as minhas, mas a unica differença é que as minhas são de porcellana, e estas de páo.

— Ainda ha outra. E' que as suas vieram da India, e estas foram aqui feitas por Fr. Francisco Solano.

## FRANCISCO VILELLA BARBOZA

( MARQUEZ DE PARANAGUÁ )

Nasceu no Rio de Janeiro, a 22 de Novembro de 1769.

Seu pae era commerciante, natural de Portugal, e sua mãe, natural do Rio de Janeiro.

Deveu os cuidados de sua educação a uma tia, e á protecção de sua madrinha de baptismo, porque ficou orphão de pae e mãe, e sem fortuna herdada. Na idade de 18 annos foi mandado para a Universidade de Coimbra, a fim de formar-se alli na faculdade de direito; e contrariado viu-se seriamente ao encetar os estudos academicos, porque sua madrinha cessou-lhe as mesadas, por se haver elle casado n'aquella cidade sem consultar sua protectora, os conselhos de amigos e suas especiaes circumstancias. O bispo conde D. Francisco de Lemos, natural do Rio de Janeiro, ex-reitor da universidade, valeu-o, e protegeu-o com os necessarios meios de subsistencia até concluir sua formatura em mathematicas, para cuja sciencia mostrara gosto e vocação, obtendo dous premios por merecimento distincto no 1º e 3º annos do curso.

Em 1796 solicitou o joven bacharel admissão na armada, o que obteve, dando-se-lhe a graduação de 2º tenente.

Serviu quatro annos, sempre embarcado em varias expedições do Brasil, costa d'Africa, ilhas dos Açõres, e Mediterraneo, em cujo tirocinio teve occasião de fazer-se recommendavel a seus chefes.

Em 1801, regressando a Lisboa, aceitou a nomeação de lente substituto da academia real de marinha, obtendo passagem para o corpo de engenheiros na graduação de 1º tenente, e sendo logo promovido ao posto de capitão.

Provido de propriedade na cadeira de geometria, nella permaneceu até sua jubilação em 1822.

Compoz um compendio de geometria, que offerrou á academia real de sciencias de Lisboa, a qual galardou-o com a honrosa nomeação de seu socio, vindo depois a ser secretário interino da mesma. Esse compendio foi adoptado no ensino, e já teve mais de cinco edições.

Escreveu tambem uma interessante memoria sobre a correccão das derrotas de estima, que mereceu ser premiada pela sociedade real maritima, militar e geographica de Lisboa.

Consagrou ás musas constante e bem aceito culto. Suas poesias primam pela elevação do pensamento, e do estylo, pureza de dicção, harmonia e gravidade dos versos. Como repentista citam-se muitas poesias suas, que aos labios lhe vinham como por encanto. Muitas poesias entregou elle ás chammas até mesmo no dia, em que expirára.

Muitas sociedades litterarias da Europa, e da America fizeram ao nosso consocio a honra de o convidar para seu gremio.

Como representante do Rio de Janeiro, tomou assento nas côrtes geraes e constituintes do Reino Unido, em 1820; sendo tambem um dos sete membros da deputação permanente que ficára, depois do encerramento das côrtes, até a installação da assembléa ordinaria, em cujos trabalhos teve ainda parte.

Com a declaração definitiva da independencia do Brasil, regressou em Junho de 1823 para sua patria, em companhia de D. Maria Nazareth de Carvalho, com quem contrahiu alliança em segundas nupcias, tendo pedido primeiramente demissão do posto de major de engenheiros que occupava no exercito portuguez. Foi bem recebido por seus patricios, e tambem por D. Pedro I, já então acclamado Imperador, o qual he conferiu logo o posto de coronel graduado do corpo de engenheiros.

Nesse mesmo anno foi chamado ao logar de ministro do Imperio e estrangeiros, passando, dias depois, a dirigir separadamente a repartição da marinha, na qual se conservou até 1827.

No decurso desse tempo foi elevado ás honras de dignatario, grã-cruz da ordem do Cruzeiro, visconde e marquez de Paranaguá; sendo além disso nomeado senador.

No projecto da constituição, que ao Brasil foi dada pelo Sr. D. Pedro, figura seu nome entre os dez signatarios que o collaboraram. Apparece ainda o seu nome no tratado de 1825, pelo qual reconheceu Portugal nossa independencia.

Dirigiu a pasta da marinha, de novo, em 1831, e em 1841.

Legislador consciencioso, zeloso administrador do Estado, rigido observador de seus deveres, amigo do merito quanto menos presava e aborrecia a impostura, falleceu a 11 de Setembro de 1846.

### FRANCISCO XAVIER ARANHA (D.)

Bispo de Pernambuco, que falleceu e sepultou-se na Sé de Olinda em 5 de Outubro de 1771.

Concluiu o palacio da Soledade, que seu antecessor começara a fundar, fez muitas obras na igreja da Sé, em varias outras, edificou o aljube, e em frente delle um oratorio para os presos ouvirem missa, visitou uma parte de seu bispado até a Parahyba, e foi mui zeloso nos deveres de seu ministerio.

### FREDERICO SELLOW (DR.)

Por espaço de 20 annos viajou este sabio naturalista pelos sertões do Brasil, empregado em explorações scientificas, das quaes fez importantissimas remessas aos museus de Berlim, e do Rio de Janeiro, de cujos governos era pensionario.

Estudou varios mineraes novos nos catalogos dos mineiros do Brasil, a bellissima serpentina, e diferentes variedades de ferro.

Descobriu innumeraveis plantas medicinaes, a arvore que produz a casca de Winter, a qual, no futuro, poderia ter para a civilisação dos indios da provincia de S. Pedro do Sul influencia igual a que teve a colheita da ipecacuanha para os indigenas do Rio de Janeiro e Minas.

Depois de tantas fadigas foi arrebatado em flôr às sciências, no anno de 1831, e no Rio Doce falleceu affogado.

### GERMANA (A IRMÃ) (\*)

Em 1814 uma romaria de fieis e curiosos concorria de grande distancia á capellã da Piedade, sobre a serra do mesmo nome, não muito distante da cidade de Ouro Preto, em Minas-Geraes; ia alli ouvir missa, e presenciar os extasis e os padécimentos da moça, a quem chamavam irmã Germana, a qual, para satisfazer a devoção que tinha com a Santa Virgem, obteve do seu confessor a permissão de ir habitar a deserta capella, que coroava o pincaro da alta serra. Facilmente concederam-lhe o que queria, pois era voz geral, que a sua vida era purissima e irreprehensivel o seu procedimento.

Nessa habitação tão erma, vivendo como anachoreta, longe do commercio do mundo, tendo apenas uma irmã por companheira, cresceu a devoção de Germana e votou-se a todas as abnegações das grandezas mundanas; quiz jejuar ás sextas-feiras e aos sabbados; ao principio impediram-lh'o, porém ella declarou que lhe era inteiramente impossivel tomar qualquer refeição durante esses dias, e desde então os passou na mais completa abstinencia.

---

(\*) Vid. *Brasileiras Cebres*, do Sr. Joaquim Norberto.

No n. 3 do *Echo d'alm tumulo*, revista dos espiritas da Bahia, pôde-se ler um curioso e identico facto presenciado em um dos logares da França.

Meditando um dia sobre os *Mysterios da Paixão*, entrou Germana em um extase; seus braços se abriram, formando com o seu corpo uma cruz, tendo os pés igualmente cruzados, e se conservou nesta posição por espaço de 48 horas: desde então se renovou o phenomeno semanalmente, sem a mais pequena interrupção, começando sempre na noite de quinta para sexta-feira até á noite de sabbado para domingo, sem que fizesse o menor movimento, sem que proferisse uma unica palavra e sem que tomasse o minimo alimento. Espalhou-se a noticia, e os habitantes de ambos os sexos e de todas as condições e idades vieram das vizinhanças presenciar este espectaculo inteiramente novo para elles, e ignorando a sua causa, tomaram os seus effeitos como milagre, e dalli o nome de irmã que deram a Germana e a fama que ainda hoje goza de santa.

Dous medicos concorreram para que mais se augmentasse a veneração publica, passando attestados, de que o seu estado era *sobrenatural*, pois só assim podiam explicar a periodicidade de seus ataques catalepticos.

Em vão o Dr. Gomide, distincto medico formado em Edimburgo, procurou refutal-os, publicando uma memoria cheia de sciencia e de logica, na qual procurou provar, fundado em numerosas autoridades, que os extasis de Germana não eram mais do que uma catalepsia; cresceram as romarias á serra da Piedade, e divulgou-se o boato de que o doutor não tendo visto a enferma, não pudera estudar o phenomeno de sua molestia em todas as suas particularidades, e os attestados dos clinicos não tendo sido impressos, foram reproduzidos em numerosas cópias, e circularam ainda nas mais remotas villas e aldeas da provincia.

Divididas as opiniões entre a fé, e a duvida, interveiu o bispo de Marianna o padre D. Cypriano da Santíssima Trindade, o qual prohibiu a celebração da missa na capella da Piedade, por falta de licença regia, no intuito de acabar as romarias. Germãna procurou a casa de seu confessor, e os afeiçoados della, crentes sinceros e de boa fé, requereram e alcançaram a licença, abrindo-se de novo a capella, annunciando-se o regresso da *irmã*, e concorrendo os fieis e os devotos á capella ainda em maior numero. O prodigio dos extasis, e a posição em que ficava a *irmã*, o que continuou a ser repetido nas terças-feiras, era explicado pelos devotos com a coincidencia do dia, pois é na terça-feira, que á meditação dos fieis, se offerecem os soffrimentos de Jesus-Christo, ligado á columna.

Aos nacionaes juntaram-se peregrinos estrangeiros;— viajantes instruidos correram, levados da curiosidade humana, a visitar a capella da Piedade. Spix, Martius, o sabio naturalista francez Augusto de Saint Hilaire, todos occupam-se da *irmã* Germana. Esta porém não habitou muito tempo o logar de seu exilio. Acharam-na um dia na postura, que ordinariamente tomava quando era *accommettida* de catalepsia, como diziam os medicos, ou quando estava em seus extasis periodicos, com dizia o povo—pallida e fria como uma bella estatua de marmore, seu coração tinha cessado de bater; era apenas um cadaver.....

*Não o foi, diz o Sr. J. Norberto, mas viveu e morreu como uma santa.*

GONÇALO SOARES DA FRANÇA (PADRE)

Nasceu na provincia do Espirito-Santo em 1632, segundo affirma' o distincto escriptor o Sr. Pereira da Silva em seus *Varões Illustres, supplemento*.

Escreveu em latim um poema intitulado—*Brasilica, ou descobrimento do Brasil*, e em portuguez algumas poesias de merecimento, que se perderam.

No anno de 1724 recitou na academia brasilica dos *Esquecidos* na Bahia, uma dissertação da historia ecclesiastica do Brasil, dissertação que foi offerecida por S. M. o Imperador ao Instituto historico e geographico brasileiro em sessão de 22 de Maio de 1857.

GRACIA HERMELINDA DA CUNHA MATTOS (\*)

Na *Selecta Brasiliense*, 1ª série, publicada em 1868, fallando á pag. 166 do marechal Raymundo José da Cunha Mattos, lembramos-nos de sua filha D. Gracia, conhecida por *philosophinha*, a quem as senhoras brasileiras são devedoras de um livro de sentenças, em que se mostra digna discipula do marquez de Maricá, cujos louvores mereceu, porque o estudo e a experiencia, em tão verdes annos, lhe dictava maximas, reflexões, e pensamentos dignos de serem lidos e apreciados. Um anno depois da publicação de suas *Sentenças* expirava nos braços de seu pae, a quem servia de secretario, sentindo está morte todas as pessoas que de perto a conheciam, e que della ouviam fallar.

---

(\*) Vide *Brasileiras Celebres* do Sr. J. Norberto, Paris, 1862.

## HENRIQUE DIAS (\*)

Henrique Dias, homem de côr preta, mas de generosos e de elevados sentimentos, que soube por suas acções nobilitar-se e immortalisar seu nome.

Nascido em Pernambuco, Henrique Dias não podia ser indifferente á terrivel invasão dos hollandezes. A linguagem que sahiu de seus labios era toda eloquencia do seu patriotismo.

Afastado da capital, quando lhe chegou a noticia com os horrores das profanações commettidas, indignou-se em extremo e proferiu estas memoraveis palavras: « Antes de mim a minha patria, por ella, por meu Deus e por meu Rei, serão meus braços columnas de ferro para sustentar tão caros objectos. Que importa morrer? Quando assim seja, a liberdade bem dirá meu tumulo, e o meu sangue, regando a terra, servirá de fonte, que, para o futuro, brotará mil fructos. »

Assim foi que, em 1633, descendo do centro da provincia com trinta e tantos guerreiros de sua mesma côr, elle se apresenta a Mathias de Albuquerque, offerecendo-lhe os seus serviços.

Dentro em pouco, seu distincto valor o fez conhecido de todos os companheiros de armas, e sua destemida intrepidez o constitue — terror dos hollandezes.

---

(\*) Esta biographia é copiada do discurso pronunciado no Instituto Archeologico e Geographico de Pernambuco, pelo seu 2º secretario Salvador Henrique de Albuquerque, na sessão magna de 27 de Janeiro de 1867.

Dotado de grande força e coragem, era um bravo que nunca recuava. Em uma das primeiras sortidas contra o inimigo, matou á espada cinco adversarios.

Augmentando cada dia o numero de seus soldados, foi nomeado capitão de uma companhia com a qual sempre se achava nos logares de maior perigo.

Energico até o delirio, destemido até ser temerario, era preciso muitas vezes a advertencia dos seus para moderar-o e conter-o.

Na celebre batalha de Porto Calvo, em 1637, onde os actos de bravura, denodo e bizarria, commettidos pelos nossos assombraram até os proprios inimigos, Henrique Dias excedeu-se, patenteando ao mundo uma intrepidez que, no dizer de frei Raphael de Jesus, deve ser posta em parallelo com o que a historia nos refere de mais maravilhoso.

Ferido por uma bala sobre o punho, manda sem demora fazer amputação da mão esquerda, para desembaraçar-se do apparelho que impediria seus movimentos. « Basta-me uma mão, disse elle, para servir a meu Deus e a meu Rei ; cada um dos dedos desta outra me fornecerá os meios de vingar-me. »

Era o Mucio Scevola pernambucano que voava de novo ao combate !

No seguinte anno, depois daquella celebre e penosa marcha de mais de trezentas leguas pelo interior do paiz, desde o Rio-Grande do Norte até a Bahia, foi um dos heroes que mais se distinguiu na defeza daquella capital assaltada por Mauricio; e quando esta mesma cidade em 1639 estava em risco de ser presa do almirante Carlos Torlon, a

presença deste heroe sobre seus muros, salvou-a do ferro e fogo inimigo. Parecia o anjo da guerra perseguindo os adversarios do seu paiz !

Nas frequentes correrias em que andava, percorreu o centro em direcções diversas, destruindo e assolando tudo o que pertencia aos vencedores, sem que estes pudessem perseguil-o nos bosques, onde sempre se abrigava.

Ao terminar um destes celebres encontros, dirigiu aos hollandezes uma carta em que por fim assim dizia : « Tenham por certo que desse Arrecife onde nossas armas os teem accurrulado, lhes não fica mais sahida para a Hollanda ; e se atiram a outro alvo, bastam os meus negros para lh'os fazer errar. E dado o caso que pretendam vencer nossa constancia com sua perfidia, lhe poremos a terra em estado que lhes não possa dar mais que a sepultura ; porque saberemos queimar-lhes em uma noute, tudo quanto plantarem em um anno ; e para que não duvidem desta verdade, tenham entendido que é Henrique Dias o que escreve, pegando na penna com a mesma mão com que pega da espada. »

A noticia da traição de Tamandaré foi ouvida no acampamento com os brados da indignação e da vingança ; com o coração aceso em ira, arroja-se Henrique Dias qual leão aos inimigos, e tomando parte activa na batalha de Casa-Forte, sae victorioso e coberto de gloria.

No ataque das fortificações que levantaram os hollandezes, entre o forte dos Affogados e o das Cinco Pontas, portou-se como insigne capitão. Em alta noute surprenderam seus guerreiros ao inimigo, penetram

as trincheiras, degollam as guardas e levam de rojo tudo quanto se lhes oppõe.

Elevado ao posto de mestre de campo ; no meio dos combates e em lances duvidosos tinha este intrepido guerreiro o astucioso costume de arremessar o seu bastão sobre as columnas terradas do inimigo ou sobre as muralhas de suas fortificações.

Estimulados assim os seus soldados, bradava-lhes : « A' espada filhos ; ou haveis de restituir a insignia do meu mando, ou aqui ficaremos todos sepultados. »

Victorioso e nunca vencido, era-lhe reentregue o bastão. Parece que a Providencia lhe destinava sempre os louros das batalhas !

Em principios do anno de 1648, marcha para o Rio-Grande do Norte, e em frente do sitio Guarairas, onde os hollandezes tinham levantado trincheiras e uma casa forte, faz alto, exhorta os seus soldados, e mostra-lhes o modo de ganhar por assalto aquellas fortificações.

Com agua pela cintura, accomette o inimigo, e dentro em pouco apossa-se das trincheiras; escala a casa forte, e passa a fio de espada todos os que alli são encontrados.

No dia seguinte em Cunhaú, onde achou o inimigo, fortificado com muita gente, intimou-lhe que sem dilação se renda ; porque, se chegassem os seus a desembainhar a espada, com ella na mão, nem a obediencia os obrigava, nem a commiseração os movia, e que o testemunho desta verdade era o successo do dia antecedente.

Para ganhar tempo, responde o chefe hollandez com palavras equivocás ; mas Henrique Dias, conhecendo o ardil, ordena o ataque. Então rende-se o inimigo á

discrição, e o nosso valente chefe, depois de aposar-se das munições de guerra e de arrasar as fortificações, volta com os prisioneiros ao seu acampamento.

Passemos agora rapida vista sobre os mais importantes trechos de uma carta, por elle dirigida aos holandezes:

« Esta variedade e multidão de papeis que os meus soldados acham pelos caminhos, e que VV. SS. mandam deitar nelles, são folhas de que sempre conhecemos a flôr. Não lhes tem ensinado a experiencia que o negro nem recebe outra côr nem perde a que tem ?

« Para que gastam sua tinta pintando o seu dezejo nestas cartas, se as cartas se dão a conhecer pela pinta ?

« Já VV. SS. poderão ter alcançado de suas inclinações que nem perdoam a flamengos, nem de flamengos querem perdão, e estejam certos que, nenhum de nós perdeu a côr com seus ameaços, porque os consideramos de Hollanda, e menos com suas promessas, porque as de Hollanda não teem avesso nem direito.

« De quatro nações se compõe este regimento : Minas, Ardas, Angolas e Crioulos ; estes são tão malvados que não temem nem devem; os Minas tão bravos, que onde não podem chegar com o braço, chegam com o nôme ; os Ardas tão fogosos, que tudo querem cortar de um golpe ; os Angolas tão robustos, que nenhum trabalho os cansa.

« Considerem que esta gente não é a que se leva por arte, e assim lhes aconselho que se valham da força ; mas tambem lhes asseguro que, sem os matar a todos, nunca se hão de ver livres de contrarios. »

Esta resposta, humilhante para o soberbo inimigo, claramente revelou que, só pelas armas, decidiriam a contenda. O meio fallaz de promettidos perdões, não produzia mais effeito.

Na primeira batalha de Guararapes, Henrique Dias mostrou-se verdadeiro soldado; na segunda dada nestes mesmos montes, bateu-se como um heroe. Alli recebe um grave ferimento; sua vida acha-se em risco, mas não estava completa a sua missão, ainda lhe restavam grandes feitos, o grato complemento de tão heroica empreza tinha de corôar os seus esforços : pouco tempo depois voltava ao combate.

Inteirado D. João IV dos relevantes serviços prestados naquella guerra, manda-o condecorar com a cruz da ordem de Christo.

Recebe-a com profundo reconhecimento; mas em presença de seus companheiros de armas, declara solemnemente que não usaria dessa distincção, emquanto a sua patria gemesse sob o nefando jugo estrangeiro!

E assim o disse com tão segura esperanza que veio a realizal-o; só depois da restauração apresentou-se condecorado.

Henrique Dias foi o inimigo mais audaz e o flagello mais terrivel que nesta guerra tiveram contra si os hollandezes; todo o seu empenho era expulsal-os do paiz. Podemos dizer a seu respeito como Sylla disse de si: « Ninguem fez mais bem a amigos e mais mal a inimigos.»

Esta luta de quasi 24 annos, em que sobresahiu a consciencia de nossos maiores, ia tocar seu termo.

O auxilio de uma força naval, sem a qual já mais seria possível o assalto do Recife, conseguiu-se com a chegada da esquadra de Pedro Jacques de Magalhães.

Combinado o ataque das fortificações exteriores, Henrique Dias distinguiu-se nos lances mais arriscados; até que, no assalto da fortaleza das Cinco Pontas, unica que restava ao inimigo, elle se eleva á maior altura.

Com a espada na mão, sem recuar ás marchas, sem fugir ás expedições, sem temer os perigos, sempre avalliou o poder do inimigo por contrario e nunca por desigual.

Depois do assalto da fortaleza das Cinco Pontas, seguiu-se a capitulação dos hollandezes; estava consummada a restauração! e a entrada triumphante dos nossos heróes em Pernambuco, teve logar no dia 27 de Janeiro. Sem esse dia, desapareceriam do nosso auri-verde pavilhão seis brilhantes estrellas e com ellas a integridade do Imperio de Santa Cruz.

Estava nos designios da Providencia que o lar sagrado erguido por Cabral neste abençoado paiz, estenderia os seus beneficos effeitos do Prata ao Amazonas; o christianismo, fonte da civilisação, do progresso e da liberdade, devia implantar-se em todo o Brasil.

Se a religião, como diz o celebre Chateaubriand, é poderosissimo incentivo do amor da patria, devemos crêr que ella teve a maior influencia no bom resultado de tão feliz empreza.

Henrique Dias, educado nestes principios e animado de piedosos sentimentos, nunca esqueceu os deveres de christão.

No meio das lides guerreiras, onde quer que estivesse, festejava a Virgem Santissima do Rozario, invocando o seu soccorro.

Foi em cumprimento do seu voto que, no logar em que por ultimo se fortificou com a sua gente, elle erigiu a igreja da Estancia para attestar a protecção divina concedida por intercessão da Mãe de Deus, e perpetuar a memoria de seus nobres feitos.

Aquelles, que se sacrificam pela patria, conquistam no futuro a admiração da posteridade, e a gratidão nacional para com elles não é mais do que um dever.

Mas, porque modo tem o paiz patenteado a sua gratidão a Henrique Dias ?

Ergueu-lhe uma columna, uma estatua ; gravou no marmore ou bronze um distico ou epitaphio honroso ? Nada disto, quanto nos custa a dizel-o !

Depois de suas façanhas guerreiras, de regar por vezes a terra com seu sangue, e de emfim restaurar a patria, viveu ainda oito annos para testemunhar sómente as miserias proprias e as alheias.

Henrique Dias, mestre de campo e governador dos homens pretos, cavalleiro da ordem de Christo e restaurador de Pernambuco, falleceu no dia 8 de Julho de 1662.

Sepultado no convento de S. Francisco do Recife, em logar que se ignora, seu fuñeral, com o qual apenas se gastou 48\$720, foi feito por ordem do governador Francisco de Brito Freire, á custa do Estado ! (\*)

---

(\*) O *Almanak de Lembranças Brasileiras*, do Dr. Cesar A. Marques publica as seguintes peças acerca da pobreza, e do enterro de Henrique Dias, as quaes reproduzimos aqui pela sua curiosidade ;

O nome de Henrique Dias tornou-se tão popular que os corpos milicianos de homens pretos, conservados por ordem régia, denominavam-se « Regimentos dos Henriques ».

De tres filhas, que lhe ficaram, houve legitima descendencia, por casarem duâs.

Ainda em 1716, D. Benta Henriques, sua filha, e o capitão Amaro Cardigo, seu genro, assignaram uma procuração bastante, como viu-se dos fragmentos de um livro de notas do tabellião João de Souza Nunes, na cidade do Recife.

De uma escriptura lavrada na villa de Iguaçu, nas notas do tabellião Francisco Dias de Leão, aos 19 de Agosto de 1683, consta que uma outra filha fôra casada com Francisco Rodrigues Freire. Existem, pois, os netos descendentes deste bravo.

« Este heroe pernambucano falleceu tão pobre, diga-se para maior gloria delle, que não deixou com que enterrar-se, e por isso houve a seguinte correspondencia official.

« — O provedor da fazenda real faça pagar tudo quanto seja necessario para o enterro do mestre de campo Henrique Dias, cujo dispendio e assistencia tenho encarregado ao capitão Thomaz de Abreu, para, com quitação sua ao pé desta, se levarem em conta ao almoxarife Gregorio Cardoso de Vasconcellos nas que der de seu recebimento o que constar se gastou. E outro sim faça tambem dar dez libras de polvora para a carga, que se ha de disparar no enterramento. Recife, 8 de Junho de 1662. E assim mais o gasto do officio da mesma fôrma. — Brito. »

« Sr. Governador. — Sua Magestade manda dar uma só paga aos officiaes e soldados, que fallecerem: esta se lhe dará, porém da maneira que V. S. ordena nesta portaria não pôde ter logar por ser contra a fôrma do regulamento. Recife, 8 de Junho de 1662. — De la Penha »

« Sem embargo da duvida do regimento, que aponta o provedor da fazenda real, se dê cumprimento a esta portaria visto o muito que deve o serviço de Sua Magestade, e o Estado do Brasil á memoria do defunto mestre de campo. Recife, 8 de Junho de 1662. — Brito. — Cumpra-se e registre-se. Recife, 8 de Junho de 1662. — De la Penha. » (E' o Dr. Simão Alves de la Penha Deus-dará.)

## HONORIO HERMETO CARNEIRO LEÃO

( MARQUEZ DE PARANÁ )

Nasceu na villa de Jacuhy, da provincia de Minas-Geraes, a 11 de Janeiro de 1801, sendo seu pae o coronel Nicoláo Netto Carneiro Leão.

Depois de estudar humanidades nos estabelecimentos de sua provincia, partiu em 1820 para a universidade de Coimbra, tomando em 1825 o gráo de bacharel em direito.

Nomeado juiz de fóra de S. Sebastião, em 1826, serviu depois diversos logares de magistratura, inclusive os de auditor de marinha e ouvidor do Rio de Janeiro, sendo elevado ao cargo de desembargador da relação de Pernambuco com exercicio na da Côrte; e na occasião em que devia entrar para o supremo tribunal de justiça, aposentou-se, por lh'o vedar a sua qualidade de conselheiro de Estado.

*Enterro* — Tres sellos de 3 missas, que lhe disseram de corpo presente na igreja de Santa Catharina 1\$440  
Dezesete sellos e meio, que se pagaram a 17 sacerdotes e o sachristão 8\$400  
A' confraria do Senhor. 2\$000  
Dita das Almas 2\$000  
Dita de Santa Luzia . . . 8480  
Dita de Santa Catharina . . . 8480  
Dita do Corpo Santo é . . . 8480  
Dita do Bom Jesus. 8487  
Dita de Nossa Senhora . . . 8430  
Dous sellos dos signaes que se fizeram 8960  
Pelo cobrimento da cova . 8640  
Oito libras de cêra a 560 rs 4\$480  
Do habito. 4\$000  
Pela cova. 2\$000  
16 Missas em Santo Antonio a 200 rs. 3\$200  
49 Ditas na matriz, idem . 9\$800  
De um responso. 8960

Appareceu pela primeira vez na scena politica em 1830, sendo eleito deputado por Minas. Ligou-se ao partido *moderado*, dirigido por Evaristo Ferreira da Veiga.

Apezar de não ser orador, sua actividade e energia, sua dialectica cerrada, o distinguiram;—entretanto não era favoravel a oportunidade para uma ambição nascente. A popularidade acompanhava reputações já feitas — o partido tinha uma pleiade illustre de homens politicos, como Torres, Costa Carvalho, Vergueiro. Paula Souza, Alencar, Vasconcellos, Feijó, José Bento e outros. Gastou pois dous annos a conquistar palmo a palmo uma posição.

Chegou o memoravel dia 30 de Julho de 1832, uma das datas mais celebres do Brasil. A camara dos deputados se declarou em convenção nacional para o fim de reformar a constituição do Imperio, e Honorio não se oppoz.

Apezar de haver adherido ao plano da convenção, apresentou-se na sessão resolvido a combatel-o; separou-se dos seus antigos aliados, e pronunciou-se contra o projecto com tanta firmeza, que conseguiu um fraccionamento na maioria, o qual, ligando-se á opposição, suplantou o partido *moderado*, e a idéa da reforma constitucional. Data d'aqui a influencia de Honorio; — o feliz resultado de sua iniciativa o collocou em frente do novo partido, formado da fusão dos opposicionistas com os liberaes divergentes.

Tornou-se o homem da situação; e depois do famoso ministerio de 40 dias, foi chamado para fazer parte do gabinete de Setembro, em que occupou a pasta da justiça.

Contava pouco mais de 31 annos — no curto espaço de sua vida politica revelou character independente, e mostrou que não aceitaria imposições, nem governaria por direcções estranhas. Seus antigos chefes não se resignaram a ceder-lhe o primeiro logar, e d'ahi proveio divergencia, e pretextos, que o obrigaram a pedir demissão, depois de ler o relatorio de sua repartição, em que sustentava a necessidade de reformas no sentido de dar mais força á autoridade.

Foi repellido pelos homens da maioria, elevados pela situação que elle creára, e o odio politico desses alliados chegou a tal ponto, que procuraram cassar o diploma do homem, que acabava de obter dos mineiros a mais brilhante reeleição.

Em 1834 teve uma posição eminente na camara, em 1837 desdenhou o prestigio de uma pasta, preferindo conservar-se na camara como chefe da maioria e dominar o ministerio, em 1840 combateu o projecto da maioridade, apresentando outro com uma reforma na constituição, o qual retirou repentinamente, sem prévio accordo com o gabinete, talvez por uma dessas resoluções promptas e decisivas, que o seu espirito previdente, ou sua firmeza de vontade lhe faziam tomar muitas vezes. Inaugurado o reinado de Pedro II collocou-se em opposição pela mudança da politica, que então se deu; mas em 1841 recuperou sua posição de chefe da maioria, e distinguiu-se como presidente do Rio de Janeiro, combatendo a revolta de 1842; e foi nessa época nomeado senador, e conselheiro d'Estado.

Em Janeiro de 1843 sendo encarregado da organização de um novo ministerio, occupou nelle a pasta

da justiça, e depois a d'estrageiros até Fevereiro de 1844, em que fez apparecer a questão de gabinete, que mudou novamente a politica do paiz.

Voltando á opposição, manteve-se nella até a elevação do ministerio de 29 de Setembro de 1848, ao qual prestou bons serviços como presidente de Pernambuco em 1849, e na sua missão ao Rio da Prata em 1851.

Foi honrado com o officialato do Cruzeiro, com a grã-cruz de Christo, e com a da Conceição de Portugal, tendo recusado em 1843 a grã-cruz da Legião de Honra de França. Em 1852 foi nomeado visconde de Paraná.

Chamado para a organização de um ministerio em 5 de Setembro de 1853, do qual fez parte o visconde de Abaeté, iniciou Honório a politica da *conciliação*, visto como se achava gasta a politica que desde 1830 dominára o espirito publico. As difficuldades de tal systema politico, que podia ser traduzido por muitas faces, só as podia vencer seu nome, seu prestigio, sua firmeza de vontade, e a confiança imperial — revelou então a prudencia, virtude que todos lhe recusavam.

Este ministerio venceu uma opposição formidavel que se levantou por causa de questões do Paraguay, e fez approvar a lei de eleições por circulos no seio de uma deputação pela maior parte composta de magistrados. A obra porém que tinha começado, os projectos que tinha em mente, não quiz a Providencia que o marquez de Paraná levasse ao fim; no dia 3 de Setembro de 1857 todos os espiritos se interrogavam — quem o substituirá? Dezeseis dias de molestia,

(hepatite e bronchite chronica) que apresentou diversas alternativas, o fez baixar á campa, com todos os Sacramentos, na manhã de 4 de Setembro.

### JACINTHA DE S. JOSE'

Nasceu no Rio de Janeiro a 15 de Outubro de 1715. Seus progenitores foram José Rodrigues Ayres, e Maria de Lemos Pereira.

Era pallida, e bella, mui sensivel, intelligente e excessivamente nervosa.

Sua educação desde tenra idade foi toda religiosa; adormecia escutando lendas, e historias de santos; mal acordava ia ouvir missa com seus paes, e trazia ao pescoço bentinhos com a imagem de Nossa Senhora.

Aos oito annos já era contemplativa e meditabunda mais do que se podia esperar em tal idade, quando moça mortificou-se em jejuns e cilicios, por meio de orações escolheu a Deus para esposo, e como noiva pensou na casa, em que devia morar.

Um convento veio-lhe ao pensamento:— a mãe resistiu a tal intenção, e só depois de muitos annos é que consente que ella vá para um convento em Lisboa, o que não se verificou pelas graves consequencias de uma quéda, que soffreu.

Durante a convalescença ia com sua irmã Francisca ouvir missa ao convento do Desterro, e um dia, voltando pela estrada *Matacavallos*, notaram a antiga chacara chamada *Bica* abandonada, e em ruinas, porém o logar era solitario, e por isso encantou a Jacintha, e depois de vencidas algumas difficuldades, em 26 de Março de 1742 logo de madrugada sahiu, ouviu missa,

confessou-se, commungou, recolheu-se á casa arruinada, e disse para sempre um adeus ao mundo.

Levantou por suas mãos um altar portatil, onde collocou uma imagem do Menino Deus, ornou-o de flôres, resou suas primeiras orações ahi, abraçou seu irmão o padre José Gonçalves, e incumbiu-o de fazer suas despedidas á sua familia.

Assim teve origem o convento de Santa Thereza, trocando sua fundadora o nome de seus paes pelo nome por que é conhecida.

Todas as horas eram aproveitadas pelos trabalhadores da capella, e á noite, ao clarão da lua, os curiosos viam os vultos de duas mulheres silenciosas, que sobre seus hombros carregavam pedras pesadas para junto das paredes em construcção. Eram as duas irmãs Jacintha, e Francisca de Jesus Maria, que esqueciam o descanso, o somno, e a delicadeza de seu sexo, levadas pelo desejo ardente de verem mais depressa acabada sua obra. Jacintha vendeu o que possuia, obteve esmolas dos fieis, e uma subvenção mensal do governador Gomes Freire de Andrade; tudo empregou na capella.

Falleceu em 2 de Outubro de 1768 (\*).

### JERONYMA MENDES

Brasileira que falleceu em 1633.

Quando os Hollandezes invadiram o Rio-Grande, ella entrou em uma batalha contra elles, e tendo uma faca em punho, defendeu com animo invencivel a propria casa, e salvou seus bens, que pretendiam roubar.

---

(\*) Vide *Brasileiras Celebres*, de J. Norberto, 1862; e *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, do Dr. Macedo, 1º vol., 1862.

## JERONYMO DE ALBUQUERQUE MARANHÃO

Fidalgo da casa real, capitão da conquista do Maranhão pela provisão de 29 de Maio de 1613, confirmada em 17 de Junho de 1614, vencendo o ordenado de 200\$ por anno, metade em dinheiro e metade em fazendas, pagas no almoxarifado da mesma conquista.

Nascido em pobre e obscura colonia portugueza, fóra do leito da legitimidade conjugal, foi um dos muitos filhos do velho capitão portuguez do mesmo nome, parente de Affonso de Albuquerque, o heroe da Asia, e cunhado de Duarte Coelho, o primeiro donatário de Pernambuco.

A india Maria do Espirito Santo, filha do Principal *Arco-Verde*, o deu á luz em 1548. (\*) Aparentado de perto com os indigenas, manejava muito bem a linguagem delles, e merecia-lhes muita estima.

Aprendeu a lêr e escrever com os jesuitas, e exercitou-se no manejo das armas com seu paé e avô materno nas campanhas porfiadas contra os indios do lado de Iguarassú.

Contando 20 annos de idade, appareceu tomando grande parte na definitiva occupação do porto da Parahyba, e por estes feitos, julgando-se indispensavel á segurança da colonia a occupação do porto do Rio Grande do Norte, foi elle escolhidó para capitanear a gente de guerra pelo capitão de Pernambuco Manoel Mascarenhas Homem.

---

(\*) Vide *Memor. Hist. de Pernambuco*, de Fernandes Gama, vol. 1º, pag. 91 e seguintes.

Fundeou a expedição fóra da barra do Rio Grande em 17 de Dezembro de 1597, entrou no porto no dia immediato, e estabeleceu a povoação a que deu o nome de *Natal*, alludindo a época do anno que estava proximo.

Retirando-se Mascarenhas, ficou só em campo Jeronymo de Albuquerque, e promptamente os indios sublevados pediram paz, e prestando obediencia, depositaram em terra arcos e flechas.

Por estes serviços teve a remuneração de fôro de fidalgo, sendo provido na capitania do forte do mesmo Rio Grande por tempo de seis annos.

Tinha 60 annos quando foi encarregado de fundar a nova capitania de Caeté—e regressando a Pernambuco, foi confirmada esta nomeação para a conquista do Maranhão no poder dos francezes. Era tratado por capitão-mór, até mesmo por Diogo de Campos, que lhe foi dado por companheiro e chronista da expedição.

Passou por muitos trabalhos e soffrimentos nos caminhos da Parahyba para o norte, e nas muitas arribadas ao Rio Grande e Ceará, o que se acha descripto em Berredo, no *Jornal do Timon*, e nas obras do commandador A. J. de Mello.

Entrou afinal pela bahia de S. Marcos, fundeou quatro leguas antes da foz do rio Munim, fundou o arraial de Santa Maria no sitio da Guaxenduba, e seguiu-se uma longa serie de trabalhos gloriosos para a conquista do Maranhão, realisando seus dezejos em 3 de Novembro de 1615, vendo o inimigo invasor inteiramente derrotado por vergonhoso convenio. Foram seus companheiros de fadigas, com risco de vida, seus filhos e tres sobrinhos.

Ao sellar com sua assignatura a capitulação feita com o chefe francez inimigo Rivardiére, lavrou Jeronymo de Albuquerque alvará por si mesmo, intitulado-se pela primeira vez—*Maranhão*.

Venceu em muitas batalhas os francezes, capitaneando um troço de tropas portuguezas e indigenas, de minguada's forças, minadas e disseminadas pela penuria, molestia e insubordinação, emquanto que os francezes eram á frente de tropas regulares, bem providas de todos os recursos para a guerra, e preparadas de antemão e com vagar para esses combates.

Jeronymo de Albuquerque expediu com as noticias felizes um portador para Pernambuco, e Diogo de Campos para Hespanha.

Não sendo approvedo o feito pela côrte de Madrid, *foi pelo contrario extranhado severamente por serem as treguas concluidas com piratas*, determinando-se ao governador de Pernambuco que acabasse quanto antes com a conquista do Maranhão.

Foi mandado do Recife, como *general da guerra*, Alexandre de Moura. Jeronymo de Albuquerque, ferido em seu amor proprio, em vista de tal injustiça, esquecidos seus longos serviços, desprezada sua tão notavel experiencia, mostrou-se superior a todos os desgostos, e, usando de toda grandeza de sua nobre alma, resignou-se, sujeitou-se aos revezes da fortuna, e obedeceu.

Sob o commando de Moura aquartellou em 30 de Outubro juuto á Fonte das Pedras, para perseguir o inimigo acastellado no Forte do Baluarte.

Em 2 de Novembro foi a capitania arrebatada da mão dos francezes. Nestas luctas todos os louros pertencem a Jeronymo de Albuquerque.

Felizmente o proprio Alexandre de Moura foi o primeiro a fazer justiça a Albuquerque, nomeando-o capitão-mór da conquista do Maranhão, que lhe tocava como propria, e dando a seu filho Antonio e a seu sobrinho Jeronymo commissões importantes.

Com a retirada de Moura para Pernambuco em 1616, Albuquerque voltou suas vistas para a fundação e edificação da capital, chamou á obediencia os indios da ilha de S. Luiz, mandou explorar as riquezas do Pindaré, por varias vezes soccorreu a cidade de Belem com munições de guerra, e de primeira necessidade á vida, e cuidou tanto da sorte dos indios, que collocou á frente delles como governador seu filho segundo, o capitão Mathias de Albuquerque.

A morte surpreendeu-o em 11 de Fevereiro de 1618. Entre o notorio merito de suas virtudes, resplandecia a da devoção da Virgem Purissima.

## JOANNA ANGELICA

Natural da Bahia, abbadessa do mosteiro da Lapa escolhida por suas qualidades, e pela estima e acatamento que merecêra de suas irmãs.

A rivalidade dos partidos dos generaes Madeira e Manoel Pedro tocou a seu auge, e correu ás armas, quando chegou á Bahia a designação de Madeira, vinda de Lisboa, para servir de commandante das armas, em prejuizo da causa nacional, que via no exercicio daquelle posto pelo general Manoel Pedro o symbolo e a expressão do voto da junta provisoria, que então dirigia os destinos da provincia.

A guerra já não era com armas bellicosas; soldados grosseiros, estúpidos e desenfreados, armados de alavancas, como salteadores, faziam saltar as portas, penetravam nos templos; roubavam as joias sagradas, violavam as casas, e levavam o desacato ao seio das virgens. As tripolações dos navios portuguezes vinham juntar-se á soldadesca, e ajudal-a nas maiores crueldades.

O grito tremendo e sacrilego—Aos conventos!—partiu d'entre elles, e voltaram seus olhos para o convento da Lapa. As virgens estavam prostradas ante os altares, dirigiam suas preces e rogos á nossa Mãe commum, cuja intervenção pediam pela causa da patria, quando as portas cahiram pedaços. Que de suasões não empregou a madre Joanna? A turba, rugindo como um leão, avançava ameaçadora.

Joanna Angelica fez ver que a passagem estava guardada pelo seu peito, e que não passariam além senão sobre o cadaver de uma mulher. Elles, surdos, avançando sempre, lhe atravessavam o peito com as bayonetas. A abbadeça cruzou os braços sobre o seio ensanguentado, como se apertasse contra elle a gloriosa palma do martyrio, alçou os olhos para o céo, e expirou com um sorriso nos labios.

O capellão do convento Daniel da Silva Lisboa, respeitavel pela sua idade e virtudes, acudiu ao conflicto, contemplava horrorisado o cadaver de uma santa no meio de tanta profanação, quando recebeu tambem a morte na ponta das bayonetas! As freiras fugiram espavoridas, buscando no convento da Soledade uma guarida contra aquelles monstros, que se embriagavam no saque! (\*)

---

(\*) Vide *Brasileiras Célèbres*, do Sr. J. Nóbetto, Paris, 1862.

## JOANNA DE GUSMÃO

Nasceu na cidade de Santos, da provincia de S. Paulo.

Era irmã do abalisado estadista Alexandre de Gusmão, e do famoso aeronauta Bartholomeu Lourenço.

Conjectura-se que nascêra em 1688, ignorando-se porém a época de seu casamento com um fazendeiro, que, segundo a tradição, gosava de honras militares.

Depois de uma grave molestia, indo ella á igreja de Nossa Senhora das Neves cumprir uma promessa, e lendo os differentes votos pendentés da parede, tal impressão fez no seu animo, que, de combinação com seu marido, prometteram ante a imagem santa que, como romeiro, iria peregrinar pelo mundo aquelle que sobrevivesse, deixando de passar a segundas nupcias.

Pouco tempo depois succumbiu seu marido de variola.

Joanna pagou ao morto o tributo da saudade e da religião, tomou o bordão de peregrino dos tempos biblicos, cingiu o cilicio sobre as carnes, amortalhou-se em um ha bito de burel pesado e negro, e fazendo pender do pescoço a imagem do Menino Deus, a pé caminhava pelos desertos, atravessava solidões, penetrava florestas, e assim chegou á provincia de Santa Catharina, onde demorou-se na freguezia da Lagôa.

Na capital da mesma provincia fundou um templo dedicado ao Menino Deus, que doou aos frades franciscanos.

Realizado este seu ardente dezejo, por 11 annos trajou o habito da ordem terceira da Penitencia, e dedicou-se como mãe caritativa e piedosa ao ensino e educação da infancia desvalida, até que, na noute de 15 de Novembro de 1780, contando 92 annos, expirou sobre pobrissimo leito, no meio daquelle povo, que muito a amava, e respeitava pelas suas virtudes.

Ao passar o enterro ouvia-se muitas vozes—E' a beata Joanna de Gusmão! E' a mulher santa!

### JOÃO ALVES CARNEIRO (Dr.)

Nasceu no Rio de Janeiro a 18 de Outubro de 1776.

Seus paes, bastante pobres, deixaram-o bem cedo orphão e abandonado. Uma familia o amparou, mandou-lhe ensinar humanidades, e habilitou-o em breve para os estudos secundarios. João Alves começou a frequentar a escola medico-cirurgica, e sua applicação o tornaram amado de seus mestres, e respeitado de seus condiscipulos.

Obtendo diploma de cirurgião approvedo, exerceu sua profissão no hospital da Misericordia, sendo nomeado cirurgião do banco.

No dezejo de aprofundar seus conhecimentos, embarcou para Lisboa; os mouros o aprisionaram, e o levaram á Asia. Depois de ter soffrido trabalhos e tormentos voltou a Lisboa. Saudades da patria, e de seus protectores o fizeram regressar para o Rio de Janeiro.

Entregou-se então exclusivamente á sua profissão, e seus conhecimentos, em breve, o tornaram o medico mais procurado. O seu diagnostico era sempre certo, e seguido pelos seus collegas, que o ouviam em conferencias.

Foi medico effectivo do hospital da ordem terceira do Carmo; renunciando depois esse logar para dal-o a seu amigo o Dr. Luiz Francisco Ferreira.

A sua caridade tornou-o o cirurgião mais popular do Rio de Janeiro, porque nunca se recusou a ir visitar o pobre, e o desvalido—ouvia todas as dores, e gemidos, e encontrava sempre remedio para os que soffriam—sua bolsa era dos pobres—o povo o venerava emfim.

Fundou a sociedade de mediçina, da qual foi presidente por algum tempo, e constantemente membro de diversas commissões.

Nem á sua espoza dizia os beneficios que fazia;—e quando ella nisso lhe fallava, exclamava—São mais as vozes do que as nozes!

Indo visitar um doente no logar denominado—Lazareto—cahiu do cavallo, soffrendo grande pancada sobre a cabeça. Então disse: *Temo que desta pancada não m resulte algum mal no 7º dia.* O habil m edico adevinhara No dia marcado appareceu-lhe uma contracção nervosa nos musculos do pescoço. Sua espoza assustada, perguntou-lhe o que soffria—João Alves respondeu risinho—*São novenas*—Desde então ficou no leito, do qual sahiu para ir dormir no tumulo a 18 de Novembro de 1837.

A consternação foi geral—os filhos da desgraça choravam seu protector, os pobres seu medico, e seu amigo, as familias desvalidas choravam seu pae. O carro funebre era acompanhado por 96 carruagens, e a Praia da Gamboa, onde morreu o medico, encheu-se de uma multidão afflicta e pezarosa. A academia de medicina tomou lucto por 15 dias.

Os ossos do finado existem no mosteiro de S. Bento em um bello tumulo, mandado preparar pela sua digna espoza.

Todos choraram o homem que soubera ser o apóstolo da caridade—era S. João de Deus que ia para seu sepulchro.

### JOÃO DUARTE LISBOA SERRA

Natural do Maranhão, e formado em direito pela universidade de Coimbra. Foi presidente do banco do Rio de Janeiro, teve titulo de conselho, e falleceu ainda moço em 1855.

De Andarahy escrevia elle no leito de mortal doença a um seu amigo :

« Bem quizera terminar, mandando-lhe alguma flor mimosa, colhida como por encanto no meio das vastas e monotonas campinas deste meu prosaico retiro. Mas apenas deparo com os ramos funebres do cypreste.

« Leia, pois, no meio das esperanças que lhe sorriem, estes tristes versos do desengano, e receba no grito do moribundo uma lembrança indelevel do amigo. E' a minha oração da manhã. »

Já no leito da morte legou-nos as seguintes bellas estrophes, cheias de harmonia, e repassadas de dôr e de tristeza :

Morrer tão moço ainda ! quando apenas  
Começava a pagar á patria amada  
Um escasso tributo, que devia  
A seus doces extremos !

Morrer, tendo no peito tanta vida,  
Tanta idéa na mente, tanto sonho,  
Tanto afan de servil-a, caminhando  
Ao futuro com ella!...

Se ao menos de meus filhos eu pudesse,  
Educados por mim, legar-lhe o esforço...  
Mas ah! que os deixo, tenras floresinhas,  
A' mercê dos tufões!

Vencerão das paixões o insano embate?  
Succumbirão na luta do egoismo?  
As crenças, da virtude o sentimento  
Quem lhes ha de inspirar?

Não te peço, meu Deus, mesquinhos gozos  
Deste mundo illusorio; mas supplico,  
Tempo de vida, quanto baste apenas  
Para educar meus filhos.

E' curto o prazo; dai-me embora o fel  
Dos soffrimentos; sorverei contente;  
Lucida a mente, macerai-me as carnes,  
Estortegai meu corpo.

E apoz tranquillo volverei ao seio  
Da eternidade. A fimbria de teu manto,  
Face em terra, beijando—o meu destino  
Ouvirei de teus labios.

### JOÃO PEDRO MAYNARD

Brasileiro, dotado de uma memoria feliz, qualidade  
á que reunia o dom de improvisar, tornando-se, como

diz o Sr. Joaquim Norberto, (\*) o alvo e o encanto das sociedades, em que se achava, e amenizando sua conversação com sainetes, repentes e aneddotas, que inventava para entreter os espiritos.

A incuria de seus parentes deixou que se perdessem suas poesias.

Depois que selhe amadureceu a idade, começou a reinar uma tal ou qual liberdade em suas palavras, que, de indecente, passou a cynica a linguagem de homem tão proeminente.

Dando-lhe uma senhora, para o embaraçar, o motte:

Não são nove as musas bellas,  
Nem estão no Pindo as tres graças.

Maynard ainda com o chapéo na mão, ao entrar em uma sala de baile, e com os olhos fitos na encantadora moça, que lhe offerencia uma chavena de chá, com o motte foi pronunciando como por encanto estes versos:

No numero, meu bem, d'aquellas  
Que habitam lá no Parnaso  
Éras tu, e nesse caso  
« Não são nove as musas bellas ».  
Tu, meu bem, junto com ellas  
O sacro licor nas taças  
Aos poetas dás; não façás  
Qu'eu fique sem estro aqui,  
Se as graças estão em ti,  
« Não estão no Pindo as tres graças ».

---

(\*) *Rev. Pop.*, vol. XIV, 1862.

## JOÃO VIEIRA DE CARVALHO

(MARQUEZ DE LAGES)

Tenente-general, grã-cruz da antiga ordem militar de S. Bento de Aviz, conselheiro de Estado e presidente do senado.

Nos primeiros assomos do patriotismo brasileiro para a emancipação politica do Imperio, o marquez de Lages envidou esforços para o triumpho da liberdade e da civilisação. Ministro da guerra, levantou um exercito formidavel d'entre alguns officiaes ardentes em patriotismo. A lei das promoções em 1822, e a maior parte de toda a legislação militar, foi confeccionada pelo benemerito marquez, o protector dos militares, o amigo das letras e dos conhecimentos scientificos na arte de combater e vencer. Attendeu e despachou a aptidão e o merito, apenas o reconhecia. Muitas vezes repetia o marquez: *Na minha longa carreira de ministro de Estado nunca fiz mal a pessoa alguma com conhecimento de assim haver praticado.*

Foi sepultado a 2 de Abril de 1847.

## JOAQUIM IGNACIO DE SEIXAS BRANDÃO

Natural da provincia de Minas-Geraes, e pertencente a uma de suas mais honestas e illustres familias.

Estudou na universidade de Montpellier, e de volta á Lisboa foi nomeado medico das Caldas da Rainha. Por sua reunião era sempre ouvido com interesse nos seus improvisos—e dotado de genio poetico ligou-se intimamente com Basilio da Gama, o autor do *Uruguay*.

Era parente da formosa D. Maria Joaquina Dorothea de Souza Brandão, que Gónzaga eternisára em seus versos.

## JOAQUIM VELLOSO DE MIRANDA

Nasceu na provincia de Minas-Geraes. Formado em philosophia pela universidade de Coimbra, regeu na faculdade da mesma universidade algumas cadeiras de sciencias naturaes.

Regressando á sua provincia, deixando todas as vantagens pelas saudades da patria, foi encarregado pelo governo de colligir objectos de historia natural para o museu de Lisboa.

Miranda falleceu em Minas, em 1816 ou 1817, contando 80 annos de idade.

Foi a elle que o professor Domingos Vandelli dedicou o seu genero *Vellosia* na sua *Flora Lusitaniae et Brasiliensis specimen*, e não a Fr. José Marianno da Conceição Velloso, como muita gente acredita.

## JOSE' AFFONSO DE MORAES TORRES

Nasceu no Rio de Janeiro a 23 de Janeiro de 1805.

Em 1820 foi mandado para Minas-Geraes, e entrou no famoso collegio denominado — *Caracri* — que era dirigido pelos padres congregados da missão de S. Vicente de Paula, vindos de Portugal no reinado do Sr. D. João VI.

Tomando ordens, por se ter acendido em sua alma a vocação para o sacerdocio, e depois de concluir com subido louvor o seu curso theologico, sahio em missão, e percorreu grande parte da provincia de Minas com outros padres congregados, fazendo ahi, e no pulpito, ampla colheita de ovelhas, e plantando boas doutrinas.

Passou da tribuna sagrada ao magisterio, ensinando philosophia e outras materias no collegio de Congonhas do Campo, uma das dependencias do Caraça — fez ahi discipulos que hoje são illustrações do Imperio. Nessa mesma localidade foi vigario collado.

Em 1840, vindo á Côrte visitar seus parentes, foi instado para entrar no concurso da freguezia de S. Francisco Xavier do Engenho Velho, e, nella effectivamente provido, a parochiou pouco tempo, porque recebeu a eleição de bispo do Pará, tendo 39 annos de idade, sendo confirmada sua eleição por bulla do Santo Padre Gregorio XVI de 23 de Janeiro de 1844.

Em ambas as freguezias foi pae, irmão e amigo de seus parochianos:

Chegado ao Pará, percorreu grande parte dessa provincia, e da do Amazonas, publicando um itinerario dessa viagem; reformou o seminario, creando novas aulas, e entre ellas a da lingua tupy.

Foi eleito deputado á assembléa geral pelo Amazonas quando se creou esta provincia.

Demasiados escrúpulos em seus actos, antigos e longos padecimentos o fizeram impetrar da Santa Sé, em 1857. sua resignação ao bispado, que lhe foi concedida. Em 8 de Julho desse anno despediu-se da diocese, e a 12 retirou-se para o Rio de Janeiro.

Foi pedir asylo e trabalho no excellente collegio de S. Pedro de Alcantara, no Rio de Janeiro, e nelle leccionou historia, latim e outras materias, sendo pelos directores collocado na presidencia do mesmo.

A morte de seu amigo e conselheirò, o bispo conde de Irajá, causou-lhe pezar profundo, augmentaram-se seus incommodos physicos e moraes. Não achou allivio nem

no clima de Petropolis, nem nas aguas virtuosas da provincia de Minas, aonde falleceu em 25 de Novembro de 1865.

Foi examinador synodal da diocese do Rio de Janeiro, commendador de Christo, membro de algumas sociedades litterarias e sciencificas do paiz e da Europa. Escreveu dous livros de experimentada utilidade. Um *Compendio de philosophia racional*, publicado em 1852 no Pará, e *Lições de eloquencia*, extrahidas da obra de Francisco Freyre de Carvalho, impressas em 1851 na mesma provincia.

### JOSE' BASILIO DE SOUZA

No seculo passado nasceu em Santa Luiza do Sabará. Era de côr parda, de estatura ordinaria e musculoso.

Em 1775 foi obrigado a assignar termo de despejo para fóra da comarca, por ser suspeito ao intendente João da Costa Dantas de Mendonça como contrabandista e não ter officio.

Tendo licença para vir rezidir no districto algum tempo depois, foi obrigado a assignar segundo termo por se repetirem as mesmas suspeitas.

Sem recursos, entregou-se á vida de *garimpeiro*, voltando ao districto, sem temor das rigorosas penas, em que ia incorrer por infracção do termo.

Em 1780 ia ser condemnado a dez annos de degredo, quando fugiu, comprando seu carcereiro por meia oitava de diamantes.

Reunido a dez companheiros valentes, em 1784, foi preso terceira vez, e condemnado a trabalhar como galé, depois de um combate com uma companhia de dragões.

Continuou no contrabando de diamantes, apesar de toda a vigilância.

Havendo recebido de seus protectores quatro limas, uma verruma e uma faca, alta noite, quando dormia a tropa, elle e seu companheiro de grillheta cortaram as péas, lançaram fogo ás rancharias, e a nado pelo Jequitinhonha alcançaram a margem opposta, cheia de altos rochedos talhados a pique, e atracaram-se aos ramos das arvores.

Já se consideravam salvos, quando dous tiros de bala o desprendeu da arvore, em que estava agarrado, estalou e quebrou-se esta, e lá foi José Basilio para o fundo do rio, preso ao cadaver de seu companheiro.

Sem perder a coragem foi arrojado pela torrente a um rochedo, limou a corrente de seu infeliz companheiro, e seguindo rio abaixo foi ter á serra da Barra do Rio Manso, onde morava um seu parente ferreiro, e com o ferro da corrente fez dous almocafres, e uma alavanca, e começou de novo a vida de garimpeiro.

Em 1791 foi, depois de mortalmente ferido, preso, processado e condemnado a dous annos de degredo em Angola. (\*)

### JOSE CLEMENTE PEREIRA

Nasceu a 17 de Fevereiro de 1787 no logar de Adem, villa de Castello-Mendo, comarca de Trancoço, bispado do Pinhel em Portugal.

---

(\*) Vide *Almanak de Lembranças brasileiras*, 1858, Maranhão.

Seus paes, José Gonçalves e D. Maria Pereira, confiaram sua educação litteraria a um tio sacerdote, o qual habilitou-o nos preparatorios necessarios para matricular-se na universidade de Coimbra, onde obteve o grão em direito e canones.

No tempo da invasão dos francezes na Peninsula, José Clemente alistou-se no batalhão academico que então organisou-se em Portugal, e de que foi commandante José Bonifacio de Andrada e Silva.

Na carreira das armas não tardou muito que sua coragem e aptidão o tornassem conhecido muito vantajosamente; pelo que foi elevado a capitão e commandante de uma das guerrilhas que mais damno causou ás armas francezas.

De Portugal passou a atacar os francezes em Hespanha, debaixo das ordens do duque Wellington, fazendo parte do famoso exercito anglo-luso, que tanto correu para a primeira queda do Imperio, dando em suas armas o mais terrivel golpe, e obrigando-os á evacuação da peninsula com grandes perdas e innumeradas derrotas.

Nesse exercito militou por muito tempo ; viu com a espada na mão a abdição de Fontainebleau, e ouviu de sua patria o echo da queda inesperada do mais assombroso astro do seculo.

Já não era preciso pelear. A paz universal tinha tornado inutil a espada do joven guerreiro. José Clemente deixa a Europa em 1815 e vem para o Brasil começar uma nova carreira, em que tantos louros e tanta gloria o esperavam.

Desconhecido na segunda patria que abraçou, viu-se obrigado a recorrer á advocacia para viver, e assim passou até 1819, tempo em que, graças ao seu mérito e reputação adquirida, foi nomeado juiz de fóra, encarregado de crear a villa da Praia-Grande, hoje cidade de Niteroy; que com effeito creou, alinhando e medindo com suas próprias mãos ruas e praças, e edificando uma capella que servisse de matriz e que já não existe.

Além disto, abasteceu d'agua a nova villa, e tantos outros serviços lhe prestou, que a camara municipal, reconhecida, dedicou-lhe em 1840 uma rua que denominou de S. José.

Com verdadeiro enthusiasmo recebeu, a 26 de Fevereiro de 1821, a noticia de que o povo se reunia para jurar fidelidade á constituição que as côrtes estavam fazendo, e, sem perda de tempo, reuniu a camara de Maricá, onde se achava, fel-a prestar e tomar juramento, e ordenou luminarias, *Te-Deum* e outras publicas manifestações de regosijo popular, de que elle mesmo estava sinceramente possuido.

A 30 de Maio desse anno entrou no exercicio do logar de juiz de fóra da Côrte, e por esse tempo foi eleito presidente da camara municipal, da qual recebeu, assignado por seus collegas, um documento em que manifestavam admiração e reconhecimento pela energia e coragem admiraveis que desenvolveu no dia 5 de Junho, oppondo-se destemidamente aos officiaes dos batalhões portuguezes que, insurgidos e armados no largo do Rocio, queriam que se jurasse a constituição portugueza, e se dêsse ao principe D. Pedro uma junta de nove membros que

assistissem a seus despachos, o que era coagil-o a fazer exclusivamente o que fosse da vontade de Avilez.

Ainda como presidente da camara foi elle quem suscitou a idéa e levou á execução a celebre representação de 9 de Janeiro de 1822, e possuido de amor e santo zelo pela causa de sua nova patria, penetrou acompanhado de seus collegas no palacio de Bobadella, onde encontrou o principe, que devia mais tarde ser o primeiro Imperador brasileiro, recostado ao throno de seu pae. Alli fallou-lhe com tanta força e eloquencia dos perigos immiuentes a Portugal e ao Brasil se Sua Alteza Real partisse como exigiam e urgiam os portuguezes, que este, tocado de suas razões, accedeu aos dezejões ardentes do povo brasileiro, e deixou escapar de seus labios esse famoso — FICO — que foi o *fiat-lux*, a aurora venturosa de uma nova éra de esperanças para o Brasil.

Nesse dia escreveu-se no livro das leis eternas o factó mais tarde realiado de nossa independencia, e José Clemente, que foi um dos mais ardentes corypheus dessa causa santa e gloriosa, é, sómente por este, quando mesmo outros titulos não tivesse, credor do nosso profundo e eterno reconhecimento; tanto mais que essa sua dedicação no momento em que Portugal mais se empenhava em recalcar a cabeça do gigante que ensaiava esse brado de morte, que lhe queriam sopitar antes que reboasse em todos os angulos do mundo, attrahiu-lhe o odio e a vingança portugueza, que não eram por certo mui faceis de affrontar sem riscos e perigos, e que muito o fizeram soffrer.

Dado aquelle primeiro passo, José Clemente não soube mais descansar. Na Côrte trabalhava com empenho e sofreguidão, já propondo ao principe a reunião de uma assembléa geral das provincias do Brasil, já animando-o e inculcando-lhe a idéa de lançar a primeira pedra fundamental no Imperio da Santa Cruz; e fóra da Côrte communicava-se com muitos independentes como o coronel Fontoura em Montevidéo, e outros em varias provincias, merecendo por tudo isto uma portaria do principe D. Pedro, em que lhe fazia ver o desejo que tinha de que não se aproveitasse elle de uma licença, que como juiz de fóra tinha alcançado, porque Sua Alteza, em vista de seu patriotismo e dedicação, não podia prescindir de seus valiosos serviços.

O Ypiranga ouviu soar esse brado glorioso de um principe magnanimo que deixa a patria e um throno fortalecido por muitos séculos, por um povo a quem ama e a quem quer dar a mão.

O Brasil não é mais uma pobre colonia, o riso de satisfação que se debuxa em todos os semblantes, e a legenda *Independencia ou Morte*, que se lê nos laços que trazem todos os individuos, dão prova ao mundo que chegou o dia de levantar-se gigante o Imperio americano. Resta sómente acclamar Imperador o principe que por nós tudo sacrificou, e confeccionar uma constituição que sirva de base a seu governo; e é ainda José Clemente quem dirige a famosa circular de 17 de Setembro de 1822, em que se exige um juramento prévio de manter e defender a constituição tal nol-a dêsse a assembléa constituinte e legislativa. Mas assim como seus serviços a Portugal prestados em sua mocidade foram depreciados e esquecidos, assim tudo o que fez

pelo Brasil foi interpretado e commentado por seus inimigos, de modo que viu-se José Bonifacio na portaria de 11 de Novembro tratá-lo e a seus amigos de facção occulta e tenebrosa, de furiosos demagogos e anarchistas que ousavam temerarios com o maior machiavelismo calumniar a indubitavel constitucionalidade do Imperador e de seus mais fieis ministros. Mudou José Clemente de idéas, ou foi mal julgado?

Seja como fôr, na devassa que se seguiu á deportação, foram pronunciados por demagogos José Clemente, e muitos de seus partidarios mais notaveis; mas este homem que foi desterrado por demagogo recebe a 17 de Fevereiro de 1822 a dignitaria do Cruzeiro juntamente com Labatut, general da independência, sendo essa a segunda vez que se distribuiu aquella condecoração.

Nas primeiras eleições para deputado, foi eleito pelo Rio, por S. Paulo e por Minas, e por esse tempo foi pelo Imperador elevado a intendente geral da policia, e depois chamado para o ministerio, em que, conciliando as funcções de ministro e de intendente, prestou ao Rio de Janeiro relevantes serviços.

O codigo criminal que hoje nos rege é obra sua, refundida por Bernardo Pereira de Vasconcellos.

A provincia do Pará considerou-o digno de representá-la na camara dos senadores, e mandou seu nome na lista triplice para um dos logares daquella corporação. Sendo escolhido pela Corôa, tomou assento entre os anciãos da patria, e sustentou sempre alli o prestigio de seu nome.

Agora acompanhe-se o illustre brasileiro em outra phase de sua vida, e ver-se-ha que o homem politico, que tanto pugnou pela independencia do Brasil, em nada avulta mais que o homem da caridade que concebeu o plano e realizou a construcção dos dous mais bellos e mais uteis edificios desta Côrte, onde o pobre que soffre do corpo e o que soffre do espirito, acham remedio e cura para seus males.

Com effeito, José Clemente Pereira deputado geral, senador do Imperio, ministro da justiça e duas vezes da guerra, não vale mais, e talvez nem tanto quanto José Clemente, provedor e fundador dos hospitaes da Misericórdia e Pedro II, que rivalisam com os primeiros do mundo, e são elles mesmos em seu genero os primeiros da America.

Na construcção e direcção desses hospitaes não poupou o provedor cousa alguma que pudesse ser util á humanidade pobre, a quem dedicara os ultimos quinze annos de sua vida. Consultou a Academia de Medicina sobre o local, procurou para dirigir o serviço sanitario das enfermarias os medicos e cirurgiões mais notaveis, e conhecendo os grandes serviços que na Europa prestam as irmãs de caridade de S. Vicente de Paula, chamou-as ao Brasil e proveu dellas os seus dous hospitaes.

O Rio de Janeiro lhe deve nessas duas obras monumentaes que levarão á mais remota posteridade o nome e a gloria de José Clemente, uma divida de coração que não lhe póde pagar, porque a caidade é de Deus, e só Elle tem o poder de remunerar aquelles que sacrificam a vida do mundo por essa, a mais sublime das virtudes.

Este grande homem, este grande vulto deixou a peregrinação da vida em 1854, no meio de lagrimas e bênçãos de uma população de infelizes, que perderam nelle um pae sempre solícito em minorar-lhes os soffrimentos e as miserias.

O Sr. D. Pedro I nomeou-o desembargador, dignatario do Cruzeiro, intendente da policia, ministro do Imperio, grande dignatario da ordem da Rosa, e occupou-o em mais duas repartições ministeriaes.

O Sr. D. Pedro II nomeou-o ministro da guerra em 23 de Março de 1841, senador em 31 de Dezembro de 1842, conselheiro de Estado em 14 de Setembro de 1850, e primeiro presidente do tribunal do commercio em 4 de Setembro do mesmo anno.

Foi eleito deputado á assembléa geral por Minas, e S. Paulo, e quatro vezes pelo Rio de Janeiro, senador por Alagôas uma vez, duas pelo Rio de Janeiro e uma pelo Pará por onde foi escolhido.

Emfim, e como a prova mais saliente de seu merecimento pessoal e de suas virtudes, recebeu José Clemente do Sr. D. Pedro II a maior honra que um monarcha póde despende com um subdito. Sua Magestade mandou elevar-lhe uma estatua no Hospicio de Pedro II, defronte da sua que occupa uma das salas daquelle grande edificio.

### JOSE' DA COSTA AZEVEDO. (FR.) (\*)

Nasceu no Rio de Janeiro a 16 de Setembro de 1763 no seio de pobre e honesta familia.

---

(\*) O retrato deste naturalista encontra-se na *Revista popular*, vol. 7º, 1850.

Foi o primeiro director do museu, e lente de mineralogia da academia militar.

Estudou o curso de preparatorios no collegio dos nobres em Lisboa, frequentou em Coimbra a faculdade de theologia, e pouco depois leccionava esta materia na ordem de S. Francisco, cujo instituto abraçára.

Estudou sciencias naturaes, e com proveito tal que foi chamado pelo governo para reger uma cadeira desta sciencia em Lisboa, e distinguu-se de tal sorte, que, passado pouco tempo, seu nome foi inscripto como socio correspondente da academia real das sciencias.

Sendo eleito bispo de Pernambuco o padre-mestre Azeredo Coutinho, obteve licença do governo para trazer comsigo Fr. José, a quem encarregou da fundação do seminario da diocese, onde dirigiu as aulas de philosophia e rethorica, e foi dahi que o conde de Linhares o tirou para a escola militar.

Falleceu em 7 de Novembro de 1822.

Escreveu uma *Memoria sobre a salubridade dos ares de Olinda*, e muitas outras, que nunca foram impressas, lamentando Adriano Balbi no *Ensaio Estatistico* do Reino de Portugal que nunca vissem a luz da publicidade os seus *Elementos de mineralogia*.

### JOSE' DA NATIVIDADE SALDANHA (DR.)

Nasceu em 1797 em Pernambuco; era de côr parda escura, filho natural do padre Saldanha, parcho da freguezia de Serinhaem.

Depois das primeiras lettras deu-se á arte de musica, e chegou a tocar um instrumento de sopro.

Seu pae fez-o estudar latim, e humanidades em Pernambuco e mandou-o depois para a universidade de Coimbra, onde foi formado *in utroque jure*, mostrando sempre talento não vulgar.

Voltando á patria assentou banca de advogado, onde era muito procurado, mormente para as causas de commercio.

No meio deste pacífico trabalho achou-o a revolução que houve em 1824 em Pernambuco, cujo chefe Manoel de Carvalho Paes de Andrade o nomeou seu secretario.

De maneiras faceis e genio persuasivo, ouvido sempre com attenção, evitou muitos excessos, a que em taes emergencias, buscam entregar-se os caracteres cegos, e exaltados.

O chefe da revolta emigrou para Londres, e abandonou o seu secretario á sorte. Este, depois de mil trabalhos e perigos, pôde emigrar para a Inglaterra em demanda de Paes de Andrade, o qual persuadiu-o a ir para Paris, onde se achavam estudando muitos pernambucanos, que o acolheram, repartindo com elle as mezadas que recebiam de suas familias.

Um dia que menos esperava, recebeu Saldanha ordem para deixar a França sem demora; e como lhe faltavam todos os meios para transportar-se, e tivesse portanto demora em executar aquelle preceito, apesar da resignação e paciencia, com que recebeu a intimação, foi necessario que os seus protectores e comprovincianos o auxiliassem, para evitar as perseguições dos agentes e esbirros da policia, que queriam — logo e logo a sua ausencia.

«Chegando á Inglaterra procurou outra vez Manoel de Carvalho, que o influiu a procurar os Estados-Unidos, e de lá o Mexico ou a Columbia, onde o general Bolivar recebia todos os estrangeiros que se queriam alistar no exercito. Embarcou para New-York, e, ao chegar, encontrou alguns amigos, emigrados como elle, da revolução de Pernambuco, com os quaes foi habitar no mesmo hotel. Não havia ainda descãçado das fadigas dos vinte e cinco dias de viagem em barco de vella, quando é de novo incommodado, não pela policia de Paris, mas pelo capricho de alguns norte-americanos, que, na occasião de jantar (eram 18), se levantaram todos, abandonando a mesa, e logo o dono do hotel, chegando-se a Saldanha, disse-lhe — Sr., queira retirar-se da mesa, porque do contrario teria grande prejuizo em perder os meus freguezes, quenão querem sentar-se a par de um homem que tem origem africana. (\*) Em vão os outros asseveraram ao dono do hotel, que o Dr. Saldanha era livre, e que a sua illustração, apezar da côr, o tornava uma entidade saliente em Pernambuco. A nada quiz o homem atten-

---

(\*) Muita gente exalta a vida que se leva nos Estados-Unidos, e eleva a forma de seus costumes, e de suas leis. Não ha muito tempo escreveu o Sr. D. Pascoal na sua interessante critica' á viagem de Mansfield pelo Brasil :

« O homem de côr, brasileiro, sabe que nos Estados-Unidos é ex. pulso dos theatros, das reuniões publicas, dos omnibus, e até dos templos de Deus, que não faz distincção de pessoas; e doutrinado pela amarga experiencia, não acredita nas palavras dos negrophilos, e sim nos factos dos Ibero-Americanos.»

Mais adiante accrescenta :

« Um jornal dos Estados-Unidos, echo dos mais diarios da União, traz o seguinte trecho :

« As 500,000 pessoas livres de côr, disseminadas nos Estados-Unidos, se acham pouco mais ou menos na desgraçada condição

der, declarando que apesar de reconhecer que era um mero prejuizo de seus compatriotas, via-se obrigado a condescender com elles. Os pernambucanos foram então jantar em um dos quartos da casa com seu comprovinciano, e assim continuaram enquanto esteve alli o Dr. Saldanha, que, depois de alguns dias, passou á capital do Mexico em companhia do padre Venancio Henriques de Rezende. Acabrunhado com o peso das maguas e desgostos, deu-se ao uso das bebidas alcoholicas, que o levaram a diversas molestias, e por fim á morte.

Era um dos poetas brasileiros que mais natural se mostrava. Em bellas odes pyndaricas cantou os heroes pernambucanos, que se distinguiram na guerra da invasão hollandeza, e dedicou aos amantes do Brasil as poesias que imprimiu em Coimbra.

#### D. JOSE' DE ASSIS MASCARENHAS

Nasceu na cidade de Goyaz a 4 de Junho de 1805.

Contava, pois, 63 annos, 4 mezes e 1 dia de idade quando falleceu, e era o filho mais velho do finado Marquez de S. João de Palma.

dos peixes voadores de Florian, que são devorados pelas aves aquaticas, se se elevam sobre a superficie das ondas, ou pelas douradas, se ficam no mar.

« Nos Estados do Sul são ameaçados estes desgraçados negros de serem reduzidos de novo á escravidão, se não se afastarem quanto antes daquelle territorio: nos Estados do Norte, muitas legislaturas tem decretado leis, prohibindo-lhes que se estabeleçam em seus Estados. De sorte que perseguidos por uns, e repellidos por outros, estes desgraçados não tem outro recurso que vir misturar-se com as fezes da população das grandes cidades, ou irem se estabelecer debaixo de um céu demasiadamente rigoroso para sua raça no Alto Canadá, onde as populações brancas começam por outro lado a miral-os com mui máos olhos. »

Cursou a universidade de Coimbra, a qual conferiu-lhe em 1828 o grão de formatura *in utroque jure*, e chegado ao Brasil, Sr. D. José de Assis Mascarenhas foi nomeado secretario do supremo tribunal de justiça, que no mesmo anno fôra instituido, tendo sido elle o primeiro a exercer tão honroso logar.

Dedicando-se á carreira da magistratura foi o Sr. D. José nomeado ouvidor da comarca de Goyaz, para onde partiu, tomando alli posse a 25 de Abril de 1832, continuando como juiz de direito, denominação que depois foi dada aos antigos ouvidores.

Presidiu a provincia de Goyaz desde 1838 até 1844.

Em 1842 teve de desenvolver muita energia para conter a exaltação a que os animos tinham alli attin-gido; mas o Sr. D. José soube conciliar então os dic-tames de sua consciencia com os principios de huma-nidade, e não faltando áquelles, nem esquecendo estes, soube captar as attenções e a estima daquelles cujos excessos combatia.

Foi representante da nação na camara temporaria pela provincia de Goyaz, e no fim de tres legislaturas entregou-se á vida de magistrado exclusivamente.

Em Julho de 1844 tomou posse de um logar de des-embargador na relação do Maranhão, e em 12 de Se-tembro de 1846 começou a ter exercicio na relação do Rio de Janeiro, onde conservou-se até que a 10 de Março de 1866 entrou em exercicio no supremo tribunal de justiça.

Teve duas filhas que legitimou; uma falleceu, e a outra é casada com o Sr. Dr. D. Nuno Eugenio de Locio.

Do seu consoreio com a Exma. Sra. D. Adelaidé Duque-Estrada Meyer, o Sr. D. José não teve filhos.

Era gentil homem da imperial casa, commendador da ordem de Christo e official da imperial ordem da Rosa, e, como ministro do supremo tribunal de justiça, tinha o titulo de conselho.

Em testamento, datado de 1861, o Sr. D. José nomeou seus testamenteiros a sua esposa e a seus irmãos os Srs. D. Manoel e D. Luiz de Assis Mascarenhas, na ordem em que vão, e recommendou-lhes muito que nem um convite, nem participação official se fizesse para seu enterramento, que deveria ser realisado com toda a modestia, e nos ultimos instantes de vida não cessava de renovar essa recommendação.

Todos que o trataram conheceram sempre no Sr. D. José de Assis Mascarenhas um bello character e muita jovialidade.

Como magistrado, reunia á intelligencia esclarecida a maior probidade.

Não legou bens da fortuna.

### JOSE' DE SANTA RITA DURÃO (Fr.)

Nasceu no arraial da Cata-Preta, da provincia de Minas-Geraes. Não se sabe ao certo a data de seu nascimento, mas conjectura-se que houvesse logar pelos annos de 1718 a 1720.

Foi eremita Augustiniano (1738), doutor em theologia pela universidade de Coimbra, cuja formatura recebeu em 1756, e percorreu a Hespanha e a Italia, gastando 18 annos nestas viagens, sendo a causa de sua sahida de Portugal, senão expatriação, o comprometimento

que adquiriu, pulverizando uma pastoral fulminante contra os jesuitas, que publicou em 1758 o bispo de Leiria, mais tarde cardeal da Cunha.

Na Hespanha esteve preso como suspeito de ser espia, quando rebentou a guerra do pacto de familia; e sendo solto, depois de assignada a paz de Paris a 10 de Fevereiro de 1763, passou-se de lá á Italia, onde se conservou até regressar a Portugal.

Distinguiu-se na predica, sendo magnifico o sermão, que em 1758 prégou na Sé de Leiria, em acção de graças por haver D. José escapado com vida dos tiros contra elle disparados em 3 de Setembro do mesmo anno.

Em 1777 abrindo-se o curso lectivo da universidade de Coimbra, é Durão quem pronuncia em latim a oração —*De sapientia*— prendendo a attenção de muitos notaveis circumstantes.

Em Portugal viveu poucos annos, depois de seu regresso, nos quaes concluiu e publicou em 1781 o seu afamado poema—*Caramuru*.

Foi Durão o fundador de uma nova escola, introduzindo em seu poema a côr local, essencialmente brasileira, e dando de mão aos deuses da fabula. Garrett, Costa Silva, e outros, tecem muitos elogios a Durão, dizendo J. A. de Macedo a respeito d'elle—*homem a quem só faltava a antiguidade para ser reputado grande.* (\*)

## JOSE' DE SOUZA PIZARRO E ARAUJO

Nasceu no Rio de Janeiro a 12 de Setembro de 1753.

Depois de haver cursado as melhores escolas do Rio de Janeiro, mostrando sempre fervoroso amor ás lettras,

---

(\*) Vide *Curso de Litt. Bras.*, de Sotero, 4<sup>o</sup> vol., Maranhão, 1838.

foi mandado por seus paes á Coimbra, em cuja universidade tomou o gráo de bacharel em canones. Quando se dispunha a voltar á patria, recebeu a infausta noticia do fallecimento de seu pae o coronel Luiz Manoel de Azevedo Carneiro da Cunha, abandonou todo o futuro, que augurava na vida civil, e tomou ordens, convertendo-se em ministro do altar.

Conservou-se até 1781 em Portugal, e dahi regressou para o Rio de Janeiro, afim de occupar o canonicato da antiga Sé, em que foi apresentado por carta regia de 20 de Outubro de 1780.

Entrou para a *Arcadia* instituida sob a protecção do penultimo vice-rei, e, quando a dissolveu o conde de Rezende, soffreu perseguições miseraveis, escapando porém á sorte de outros litteratos, seus consócios, que foram presos.

Autorisado pelo bispo para visitar as igrejas e comarcas do bispado, conservou-se alguns annos em viagens interiores fóra do Rio de Janeiro. Nessas visitas encontrou materiaes immensos e documentos curiosos, que lhe ministraram esclarecimentos importantes para as suas *Memorias historicas das capitancias do Brasil* compostas de nove volumes, publicadas de 1820 a 1822.

Em 1801 foi á Lisboa, obtendo do principe regente a nomeação de conego da igreja patriarchal, e neste emprego conservou-se até a invasão dos Francezes, facto que obrigou-o a passar ao Brasil, como obrigou a côrte portugueza a abandonar Portugal. No Rio de Janeiro residiu até o fim de sua existencia, tendo exercido o emprego de procurador geral das tres ordens militares, presbytero com o titulo de thesoureiro-mór e arcy-preste da real capella do Rio de Janeiro, e deputado da

mesa da consciencia e ordens, obtendo conjuntamente o titulo do conselho de Sua Magestade.

Foi deputado á assembléa geral, acclamado e escolhido presidente da camara nas primeiras eleições, filhas da constituição de 1824.

Em 1828 obteve uma aposentadoria no logar de conselheiro do supremo tribunal de justiça, e dispensa do exercicio da capella imperial, retirando-se para fóra da capital, entregando ao repouso seu corpo e seu espirito.

Passeiando pelo Jardim Botânico da lagôa de Rodrigo de Freitas a 14 de Maio de 1830, foi atacado de uma apoplexia fulminante, que instantaneamente o matou.

## JOSE' ELOY OTTONI

Nasceu no Serro, da provincia de Minas-Geraes, em 1º de Dezembro de 1764.

Foi um dos mais eloquentes poetas brasileiros, politico e amoroso quando joven, e religioso em sua velhice. Primou na traducção dos *Proverbios de Salomão*, e no poema biblico *Job*, deixou-nos muitas composições eroticas, que escaparam ás chammãs, a que votara a maior parte dellas, nos ultimos dias de sua existencia. Segundo as expressões do Sr. Pinheiro Guimarães, o traductor de *Byron*, nunca houve poeta mais terno.

As vicissitudes de sua longa existencia não ficaram sepultadas no olvido, graças á penna do Sr. Theophilo Ottoni, parente do poeta e herdeiro de seus escriptos.

Falleceu em 3 de Outubro de 1851.

## JOSE' GONÇALVES FRAGA

Natural da provincia do Espirito-Santo, onde serviu o logar de promotor fiscal, e outros de fazenda na thesouraria geral da mesma provincia.

Aprendeu primeiras lettras, e mal a lingua latina, unicas aulas que existiam na capital da provincia, em que nascera. De vocação natural para a poesia, cultivou-a com esmero, tendo sido condemnados ás chaminas muitos de seus trabalhos, e correndo os que se poderam salvar, na 1ª e 2ª series do *Jardim poetico*, collecção de poesias antigas e modernas de autores espirito-santenses, que publicámos em 1856 e 1861.

Occupou-se de traduzir em verso a *Encida*, de Virgilio, compoz dramas, um poema satyrico, intitulado a—*Bandocada*— historiaudo extensamente a administração do vice-presidente padre Manoel de Assumpção Pereira, e emendou os grosseiros erros do poema sacro *A Penha*, que se attribue ao espirito-santense João Rodrigues, e outros a Domingos de Caldas.

Falleceu em Fevereiro de 1855, contando idade maior de 40 annos.

A pedido do Sr. Manoel Siqueira e Sá, em 1837, compoz elle uma elegia ao passamento do distincto brasileiro Evaristo Ferreira da Veiga, a qual foi posta entre as peças, que formaram uma collecção de escriptos, allusivos a esse triste acontecimento, publicada por aquelle tempo. Eil-a :

Agora, que de Phebo no occidente,  
Há muito os igneos raios se apagaram,  
E a noute occupa o vacuo espaço ingente;

Agora, que a piar já começaram  
Nocturnas aves, mochos lamentosos,  
E em torno a mim, carpindo, repousaram;

Que por entre o silencio, pavorosos  
Phantasmas vagam, diffundindo horrores  
Aos mortaes infelizes, desditosos;

E já cançado o mar de seus furores,  
Resona adormecido; e as montanhas  
Cobrem sombrias, verde—negras côres ;

Agora, emfim, que a gruta das peanhas  
Gotejam, titilando; e tu, tristeza,  
Os olhos do infeliz de pranto banhas;

Vem dar,—Musa, expansão á natureza;  
Que o teu lamento, o luto, a dôr infesta.  
Possam desabafar-se com franqueza.

Qu' estancia p'ra carpir tão propria é esta !  
O tugurio na encosta d'alto monte,  
D'altas arvores cercado, e de floresta ! . . .

Despojos de mortaes alli defronte ! . .  
Ah ! golpe infausto ! Melpomene agora  
A causa desta dôr fiel nos conte.

Evaristo morreu ! . . . ah ! tudo chora !  
O rico, o pobre, o grande e o pequeno;  
E mais que todos o Brasil deplora.

Na flôr dos annos seus, do tempo ameno,  
Quando da patria o bem d'elle pendia,  
Chamou-o para si o céu sereno.

Distincto brasileiro, que valia  
O Brasilicó Imperio, que o sustinha  
Livre do despotismo e de anarchia,

Honrado patriota, que convinha  
Mais ao Brasil que á Grecia seus luzeiros,  
E quantos sabios Roma altiva tinha;

Exemplar dos eximios brasileiros,  
Da virtude exemplar, douto, eloquente,  
Philosopho dos grandes e primeiros !

Alma dotada de constancia ingente,  
Que em defeza das leis, da patria, e Estado  
Deixava, ouvindo-o, extasiada a gente !...

Heroe sublime, invicto deputado,  
Que com nobre eloquencia convencia  
O terso coração e o refalsado ;

Orador fluminense, que excedia  
Aos Ciceros, Demosthenes antigos,  
A' cuja voz o Imperio obedecia !...

Ah ! sim: morreu ! Desfazem-se os amigos  
De lagrimas em rios caudalosos !  
E até mesmo seus proprios inimigos !

E que sentidos ais tão dolorosos  
Arrancam sem cessar do peito afflicto  
A consorte, e filhinhos desditosos !

Ah ! Alecto voraz, monstro maldito !  
Como ousaste extorquir na flôr da idade  
A vida ao virtuoso heroe invicto ?

Os seus filhos existem na orphandade,  
Innocentes filhinhos !... Ah ! tyranno !  
Quem educal-os, qual seu pae os hade ?

Quem ? Mas ah ! não, não póde um peito humano  
Memorias, sensações tão penetrantes  
Recordar, e nem mesmo um tigre hircano,

Que á força de martyrios tão tocantes  
Não desfalleça, de chorar não morra,  
Pungido de amarguras tão possantes.

Mas ah ! depara os céos quem os soccorra ;  
No tio seu, o céu um pae depara,  
Que com todo o preciso lhes occorra ;

Embora um monstro de fereza ignara,  
Que ao morto deve todo o seu emprego,  
Lhes falte qual ao pae tambem faltára ;

No seu tio acharão propicio achego,  
Que ampare a viuvez, a orphandade,  
Sem ao monstro occupar de ambição cégo.

Emquanto o pae, perante a Magestade,  
Que os seres predomina, amparo alcança  
Da sua santa, immensa, alta bondade.

Pois lá no Olympo ethereo, onde descança,  
Não se esquece de vós, filhos, consorte,  
E nem de orar ao Eterno cança.

Her dai-lhe emfim a alma justa e forte  
Para soffrerdes pena tão tyranna,  
Que vos causou do pae, do esposo a morte.

Elle vive na côrte soberana  
Entre sabios, heroes, ledo habitando:  
E tu, Brasil, oh ! patria, o vês ufana  
Astro novo entre os astros scintillando.

## JOÃO JOAQUIM DA CUNHA DE AZEREDO COUTINHO

Na cidade de Campos dos Goytaczaes, hoje pertencente á provincia do Rio de Janeiro, viu a luz em 8 de Setembro de 1742, sendo seu pae Sebastião da Cunha Real Coutinho, casado com D. Isabel Salustiana Rosa de Moraes. Sendo de compleição doentia e fragil, seu pae mandou-o, na idade de 20 annos, viajar por Minas e S. Paulo, indo cursar as aulas da universidade de Coimbra por fallecimento de seus progenitores.

Formado em direito canonico, a vasta nomeada de seu saber, e a sua vida exemplar adquiriu-lhe a cadeira de arcediago da cathedral do Rio de Janeiro, e depois a de deputado do santo officio de Lisboa.

A respeito de espinhosas questões economicas e politicas escreveu importantes *Memorias* na qualidade de socio da academia real de sciencias de Lisboa, com o que adquiriu gloria em sua terra e na extranha.

Em 1749 foi eleito bispo de Pernambuco, e quando partiu para a sua diocese, foi nomeado director geral dos estudos, governador interino da capitania de Pernambuco e presidente da junta da fazenda.

Em 1802 foi transferido para o bispado de Miranda e Bragança, e quatro annos depois para o de Elvas, onde em 1807 fez valiosos serviços por occasião da invasão

dos exercitos francezes, commandados pelo general Junot.

Em 22 de Janeiro de 1818 foi removido para a diocese de Beja, uma das mais rendosas de Portugal, o que não aceitou pelo amor que tinha a seu rebanho

Foi o primeiro deputado eleito pelo Rio de Janeiro para as côrtes portuguezas, onde tomou assento em 10 de Setembro de 1821, e falleceu d'ahi a dous dias repentinamente !

### JOSÉ JOAQUIM DA MAIA

Nasceu no Rio de Janeiro na humilde choupana de um pobre artezano, e no collegio do Carmo da Lapa recebeu as primeiras lições de sua educação litteraria. Sua disposição ao estudo, a obscuridade de sua ascendencia, e outras razões o levaram a Portugal, e d'ahi a Paris, e aqui, pobre e desconhecido, levava os dias e as noutes occupado em instruir-se, e em alguns momentos de ocio, em pagar um tributo á curiosidade, lendo as paginas da historia do abbade Raynal, que transmittia depois, em narrações eloquentes, aos seus conterraneos, entre os quaes figurava Domingos Vidal Barboza. Pensa-se geralmente que do Rio de Janeiro recebera a commissão de apalpar os animos europeus a respeito da conjuração mineira.

Era o anno de 1786. O sonho da ambição extasiava J. J. da Maia, a imagem da patria lacrimosa e opprimida o inquietava. Na sua imaginação hasteava o estandarte de uma nova nacionalidade, e ao redor d'elle arregimentava seus compatriotas. José Joaquim da Maia não quiz adiar por mais tempo a execução de seu

plano,—resolvido a realisal-o pediu e obteve do illustre Thomaz Jefferson o meio facil de communicar-lhe com toda a segurança um negocio de summa importancia, e no dia 2 de Outubro desse anno lhe dirigiu a seguinte curiosa carta :

« Eu nasci no Brasil—vós não ignoraes a terrivel escravidão, que faz gemer a nossa patria. Cada dia se torna mais insupportavel o nosso estado depois da vossa gloriosa independencia, porque os barbaros portuguezes, receiosos de que o exemplo seja abraçado, nada omittem que possa fazer-nos mais infelizes.

« A convicção de que estes usurpadores só meditam novas oppressões contra as leis da natureza e contra a humanidade, tem-nos resolvido a seguir o pharol, que nos mostraes, a quebrar os grilhões, a reanimar a nossa moribunda liberdade, quasi de todo acabruhada pela força, unico esteio da autoridade dos europeus nas regiões da America. Releva porém que alguma potencia preste auxilio aos brasileiros, pois que a Hespanha certamente se ha de unir com Portugal; e apezar de nossas vantagens em uma guerra defensiva, não poderiamos comtudo levar a sós a effeito essa defeza, ou pelo menos seria imprudencia tental-o sem alguma esperança de bom exito.

« N'este estado de cousas olhamos, e com razão, para os Estados-Unidos, porque seguiriamos o seu exemplo, e porque a natureza, fazendo-nos habitantes do mesmo continente, como que nos ligou pelas relações de uma patria commum. Da nossa parte estamos preparados a despendere os dinheiros necessarios, e a

reconhecer em todo o tempo a obrigação em que ficaremos para com os nossos bemfeitores. Tenho-vos exposto em poucas palavras a summa de meu plano. Foi para dar-lhe andamento que vim á França, pois que na America teria sido impossivel mover um passo, e não suscitar desconfiança. A vós pertence agora decidir se póde executar-se a empreza. Se quereis consultar a vossa nação, estou prompto a offerecer-vos todos os conhecimentos precisos. »

Jefferson não despresou estas communicacões, que mais tarde foram levadas ao conhecimento do congresso americano, e procurou entender-se verbalmente com o autor da carta, emprasando-o para comparecer em logar determinado á hora marcada.

Deliberado a experimentar as aguas thermaes da cidade de Aix, Jefferson partiu para ahi, mas desviando-se da estrada com o pretexto de ir examinar as antiguidades de Nimes, encontrou-se no meio das ruinas romanas com José Joaquim da Maia, que pontualmente o aguardava ! Seguiu-se para logo uma interlocução viva, animada, interessante entre o embaixador da nova potencia, e o desconhecido filho da colonia escravizada, que, facil em expressar-se, repleto de conhecimentos sobre as cousas de sua patria, pois conhecia as principaes cidades, e tinha percorrido as terras auríferas e diamantinas, apresentou em largo quadro todos os recursos do seu paiz, o que Jefferson não se dedignou de reunir para que melhor fosse conhecido em sua patria.

Desta entrevista não houve resultado, porque o embaixador, depois de ouvir attentamente a José Joaquim da Maia, procurou convencel-o não ter instruc-

ções que autorisassem-o a dizer palavra, communicando-lhe apenas suas idéas como individuo, e estas idéas se oppunham aos tão nobres como ardentes desejos do brasileiro, pois lhe parecia que os cidadãos dos Estados-Unidos não deviam comprometter-se em uma guerra com Portugal, com quem acabavam de celebrar um vantajoso tratado de commercio.

Despediram-se os dous americanos, e deixaram aquellas ruinas magestosas. Maia retirou-se para a capital do reino portuguez. Contrariado em seus designios, que eram o seu pensamento predilecto, isto é, a independencia da patria, querendo voltar ao Rio de Janeiro, para curar a nostalgia que o atacava, para ver e abraçar seu pae, veio a morte despenhal-o no fundo do sepulchro. (\*)

### JOSE' JOAQUIM JUSTINIANNO MASCARENHAS DE CASTELLO BRANCO

Nasceu em 1731 no Rio de Janeiro e ahi cursou as aulas da companhia de Jesus.

Em 1750 foi seguir os estudos maiores da universidade de Coimbra, onde tomou o grão de licenciado em canones.

Em 1762, foi provido no logar de deputado da inquisição de Evora, e pouco depois no de promotor do mesmo tribunal.

---

(\*) Vide *Revista Popular*, volume X, 1861, Estudos historicos sobre as primeiras tentativas para á independencia do Brasil.

Em 1765 succedeu ao Dr. Freire Batalha no logar de decano da Sé do Rio de Janeiro, e em consideração á sua probidade e talentos, em 1773, foi nomeado coadjutor e futuro successor do bispado.

Entrando á barra do Rio de Janeiro como prelado da diocese no dia 16, tomou posse do bispado em 29 de Abril de 1774.

Mostrou sempre talento e saber. Em 1805 falleceu com grande pezar de seus diocesanos, que o amavam, e lucto da mitra, que nelle encontrara um respeitavel prelado.

Ajudado pelo vice-rei D. Luiz de Vasconcellos (\*) deu Mascarenhas livre curso aos sentimentos de seu coração, e, animando os cultores das lettras, tentou fazer despontar o sol da litteratura nos céos de Guanabara e reunir os engenhos conhecidos para a fundação de uma academia á imitação da Arcadia Romana.

Manoel Ignacio da Silva Alvarenga e José Basilio da Gama (\*\*) foram os chefes dessa academia; mas era cedo para medrar a planta no terreno, a que faltava a arvore da liberdade.

### JOSE' LEANDRO (\*\*\*)

Nasceu no municipio de Itaborahy, da provincia do Rio de Janeiro, sendo ignoradas as datas de seu nascimento e morte.

---

(\*) Vide *Selecta Brasiliense*, 1ª serie, 1868 pag. 131.

(\*\*) Idem, pag. 94 e 140.

(\*\*\*) Vide *Ensaio Biographico* de Moreira Azevedo.

Aprendeu desenho com Manoel Dias, primeiro desenhista que houve na Côrte — e no tempo do reinado de D. João VI foi José Leandro o mais notavel pintor historico, e o mais fiel retratista do tempo.

Pintou o tecto da capella-mór da igreja do Bom Jesus, decorou o tecto da varanda da acclamação d'El-Rei D. João VI, e fez todos os quadros da capella imperial. Os melhores retratos que existem de D. João são devidos ao pincel de José Leandro.

Foi bom pintor scenographo. Para o theatro de S. João (hoje de S. Pedro d'Alcantara) fez José Leandro bellos scenarios, que podem competir com os do pintor portuguez o celebre Manoel da Costa.

Os dous lindos quadros que existem na sachristia da igreja do Parto, e que descrevem o incendio e a reconstrucção do recolhimento do Parto em 1789, são de José Leandro; ahi se pôde estudar os trajos do tempo colonial, ahi se vêem retratados fielmente o vice-rei Luiz de Vasconcellos e o artista Valentim.

Era um artista activo, e esculpulozo, era homem cortez e affavel, amado por todos que o conheciam, e bom amigo.

Não se excusava de ensinar o que sabia. Teve um filho que trabalhava perfeitamente em flôres, e um discipulo Francisco Ignacio de Araujo Lima excellente scenographo, que falleceu em Vassouras, estimado dos homens mais notaveis dalli.

Havendo um concurso entre todos os pintores, excedeu a todos na execução do quadro do altar-mór da capella imperial, onde vê-se retratada toda a familia real.

Em 1831 trataram de apagar do painel de José Leandro a imagem do grande principe, que deixara patria,

filhos e amigos, tendo-nos dado liberdade e poder. E foi José Leandro o escolhido para lançar a esponja negra sobre sua obra ;—o pobre artista teve de subir o monte do sacrificio de Abrahão !!

Desde então perdeu a alegria, e a saude, o suicidio de sua obra tornou-o triste e melancolico. Exilando-se voluntariamente para Campos, lá acabou seus dias pobre e esquecido....

Em 1850 quando se dourou a capella imperial, o artista João Caetano Ribeiro, indo retocar o quadro de José Leandro, no qual existia apenas descoberta a imagem de Nossa Senhora do Carmo, vio apparecer, por uma simples lavagem, os retratos da familia real; e então usando de seu talento, restaurou as figuras do painel, fazendo assim resuscitar esse bello monumento artistico, que agora admiramos no altar-mór da capella imperial.

Quem sabe se José Leandro, prevendo que um dia seria restaurado e admirado pela posteridade seu quadro, não o apagou com uma simples camada de colla? Aos genios não é indecifrável absolutamente o livro do futuro!...

## D JOSEPHA DE MENDONÇA

Heroína da revolução mineira de 1842, tanto pela parte activa que tomou, como pelas perseguições que soffreu.

Diz o conego Marinho, apreciando os acontecimentos de Minas naquella época : « Tudo era pouco á vista  
« do que na villa do Araxá supportara uma senhora  
« sexagenaria, e por todas as considerações respeita-

« vel. Consorte do coronel João Carneiro de Mendonça  
« e sogra do Sr. visconde de Abaeté, esta senhora foi  
« levada a uma prisão, onde era a unica de seu sexo,  
« que se achava com homens ; foi posta em segredo ao  
« depois por espaço de dous mezes, e por muito tempo  
« continuou presa, sem que lhe permittissem uma conso-  
« lação em tanto infortunio, e a não achar ella na gran-  
« deza de sua alma, na fortaleza de seu animo a necessa-  
« ria resignação, teria succumbido debaixo do peso de  
« tão pouco communs e menos merecidos padecimentos.  
« Tudo quanto se podia fazer soffrer a uma victima,  
« supportou-o, bem que com esforçada coragem, essa  
« senhora. Seu marido estava ausente ; seus genros um  
« deportado e outro preso e ameaçado de morte ; seus  
« filhos todos perseguidos ; suas fazendas arrazadas  
« e saqueadas, e ella lançada no segredo de uma prisão,  
« em que de tudo a privavam. Ella, porém, conduziu-  
« se com tal heroismo e dignidade, que a historia deve  
« immortalisar-lhe a memoria »..

## JOSEPHA FERNANDES

Nasceu em 1766, em S. João da Barra, hoje pertencente á da provincia do Rio de Janeiro, e foi casada com Manoel Pereira Santiago.

Sua mãe Anna dos Reis, sómente por instinctos beneficicos, prodigalisava a seus visinhos enfermos medicamentos e soccorros espontaneos ; e neste caminho acompanhava-a desde menina Josephá Fernandes, a qual, mais de uma vez, teve de ir com sua mãe á cidade de Campos para curar enfermos, convidada para isso em falta de profissionaes.

Com a pratica adquirida com sua mãe, fazendo estudo particular, e sendo dotada de virtuosos sentimentos, Josepha Fernandes tornou-se em S. João da Barra o unico refugio dos doentes. O bom exito de suas curas era quasi sempre infallivel.

Sua casa, na praça da Matriz, era um verdadeiro consultorio de dia e de noute.

A' noute, deitado o marido de Josepha em uma rêde na sala, achava-se ella n'um estrado pegando no pulso de um que havia chegado, ministrando um molho de hervas a outro que sahia, entregando á sua escrava *Antonica* uma gallinha para ir depressa levar a certo doente, ordenando á outra escrava *Bibiana* a prompta remessa do sinapismo, de que lhe incumbira; e todo este cuidado e desvelos pelo proximo, todos estes sacrificios pelo povo, não eram com vistas de receber em retribuição um só real!

Tinha uma irmã desasisada, que nunca desamparou, e foi della mãe, assim como foi de seus sobrinhos, e dos desvalidos em geral. Os desabrimentos e austeridades de seu marido nunca puderam privar Josepha de exercer actos de sublime piedade.

Falleceu em 1829 ou 1830. O Sr. Fernando José Martins, na sua *Historia do descobrimento e povoação de S. João da Barra*, publicada em 1868, e da qual extrahimos esta biographia, diz á pag. 271: « Tiveram no seculo XIV, « e ainda hoje, grande nomeada os actos da piedosa « rainha portugueza Isabel, é verdade, e a gerarchia « do nascimento muito faz sobresahir os dotes pes- « soaes; mas guardadas as devidas proporções, re- « leve-se-nos o simile. Tambem foi austero D. Diniz, e « este genio ainda mais fez realçar e polir as virtudes

« da santa esposa. Josepha Fernandes não teve por  
« certo um throno por alicerce de sua fama, mas dis-  
« tribuindo com piedade pelos enfermos e desvalidos  
« todos os seus haveres materiaes e intellectuaes, plan-  
« tou em nossos corações immorredoura lembrança de  
« suas virtudes, e uma lagrima de saudade pela ma-  
« trona que tanto serviu a nossos antepassados. »

### JUSTINIANO JOSE' DA ROCHA

Nasceu no Rio de Janeiro a 8 de Novembro de 1812.

Tomou o gráo de bacharel em sciencias juridicas e sociaes na academia de S. Paulo, cujo curso frequentou nos annos de 1828 a 1833, tendo tido sua primeira educação litteraria no collegio de Henrique IV. em França.

Foi professor de geographia e historia no imperial collegio de Pedro II, lente das escolas militar e central do Rio de Janeiro, incumbido ahidas aulas de francez e latim, e membro da camara dos deputados em diversas legislaturas.

Em 1836 entrou na carreira do jornalismo politico e litterario, e como jornalista luctou, dia por dia, prestando ao seu partido serviços importantissimos. Fundou os jornaes *Atlante*, *Chronista*, *Brasil* (que exerceu notavel influencia na politica interna do paiz) *Regenerador* e outros, tendo por collaboradores no *Chronista* o Sr. conselheiro Josino Silva e o Dr. Firmino.

Falleceu em 10 de Julho de 1862, deixando em pobreza numerosa familia.

## LIBANIO AUGUSTO DA CUNHA MATTOS (\*)

Nasceu na provincia de Pernambuco a 2 de Outubro de 1816, filho de Raymundo José da Cunha Mattos. (\*\*)

Ainda muito joven entrou para a secretaria da guerra como addido, sem vencimentos; e tres annos depois, em 1839, foi nomeado 1º official, em 1844 chefe de secção, em 1849 official-maior, e em 1860 director geral, merecendo então de Sua Magestade o Imperador a graça de official da imperial ordem da Rosa. Em 1861 foi aposentado.

Foi official de gabinete de alguns ministros.

Activo, que não marcava as horas de trabalho, de memoria feliz, pratico na administração militar, methodico, intelligente e modesto, eis o que era Libanio na secretaria.

A sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, o Instituto Historico e Geographico Brasileiro o contavam no numero de seus membros.

Pobre e abatido, passou seus ultimos annos em melancolico retiro—os desgostos apressaram-lhe o passamento: servira 26 annos ao paiz; em seu transe de agonia houve lagrimas arrancadas pela lembrança da esposa, e dos filhos deixados em penuria.

Falleceu em 29 de Agosto de 1866.

Escreveu um indice da legislação militar, que offereceu gratuitamente ao governo em 1864.

---

(\*) Aproveitamos nesta biographia as noticias do discurso do secretario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

(\*\*) Vide a 1ª serie da *Selecta Brasiliense*, pag. 166.

## LINDOLFO ERNESTO FERREIRA FRANÇA

« Não sei que maldição do inferno pesa sobre a cabeça do poeta. » Escrevia Lindolfo sobre a morte de Alvares de Azevêdo, e um anno depois a mesma fatalidade lhe curvava a frente para a sepultura, antes de a haver completamente erguido para a vida. Morreu contando 22 annos de idade.

Tinha imaginação fértil e ardente. Suas composições acham-se espalhadas no *Guayaná—Revista do Atheneu—Cameliu* — e, além das composições em verso, legou á litteratura um drama, e um conto sob o título—*Confissão do moribundo*.

Morreu no Rio de Janeiro em 1858. Byron era o poeta de sua inspiração.

## LINO ANTONIO RABELLO

Depois de receber em Bolonha o grão de doutor em sciencias naturaes, voltou ao Brasil nas asas da saudade, com a alma cheia de sonhos e de esperanças, que se transformaram em pungentes espinhos.

Em 1836 foi nomeado lente substituto, e depois proprietario, da escola de architectos medidores da provincia do Rio de Janeiro, mas em 1844 a assembléa provincial extinguiu aquella instituição.

Reduzido ao mesquinho ordenado de professor de mathematicas do collegio Pedro II, mal tinha meios para o pão quotidiano, e, antes de 40 annos, parecia no aspecto um valetudinario curvado pela idade.

Gasto na mocidade pelas privações, não teve forças para chegar á velhice.

Diz o escriptor, de quem lemos esta noticia, *que o livro divino esclarece as miserias, que passa o justo na vida transitoria, quando diz, que no fogo prova-se o ouro e a prata, e os homens que Deus quer para si na fornalha da humiliação.*

Deixou mulher e filhos na terra, motivo porque não saudou a morte com um sorriso.

### LOURENÇO RIBEIRO (PADRE)

Natural da Bahia, e contemporaneo de nosso satyrico poeta Gregorio de Mattos. Não obstante a gravidade de sua profissão ecclesiastica, e os louros de prégador que ambicionava conquistar, improvisava cantando ao som de uma viola. As melhores sociedades da antiga capital do Brasil o acolhiam e escutavam com gosto, applaudindo com enthusiasmo os improvisos, que lhe sahiam perfeitos ao som da lyra daquelles tempos, que era a viola.

Era seu rival Gregorio de Mattos, e no certamen das satyras, zurziu-o, ridicularisou-o, sem dó nem piedade, nem poupando a Ribeiro o accidente da côr.

A maior parte dos versos deste repentista se perderam.

### LOURENÇA TAVARES DE HOLLANDA (D.)

Natural de Pernambuco, litterata de grande nome e talento, e autora de muitas obras apreciaveis, bem como das cartas dirigidas ao Duque de Cadaval, e a D. Lourenço de Almada em prol de seus irmãos opprimidos, em 10 de Outubro de 1713, as quaes demonstram o seu merito.

## LUCAS JOSE DE ALVARENGA

Natural de Sabará, da provincia Minas-Geraes, descendente de uma honesta familia daquella localidade.

Tinha 16 para 17 annos quando entrou para a Universidade de Coimbra, depois de chegar a Portugal, e de haver estudado na terra natalicia os conhecimentos, que ahi pudera adquirir.

Durante as férias ia o joven á capital do Reino, e ahi se lhe abriram as relações de amizade intima e fraternal com muitos e distinctos poetas brasileiros, e tomou vultó á fama de ser um dos melhores poetas repentistas, que improvisava cantando ao som de um bándolim.

Formado na universidade, deixou Portugal, viajou pela Asia, e recolheu-se ao Rio de Janeiro, onde se familiarisou com as principaes familias da época, e recebeu provas de distincção e apreço do Imperador D. Pedro I, e da Imperatriz.

Em 1841 já não existia.

## LUIZ ALVES LEITE DE OLIVEIRA BELLO

Nasceu em Porto-Alegre, da provincia de S. Pedro do Sul, e perdendo sua mãe muito cedo, teve de ficar sob os cuidados de seu avô materno o major André Alves Ribeiro Vianna, porque o serviço militar obrigava seu pae o brigadeiro Wenceslau de Oliveira Bello frequentemente a ausentar-se.

Feitos seus primeiros estudos, foi concluir os que lhe faltavam em S. Paulo, onde se formou em sciencias juridicas.

Foi promotor publico na comarca de Itaboraí, e juiz de direito criminal de Porto-Alegre, cargo em que foi aposentado com honras de desembargador.

Era na sua provincia uma das principaes influencias, e por ella foi eleito muitas vezes deputado á assembléa geral.

Coube-lhe, na qualidade de vice-presidente, a gloria de administrar algumas vezes sua provincia, distinguindo-se principalmente em 1851, quando o marquez de Caxias, seu parente pelo lado paterno, passou á frente do exercito brasileiro aos campos do Prata para fazer a campanha contra Oribe, e o dictador de Buenos-Ayres.

Presidiu tambem a provincia do Rio de Janeiro.

Morreu dasastrosamente em 30 de Dezembro de 1865 quando caçava em uma de suas estancias.

### LUIZ BARBALHO BEZERRA

Nascêu em Pernambuco em 1601.

Foi denodado guerreiro nas guerras do Brasil contra os hollandezes, sendo mestre de campo, quando em 1630 teve logar a defeza do forte de S. Jorge em Olinda, e em 1635 a victoria que alcançaram os hollandezes contra o arraial do Bom Jesus.

Entre os seus brilhantes feitos conta-se o acto de escapar das prisões, em que na Hollanda se achava, de se passar para o Brasil, saltar em Pernambuco, atravessar por terra até á Bahia, e reunir-se em 1638 com André Negreiros, Camarão e outros, em companhia dos quaes sustentou continuos e repetidos combates.

Na Bahia cooperou muito para expellir os hollandezes, que alli mandara o principe de Nassau, e que violentamente atacaram a cidade com 7,800 homens.

Tomou de assalto um forte, que recebeu seu nome, e por cujo feito premiou-o El-Rei, fazendo-o fidalgo de sua casa, e commendador de Christo.

Estava na Bahia em 1640, quando chegou a noticia da revolução portugueza. Governava o marquez de Montalvão. Suspeitando El-Rei de sua lealdade pela defecção de seus dous filhos, que haviam abraçado o partido castelhano, escreveu a Barbalho, ao Bispo, e a Lourenço Corrêa de Brito, autorisando-os a tomar as redeas do governo no caso de recusar-se o marquez a reconhecer a independencia de Portugal.

Posto se não desse este caso, entregou o jesuita Francisco de Vilhena as cartas, e os tres nomeados prenderam o marquez, remetteram-o para Lisboa, e cumpriram a ordem regia.

Reprovado este acto por El-Rei, por se não mostrar que o governador lhe era infenso, chamou á côrte o primeiro e o terceiro a fim de os castigar. Depois de algum tempo de prisão, perdoou a Barbalho, que foi empregado em Portugal nas guerras contra a Hespanha.

Veiu em 1643 para o Rio de Janeiro como governador da capitania.

Falleceu porém em 16 de Abril do anno immediato.

Fallam de suas façanhas os autores hollandezes, e os livros genealogicos da nobreza pernambucana.

## LUIZ BARROSO PEREIRA

Nasceu ao descambar do seculo passado, na cidade da Diamantina, então arraial do Tejuco, na provincia de Minas. Seu pae era o intendente dos diamantes.

De espirito lhano, despido de refohos, era franco quanto podia ser.

Dirigiu-se ao Rio de Janeiro ainda criança. Partindo para Lisboa, tal foi o dezejo que teve de seguir a carreira nautica, que seu pae a ella dedicou-o.

Em 1802 concluiu seus estudos, distinguindo-se por talento e applicação não vulgar.

Por occasião da guerra da península recebeu o joven official o commando de algumas canhoneiras, merecendo os louvores de seus chefes, e distinguindo-se sobretudo em Santarem, quando ahi se achava o heroico general francez Massena.

D. João VI, vendo que Fernando VII enviara para Nova Granada o exercito ás ordens do general Murillo, e reconhecendo que não devia esperar inutilmente, fez vir de Portugal 5,000 homens, commandados pelo general Lecór, depois visconde da Laguna. A's ordens do chefe de divisão Rodrigo Lobo, que conduzia suas forças em uma esquadra, vinha Barroso Pereira.

Em Março de 1816 pôde vir ao Rio de Janeiro, e ahi esteve dous mezes.

Precisando Lecór, depois da victoria de India—Muerta, de um commissario que tratasse com o governo de Buenos-Ayres de assumptos importantissimos concernentes á guerra na Banda Oriental, ahi foi Barroso; e se como militar e como marinheiro dera provas de bravura, deu-as tambem de sua habilidade como diplomata e

como politico. Recebeu distincto acolhimento do publico, e do governo, particularmente do director supremo D. Juan Martin Pueirredon. Conservou-se em Buenos-Ayres algum tempo, retirando-se depois para o Rio de Janeiro.

Em Echoado no Brasil o magico grito de *independencia ou morte*, embarcou-se na fragata *Nitherohy*, como 2º commandante, e partiu com o primeiro almirante Lord Cochrane, marquez do Maranhão, para a Bahia, então entregue ao exercito do general portuguez Pinto Madeira, e á esquadra do almirante João Felix de Campos.

A 2 de Julho de 1823, o estandarte brasileiro tremulava ufano nas baterias da Bahia, e a esquadra imperial perseguia a portugueza, fazendo-lhe continuas presas. A fragata *Nitherohy*, coube a difficil tarefa de perseguir a inimiga até a foz do Tejo.

Em recompensa de seus serviços recebeu Barroso o officialato do Cruzeiro, sendo nomeado para tomar o commando da fragata *Imperatriz*, que se achava então no Pará.

Na viagem passou em Pernambuco; a hydra revolucionaria arrastava-se no solo dessa bella provincia. Foi Barroso encarregado por Taylor, que então bloqueava o Recife, de ir assistir a um conselho geral, que fez o chefe da rebelião Manoel de Carvalho Paes de Andrade. Barroso deu nessa occasião provas de sua coragem e sangue frio, defendendo a sós entre os rebeldes os actos do governo, e mostrando que essa rebelião impossibilitaria a realisação da independencia.

Depois dessa commissão seguiu para o Pará, onde tomou o commando da *Imperatriz*, que conduziu para a Corte.

Ahi se achava, quando o governo imperial levantou a luva, que lhe atirara o de Buenos-Ayres.

Barroso mostrou, nessa lucta a mais desmedida bravura. Voltava de um cruzeiro. De jovial que era tornou-se repentinamente taciturno e frio. Eram 11 horas da noite. A noite ficara escura, cobrindo-se de negro manto. O official de quarto da fragata *Imperatriz* distinguio muitos navios, que se dirigiam á fragata ingleza *Doris*, estacionada a alguma distancia da nossa, e avisou disso ao commandante. Suspeitando Barroso que fossem inimigos, preparou-se para qualquer emergencia.

Faltava um quarto para a meia noite, quando os navios que o official de quarto vira, passaram pela fragata seguindo para bômbordo, e, virando na prôa, voltaram por estibordo para a alheta. O maior dos navios que entravam perguntou em inglez—Que navio é este?

Não obtendo resposta, esteve parado por alguns instantes, e rompeu o fogo. Eram os navios inimigos. Ao violento fogo destes navios, respondeu a fragata com o maior vigor.

Já estavam içadas as velas de prôa da fragata, as garras largas, e tudo estava prompto para largar a amarra sobre a boia—não pôde porém ser executada essa manobra, porque o fogo inimigo cortou muitos cabos de laborar, e crivou as velas.

Barroso não desmentiu a reputação de bravo. Ficaram nos flancos da fragata alguns navios inimigos. No lugar mais perigoso collocou-se Barroso contra a vontade de seus officiaes, e com os braços cruzados ahi conservou-se atravez de uma nuvem de balas. Alcançou-o uma dellas poucos minutos antes de começar a

acção. Sem dar um só grito, levou com calma as mãos ao peito:—*Não foi nada, camaradas*, exclamou. Recuou tres passos, e cahiu gritando — *Ao fogo!* Poucos segundos depois expirou.

A habilidade e bizzarria com que se defendeu a guarnição da fragata, foi elogiada pelo commãdante da fragata *Doris*, e pelo commãdante da fragata norte-americana *Cyone*, surta em Montevidéo.

Barroso viveu para a patria, e por ella morreu.

## LUIZ PAULINO DE OLIVEIRA PINTO DA FRANÇA

Nasceu na cidade da Bahia em 30 de Junho de 1771.

Gosou de grande nomeada como poeta, e diz-se que deixara ineditos muitos versos.

Deputado ás constituintes de 1821, não adheriu á idéa da emancipação brasileira, e prestou-se aos serviços de Portugal.

Falleceu em 24 de Janeiro de 1824, segundo se affirma, a bordo de um navio em que regressava para Lisboa de uma viagem que fizera ao Rio de Janeiro. Foi commendador e cavalleiro de diversas ordens. O Sr. Pereira da Silva, nos *Varões Illustres*, attribue o passamento de Luiz Paulino a desgostos, por não ter querido recebel-o o Sr. D. Pedro I.

O Sr. Joaquim Norberto, em um artigo, *Os poetas moribundos*, (\*) diz:

« Luiz Paulino expirou sobre as ondas do mar, entoando os seus ultimos versos, como o cysne entôa o

---

(\*) *Revista popular*, vol. XII, 1861.

seu funebre canto sobre as águas do Eurotes. O immenso oceano escutou o gemido harmonioso do grande poeta, que se finara torturado pela dôr, e saudade, longe da patria, dos amigos e o que é mais, de seus parentes, esposa, e filhos... Vendo approximar-se a hora suprema, em que o seu cadaver ia ser legado aos corvos marinhos, mandou n'estes versos cheios de harmonia e tristeza, um adeus aos entes que lhe eram tão caros, e expirou com os labios ungidos pela poesia sublime da religião, do amor e da saudade».

São bellos os seus versos :

Eis já dos mausoléos silencio horrendo  
Me impede o respirar, a voz me esfria :  
Eis chega a noute eterna, eis morre o dia,  
E ao nada a natureza vae descendo.

No da aniquilação passo tremendo  
Escudo-me da sã philosophia ;  
Terror humilde os ossos não me enfia,  
Como Catão morreu, eu vou morrendo.

Mas, ah ! tu d'alma nobre qualidade,  
Saudade cruel, com o soffrimento  
Me arremessas a mares de anciedade !

Mulher, filhos, amigos, no momento...  
No momento do adeus p'ra a eternidade  
Vós sois o meu cuidado, o meu tormento.

### MANOEL CAETANO D'ALMEIDA E ALBU- QUERQUE

Nasceu na cidade do Recife, da provincia de Pernambuco, a 11 de Novembro de 1753. Casado em 7 de Ja-

neiro de 1780 com D. Anna Francisca Eufemia da Fonseca, teve 18 filhos, nove de cada sexo. Os homens occuparam posição distincta na sociedade, pois que dous foram desembargadores, dous deputados, dous senadores, um ministro, um commandante das armas do Piahy, e outro presidente do Rio-Grande do Norte.

Teve todos os estudos das humanidades, foi poeta e musico; delectava-se tocando viola e rabeca, e vivia do officio de escrivão de defuntos e ausentes, capellas e residuos.

Falleceu em 11 de Janeiro de 1834.

Entre os autores da revolução de 6 de Março de 1817 em Pernambuco, conta-se Manoel Caetano, que a abraçou com enthusiasmo, e a serviu constantemente.

No dia em que o deão Dr. Bernardo Luiz Ferreira benseu as bandeiras republicanas, e as distribuiu pelos regimentos, Manoel Caetano, depois da oração do deão, e do eloquente discurso do ouvidor da comarca Antonio Carlos, fez uma proclamação a alguns grupos do povo, improvisou muitos versos, e distribuiu no pateo da igreja matriz de Santo Antonio pelos estudantes de instrucção secundaria a seguinte quadra escripta de seu proprio punho:

Sem grande *côrte* na *côrte*  
Não se goza um bem geral;  
Que o *côrte* é quem nos faz bem  
A *côrte* é quem nos faz mal.

Por estes e outros actos foi implicado na devassa, a que se procedeu, e preso por quatro annos na immu-

da cadêa do Aljube na Bahia, onde compoz esta copla, que tornou-se mui popular em Pernambuco :

Não ha ventura  
Como ser tolo,  
Que o ter miolo  
E' mal sem cura.

Não publicou suas poesias, nem tambem o entremez em prosa—*A justiça da Ilha dos Lagartos*, de que existiu uma copia em mão do commendador Mello, no Recife.

Tinha uma qualidade muito preciosa em todos os estados, diz um escriptor, « a mais essencial nos homens de lettras, a de saber ser pobre; qualidade sem a qual não ha nada solido, nem na firmeza do espirito, nem na honestidade dos costumes. A estreita mediocridade em que vivia não o amargurava, nem o humilhava, porque elle não conhecia nem o orgulho, que se irrita contra a má fortuna, nem a vaidadè que della se envergonha. »

### MANOEL DE FREITAS MAGALHÃES (CONEGO)

Nasceu na villa do Espirito-Santo, da provincia do mesmo nome, e foi baptisado em 17 de Fevereiro de 1787.

Sua familia e parentes eram naquella villa numerosos e distinctos, sendo seus paes João de Freitas Magalhães e Anna da Encarnação.

Perseguido, como muitos outros homens de illustração e talento, pelos despotismos e escandalos dos antigos governadores:—resistindo com coragem e perseverança contra as violencias de que eram victimas os

fracos, procurou o Rio de Janeiro, já cansado de luctas, em Abril de 1822, e ahí se fez notavel pronunciando-se manifesta e vivamente pelo causa da patria, e pela liberdade e independencia de seu paiz.

Em 1825 estabeleceu-se na villa de Itaborahy, aonde permaneceu até 1835, em que foi escolhido para vigario da freguezia de S. Gonçalo, depois de um brilhante concurso.

Desde a primeira legislatura da assembléa provincial até sua morte, foi sempre eleito membro da assembléa provincial do Rio de Janeiro a que presidiu alguns annos.

Em 1839 achando-se vaga a parochia de Itaborahy, tornou o padre Freitas a apresentar-se em concurso, e conseguiu o que elle dizia mais dezejar no mundo, ser vigario deste villa, á qual tinha sempre conservado o mais decidido amor.

Seu pensamento e empenho dominantes, durante o tempo que foi vigario, foram a harmonia e união de todos os habitantes. Trabalhou sempre, e muito, por manter a ordem, destruir intrigas, impedir inimizades, e restabelecer amigaveis relações perturbadas pelo antagonismo politico.

Sua casa e sua mesa eram francas a todos; tornou-se por vezes curioso, e objecto de gracejo de amigos, o facto de chegar-se o vigario Freitas a alguns destes para procurar saber quem eram algumas pessoas que acabavam de jantar á sua mesa, e uma vez quem era um homem que dormira em sua casa!...

Os itaborahyenses tambem, por sua parte, pagavam com o mais decidido amor a dedicacão do seu vigario e quando chegavam as grandes festas do anno, e mes;

mo durante o correr dos mezes, os presentes obsequiosos eram em tão grande numero, que elle dizia que já não tinha onde guardal-os, e nos jantares que sempre costumava dar nos dias de festa, o bom vigario exclamava, fallando á numerosissima companhia que cercava a mesa :

—Aqui o convidado sou eu; porque este lauto banquete foram os Srs. que me offereceram .

Em 1842 o conego Freitas instado por alguns com-provincianos, parentes e amigos seus, partiu para sua provincia natal, e pretendendo a honra de represental-a na assembléa geral, teve de sustentar uma lucta porfiada, e calorosa com o presidente da provincia, que tambem era candidato. A camara dos deputados annullou essa eleição; o conego Freitas já se achava no Rio de Janeiro; o presidente da provincia do Espirito-Santo já não era o candidato, e na nova eleição a que se procedeu em 1843, o conego Freitas obteve toda a votacao, á excepção de *um!*

O combate eleitoral de 1842 tinha affectado profundamente o espirito do conego Freitas, que voltou de sua provincia triste e doente, os itaborahyenses foram em grande numero recebê-lo no porto de Villa Nova, e elle, desfazendo-se em lagrimas atirou-se nos braços destes seus amigos.

Desde esse tempo começou o conego Freitas a prever e annunciar sua morte proxima, e deu-se então um facto que, segundo diz o Dr. J. M. de Macedo, em sua excellente obra *Um passeio pela cidade do Rio de Janeiro*, da qual extrahimos grande parte desta biographia, elle não se animaria a referir, senão pudesse proval-o com o testemunho de pessoas muito respeitaveis.

Em 1843, pouco antes de partir para a Côrte, onde devia tomar assento na camara dos deputados, o conego Freitas acordou uma manhã pensativo e melancolico; alguns amigos instaram com elle para que dissesse o motivo de sua tristeza, e emfim o obrigaram a dizer,

—Esta noute no meio de um sonho, ouvi perfeitamente uma voz que me bradou—o mez de Outubro te ha de ser fatal.

Zombou-se da causa da melancolia do conego, e procurou-se distrahir-o por todos os modos. Elle porém não se esqueceu mais do sinistro annuncio da voz mysteriosa:

Indo para a Côrte hospedou-se em casa de seu intimo amigo o conselheirõ Dr. Thomaz Gomes dos Santos, a quem por vezes referiu seu triste sonho.

Chegou o mez de Outubro, e no dia 15 desse mesmo mez um ataque repentino poz termo aos dias do conego Manoel de Freitas Magalhães, cujas ultimas palavras dirigidas ao seu muito presado amigo, foram as seguintes:

—Então, Thomaz, morro ou não?

E em poucos minutos morreu com effeito nos braços do Sr. conselheiro Dr. Thomaz Gomes dos Santos.

### MANOEL DE MACEDO (FR.)

Nasceu em Pernambuco em 1603 Era filho de Cosme Rangel, desembargador da relação do Porto, e de D. Joanna Cavalcanti, descendente da familia mais distincta daquella cidade.

Pertenceu á ordem de S. Domingos, e por seu raro talento e não vulgar litteratura, foi nomeado pregador da duqueza de Mantua, D. Margarida d'Austria.

Accusado porém perante o juizo da inconfidencia de ser o autor da precipitada resolução, com que se ausentaram para Castella em 1641 D. Duarte de Menezes, conde de Tarouca, e outros, foi preso e mandado para a India. Reconheceu-se porém sua innocencia, o que lhe valeu ordenar D. João IV sua volta para o Reino.

Arribou porém em Angola o navio, que o trazia, e ahi falleceu.

Não consta que fossem impressos os seus sermões, cuja discrição foi sempre applaudida, merecendo elogios de todos os escriptores, que delles trataram.

### MANOEL DO MONTE RODRIGUES DE ARAUJO (D.)

Nasceu em Pernambuco em 1798. Feita a sua educação litteraria a mais completa que foi possível, confiaram-o seus paes aos padres da Congregação do Oratorio, com os quaes estudou philosophia racional e moral, estudando mathematicas com os religiosos Carmelitas.

Em 1817 rebentando no Recife a revolução, que arvorou os estandartes da republica do Equador, passou Manoel do Monte á cidade de Olinda, a cujo seminar o episcopal se recolheu, com seu irmão mais velho, no intuito de seguirem ambos a carreira ecclesiastica, como eram os dezejos de seus paes, e as suas proprias inclinaçõse.

No ultimo anno do curso de theologia moral, foi encarregado de reger esta cadeira durante a ausencia do lente proprietario, que se achava com licença.

No Rio de Janeiro recebeu em 17 de Fevereiro de 1822 a unção sacerdotal (por vagar a diocese de Pernambuco) das mãos do digno prelado, que era bispo então o Exm. Sr. D. José Caetano.

Regressando immediatamente para sua provincia, obteve a propriedade da cadeira que regêra interinamente, mostrando no concurso que um dia seria um dos mais brilhantes talentos de nosso clero.

Em 1837 veiu ao Rio de Janeiro na qualidade de representante á assembléa geral, sendo escolhido pelo regente, em nome do Imperador, para occupar a cadeira episcopal da diocese do Rio de Janeiro, vaga por morte de seu bispo.

A escolha foi feita por decreto de 10 de Fevereiro de 1839, e confirmada pelo S. Pontifice Gregorio XVI, em bulla de 23 de Dezembro do mesmo anno.

Finda a legislatura, o Rio de Janeiro apressou-se em o escolher deputado. Nunca mais foi reeleito, por não ser homem que servisse para as luctas politicas; mas não deixou a provincia e o Imperio de mostrar-lhe todo o acatamento e respeito devido ás suas eminentes qualidades.

Por si mesmo fazia tudo, e tudo queria ver e decidir, segundo seu modo de pensar. Não tinha porém o dom da energia, com que pudesse fazer frente e destruir esses enxertos de vicios e immoralidades, que por todo o paiz lavrava no clero. Não era culpa sua; dotado de um coração eminentemente christão, elle não sabia ter palavras asperas para ninguem,

e queria corrigir com seus exemplos de virtude, e com seus sabios conselhos.

Sua Magestade o Imperador deu ao bispo o titulo de conde de Irajá, nomeou-o capellão-mór de sua augusta pessoa e familia, e condecorou-o com diversas ordens nacionaes. O S. Padre Pio IX nomeou-o seu prelado domestico e assistente ao solio pontificio.

Publicou diversas obras, e entre ellas o seu afamado Compendio de theologia moral, e os Elementos de direito canonico.

Falleceu em 11 de Junho de 1863, com todos os Sacramentos da Igreja.

### MANOEL DE MORAES

Nascido em S. Paulo, entrou muito joven para a Companhia de Jesus, em cujas aulas estudou.

Foi expellido da companhia por irregularidade de comportamento; e deixando o Brasil, estabeleceu-se em Amsterdam, na Hollanda, onde ganhou creditos de litterato. Ahi abjurou o catholicismo, abraçou o calvinismo, e casou-se.

Sabendo-se destes factos em Lisboa, foi relaxado em estatua pelo tribunal do Santo Officio no auto de fé de 6 de Abril de 1642.

Saudades da patria o fizeram voltar a Portugal em 1645, logo porém foi preso pela inquisição.

Abjurando de novo o calvinismo, protestando sinceramente adoptar a religião catholica, foi solto em 1647, segundo o abbade Barboza, depois de sahir no auto de fé desse anno com as insignias de fogo, morrendo em Lisboa em 1651.

Escreveu uma *Historia d'America*, que se perdeu, e da qual falla com muito elogio João de Laet. Outros autores tecem-lhe tambem grandes encomios. Deixou uma memoria em hespanhol, em favor da restauração de 1640, e dos direitos de D. João IV. á corôa portugueza, a qual foi publicada em Leyde em 1641.

O Sr. Pereira da Silva escreveu uma bella chronica a respeito de Manoel de Moraes, que publicou em Paris em 1866.

## MANOEL DO NASCIMENTO CASTRO E SILVA

Nasceu a 25 de Dezembro de 1788 na então villa do Aracaty, da provincia do Ceará. Teve a educação litteraria que era possivel alcançar-se no tempo e logar em que os meios eram escassos, pois se reduziam unicamente ao estudo de grammatica latina. Casou cedo, pela inclinação ao estado de familia, sendo um de seus filhos o Dr. Manoel Elisiario de Castro Menezes, magistrado conhecido e distincto.

De 1807 a 1821 axerceu diversos empregos com zelo, intelligencia e probidade, sendo enviado por seus comprovincionos ás côrtes portuguezas, onde tomou assento em 9 de Maio de 1822. Nesse congresso pugnou pelos interesses da terra natal.

Regressando ao Brasil, depois de haver pago o que devia á emancipação politica de seu paiz, presidiu o Rio Grande do Norte, onde, além de outros serviços, evitou um contrabando de 8,000 quintaes de pão brasil no valor de 160:000#000.

Foi deputado á assembléa geral em todas as legislaturas, e tomou parte em 1834 nos conselhos da Corôa

como ministro da fazenda, em que deixou monumento indelével de conhecimentos financeiros, regularizando a contabilidade das estações fiscaes, liquidando a conta do governo como accionista do extincto banco do Brasil, reformando as alfandegas e consulados, e creádo a recebedoria do municipio.

Foi tres vezes escolhido senador pela sua provincia, e só na ultima, em 1841, foi escolhido por carta imperial.

Foi nomeado plenipotenciario em 1840 e 1841, e houve-se com habilidade e desinteresse na liquidação das contas do Brasil e Portugal, pondo termo a essa peñdencia, de modo a merecer elógios do governo em aviso de 17 de Agosto de 1842, e a consideração do governo portuguez.

Falleceu em 23 de Agosto de 1846. Serviu muitas vezes gratuitamente, cedendo a importancia de seus vencimentos em favor do thesouro publico. Legou á sua familia um nome puro e sem mancha, pois mandado devassar em 1826, em virtude de denuncia do vice-presidente do Rio Grande do Norte, foi sua conducta declarada illibada, e julgada infundada a mesma denuncia.

### MANOEL DE SANTA MARIA ITAPARICA

Nasceu na provincia da Bahia, no começo do XVIII seculo. Abraçou o instituto serafico d'aquella provincia, e mostrou agudo e penetrante engenho, illustrando-se pelo estudo da poesia, para a qual a natureza o formara. Foi amado e presado pela communhão dos sabios de sua ordem; entre os quaes terminou paci-

ficamente o viver deste mundo, embalado pelas virtudes christãs.

D'entre suas poesias sobresaê o bello poema em oitava rima, dado á luz em Lisboa sob o titulo *Eustachidos*, raro hoje nas bibliothecas. Diz-se que o autographo e muitos exemplares impressos desse poema se conservam na Bahia, sob a poeira do archivo do convento.

### MANOEL FELIZARDO DE SOUZA E MELLO

Nascido a 5 de Dezembro de 1805 na freguezia do Campo-Grande, municipio da Côrte, estudou no lar paterno as primeiras lettras e o latim, e no seminario episcopal de S. José completou seu curso de humanidades. Em Junho de 1822 atravessou o Atlantico, foi beber nos seios de Coimbra a sciencia de que sequioso se mostrava; cooperou na universidade para manter a reputação gloriosa dos estudantes brasileiros, ganhou premios em todos os annos lectivos, em que essa distincção havia, e tomando o gráo de bacharel em mathematicas em 1826, voltou á patria, e foi no anno seguinte despachado lente substituto da academia militar da Côrte, e logo depois tenente, graduado capitão, do corpo de engenheiros.

A fortuna bafejára o joven de 22 annos; abençoada, porém, seja a fortuna, quando em sua cegueira acerta com o merecimento e a intelligencia esclarecida.

O verdadeiro talento faz sentir ao longe o seu fulgor: as habilitações de Manoel Felizardo foram conhecidas e aproveitadas fóra da academia; na commissão liquidadora do primeiro e infeliz banco do Brasil, na do

exame do pessoal do thesouro e de todas as outras repartições fiscaes da Côrte, experimentaram-se desde logo seu elevado prestimo e a extensão das suas faculdades.

Em 1832, nomeado inspector da thesouraria provincial do Rio Grande do Sul, presidiu e dirigiu a sua organização, e com tanta habilidade e tino administrativo, que em menos de tres annos a renda duplicou; retirando-se daquella provincia, consagrou-se exclusivamente ao magisterio até o anno de 1837, em que foi chamado á administração da provincia do Ceará, que exerceu como presidente até 1839, sendo então removido para a do Maranhão, ensanguentada por violenta e brutal rebellião. No Ceará o exaltamento dos partidos offereceu então um quadro de resistencia e reacção, de antagonismos ardentes, que enchem a historia de injustiças mutuas, de récriminações parciaes, que, não lhe disputando os fóros de habil administrador, discutem-lhe ainda a imparcialidade politica em processo que espera da sentença do juiz competente que sahirá das novas ou de futuras gerações; no Maranhão o governo, sem forças appellando para recursos insufficientes, lutando com os rebeldes, quasi abandonado, porque os cuidados da Côrte se concentravam no Rio-Grande do Sul, onde mais gravemente perigava a integridade do Imperio, no Maranhão a presidencia foi para Manoel Felizardo um martyrio, uma missão desesperadora, em que elle fez muito resistindo impassivel, pondo em campo cerca de cinco mil soldados e facilitando assim a completa pacificação da provincia, que foi mais tarde realisada pelo Sr. barão depois conde e marquez de Caxias.

Nas épocas de lucta violenta, o espirito de partido é muitas vezes iniquo e implacavel ; na colheita dos louros de um triumpho os vencedores amam o exclusivismo das honras da victoria : esmerilhar e paten-tear sem nuvens a verdade é difficil, senão quasi impossivel aos que vivem com os homens da mesma idade, aos que ouvem os interessados, aquelles que são partes e pretendem ser juizes ; como quer que seja, é incontestavel que, na presidencia do Maranhão, Manoel Felizardo soube não se deixar abater e vencer por 15,000 rebeldes, conseguiu a restauração da cidade de Caxias, expoz a sua vida na tomada da villa de Icatú ; prestou, portanto, serviços reaes, e por elles foi merecidamente promovido ao posto de major .

A provincia das Alagoas em 1840 até 1842 ; a de S. Paulo em 1843, a de Pernambuco por poucos dias, em 1848, o nosso Manoel Felizardo por presidente, e nessas, menos vehemente, a intolerancia dos partidos deixou ao administrador zeloso mais afortunado ensejo de servir á causa de todos na boa direcção dos negocios provinciaes .

Manoel Felizardo não tinha ficado esquecido na administração das provincias : duas vezes eleito deputado, se distinguira na camara como habil discuti-dor, e adextrado na pratica administrativa. Membro notavel do partido conservador, soffreu as consequencias do revez politico de 1844, que foi aproveitado pela escola militar até 1848, em que, no mez de Março, o gabinete organizado pelo visconde de Macahé roubou-lhe o lente preclaro que foi ser ministro da guerra : Com o primeiro ministerio do visconde de Uruguay, tam-bem esse teve a vida ephemera : Manoel Felizardo

voltou á effectividade do magisterio, interrompeu-o para ir tomar assento na assemblea provincial do Rio de Janeiro, da qual foi eleito presidente em 1848, e no mesmo anno, a 29 de Setembro, foi de novo chamado ao ministerio, occupando a pasta da marinha e interinamente a da guerra, da qual foi, em 1849, effectivamente encarregado; nesse gabinete contribuiu muito para a debellação da revolta praieira em Pernambuco, deu provas de grande actividade e energia, preparando, dispondo com rapidez, e fazendo utilizar todos os meios necessarios para a guerra do Prata, que acabou incruenta no Estado-Oriental, dissolvendo-se o exercito de Oribe, e na Confederação Argentina, sendo vencido em Monte-Caseros o tyranno de Palermo. Em 1853 sahindo do ministerio, sendo nomeado no anno seguinte director geral das terras publicas, foi o creador desta repartição, e concorreu consideravelmente para a organização dos regulamentos necessarios para ser executada a lei de 18 de Setembro de 1850.

Ainda outra vez ministro da guerra em Janeiro de 1859, poucos mezes conservou-se no poder, em que então pela ultima vez fez sentir a sua capacidade administrativa e profundo conhecimento dos negocios da repartição que com elevada intelligencia dirigiu.

Em 1848 tinha sido eleito pela provincia do Rio de Janeiro em lista triplíce para senador, e escolhido em Dezembro do mesmo anno por Sua Magestade o Imperador, foi sentar-se na camara vitalicia em uma cadeira, que illustrou com seu grande saber e com a elocuencia da sua palavra.

Estava ainda vigoroso e forte, quando começou a ouvir annuncios de morte no coração, affectado por

uma dessas enfermidades terríveis, que avançam e se desenvolvem sinistramente, zombando da sabedoria do medico e dos cuidados da victima, que acaba cansada da vida tormentosa pelos soffrimentos, e negrejada pela desesperança.

Manoel Felizardo de Souza e Melló occupou com distincção os mais altos cargos de seu paiz ; em 1859 foi nomeado conselheiro de Estado extraordinario, passando por decreto de Agosto de 1866 ao exercicio ordinario, em que já não lhe foi dado entrar; Sua Magestade o Imperador o agraciou em 1841 com a commenda da ordem de Christo, e Sua Magestade Fidelissima com a grã-cruz da mesma ordem.

O conselheiro de estado Manoel Felizardo de Souza e Mello, onde se mostrou, mostrou-se notabilidade: no magisterio deixou lembrança indelevel do brilhantismo, da amenidade e da profundeza das suas lições na memoria grata de todos os seus discipulos: na arena politica foi um dos primeiros vultos de seu partido; no parlamento gozou merecidamente fóros de orador abalisado, e nas altas questões financeiras dos ultimos annos elevou-se no senado á altura dos mais consumados lidadores, e nos trabalhos de gabinete, nessa seára muitas vezes ignorada, e onde mais gravemente se attribula o espirito e se gasta a vida, foi activo, como fecundo e habil.

Conseguiu em vôes arrojados subir aos mais altos grãos na escala social; foi a intelligencia que para tanto lhe deu azas de aguia: abençoamos o systema de governo, que abre ao merecimento as portas de todas as grandezas.

## MANOEL JOAQUIM DE MENEZES (DR.)

Nasceu no Rio de Janeiro em 1789.

Seus paes foram o 1º tenente da armada Antonio Rodrigo de Menezes, e D. Violanta Escholastica de Menezes.

Morreu Antonio Rodrigo quando seu filho contava sete annos de idade, e D. Violanta ficou pobre e sem protecção.

Concluiu Menezes a instrucção de primeiras lettras, desenvolvendo-se physica e moralmente, e procurando por si mesmo os meios de continuar a instruir-se. Havendo-se applicado á pratica de cirurgia no hospital da Santa Casa da Misericordia, sentou praça de ajudante dessa arte no 2º regimento de infantaria de linha em 9 de Novembro de 1803.

Seguiu para a villa de Paraty, no posto de 1º sargento, em Outubro de 1807, por ordem do Vice Rei Conde dos Arcos, na commissão de estabelecer alli uma enfermaria, onde fossem tratados os soldados, encarregados das fortificações da mesma villa. D'ahi regressou em 28 de Julho de 1808.

Desacoroçoado de ser promovido, em razão do excessivo numero de officiaes portuguezes, matriculou-se na academia medico-cirurgica, creada por occasião da chegada da familia real ao Brasil.

Em 1810 propoz-se Menezes a fazer exame publico de cirurgia, e, desfeitos alguns embarços, obteve diploma com a cathegoria de bacharel em medicina.

Em 1817 por occasião da revolução de Pernambuco, foi nomeado primeiro cirurgião do hospital expedicionario, na divisão que para alli seguiu commandada pelo

general Luiz do Rego, chegando áquella provincia em 29 de Junho, depois de ter estado na Bahia. Menezes installou o hospital no convento dos Carmelitas do Recife, que estava deserto de religiosos, e offerencia as accommodações precisas.

Na falta de cirurgiões habilitados, Menezes admittiu a praticar no hospital aos ajudantes de cirurgia dos corpos, e a muitos moços, que se queriam applicar, e aos quaes forneceu a possivel instrucção theorica e pratica gratuitamente.

Casou-se ahi com D. Eufemia Marianna de Menezes, e regressou para o Rio de Janeiro em 3 de Janeiro de 1821.

Nenhuma remuneração recebeu Menezes do governo pelos serviços prestados na expedição.

No *club secreto*, em que se tratavam e preparavam as medidas que convinham á união e independencia do Brasil, e ao qual pertenciam pessoas muito distintas, inclusive o Sr. D. Pedro I, que algumas vezes o presidiu, foi admittido Menezes.

Por occasião da revolta de 1824, em Pernambuco, o Dr. Menezes, cirurgião-mór da 3ª brigada da expedição que havia tomado o titulo de *exercito cooperador da boa ordem*, chamou a si a direcção em chefe da expedição de saúde, tendo organizado em Maceió um hospital ambulante, e dando todas as providencias necessarias para o bom serviço, achando-se até no combate do bairro da Bôa-Vista por occasião de entrar e occupar o exercito a cidade do Recife.

O Dr. Menezes, neste tempo como em 1817, concorreu muito para a lenticão dos interrogatórios e execução de alguns presos, lenticão que deu tempo a chegar a amnistia concedida pelo Imperador, poupando-se assim

muitas vidas, que seriam sacrificadas talvez innocente e injustamente.

Em 7 de Dezembro de 1824 foi nomeado delegado do cirurgião-mór para reorganisar as differentes partes da repartição de saude, o que cumpriu; regressando em 9 de Agosto de 1825 para a Côrte com a brigada.

Ao tempo que profusamente se distribuiam graças até por pessoas extranhas aos acontecimentos, o Dr. Menezes era excluido dellas, porque os espiões apresentaram os seus serviços como feitos ao partido *republicano*.

Pelo proprio Imperador, que reconhecia o zelo e capacidade de Menezes, foi este designado a marchar para o Sul, com a expedição que seguiu para a provincia de S. Pedro por occasião da guerra das republicas de Uruguay e Argentina.

Foi secretario do commando desta expedição, de que era chefe o brigadeiro João Damasceno Rosado, bravo, mas destituido de instrucção; prestando-se Menezes a esse mister, porque não havia um official no pequeno estado-maior daquelle chefe, capaz de redigir um officio. Desintelligencias se deram entretanto, das quaes resultou mandar Rosado pôr á disposição de Menezes uma sumaca, para transportar-se nella com os doentes e trem do hospital, dispensando-o de com elle marchar no quartel-general.

Menezes installou-se na villa de S. José do Norte, e depois em Pelotas, providenciando a todas as necessidades com actividade, e removendo as difficuldades, que de proposito se lhe antepunham.

O coronel Bandeira, desta expedição, achou-se em difficuldades de marchar para a fronteira de Bagé por falta de recursos pecuniarios, os quaes lhe foram facili-

tados por Menezes, que, sendo amigo do charqueador Antiqueira, depois visconde de Jacuhy, pôde obter deste um empréstimo de oitenta contos de réis, em duas prestações.

Removidos para o hospital fixo de Porto-Alegre os doentes, Menezes marchou para o exercito, sendo nomeado em 14 de Janeiro de 1827 chefe da repartição de saude. Em S. Gabriel achou vestigios de sua bagagem roubada. O ladrão foi um individuo para quem Menezes havia obtido um emprego no exercito, suppondo se seu amigo. Deixou-o reduzido ao fato do corpo.

Tendo-se perdido todas as ambulancias, dispersados os cirurgiões que o general mandara reunir em um só ponto, contra a opinião de Menezes, este voltou a S. Gabriel, fez levantar o hospital que alli deixara, fazendo remover tudo para a villa da Cachoeira, o que se fez alta noite, com o auxilio da lua, providencia que salvou muitos doentes.

Desgostoso com alterações extra-legaes, admittidas na repartição a seu cargo pelo general visconde da Laguna; concluida a campanha, requereu licença para regressar á Côrte, que lhe foi concedida, e aonde chegou a 4 de Março de 1829, achando-se preterido por um camarada, que não tinha a sua antiguidade, habilitações e serviços.

Justificado pessoalmente perante o Imperador, em uma audiencia que delle obteve por intervenção de seus amigos, marquez de Cantagallo e conselheiro José Clemente Pereira, foi condecorado com a ordem do Cruzeiro.

Reduzido a quasi total cegueira, em consequencia de uma ophtalmia, acabrunhado de desgostos, pediu reforma e a obteve no posto de tenente-coronel com o

mesquinho soldo de 60%, contando mais de trinta e seis annos de serviço.

Tirou diploma de cavalleiro da Ordem de Aviz, e obteve o officialato da Rosa da munificencia do Sr. D. Pedro II.

Segundo diz o Sr. Mello Moraes, o Dr. Menezes emprehen- deu a redacção de algumas mêmorias sobre a cirur- gia militar, hospitaes fixos e ambulantes, ambulancias de corpos, e sobre as enfermidades que mais frequente- mente atacam os soldados nos acampamentos, mas o máo estado de sua vista lhe não permittiu coor- denal-as e publical-as, limitando-se apenas a mandar escrever, e publicar uma memoria sobre a independencia do Brasil, e integridade das provincias e tambem offerecer-nos varios trechos para a historia, cujas circumstancias ficariam ignoradas, bem como uma memoria sobre a companhia do Sul de 1824 até 1829 que está por completar.

### MANOEL MAURICIO REBOUÇAS (DR.) (\*)

Nasceu em Maragogipe, da provincia da Bahia. Aprendeu primeiras lettras, e quando se preparava para começar o estudo da lingua latina, aceitou ser escrevente do escrivão da provedoria de ausentes capel- las e residuos por conselho de seu pae. Em 1314 empre- gou-se nesse mesmo mister na capital da Bahia, e no mesmo caracter, depois, na villa da Cachoeira.

---

(\*) Vide discurso do orador do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Sr. Dr. J. M. de Macedo, publicado na *Revista Tri- mensal*, vol. XIX, pag. 447.

Eis a infancia do menino escrevente de cartorio, mostrando-se capaz, em idade de 12 annos, de comprar o seu pão com o producto do proprio labor.

Por occasião de guerra santa da independencia, que na cidade da Bahia rompêra com a lucta dos dias 19 e 20 de Fevereiro de 1822, e que ensanguentara as ruas da primeira capital do Brasil, guerra que durara até o faustoso 2 de Julho de 1823, Manoel Mauricio serviu incessantemente á causa da patria com a dedicação e energia do mais preclaro civismo. Entre taes serviços conta-se o haver elle tomado parte em uma peleja travada nos horrores da noute contra uma canhoneira lusitana, a qual abordou em canoas, com outros combatentes, aprisionando o commandante e quantos da guarnição sobreviveram ao combate; conta-se mais haver elle partido á meia noute em commissão á villa de Maragogipe; para providenciar a aclamação, que do principe D. Pedro se fazia na Cachoeira para regente, voltando no dia seguinte com a acta do pronunciamento de Maragogipe conta-se tambem que atravez do fogo das canhoneiras lusitanas, fôra incumbido de ir arrecadar grande numero de barris de polvora guardados na ilha adjacente á Barra Falsa, empenho que realisara, commandando uma atrevida flotilha de canôas.

Cooperou na organisação da companhia de voluntarios patriotas denominada Bellona, e della fez parte como simples soldado; exerceu até Maio de 1823 o logar de commissariado de boca na villa da Cachoeira, passando para o exercito na mesma commissão até o fim da guerra.

Com o triumpho da patria despiu a farda, e entregou sua bella espingarda de voluntario; nada mais pediu.

Contrariado no provimento de um dos officios de es-  
crivão da capital da Bahia, resolveu ir á França for-  
mar-se em medicina ; e vencendo mais de uma difficul-  
dade, que se antepunha á sua resolução, conquistou em  
Paris a carta de bacharel em lettras, de bacharel em  
sciencias e de doutor em medicina, obtendo em 1832,  
por meio de concurso, a cadeira de botanica e zoologia  
da escola de medicina fundada na capital de sua pro-  
vincia, magisterio que desempenhou com exemplar  
assiduidade por mais de cinco lustros.

Foi agraciado com o habito do Cruzeiro, e recebeu o  
título de conselheiro que por lei lhe competia.

Prestou serviços reaes á humanidade no exercicio da  
clinica medica, e a caridade esteve sempre em seu  
coração acima do interesse material. Por occasião das  
epidemias da febre amarella e cholera-morbus, aceitou  
gratuitamente diversas commissões do governo.

Escreveu algumas obras scientificas, fructo de seus  
estudos, que foram publicadas.

Foi jubilado, porque seu espirito não pôde reagir  
contra acerbos desgostos da vida, contra ingratições,  
que vieram perturbar-o em sua velhice, e inutilisaram  
o homem de tempera de ferro. A cruel enfermidade  
parecia entretanto respeitar a intelligencia de Rebou-  
ças, em relação á sciencia que professava ; porque es-  
creveu uma volumosa obra, que se perdeu, mas que foi  
lida pelo Dr. Paula Candido com a maior satisfação.

Falleceu em 19 de Maio de 1866.

## MANOEL THEODORO DE ARAUJO AZAMBUJA

Nasceu a 4 de Julho de 1780 no Rio de Janeiro, filho  
legitimo e primogenito do capitão Manoel de Araujo

Gomes, e de D. Anna Felicia de Figueiredo Azambuja.

Teve quatorze filhos de seu consorcio com D. Maria Rita Nascentes.

Na idade de 14 annos tendo Manoel Theodoro assentado praça na 1ª companhia da tropa auxiliar da freguezia de S. José, que teve depois a denominação de 3º regimento de infantaria de milicias, passou successivamente a porta-bandeira, capitão aggregado e finalmente a capitão effectivo da 8ª companhia do mesmo regimento, obtendo este ultimo logar a 26 de Agosto de 1802. Patenteou tal character em seu comportamento, tanto publico como particular, taes serviços prestara, que mereceu louvor de seus superiores, sendo promovido, dous annos depois, a capitão de caçadores, e, em 7 de Dezembro de 1812, ao posto de tenente-coronel aggregado do mesmo regimento.

Manoel Theodoro que nunca se lembrara que pudesse haver outro galardão para um homem de bem além da satisfação da propria consciencia, teve merêdo habito de Christo, e 12\$000 de tença effectiva, por despacho do principe Regente, assignado pelo Conde de Aguiar.

Em 4 de Setembro de 1830 foi promovido a coronel commandante do dito regimento de infantaria de 2ª linha.

Adquirira direito á sua reforma em brigadeiro, mas nunca a requereu, porque nunca soube pedir cousa alguma para si.

Antes da independencia Manoel Theodoro figurou na scena politica, tomando parte com o seu regimento na proclamação da constituição de Portugal. Achava-se

na Praça do Commercio, na qualidade de commissario para a nomeação do governo provisório, quando teve logar a matança, de que escapou com José Clemente, Amaral, Moniz Barreto, e outros.

Tomou parte activa na independencia, e na acclamação do Sr. D. Pedro I, á testa de seu regimento.

A 29 de Janeiro de 1823 tomou posse do cargo de vereador do senado da camara, para que fôra eleito.

Dissolvida a constituinte em 1824, ficou de tal modo impressionado sobre as esperanças, que a favor da patria fazia medrar em seu animo, que se conservou em casa com todas as janellas fechadas, recusando-se a pôr luminarias a despeito das instancias e pedidos dos seus amigos. Seguiram-se por esse tempo as deportações dos Andradas, Montezuma, e outros.

Partiu para França com sua mulher e 12 filhos, e a estes procurou dar alli a mais perfeita educação, sendo auxiliado pelo illustre naturalista Augusto de Saint-Hilaire, a quem havia acolhido e obsequiado com as maneiras mais affaveis e significativas, quando em suas excursões passára pelo Rio de Janeiro.

Em Paris, Manoel Theodoro assistiu ás sessões legislativas, visitou os estabelecimentos publicos, humanitarios, instructivos, recreativos, e varias fabricas de mais nomeada; frequentou as audiencias de diferentes tribunaes, e com especialidade a das autoridades policiaes e administrativas, e fez estudos mui particulares sobre as instituições do juizo de paz, commissarios de policia, e municipalidades, tomando de tudo nota, e munindo-se dos manuaes, livros e escriptos concernentes a esses objectos. Compenetrando-se dá

indispensabilidade dos estabelecimentos dos mercados, dos matadouros que visitou e examinou, e bem assim do serviço da limpeza nas grandes capitães, conseguiu formar de tudo isso, e de outros objectos uteis, um importante peculio, de que mais tarde se pudesse servir em beneficio de seu paiz.

A casa de Manoel Theodoro, em Paris, era o ponto de reunião de muitos de seus concidadãos, era o centro dos brasileiros alli existentes, e de quantos chegaram até sua volta para o Brasil, que se effectuou em Outubro de 1827.

Em 10 de Fevereiro de 1830 prestou juramento do cargo de juiz de paz da freguezia de S. José, e foi elle o principal organisador desta instituição, applicando ao bom desempenho do cargo quanto observara e estudara, e a sua intelligencia, espirito justiceiro, energia e paciencia.

Offereceu á camara municipal em 1830 tres memorias — 1ª sobre matadouros — 2ª sobre mercados publicos — 3ª sobre limpeza da cidade. Esta offerta foi recebida com especial agrado, e lhe foi agradecida pela municipalidade.

Nos dias difficeis e melindrosos, que precederam e se seguiram á abdicção, muitos serviços prestou para manter o socego publico, o que se manifesta do voto de agradecimento, que a camara municipal lhe dirigiu em 18 de Abril de 1831.

Foi nomeado presidente da provincia de S. Paulo, emprego em que não desmentiu o seu passado, porque teve em mira sómente o bem publico e o cumprimento de seu dever. Entregou seis mezes depois a administração a Raphael Tobias de Aguiar, nomeado para o

substituir em 13 de Outubro de 1831, por conveniências da politica que dominava.

A injustiça das paixões politicas levou o moderado Manoel Theodoro a responder a um processo de responsabilidade, em que o jury não achou materia para accusação, por ter negligenciado a execução da lei de 6 de Junho de 1831, isto é, por não ter usado de rigor e força para dispersar o povo, que, reunido, queria representar então contra o ministerio.

Ainda foi reeleito juiz de paz, logar que exerceu na época notavel do golpe d'Estado de 30 de Julho de 1833, concorrendo para manter a ordem, e apoiar a opinião daquelles que, na representação nacional, se pronunciavam contra essa medida revolucionaria.

Retirou-se a tempo da scena politica, e recolheu-se ao lar domestico, e ao seio de sua familia, sem comtudo deixar de acompanhar a leitura de tudo quanto podia interessar o seu paiz.

Falleceu em 27 de Julho de 1859, sorprendido por uma pneumonia dupla e aguda.

Não comprehendia a politica sem a moral — era religioso sem ostentação, e consultava sempre a sua consciencia em todas suas acções, quer publicas, quer particulares, em que sobressahia o maior desinteresse e abnegação de si mesmo. (\*)

### MARCOS TEIXEIRA (D.)

Quinto bispo do Brasil, que falleceu na Bahia em 8 de Outubro de 1624.

---

(\*) Aproveitamos esta biographia de um completo escripto do Sr. J. B. Calogeras, publicado na *Revista popular*, vol. VII, 1830.

A voz da patria, opprimida pela invasão dos holandezes, o chamou ás armas, deixou o seu cajado pela espada, e poz-se á frente das tropas brasileiras, dando assim o exemplo do desprezo das regalias do repouso pelos perigos e incommodos do campo da batalha, e perigos da guerra. Foi profundamente lamentada a sua morte.

### MARIA JOSEPHA BARRETO (\*)

Natural de Viamão, da provincia de S. Pedro do Sul.

Foi casada com um individuo, que servia de carcereiro na cadeia de Porto-Alegre.

Compoz muitos elogios dramaticos, hoje perdidos.

Um de seus contemporaneos affirmá que a viu improvisar no theatro, e sustentar vigorosamente a lucta com um official cego, tambem poeta.

A ella pertence o seguinte soneto, dedicado ao 55.<sup>o</sup> anniversario de D. João VI :

Lá onde o Tejo undoso ufano pisa,  
Dos brilhantes laurels já despojada,  
De funebre cypreste a fronte ornada,  
Lysia envolvida em pranto se divisa.

---

(\*) *Alman. de lemb. bras.*, 1868, Maranhão. O Sr. A. de V. M. de Drumond, de Pernambuco, em um escripto sob o titulo— *Apologia do bello sexo*— publicado em 1857, dá noticia de uma D. Maria Josepha Barreto Pereira Pinto, natural de Rio de Janeiro, insigne poetisa, conhecida por— *Musa Brasileira*.

Na saudade cruel que a penalisa,  
Invejosa suspira, consternada,  
Quando America assaz afortunada  
A gloria de João immortalisa.

No seu erguido throno brasileiro,  
Fundador de uma nova monarchia,  
Qual de Ourique Affonso, rei primeiro.

Dictando sabias leis, já neste dia  
De onze lustros o gyro vê inteiro  
O grande filho da immortal Maria.

#### MARIA QUITERIA DE JESUS MEDEIROS (D.)

Natural da Bahia. Deixou a casa de seus paes no *Rio do Peixe*, vestiu-se com os trajos de um homem, foi á cidade da Cachoeira, sentou praça de voluntario no regimento de artilharia, e depois, já conhecido o seu disfarce, obteve passagem para o batalhão de caçadores, denominado dos — voluntarios do Principe D. Pedro.

Quando as tropas de Pinto Madeira quizeram tomar Itaparica, ahi fez ella prodigios de valor á frente de muitas senhoras, e guiou-as á victoria.

Quando a esquadra contraria aproou á foz de Paraguassú, nem a chuva de metralha, que varria a praia, despedida das bocas de fogo das embarcações, nem as ondas embravecidas a detiveram.

Pacificada a Bahia, foi D. Maria de Jesus levar ao Rio, a D. Pedro I, a nova da feliz restauração, e o Imperador, por decreto de 20 de Agosto de 1823, permitiu-lhe o uso da insignia do Cruzeiro, como um dis-

tinctivo para assignalar os serviços militares que, com denodo, raro entre as mais de seu sexo, prestára á causa da independencia.

Warden faz della menção honrosa na sua historia do Imperio do Brasil:

Maria Graham, illustrada ingleza, que escreveu e publicou em Londres o jornal de sua viagem pelo nosso paiz, ornou a sua obra com o retrato da heroína.

O Sr. Ladisláo Titara não se deslembrou de sua companheira de armas no seu poema—*Paraguassú*.

### MARIA ORTIZ

No tempo em que os hollandezes cruzavam as costas do Brasil para delle se assenhorearem, o almirante Patrid em Maio de 1625 com uma armadã de oito velas deu fundo na barra da Victoria, capital da provincia do Espirito-Santo, desembarcou, e fortificou-se em diversos pontos.

Nos dias 12 e 14, por meio de um combate, experimentaram a fortuna que, apezar da intrepidez dos nossos, lhe seria propicia, se, como refere Brito Freire, *uma animosa mulher*, a espirito-santense Maria Ortiz, posta á janella de uma casa aguardando a passagem do chefe, não derramasse sobre este uma caldeira d'agua fervendo, que o fez retroceder, desanimar a sua gente, e declarar-se a victoria pelos habitantes do logar, com perda de 38 dos contrarios, que foram mortos, e 44 feridos.

### MARIANNA PINTO

India, unica pessoa que ousou, rompendo por entre sentinellas, levar alimento ao padre Antonio Vieira,

que em 1661 fôra posto em custodia na cidade de Belem, (Pará) em resultado de um movimento que alli se levantára contra os jesuitas. Ameaçaram Marianna com queimar-lhe a cabana, e ella respondeu *que se o fizessem, na rua cosinharia a comida para o padre*. Os jesuitas, gratos a este proceder, educaram-lhe o unico filho com esmero tal, que, ordenando-se, veiu a ser cura na mesma cidade de Belem. O geral da ordem mandou de Roma uma carta de Irmandade a Marianna, conferindo-lhe quinhão no merecimento das boas obras da Companhia. Foi enterrada na igreja do collegio a expensas da Companhia. (\*)

### MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA

Nasceu em 1776 na cidade de Santos, provincia de S. Paulo. Os recursos de sua familia proporcionaram-lhe a vantagem de seguir a carreira litteraria, com seus dous irmãos.

A universidade de Coimbra abriu-lhe seus thesouros, e ahi obteve Martim o gráo em mathematicas.

Em 1800 Martim Francisco foi empregado em excursões scientificas, por ordem do governo portuguez, juntamente com seu irmão José, e o tenente-general Napier, lendo-se pela primeira vez em 1812 um trabalho seu na Academia Real de Sciencias de Lisboa.

Voltou á sua patria todo entregue á vida pacifica do homem de letras, e accumulando com seus estudos esse cabedal de erudição e saber, que devia mais tarde tanto engrandecel-o no theatro da vida publica.

---

(\*) André de Barros, Liv. 3º. Southey, 4º vol.

Entregon-se ás peregrinações da sciencia—seguiu por entre precipicios e brenhas para descobrir a verdade. « Creio, dizia elle, que Kolbe e Vaillant nos aridos e desertos sertões d'África não acharam tantas difficuldades que vencer, como eu em uma colonia portugueza, ha tanto povoada. . . . Se Linneu intentou suas primeiras viagens a pé, e despido de todos os meios; eu tambem para instruir-me, conhecendo os productos naturaes desta capitania, tenho arrostado com todos os perigos, cobrindo-me com as folhas da *areca oleracea* e alimentando-me com o seu palmito, zombando das onças, tão dâmnosas e malfazejas, andando a pé por entre mattas continuas, emmaranhadas de espinhos: tudo isto tolero com gosto, e só me desgosta a escassez de observações. »

Martim Francisco, secretario do governo provisório de S. Paulo, concorreu com seu irmão José para essa gloriosa representação de 24 de Dezembro de 1821, que foi o primeiro grito do patriotismo contra a prepotencia da metropole. Tal era porém a força das idéas regressistas, tanto conseguira entorpecer o progresso da liberdade o movimento retrogrado das idéas luzitanas, que Martim é expulso do governo provisório, e conduzido preso para a Côrte.

Chegado ao Rio, aguardava-o o mais brilhante triumpho; Martim é chamado para o ministerio da fazenda em 4 de Julho de 1822. O desinteresse e a probidade deram a mão a seus subidos talentos para firmar sua reputação politica: apesar das enormes dispendios da guerra da independencia, em que houve um accrescimo de dous mil contos na divida publica, sua probidade e patriotismo acharam recursos para fazer-lhe face sem

gravar os cofres da nação, pois ao retirar-se da administração deixou no thesouro uma somma de valores sufficiente para resgatar todo o incremento da divida.

Martim Francisco foi deputado na constituinte brasileira pelos votos da provincia do Rio de Janeiro, e desempenhou com honra o encargo de defender os interesses do povo, e a causa da liberdade.

A 17 de Julho de 1823, o glorioso ministerio da independencia brasileira estava fóra da administração, por que uma opposição surgiu, embaraçando-lhe a acção, opposição formada da liga dos exaltados com os realistas.

A 12 de Novembro de 1823 é dissolvida a constituinte á força armada, e Martim Francisco, cuja voz entusiastica de patriotismo offendido ferira o poder, é arrastado com seus irmãos, e outros patriotas, ás torturas do exilio.

Em 1828 estava ultimado o plano de um processo, que era o parto do absolutismo dos antigos tempos. Iá ser sujeito á relação o proscripto, como inculpado do crime de sedição. Chegado ao Rio para defender-se, é encerrado em uma masmorra na ilha das Cobras, onde devia expiar o crime de haver amado sua patria.

Em 6 de Setembro de 1828 a Relação firma a sentença de absolvição, que lava a affronta feita aos patriarchas da independencia, e os restitue a seus concidadãos. Neste mesmo anno a provincia de Minas protestava contra o poder, elegendo Martim Francisco para a legislatura de 1830.

Desgostoso porém por tantas decepções, e por soffrimentos tão dolorosos, Martim prótesta nunca mais levar aos labios o amargurado calix da vida publi-

ca, que para elle só encerrara o fel da ingratidão. Na sessão de 12 de Maio de 1832 elle profere—« Desde 23 protestei condemnar-me á obscuridade; se esta não basta, o desterro mesmo me será grato, comtanto que delle resulte para os meus concidadãos socego e prosperidade. » Já em 1830 elle havia recusado entrar para os conselhos da Corôa, chamado pelo Imperador, que de seus erros estava arrependido.

Martim Francisco e seus irmãos foram os amigos, que Pedro I encontrou na adversidade, porque os aulicos que o perderam, abandonaram o sol em seu occaso. Recusou servir sob a regencia, porque, aceitando o 7 de Abril de 1831 como um facto consummado, não queria comtudo assumir a responsabilidade de um governo sahido do seio de uma revolução por elle reprovada.

Em 1838, quando sobre os restos da democracia se erguera uma nova politica, Martim engrandeceu com seus talentos essa patriotica minoria, que oppunha na camara os recursos da eloquencia ao poder. Combateu nesse anno a admissão de tropas estrangeiras no Brasil, e em 1840 teve uma partê larga e generosa no movimento parlamentar, que investiu o segundo Imperador de suas funcções magestáticas. Que nobreza de sentimentos, que elevação d'alma nestas palavras, que dirige á camara na sessão de 16 de Julho de 1840 :

« . . . . . Quero que o monarcha suba ao throno, não por amor do poder, porque nunca o procurei, nem o procuro; não por amor de honras, pequenos nadas; futeis frivolidades da vaidade humana, porque eu tenho titulos meus nas acções minhas; não por amor de riquezas, paixão baixa e vil a que nunca queimeei incenso;

mas por amor da pátria, paixão nobre, que arde em meu coração, pura como o fogo de Vesta.

« Quero o monarcha no throno, porque estou persuadido de que elle será o anjo da paz, que virá salvar-nos do abysmo que nos ameaça; quero que o monarcha suba ao throno, porque supponho que é a unica medida que póde trazer remedio aos nossos males; quero que o monarcha suba ao throno, porque amo esta augusta familia, senhores, para cuja defeza e gloria tenho contribuido com todo o cabedal de minhas forças. Quero finalmente, para cumprir uma promessa dada a um respeitavel velho, que jaz hoje na eternidade, meu fallecido irmão, tão injustamente maltratado por tantos; o qual, no resto de seus dias, affirmava não poder morrer feliz, senão vendo o Sr. D. Pedro II no throno, e o systema constitucional consolidado. Senhores, se eu consigo isto, meus votos estão satisfeitos; e cheio de Jubilo posso exclamar com o poeta—oh patria, inda esta gloria me consentes ! »

A 23 de Julho de 1840 a maioria era uma realidade, e o illustre paulista com seu irmão Antonio Carlos era chamado aos conselhos da Corôa pelo joven Imperador.

O mesmo genio que tinha assistido o Imperio nos dias da independencia, fôra fadado pela Providencia para inaugurar o reinado do segundo Imperador. Em menos de nove mezes Martim Francisco deixou o poder ; mas nos poucos dias que viveu, a adversidade guardava-lhe ainda soffrimentos.

Nenhuma parte tomou Martim nos acontecimentos de 1842; entretanto suas çans foram desacatadas, e elle, com seu irmão, solemnemente exautorado das hon-

ras de camarista do Imperador. A ingratiidão devia ainda turvar seus derradeiros dias, e, até á ultima hora, o venerando ancião teve de soffrer pela patria.

Um anno depois em 23 de Fevereiro de 1844, falleceu em Santos o veneravel velho, de uma severidade de costumes superior a toda seduccão, na expressão do Sr. Homem de Mello, decente em suas palavras, ameno em seu trato e no amor paternal, talhado á antiga, typo dos homens raros, conforme a expressão do Sr. Porto-Alegre. Conservou-se sempre pobre, sem honras, e baixou ao tumulo apenas com o habitó de Christo do tempo colonial. Para sua gloria bastava-lhe seu nome.

### MARTINHO ALVARES DA SILVA

Nasceu em Pitangui, da provincia de Minas, a 11 de Novembro de 1769.

Assentou praça de cadete, e chegou a ser tenente-coronel, exercendo em seu paiz muitos cargos, e sendo elevado, em 1831, a coronel do regimento de cavallaria de Pitangui. Em 1845 foi nomeado commandante superior da guarda nacional.

De seu casamento com D. Isabel Jacintha de Oliveira Campos teve 22 filhos, dos quaes restavam 13, ao seu fallecimento, sendo dous formados em medicina e um em direito.

Foi homem probo, pae carinhoso, cidadão laborioso. Falleceu em 9 de Abril de de 1846.

### MATHIAS DE ALBUQUERQUE

Natural do Maranhão, distincto general nas guerras contra os hollandezes, quando atacaram e empossa-

ram-se de Pernambuco e capitánias circumvisinhas, das quaes era governador.

Se bem que tivesse mostrado coragem e denodo, foi mandado retirar para Portugal por El-Rei D. Felipe e exilado nas suas terras.

Com a revolução de 1640, appareceu offerecendo-se a D. João IV, que, conhecendo seu merecimento, aceitou-lhe os serviços; ganhou logo como general a batalha de Montijo contra os castelhanos, a qual assegurou a independencia de Portugal, e á casa de Bragança.

### MIGUEL DE SOUZA MELLO E ALVIM

Nasceu a 9 de Março de 1784, na provincia da Extremadura, do Reino de Portugal, de paes illustres em nome e em riqueza.

Tendo concluido seus estudos preparatorios, foi destinado á marinha militar, assentando praça de aspirante, em Lisboa, a 24 de Março de 1798, na companhia dos guarda-marinhas; e completando o curso scientifico recebeu a promoção de official, e serviu successivamente em diversos navios, inclusive a fragata *Urania*, que em 1807 fez parte da esquadra que acompanhou a familia real em sua transmigração para o Brasil.

Na mãe patria ficou registrado o nome de Alvim nas quatro campanhas do Mediterraneo contra os Estados barbarescos, e em missões importantes nos mares da Africa e da America.

No Brasil, 1º tenente em 1808, foi nomeado para a commissão encarregada de levantar a planta do porto do Rio de Janeiro, trabalho que desempenhou com pericia e actividade, sendo louvado pelo governo; capitão,

tenente em Dezembro de 1813, capitão de fragata efectivo em Outubro de 1814 pelo seu proprio merecimento, commandou navios até 1816, foi ajudante de ordens do governador de Santa Catharina, ao qual ajudou ahi a fundar colonias, e um estabelecimento de aguas thermaes, e fez as campanhas de 1812, 1816 e 1817 no Rio da Prata.

Em 1818 foi nomeado intendente da marinha na provincia de Santa Catharina, emprego que exerceu com esmero durante dez annos; tendo-se casado ahi, dous annos antes da independencia.

Em 1828 foi chamado ao Rio de Janeiro, e nomeado intendente da marinha da Côrte e em 15 de Junho desse anno, tomou conta da pasta de ministro e secretario de Estado dos negocios da mesma repartição, cujas funcções exerceu até Dezembro de 1829. Era mais administrador do que politico, activo, escrupuloso e leal sobretudo ao monarcha.

Descendo do poder no dia 4 de Dezembro, é nomeado presidente de Santa Catharina no dia 11, e desempenha esse cargo até 21 de Abril de 1831. Com a noticia da abdicção do Sr. D. Pedro I, rebenta uma revolta militar, que vae ao palacio exigir a deposição do presidente. Este esquece-se de si e só cuida da patria — não quer lutar, dá conselhos, mostra o melhor caminho, da revolução, entrega o governo ao vice-presidente, que é obedecido, e não o entrega aos revolucionarios.

Cansado da vida publica, pede e lhe é concedida reforma no posto de chefe de esquadra a 28 de Julho de 1834. Pretendendo consagrar-se exclusivamente ao amor da esposa e dos filhos, o povo catharinense vae buscar-o do lar da familia para membro da assembléa provincial de que foi presidente.

Em 1839 invadindo a provincia visinha a rebelliao do Rio Grande, Alvim acode ao brado da legalidade, toma interinamente o commando das forças navaes em operações na provincia de Santa Catharina e por esse serviço é louvado pela Regencia em nome do Imperador.

Proclamada a maioridade do segundo imperante, Alvim deixa o seu suave retiro, e é nomeado em 1841 vogal do conselho supremo militar, encarregado do quartel-general da marinha; em Junho parte para S. Paulo como presidente dessa provincia, obtendo demissão desse cargo em 24 de Novembro, reassumindo o exercicio de vogal.

Em 1844 intendente da marinha pela segunda vez, em 1851 conselheiro de guerra, em 1855 conselheiro de Estado extraordinario. Com funcções tão importantes ainda desempenha a tarefa de inspector das fabricas do municipio da Côrte, protegidas por loterias, ou subvencionadas pelo governo. Em Agosto de 1866 passa a conselheiro de Estado ordinario, e em 8 de Outubro do mesmo anno descança dos trabalhos da terra.

Em seu peito brilharam medalhas e insignias testemunhadoras de prestimos e de virtudes, de que soube dar exemplo aos homens.

Conhecia as sciencias mathematicas, e a litteratura franceza, ingleza, italiana, hespanhola e portugueza. Era consummado latinista, e arava o campo da poesia onde tivera Nicoláo Tolentino por mestre.

Teve 16 filhos dos quaes deixou vivos 13. (\*)

---

(\*) Foi para nós subsidio nesta biographia o discurso do orador do Instituto Historico Geographico Brasileiro, e o Sr. Dr. J. M. de Macedo, publicado na *Revista*, vol. XXIX, segunda parte.

MIGUEL EUGENIO DA SILVA MASCARENHAS  
(PADRE)

Nasceu na provincia de Minas-Geraes (Santa Luzia do Sabará). Era dotado de grande talento.

Seus primeiros estudos foram adquiridos pelas lições, que lhe deram os professores de latinidade José Félix, e os de philosophia e rethorica de Marianna, e Rio de Janeiro, admirando-se em toda a parte a sublimidade de seu genio.

Francisco Fernandes Vianna, que esteve nove annos em Sabará como intendente do ouro, agasalhou Miguel Eugenio como o fazia a todas as pessoas de talento; facilitou-lhe, e annunciou a lição dos melhores livros, com os quaes, no gabinete, fez-se consummado em bellas letras latinas, portuguezas, francezas e italianas, apresentando admiraveis traducções em verso de logares escolhidos de poetas latinos, Corneille, Racine, Voltaire, Ariosto, Tasso e Metastasio. O ouvidor d'então Francisco de Souza Guerra Araújo Golinho, e o intendente Vianna persuadiram, e quasi obrigaram Miguel Eugenio a ser orador sagrado, sendo o seu primeiro sermão o das grandes festas celebradas em Sabará pelo nascimento do principe D. Antonio.

Teve a desgraça de perder a razão; o que deu causa ao extravio de seus manuscritos.

O conego Januario na setima caderneta de seu *Parnaso Brasileiro* impressa em 1832, menciona o nome de Manuel Eugenio como um de nossos bons poetas.

PAULINO JOSE' SOARES DE SOUZA (\*)

(VISCONDE DO URUGUAY)

Nasceu na cidade de Paris em 1807, e ainda em tenra idade acompanhou seus paes o Dr. José Antonio Soares de Souza e D. Antonia Magdalena Soares de Souza para o Maranhão, onde fez os seus estudos de humanidades, revelando logo talento superior. Destinado á carreira das lettras, passou aos quinze annos a Portugal e matriculou-se na universidade de Coimbra; estudando até o quarto anno de direito e canoens, com applausos de seus lentes e condiscipulos, já prelibava a proxima conquista do titulo scientifico, quando rebentou a revolução absolutista, que em seus furores fechou o templo e espantou os sacerdotes de Minerva.

O esperançoso joven volta ao Brasil, e segue em breve para a provincia de S. Paulo, em cuja academia de direito recebe em 1831 o grão de bacharel.

Sempre muito merecidamente considerado por seus mestres, gozando entre os estudantes seus collegas de influencia incontestavel, devida á sua brilhante intelligencia e á mais attrahente affabilidade, Paulino Soares de Souza entrou na vida publica em uma época de fervorosa exaltação politica, que arrebatava todos os espiritos, inflammava as generosas ambições da mocidade illustrada, e em cada cidadão parecia exigir um athleta no parlamento, uma sentinella na imprensa, um

---

(\*) Esta biographia pertence ao Sr. Dr. Macedo, orador do Instituto Historico, e são suas as expressões proferidas em sessão solemne do mesmo Instituto de 15 de Dezembro de 1866, salvas algumas suppressões que fizemos.

tribuno na praça, um soldado no campo; mas, Paulino resistiu á impetuosa torrente, e abraçou a magistratura, sendo despachado juiz de fóra de S. Paulo, e oito mezes depois removido para a Côrte, no logar de juiz do crime do bairro de S. José, passando, com a execução do código do processo, a juiz do civil da 2<sup>a</sup> vara.

Como magistrado, Paulino José Soares de Souza poz termo á mais honrosa carreira no fim de breves annos, quando já era desembargador da Relação do Rio de Janeiro; juiz integerrimo, profundo conhecedor da sciencia do direito, interprete fiel, e applicador consciencioso do lei, foi digno da nobre toga que vestiu, e honrou o sacerdocio da magistratura.

Promulgado o acto addicional, a provincia do Rió de Janeiro, elegendo os membros da sua primeira assembléa provincial, escolheu para ella os seus homens mais notaveis, Ledo e José Clemente, vultos de 1822; José Bernardino, antigo ministro e deputado, bella intelligencia e rigido character; João Paulo, sabio e eloquente engenheiro e mathematico; Evaristo, honestissimo patriota, e então luzeiro da imprensa; Souza França, o intelligente zelador da economia, o guarda vigilante do orçamento; o Dr. Silva e Cesar de Menezes, duas sciencias e duas probidades. Lembramos sómente alguns dos que já não vivem, varões que foram distinctos, e entre os quaes mereceu ser contemplado naquella eleição o joven Paulino José Soares de Souza, que, no meio dessas notabilidades, tanto se fez notar, que a assembléa logo o escolheu para entrar na lista dos vice-presidentes da provincia.

Mas, o mancebo tocara com os labios a taça encantada; recebêra em seus hombros a túnica de Dejanira; a politica disputou á magistratura a posse exclusiva do seu talento esclarecido; eram duas esplendidas rivaes em luta, ambas nobres e dignas, uma mais grave, mais fria e reservada, a outra mais brilhante, mais caprichosa, mais dominadora; naturalmente foi esta que venceu.

Grande, louvavel, insigne é a missão do estadista: Paulino se devia ao paiz, e consagrou-se ao paiz, correspondendo aos votos da nação e á confiança da Corôa; apenas é lamentavel a perda sentida pela magistratura; talvez, quasi com certeza, tambem o illustre cidadão a lamentou, porque a vida do politico é um oceano de tempestades frequentes, é uma fonte de desillusões que apagam a fé nos homens, é o desengano para o crente, a pobreza para a honrado, tormento para o brioso; mas é um dever sagrado. A vida do politico consciencioso póde aproveitar, aproveita á patria, a elle não: no maior auge das suas grandezas, o politico consciencioso deslumbra a multidão com um brilhantismo aparente; mas, na realidade da sua vida ha maguas que se escondem, torturas que se abafam, e a sua missão é um martyrio imposto pelo dever.

Paulino entrou, pois, na scena politica, na qual, durante mais de um quarto de século, representou importantissimo papel.

No parlamento, foi deputado pela provincia do Rio de Janeiro desde 1836 até 1849, em que, escolhido senador em lista triplice, offerecida pela mesma provincia, passou a ter assento na casa vitalicia; tinha, é certo, deixado de ser reeleito em 1844, ficando segundo

supplente entre os votados; mas, ainda então, cobe-lhe occupar a sua cadeira na camara, em consequencia do fallecimento de um deputado e de haver entrado para a outra camara o primeiro supplente.

Quer em uma, quer na outra casa do parlamento, estivesse na opposição ou na maioria, ou fosse ministro, nunca se mostrou dominado pela ambição das palmas triumphaes da tribuna; quando, porém, subia a ella, chamado pelo dever ou pela consciencia, rompia de seus labios uma torrente de raciocinios que a pureza do estylo vestia de elegante forma; valente argumentador que elevava as discussões, aprofundando as materias, fallava sempre á razão, raro ou quasi nunca ao enthusiasmo, cuidava pouco das galas da rhetorica, muito da solidez dos argumentos: a sua eloquencia era a logica.

Na alta administração, depois de ter sido presidente da provincia do Rio de Janeiro, entra como ministro da justiça para o ephemero gabinete de 23 de Maio, que devia cahir dous mezes depois perante a declaração da maioridade de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II; em 1841 volta de novo a tomar a pasta da justiça no ministerio de 23 de Março; resiste esforçado á brillante opposição parlamentar desse anno; sustenta e faz passar a lei de 3 de Dezembro e a do conselho de Estado, e, em seguida á dissolução da camara em 1842, contribue consideravelmente no governo para reprimir os movimentos revolucionarios de S. Paulo e Minas, e nesse empenho, apadrinhando-se com as circumstancias extraordinarias em que se achava o paiz, não hesita no emprego de medidas que dão testemunho da sua energia. Em 1843 retira-se do poder o gabinete de

23 de Março, mas Paulino faz parte do que se organisa a 20 de Janeiro, continuando ainda na pasta da justiça, que deixa pela dos negocios estrangeiros a 8 de Junho, até que a 2 de Fevereiro de 1844 desce do governo com todos os seus collegas, e vae dirigir na camara a opposição conservadora.

Correm cinco annos, o illustre estadista é outra vez chamado ao poder, indo no gabinete de 29 de Setembro substituir o Sr. marquez de Olinda na pasta dos negocios estrangeiros a 8 de Outubro de 1849. Sua vasta intelligencia e o seu patriotismo desprendem-se dos antagonismos da politica interna, e vão nas relações exteriores ostentar os seus potentes recursos em uma arena onde muitas vezes ha tambem adversarios e inimigos, onde porém os adversarios e inimigos não são nossos irmãos pela patria. Nesse gabinete, que tem por si a paz interna, e uma vida de quatro annos, Paulino encontra herculea tarefa nas ultimas questões com a Inglaterra, relativas á extincção do abominavel trafico de africanos, e na luta com o dictador Rosas, que, começada no campo da diplomacia, passa ao da guerra, e acaba em Monte-Caseros, dando em resultado a effectiva independencia e integridade do Estado Oriental do Uruguay, as mesmas condições ao Paraguay, a libertação da Republica Argentina, e, em direito ao menos, a livre navegação dos grandes rios que formam a bacia do Prata.

A 6 de Setembro de 1853 Paulino deixa, emfim, o poder para nunca mais tornar a elle; dous dias depois é nomeado conselheiro de Estado ordinario; a 2 de Dezembro do anno seguinte é por Sua Magestade o Imperador agraciado com o titulo de Vis-

conde do Uruguay, com grandeza, e em 1855, encarregado de uma missão especial junto á côrte de Paris, passa á França como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario. A missão não teve resultado; a questão do Oyapock que era o seu assumpto, ficou ainda adiada, e o conselheiro de Estado visconde do Uruguay, recolhendo-se á patria, esqueceu a politica e dedicou-se a profundos estudos, que deram ao paiz fructos de subido valor.

Em 1862 o Visconde do Uruguay começava a exhibição da messe proveitosa e abundante, publicando o *Ensaio sobre o Direito Administrativo*, obra em dous volumes, pórtico do monumento que planejava; em 1865 proseguia com ardor na mesma empreza, dando á luz da imprensa em outros dous volumes a *primeira parte dos Estudos Praticos sobre a Administração das Provincias no Brasil*, trabalho de vastas proporções, que infelizmente a morte veio interromper, mas que nem por isso é menos estimado e considerado por autoridades competentes na materia, parte das quaes embora muitas vezes se afaste do Visconde do Uruguay em pontos de doutrina, e de consequente pratica, não lhe nega, antes applaude a importancia e o merecimento das duas obras que elle deixou impressas.

O Visconde do Uruguay dormiu o ultimo somno aos cincoenta e nove annos de idade; estava alquebrado e envelhecido pelo labor incessante e pela enfermidade que tanto padecer o levou ao tumulo; em sua vida mal conhecera as festas, as distracções e os prazeres da sociedade; tinha as suas delicias no gabinete de estudo; o seu encanto nos livros, dos quaes apenas o separava o dever do serviço publico; suas horas de descanso

pertenciam ao amor da familia e ás suaves doçuras da amizade ; a ambição de saber e a constancia no trabalho gastaram-lhe as forças ; seu tronco já estava dobrado como o do octogenario, seus passos mal seguros annunciavam o desfallecimento do corpo, e ainda assim trabalhava e trabalhou até o dia, em que o golpe fatal da enfermidade o prostrou no leito e o condemnou á longa e cruelissima agonia que precedeu ao seu passamento.

Como filho, esposo, pae e amigo, o Visconde do Uruguay foi um modelo de dedicação e de fidelidade ; como magistrado, escriptor e homem de sciencia, todos lhe fazem plena justiça ; como politico provou firmeza de convicções, e foi um dos mais prestigiosos chefes do partido conservador ; por isso mesmo os contemporaneos são juizes suspeitos dos seus actos, das suas idéas e da sua influencia no governo do Estado ; nós cumpre respeitar a pureza das suas intenções, á posteridade julgal-o-ha em seu carácter de estadista.

O Visconde do Uruguay foi altamente considerado dentro e fóra do Imperio ; mereceu de Sua Magestade o Imperador D. Pedro II a graça da grã-cruz da imperial ordem da Rosa, de official de ordem imperial do Cruzeiro ; de Sua Magestade o Rei de Napoles, em 1850, a grã-cruz da ordem de S. Gennaro ; do Rei da Dinamarca, em 1852, a da ordem real de Dambrog ; do imperador da Austria, no mesmo anno, a da ordem imperial da Corôa de Ferro, e do Rei de Portugal a da ordem de Christo daquelle Reino.

Na republica das letras era membro honorario da academia Tiberina de Roma ; da academia archeologica da Belgica ; da academia britannica de sciencias, artes

e industria; da sociedade zoologica de aclimação de Paris; da sociedade animadora das sciencias, letras e artes de Dunkerke; do Instituto Historico e Geographico brasileiro; da sociedade Auxiliadora da industria nacional, e do Instituto historico do Rio da Prata.

O Visconde do Uruguay occupou as mais altas posições sociaes; foi magistrado durante alguns annos, presidente da provincia do Rio de Janeiro, deputado desde 1836 e depois senador do Imperio, quatro vezes ministro, emfim conselheiro de Estado. Possuira, entrando na vida politica, uma modesta fortuna; viveu sem ostentação e sem fansto, e morreu legando á sua familia, com o thesouro do seu nome, uma pobreza gloriosa. Os altos poderes do Estado, concedendo pensões á viuva e á filha do visconde do Uruguay, lavraram para sua memoria a mais brilhante carta de nobreza, o testemunho eloquente da sua immensa probidade. Falleceu em 15 de Julho de 1866.

## PEDRO RODRIGUES FERNANDES CHAVES

(BARÃO DE QUARAHIM)

Nascido na provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, formou-se em direito na academia de S. Paulo. Tinha character vigoroso, e incontestavel talento.

Foi presidente da Parahyba do Norte n'uma época de maior exaltação dos partidos; e franco e decidido como costumava ser, escapou em 1842 a uma tentativa de assassinato, que não o fez arrefecer de energia, antes reduplicar.

Foi deputado pela Parahyba, e tambem pela sua provincia natal. « Ostentou na opposição, diz o Sr. J. M. de Macedo, a vehemencia de um adversario exaltado mas leal; bateu-se na tribuna sempre a descoberto; excedeu-se as vezes no ardor da discussão; tinha os defeitos correspondentes ás suas qualidades; era o homem das lutas vehementes; atirando-se á guerra queimava o navio apenas desembarcava; queria vencer ou succumbir: ninguem se enganou com elle: herculeo paladino nunca entrou ná liça levando viseira. »

Escolhido senador pela sua provincia, mostrou-se mais calmo nas discussões, raras vezes tomando a palavra.

Grave molestia o levou á Europa; não lhe aproveitou a viagem, e falleceu em 1866.

## RITA JOANNA DE SOUZA

Em 1796 nasceu em Pernambuco essa senhora illustre, que muito honrou as bellas artes e letras, e de cujo talento fazem menção o abbade Barboza, Froes Perin, Denis, Balthazar Lisboa, e outros.

Sua mocidade passou ella alegre no entretenimento da pintura, e quando descansava os seus pinceis, era para se entregar ao estudo da historia e da geographia, que fazia o seu encanto, e a respeito do que escreveu algumas investigações, que talvez se conservem em abandono, se já não foram desencaminhadas pela incuria.

Em 1718 a morte ceifou esta flôr, quando contava 22 annos de idade ! (\*)

### SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA

Nasceu na Bahia a 3 de Maio de 1660. No collegio dos jesuitas habilitou-se para os estudos superiores, e sendo seus paes abastados, seguiu na idade de 16 annos para Lisboa, tomando em 1682 o grão de bacharel em canones na universidade de Coimbra.

Regressando logo á sua patria, occupou o posto de coronel do regimento privilegiado de infantaria das ordenanças. Casou-se com D. Brites de Almeida, e recolheu-se para uma fazenda, que possuia nas margens do rio Paraguassú.

Passou ahi muitos annos vida tranquillã, entregando-se no meio dos trabalhos agricolas á leitura de todas as obras litterarias e scientificas da época, e escrevendo canticos, sonetos, hymnos e eglogas. Escreveu na lingua castelhana um romance imitativo do *Palmeirim de Inglaterra*.

Deliberou-se a escrever uma historia do Brasil, e para conseguir esse empenho, deixou seu descanso e seu repouso, e gastou annos no exame de documen-

---

(\*)Vide *Brasileiras Celebres* do Sr. J. Norberto, Paris, 1862. O Sr. A. de V. M. de Drumond, em uma *Apologia do bello sexo* escripta em 1857, diz a respeito de D. Rita :

« Nasceu em Olinda, da provincia de Pernambuco, filha do Dr. João Mendes Teixeira.

« Tornou-se insigne em litteratura, philosophia racional, historia, e bellas artes. Publicou obras interessantes, que recommendam seu nome á posteridade, e morreu em 1719 com 24 annos incompletos.

tos e manuscritos, que existiam nos archivos dos collegios dos jesuitas da Bahia, Rio de Janeiro, e S. Paulo. Passou-se a Lisboa, onde entregou-se com actividade á indagação conscienciosa dos papeis, que lhe podiam ministrar elementos para sua tarefa, Estudou as linguas franceza, hollandeza, e italiana para er e conhecer os escriptos destes povos. Nesta missão que conseguiu terminar em 1728 empregou pouco menos de metade de sua vida.

Publicou em 1730 a *Historia da America Portugueza* desde seu descobrimento até 1724, a qual muitos applausos obteve. A academia real de historia deu-lhe diploma de socio supra-numerario. El-Rei D. João V nomeou-o fidalgo de sua casa, e cavalleiro da ordem de Christo.

Retirou-se Rocha Pitta para a Bahia, e recolheu-se ao seu dourado repouso, e ao gremio de sua familia, reunindo em torno de si muitos filhos queridos, em cujos animos procurou diffundir as amaveis e candidas virtudes que adornavam seu coração.

Baixou á sepultura no dia 2 de Novembro de 1738.

## URSULA LUIZA DE MONSERRATE

Natural da Bahia, filha unica do coronel Pedro Barboza Leal, de quem herdou 355:000\$000.

Requereu faculdade para fundar um convento de freiras, o que lhe foi concedido por alvará de 21 de Abril de 1735. Depois disto alcançou licença para levantar um pequeno hospicio, onde immediatamente foram admittidas ao noviciado algumas moças, que

se destinavam a viver neste convento, abrigadas pelo manto de Deus, das illusões do mundo. Estando prompto este asylo, que tomou o nome de *Mercês*, em 24 de Setembro de 1744 foi a trasladação das virgens para a nova habitação, debaixo das ordens de D. Ursula, sua primeira superiora, por autorisação do Pontífice.

Ainda existe este mosteiro, que goza de merecido credito, por imperar só nelle a virtude e a religião.



## PARTE II

### INDIGENAS

---

**Botocudos.**—Tribu de indios existente nas margens do Rio Mucury aonde teem plantações proprias, e, segundo escrevia em 1859 o Sr. Theophilo Ottoni, estão fixados ao solo, e só ás vezes ha necessidade de exprobrar-lhes alguns furtosinhos nas roças das visinhanças, e a regra geral neste caso é ;— que elles confessam o furto, mas com uma imperturbavel hypocrisia declaram, que foi feito por suas mulheres sem elles o saberem, e offerecem-se para castigal-as á satisfação do roubado, que tem de contentar-se com estas explicações, mas que, com a queixa, a fúgenta da roça os larapios.

---

Na interessante *Noticia de Matto-Grosso* publicada em 1869 pelo Sr. Joaquim Ferreira Moutinho, em S. Paulo. lê-se que se dispersaram os indios *Caiudá* e *Guaranys* os quaes formavam um aldeamento, depois da invasão e devastação daquella provincia feita pelos paraguayos.

O mesmo diz dos *Terenas* e *Laianas*.

Dá as mais favoráveis notícias dos *Quiniquinaos*, em relação ao amor do trabalho, circumspecção e moralidade, que lhes teem infiltrado os missionarios, e á visinhança dos estabelecimentos agricolas do Barão de Villa Maria e sua familia.

Dá noticia dos costumes e da lingua usada pelos *Guanás*.

Diz que os *Bacahirís* continuam inoffensivos na sua vida de caça e pesca, não tendo apresentado seu aldeamento resultado algum favoravel, por falta de meios indispensaveis á sua realisação.

Os *Guachis* estão quasi extinctos pelo barbaro costume de matarem os filhos. E' uma raça altiva que não se sujeitou ás leis do Brasil, desde que o seu chefe foi preso por vingar-se, matando um soldado, que lhe desrespeitara a mulher. O crime foi perdoado, mas isso não bastou. O Sr. Moutinho dá noticia da linguagem desta raça.

*Guarayos*.—Teem seu aldeamento 68 leguas distante de Matto-Grosso, na margem occidental e oriental do Guaporé. São de excellente indole, bem apessoados, sadios e trabalhadores, e vivem aldeados em numero maior de 400, sem a menor intervenção do governo.

*Cabixis*.—Em suas depredações e ataques teem mostrado possuir audacia e coragem, e grande rancor aos habitantes de Matto-Grosso. Sempre que teem occasião offendem os *guarayos*, que se receiam de seu barbarismo.

*Muras—Mondrucis*.—Vivem dispersos e bravios, porém em numero mui limitado. Foram elles que deram começo ás ruínas de Matto-Grosso, impedindo a navegação para o Pará. O dialecto delles encontra-se na obra do Sr. Moutinho.

**Roró's Cahacaes.** — Tem desaparecido estes índios de um modo inconcebível, victimas da miseria e dos bichos. Seu aldeamento estava collocado em uma linda planura entre palmeiras e bananeiras, á beira da estrada que segue para Matto-Grosso. O seu dialecto dá-o o Sr. Moutinho.

**Quató's.** — Seu dialecto encontra-se na obra do Sr. Moutinho; e refere elle, além de outras circumstancias destes índios, que João Rebanho, cacique bonito e valente, tinha para cima de vinte mulheres.

**Chavantes.** — Em 1863 fundou uma povoação o Dr. Couto de Magalhães, quando presidente de Matto-Grosso, a qual tomou o nome de S. José de Jamimbú, reunindo tribus dos índios Carajás e Chavantes com o fim de, fazendo-os cultivar o solo fertil da margem do rio Araguaya, entre aquella povoação e Leopoldina, prestarem aos navegantes os viveres de que necessitassem. Em Agosto de 1868, o commandante do vapor *Araguaya* Francisco Sizenando Peixoto, em viagem de experiencia entre os portos de Itaiciú e Santa Maria, dando conta desta expedição, noticia que a povoação de S. José de Jamimbú terá 300 almas, entregues aos cuidados do capuchinho Fr. Sigismundo de Taggia, empregando-se na cultura e criação de gado, achando-se ahí por modico preço os generos alimenticios, de que se faz uso commum na provincia.

Os *Chavantes* estavam vestidos, e o fizeram á custa de seu trabalho, o que não acontecia com os Carajás que, ainda arreigados aos usos selvagens, andam nus, e comquanto já se entreguem á cultura, continuam a fazer da caca e da pesca sua mais estimada profissão.

Alguns ha que já se vão sujeitando a servirem de camaradas para as guarnições dos botes.

Diz o Sr. Moutinho que são terriveis inimigos, que difficilmente se poderão vencer, por se haverem tornado bravios, sendo uma das tribus que causará serios embaraços á navegação do Araguaya. O Sr. Moutinho dá o seu dialecto e o dos Cayapós.

Coroados.—Existe tambem em todo o sertão que divide a provincia de Mátto-Grosso da do Goyaz, tribu de indios deste nome, em numero de oito grandes aldeamentos, indomitos de character, e exercendo carnificinas e tro-pelias taes, que obrigam o governo a mandar bandeiras para batel-os, o que em vez de serenal-os, mais lhes exacerba o rancor.

O uso de rasparem em parte os cabellos, deu-lhes o nome de Coroados. O Sr. Moutinho dá noticia de algumas palavras, de que usam estes barbaros em seu dialecto.

Cayabavas.—Vivem entre os Guaycurús, com que se parecem, e habitam dentro dos mattos pelo receio que teem da guerreira nação que sempre lhes dá caça.

Guaycurús.—Alguns vocabulos da lingua desses indigenas dá-os Ayres do Casal no 1º volume da sua *Corographia*, e o Sr. Moutinho no capitulo 11 de sua *Historia do Matto-Grosso*.

Bartolomé Bossi em uma *Viage Pittoresca por los rios Paraná, Paraguay, San Lorenzo, Cuyabá, etc.*, publicada em Paris em 1863, dá curiosas noticias dos indios Guaycurús, Apiacás, Paricis, apresentando em sua interessante obra uma photographia dessas tribus de indios.

Jahuaritis ou Morcegos.— Indios que habitam as immediações do Salto Augusto, no Pará, bravios e ferozes, que atacam de noute as monções, que sobem ou descem o rio. Claros, á imitação dos *negros-assas* vêm apenas de noute, hora em que saem das escuras brenhas, onde moram, para exercerem suas perigosas correrias.

Tapanhuna.— Tribu feroz de canibaes, que causam serios receios aos viajantes. Pintam o corpo de negro, usam d'arco e frecha, vivem da caça e da pesca, e falam a lingua dos Bacahyris.

Nabicuara—Parentitim. — Existem ainda alguns individuos destas nações entranhados pelas florestas de Matto-Grosso, conservando-se indomitos e antropophagos.

Apiacá.— O seu dialecto escreve o Sr. Moutinho no capitulo XII de sua *Historia de Matto-Grosso*.

Paricis. — Entre pag. 220 e 221 da historia do Sr. Moutinho vê-se uma estampa representando um grupo de *Paricis*. Dos costumes desta tribu, hoje mansa, dá elle noticia, assim como de algumas palavras de seu dialecto.

Nas *Scenas de Viagem*, exploração entre os rios Taquary e Aquidauana no districto de Miranda, da provincia de Matto-Grosso, publicada em 1868 pelo 1º tenente de artilharia Alfredo de Escragnolle Taunay, encontra-se um vocabulario da lingua destas tribus de indios e tambem uma noticia dos costumes dos indios do districto de Miranda, que são os *Guaycurús*, *Chanés*, *Cadiueos*, *Beaquieos*, *Terenas*, *Laianas*, *Quiniquinaos*, *Guanás* ou *Choronás*, *Guaxis* e *Caiuás*.

O bahiano João Joaquim da Silva Guimarães publicou em 1851 na typographia de Manel Feliciano Sepulveda

(Bahia) uma reimpressão da grammatica da lingua geral dos indios do Brasil do padre Luiz Figueira, que vira a luz em Lisboa pela primeira vez em 1621.

Além desse trabalho, e de um dictionario da lingua geral dos mesmos indios, publicado em 1854, promettia o Sr. Guimarães em sua grammatica, uma *historia dos indios*, a qual não sabemos se foi publicada.

Gonçalves Dias escreveu um *Diccionario da lingua Tupy*, que sahio á luz em Leipzig em 1858, em 16º com II—VIII 191 paginas na officina de Brockhaus. Forma o 1º volume de uma *Bibliotheca linguistica* dos indigenas do Imperio, e de que o autor não chegara a publicar os demais volumes; deixando apenas, como subsidio, o *Vocabulario da lingua geral do Alto Amazonas*, inserto na Rev. trim. de 1864.

Na confecção do *Diccionario Tupy* tomou por base o *Paranduba Maranhense*, escripto importante de Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão, natural de Favaio em Traz os Montes, conhecido no seculo com o nome de Fernandes Francisco Pereira, e litterariamente com o nome usual de *Flaviense*, nome que adoptara da villa patria, a antiga *Flavias* dos romanos, e não da villa de Chaves, *Aguas flavias*, como erradamente tem sido acreditado.

Em 30 de Julho de 1869, o Sr. senador Barão de Antonina offereceu ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro um manuscripto com o titulo—*Epitome* dos costumes e religião dos indios Camés ou Coroados, que habitam na provincia do Paraná, com um pequeno vocabulario escripto pelo missionario director Fr. Luiz de Cimetile.

Na *História da provincia do Ceará*, publicada em 1867 pelo Sr. T. A. Araripe, dando-se noticia das tribus indigenas, que occupavam aquella provincia, lê-se o seguinte:

« Os *Ánassés*, que viviam na costa desde a foz do Jaguaribe até a do Mandahú: eram doces, e facilmente accommodaram-se com os europeus.

« Os *Tramambés*, habitadores da Almofala, desde o Mandahu até perto do Acaracú, eram de character pacifico e inoffensivo.

« Os *Areriús*, que habitavam por uma e outra margem do Acaracú, eram assás bravios e indocis.

« Os *Caratiús*, que viviam no districto deste nome; e parte no de Inhamun, abrigando-se nos logares frescos da visinha cordilheira da Ibiapaba, eram bravios, semelhantes aos Areriús, com quem confinavam os Canindés.

« Os *Inhamuns*, que percorriam nas nascenças do rio Jaguaribe, districto da villa do Tauhá, eram valentes e guerreiros.

« Os *Quixarés*, também conhecidos pela denominação de Quixadá, viviam nas margens do rio—Sitiá.

« Os *Jucás*, visinhos dos Cariris, habitavam no valle do pequeno rio Jucá, e eram ferocissimos na guerra.

« Os *Quevelós*, que demoravam nas terras das cercanias da actual villa da Telha, eram notaveis pelo instincto de rapina.

« Os *Calabaças*, que viviam na parte media da ribeira do Salgado.

« Os *Canindés*, tribu numerosa, que percorria as margens do Banabuiú e do Quixaramobim, e os territorios circumvisinhos.

« Os *Genipapos*, que viviam nos districtos de Baturité, de Russas, e cabeceiras do rio Xoró.

« Estas duas tribus tinham a denominação commum de Baiacús, ou Paiacús; e eram assaz bravias, e difficilmente submetteram-se ao aldeamento.

« Os *Icós*, que viviam pouco abaixo do territorio occupado pelos *Cariús*.

« Todas estas tribus pertenciam á raça dos Tapuyas, e eram ramificações da numerosa nação dos *Potyguaras*, a que alguns escriptores chamam *Pitiguaras*, outros *Pitiguares*, e outros *Potiguares*, denominações todas tiradas das palavras indigenas *poti* camarão, e *udra* comedor.»

---

Das notas sobre o rio Purús, por W. Chandless, lidas perante a Real Sociedade Geographica de Londres em 26 de Fevereiro de 1868:

*Pammarys*.—Horda de indios do rio Purús:—seu territorio com o dos *Juberys*, são meras subdivisões da antiga tribu dos Purús-purús, nome este que se acha extincto. Os *Pammarys* são muito pacificos, sendo quasi desconhecidas entre elles as mortes por violencia, e mesmo os ferimentos e pancadas graves. São alegres, folgazões, e muito amigos de cantar; o seu canto assemelha-se muito ao effeito agreste da gaita de folle, ouvida de longe. Dão-se pouco á agricultura, plantando sómente bananas, aipim e mandioca, mas não fazem a farinha desta, não obstante gostarem muito della, e procurarem obtel-a dos negociantes. São essencialmente uma tribu da agua, bons pescadores e atiradores á setta, com a qual matam peixe ou

tartaruga, mas são máos atiradores de caça, e em geral pessimos atiradores para o ar. Alguns negociantes que teem empregado uma aldeia inteira delles, tiraram de 200 a 300 tartarugas em um só dia de trabalho. Contam-se mais de 60 canôas fluctuando pelo rio abaixo á caça da tartaruga, indo em cada uma dellas uma mulher remando, e um indio de pé na prôa como uma estatua, á espreita do apparecimento da tartaruga. O preço regular de uma tartaruga é uma ponteira de ferro com barba para flexa, ou duas sem barba; quando o rio está cheio pedem mais. No verão vivem a maior parte do tempo nos bancos de arêa, fazendo choupanas de talos de palmeira, quando se demoram por muito tempo; mas quando se mudam, contentam-se com fincar no chão ramos de oirana para fazer sombra. No tempo de enchente retiram-se para os lagos e fazem as suas choupanas sobre jangadas, ancoradas no meio para evitarem os mosquitos. Uma aldêa Pammary tem então uma apparencia notavel; cada familia habita em uma choupana separada, e cada choupana é construida sobre a sua jangada: o interior das choupanas é arranjado com muito asseio, e em geral tem pelo menos um grande bahú verde, artigo este que todos teem mui grande ambição de possuir, ainda mesmo que não tenham o que guardar nelle, o que todavia poucas vezes succede. Presentemente estes indios empregam-se muito, mas preguiçosamente, na colheita da borracha, cujo valor conhecem bem, assim como de tudo quanto recebem em troca della, não obstante pagarem, como todos os indios, preços ridiculos pelos objectos que dezejam possuir. Elles recusam hoje os machados portuguezes e querem os americanos; commerciam com outras

tribus, vendendo-lhe facas usadas, machados, etc., e são muito limitados em seus gostos. Sei de um caso de dous *Pammarys*, que tendo ficado em uma canôa, em que havia um garráfo cheio de vinagrê até o meio, beberam uma porção enorme, suppondo que era vinho. Ninguém hoje deixaria espiritos ao seu alcance, porque, graças aos negociantes, elles aprenderam a embebedar-se sempre que acham occasião para fazel-o. Em geral elles compram roupas, com que se vestem, mas os que as não compram, usam de uma tanga pequena: as mulheres trazem um pedaço de panno de algodão atado ao redor dos quadris. Os *Pammarys* pertencem exclusivamente ao *Purús*, e a 6 milhas acima de qualquer affluent: e já se não encontram.

Sobre o rio *Tupaná*, segundo informam pessoas habilitadas, habitam os *Cipós*, tribu pequena e amiga; estes indios são muito industriosos; em geral teem sempre sortimento de farinha de mandioca, e segundo se diz, são bons linguistas.

.....

*Canamarys*.—Indios que são agricultores e mansos. Elles conheciam o ferro por tradição, mas então não o possuíam: são amigos dos *Hypurinds*, e os casamentos entre os visinhos são communs. Neste tempo tinham uma aldêa com os respectivos portos sobre o *Purús* (na margem direita), mas encontramos o caminho obstruido com tojos: o que indicava claramente que elles tinham-se mudado. A partir do *Hyuacú* ha uma grande distancia sem indios na margem ou perto della. Dizem que ha na margem esquerda uma tribu denominada *Uainamarys*, que retirou-se para o interior, em consequencia de ter sido metralhada

pela segunda expedição. Algumas pessoas da minha comitiva disseram-me que ouviram alli durante a noite musica indiana para o lado esquerdo do interior; mas encontramos mui ligeiros vestigios de indios até chegarmos ao banco de arêa frequentado pelos *Manetenerys* de cima, que fazem grandes choupanas, as quaes começavam a ser levadas pelas aguas do rio, que principiava a crescer.

*Catauixis*.—No districto entre o *Purús* e o *Madeira*, especialmente nos rios *Mucum*, *Mary* e *Pacia*, residem os *Catauixis*, que é uma bella tribu, livre da molestia de pelle do *Puru-purú* e de uma côr de pelle notavelmente clara: guerreiros se são atacados, promptos a defenderem a sua propriedade, elles são pacificos e industriosos por disposição; gostam da agricultura e mesmo da manufactura. A sua farinha de mandioca é muito superior á do Amazonas, porque não extrahem a tapioca ou gomme. A sua louça de barro, nitidamente feita e ornada com arabescos geometricos, é muito estimada no *Purús*: elles tambem negociam com outros indios neste artigo e em *encarajuro*, que é uma tinta encarnada, feita pela decocção das folhas da planta assim chamada.

Neste tempo elles soffriam muito de catharro que é muito fatal aos indios; e houve não poucas mortes provenientes desta causa. Não tendo eu estado nos tributarios, vi sómente os *Catauixis*, que tinham descido ao *Purús*, o que elles poucas vezes fazem. Na embocadura do rio *Mary* vi um que, não obstante residir a meio dia apenas de viagem do *Purús*, ainda não tinha visto este rio, e admirou-se muito com a vista delle e dos piums.

Dizem que os *Catauixis* são dados á hospitalidade, virtude muito rara entre indios.

Pamanás.—Tribu do affluente Ituxé, indolente, recusando trabalhar por maior que seja o salario, que se lhe offereça.

Hypurinás—Tribu a mais numerosa, guerreira e formidavel do Purús.

Hyamamades.—Estende-se pelo interior dos da tribu antecedente, em toda a sua extensão, mas no lado direito nem se quer conhece-se o nome de outra tribu do interior.

Não usam de canôas.

Parece que os *Hypurinás* são affeiçãoados á guerra, e vivem constantemente empregados nella (principalmente nas guerras da sua propria tribu), sendo que as promovem frequentemente com causa ou sem ella. Vi alguns que ainda conservavam feridas frescas, feitas com flechas: poucos usam da taquara ou flecha de bambú, naturalmente venenosa; a maior parte, porém usa do *Curabi* que é uma flecha sem pennas com uma ponteira envenenada, toda rachada e meia cortada para entrar no corpo: o veneno é composto do succo do *assacú* e outros ingredientes. Elles o experimentam primeiro em macacos com pequenas flechas de sôpro. Dizem que o sal é um antidoto para este e para todos os venenos indianos: disseram-me que os *Miranhas* do rio *Japurá* levam consigo um saquinho de sal, quando vão pelejar. Esperando a cada momento um ataque, os *Hypurinás* raras vezes depõem os seus arcs, e naturalmente desconfiam de um estrangeiro; algumas palavras, porém, proferidas na sua lingua

teem um effeito magico, havendo perigo sómente na primeira vista, porque se elles então não atacam, não o farão depois traçoicamente ; todavia esta regra não é muito segura, e os assassinatos, como a guerra, são communs por causa de nma bagatella.

Quando as tartarugas apparecem nos bancos de arêa, o *Hypurínás* saem do interior. Vimos na maior parte dos bancos alguns destes indios, sempre armados (ou as suas pegadas) e poucas vezes em numero maior de 15 ou 20 juntos, os quaes nunca nos molestaram. Sou affeioado aos *Hypurínás*, porque teem boas maneiras e um certo ar de respeito de si mesmos. São muito asseitados. Um que trabalhou na minha canôa por espaço de alguns dias, e tinha camisa, pedia sabão, e a lavava immediatamente, ao passo que o *Pammary* nunca lavará seus vestidos sem que seja forçado a fazel-o. Em geral os *Hypurinas* usam sómente de tanga, e as mulheres trazem um pedaço de panno. Os que habitam nas aldêas do interior usam simplesmente de uma folha : as mulheres parecem ser pouco mais dô que escravas, e na presença de estrangeiros não se animavam a dizer uma palavra. A polygamia, que na maior parte das tribus é privilegio dos chefes, é commum e geral entre os *Hypurínás*. E' possivel que as suas guerras continuas possam fazer uma desproporção effectiva nos sexos, se bem que, quando um partido fica completamente victorioso, nem as mulheres e nem os meninos são poupados.

Manoel Urbano disse-me que estes e todos os indios acreditam em um Ente Supremo, a quem uns chamam *Corimade*, e outros *Jurimate*. Quando se lhes

pergunta se já o viram, respondem, com alguma reverencia, que não é dado a todos verem *Jurimate*, e que aquelles que teem essa felicidade, vêm sómente uma face. Póde-se bem imaginar, como alguns indios no obscurantismo e silencio dos bosques, formam a imagem de uma face, como Norma ouvia vozes entre as pedras de Stenis. Os indios nunca perdem a sua fé em *Jurimate*, excepto se são tirados das mattas ainda pequenos, mas podem conformar-se com as ceremonias do catholicismo, que consideram nada ter que ver com elles, pois pertencem a *Jurimate*. Todas as tribus teem algumas ceremonias funebres, e enterram ou põem junto da sepultura alimentos, urucú, etc.

Os *Pamarys* tambem fazem fogo de vez em quando sobre a sepultura.

Deixam os seus defuntos enterrados. Os *Hypurinas*, passado algum tempo, quando os ossos já estão limpos, tiram-nos e fazem uma festa com oração funebre: o orador levantando o humero, por exemplo, e dizendo: — com este braço elle praticou, etc., etc., rememora as façanhas do defunto; depois do que guardam os ossos com todo o cuidado.

Os *Hypurinas* pintam-se, principalmente de preto, com a fructa verde do jenipapo torrada; mas os desenhos parecem depender do gosto dos individuos.

Gostam muito de tabaco, que aspiram do concavo da palma da mão. As suas caixas de tabaco são feitas de conchas do caracol, cujas bocas são tapadas com pedaços de conchas de marisco, e em cujos topes ha pequenos canudos para sahir o tabaco. O *ipadu* (coco) é ainda mais indispensavel, e raras vezes deixam de trazer um pedaço delle nas bóchechas.

**Caripanas.**— O presidente da provincia do Amazonas participou ao Ministerio da Justiça em 25 de Março de 1869 as atrocidades praticadas na cachoeira do rio Madeira, denominada *Caldeirão do Inferno*, por estes indios contra os tripolantes de uma embarcação boliviana, que por alli passava.

**Goyanazes.**— Observava esta tribu de indios uma pratica luctuosa, que lhe era peculiar; quando morria alguém, enforcava-se um certo numero dos seus amigos ou parentes, pessoas do mesmo sexo, e quanto era possivel da idade do fallecido, para que no outro mundo tivesse companhia adéquada. Se não se offereciam bastantes victimas voluntarias, á força se preenchia o numero. Por morte d'um chefe sacrificavam-se os seus vassallos, e não os seus parentes. Não observavam porém outro rito algum cruel. Viviam em cavernas subterraneas, onde tinham fogo a arder de dia, e de noute; não era pois para se esconderem que elles preferiam estas incommodas habitações. Dormiam em cima de pelles, e camas de folhas, e não em rêdes. Nem cultivavam a terra, nem criavam animaes, fiando-se inteiramente na pesca, na caça, e nas fructas silvestres para seu sustento.

**Goytacazes.**— Apesar de ferozes, não devoravam seus prisioneiros. Eram mais formosos que os outros selvagens, e seu idioma mais barbaro, o que quer dizer que alguns de seus sons eram de mais difficil pronuncia. Raça valente não se batia nas selvas nem de emboscada, nem em campo raso. A nado se atiravam ao mar, levando na mão um páo curto, agudo em ambas as pontas; com esta arma atacavam um tu-

barão, mettiam-lh'a na guella, suffocavam-n'o, punxavam-n'o para a terra, comiam-lhe a carne, e dos dentes faziam ponteiras para suas settas.

Faziam guerra de continuo a seus vizinhos, e eram tão ligeiros na corrida que por ella não só se livravam de muitos perigos, mas lhes servia de procurar uma grande abundancia de viveres, e pela facilidade e destreza que nas caçadas tinham, para haverem assim toda a sorte de animaes. Comiam carne humana, e differençavam-se dos seus vizinhos até no idioma, e eram assinalados pelos povos mais crueis. Habitavam a planicie de trinta leguas, nos baixos entre rochedos, que se avançavam ao mar, e que se estende desde o Itapemerim até Cabo-Frio.

Guarany.— Em aviso do Ministerio d'Agricultura, de 26 de Outubro de 1868 foi posta á disposição do presidente do Rio-Grande do Sul a quantia de 100\$, destinada á aquisição, para o Museu Nacional, de dous vasos perfeitos, contendo ossos de indios da tribu *Guaranys*, encontrados na fazenda nacional de Bujurú, sita naquella provincia.

Guarayas. — Estes selvagens, em Setembro de 1869, como communica o presidente do Amazonas ao Ministerio de Estrangeiros, assaltaram com uma descarga de flechas, que dispararam dos bosques, a expedição do Dr. Santos Mercado, que acompanhava o Sr. Henrique Eiras, consul do Imperio nomeado para Santa-Cruz de la Sierra, na Bolivia; este assalto foi no rio Mamoré, a chegar a Exaltacion, e d'elle resultou atirar-se ao rio o Sr. Eiras todo traspassado de flechas, donde não sahio mais, bem como dous indios de sua tri-

polação, ficando na canôa seis feridos, entre os quaes o criado do mesmo Sr. Eiras, homem de côr, brasileiro.

*Jumas.*— De Purús, no Amazonas, chegára o subdelegado de policia trazendo a triste noticia do assassinato do infeliz subdito portuguez, Cesario José de Mesquita, e de uma mulher que com elle vivia em estreitas relações, pelos indios bravios *Jumas*, horda antropophoga e nomada que invadiu o barracão da infeliz victima em 2 de Setembro de 1869. No dia 19 o subdelegado conseguiu deparar com o aldeamento, depois de seguir no encalço de taes indios, e apezar de sua tenaz resistencia, pôde conseguir que se evadissem para as selvas. Transposto o limiar da habitação, depararam com tres craneos, sendo o de Mesquita e de sua companheira, e outro que se julga o de um assassinato feito em 1863 por esses barbaros no Paraná-Pixuna. Estes craneos e mais fragmentos das victimas, serviam de idolos nos barbaros festins dos *Jumas*.

*Marahós.*— Em 1868 chegaram á capital de Goyaz trinta e quatro indios da tribu dos Marahós, que vivem aldeados na margem esquerda do rio Manoel Alves Pequeno, comarca do Porto Imperial, e que iam com destino á Côrte pedirem soccorros á S. M. o Imperador.

As exigencias desta infeliz gente, e o que os demovia a vencer a pé a enorme distancia de quasi quatrocentas leguas, consistiam em reclamar algumas armas de fogo, fouces, missangas, roupas e sobretudo, um chapéo armado para o chefe, o que satis-

feito pelo vice-presidente, regressaram contentes e satisfeitos para a aldêa, abençoando a generosidade do «Pae grande» pois assim denominam o presidente da provincia.

Mondcurú.— Nação de indios a mais altiva; são fieis aos brancos atravez das perseguições, das faltas de fé e de perfidias incriveis, mas inimigos encarniçados e despresadores de todas as variedades de negros. Ainda hoje são elles os que, quasi sós na bacia do Baixo Amazonas, se encarregam de perseguir os negros fugidos, e de lhes destruirer os asylos ou mûcambos.

Muras.— Os mais preguiçosos, covardes e ladrões de todos os indios da America do Sul. Teem o cabello ligeiramente crespo, a côr muito carregada, e os labios espessos. As outras nações indias os tratam como parias, como os Sioux da campina na America do Norte. Ha mesmo tribus que fazem consistir uma de suas glorias em dar-lhes caça.

Parentintins.— Occupam a margem direita do rio Madeira, desde o lago de Solimão até o lago dos Machados. Não chegaram ainda á falla, e sobresaem por sua ferocidade. Todos os annos no tempo da vasante percorrem as praias, occupando-se nas pescas, e o viajante que por ahí passar de canôa, deve ir bem acautelado. No tempo da enchente fazem excursões para o interior, e dizem alguns que atravessam os campos para irem até a margem do ri Tapajoz, onde consta já terem apparecido por varias vezes. (Officio do engenheiro Joaquim Miguel Ribeiro Lisboa, datado de Manãos, em 1 de Setembro de 1869.)

O *Amazonas*, periodico da capital da provincia do mesmo nome, annuncia um assalto destes indios, que teve logar a 16 de Julho de 1869, feito á barraca do inspector do segundo quarteirão do districto do rio Madeira, no logar denominado Frechal, de que resultou o assassinato a taquaradas da mulher do inspector, D. Anna Joaquina do Nascimento, e de uma india boliviana, que n'essa occasião se achavam sós. Levaram comsigo a cabeça da infeliz D. Anna como despojo de seu cruel triumpho.

Segundo o *Diario do Grão Pará*, estes selvagens, no comeco de Novembro do mesmo anno, assassinaram a flechadas dous indios, que haviam ido ao rio Machados buscar farinha, a serviço de José Rezende de Moraes. Na foz do rio foi a morte dos rapazes.

Urapas. — Turás. — Piranhas. — Matanhãs. — Erram nas cabeceiras de alguns affluentes do rio Madeira.

Papanazes. — Seu idioma era apenas entendido pelos Goytacazes e Tupiniquins seus inimigos, apezar de suas longas guerras. Eram caçadores e pescadores, dormiam no chão em cima de folhas. Se um delles matava outro, era entregue aos parentes do morto, e na presença dos de ambas as partes immediatamente estrangulado e enterrado. Todos faziam clamorosas lamentações no acto da execução, e depois banquetevam-se e bebiam juntos por muitos dias, até que da inimidade não restava vestigio. Ainda que a morte tivesse sido accidental, o castigo era o mesmo. Se o delinquente se evadia, era o filho, a filha, ou o parente mais chegado em sangue, em seu logar, mas o substituto em logar de perder a vida, ficava sendo escravo do herdeiro do morto.

Patachós.— Communicaram ao *Jornal da Bahia* da Villa da Barra do Rio de Contas, em data de 10 de Novembro de 1869 :

« Nazario Ferreira da Cruz, residente da villa da Barra do Rio de Contas, indo em dias do mez de Novembro do corrente anno encontrar uma boiada, que havia comprado no termo da Imperial Villa da Victoria, de volta com a boiada, passando no logar *Rexado* termo de Ilhéos, acima da villa 5 ou 6 leguas, a elle se queixaram os moradores desse logar que estavam sendo perseguidos horivelmente pelos indios *Patachós*, os quaes já haviam queimado duas casas e feito grande destruição nas roças, cortando cacoeiros e flechando as pessoas que avistavam, havendo alli alguns feridos; que esses indios eram muito ferozes, tanto que o Rvm. Fr. Luiz do Catulé tinha receio de passar por esta estrada, e queria mudal-a para outra parte, conforme já havia escripto ao seu amigo José Pinto, morador de Ilhéos.

« Nazario, com receio de ser offendido, trazendo duas indias *camacans* e com os outros vaqueiros em numero de seis pessoas, foram ao logar do aldeamento dos *Patachós*, cercaram a rancharia, e pegaram nove indios *Patachós*, sendo um homem, duas mulheres e seis meninas de 2 annos a 12.

« Chegando a Ilhéos, deixou alguns desses meninos entregues a familias para os educar, e trouxe para villa da Barra o homem, as mulheres e duas creanças que estão em sua companhia. Esta gente é inteiramente bravia, não sabe uma só palavra nossa, e custa-se muito a entender o que elles querem.

« Nazario propõe-se a ir de novo a esse lugar, levando os ditos indios *Patachós* que aprisionou para chamar o resto dessa tribu á civilização, se o governo da provincia nisso concordar, e o quizer auxiliar com algum dinheiro para as despezas, visto que elle já despendeu com a primeira entrada cerca de 80\$000, pagando 10\$000 a cada homem que o acompanhou. »

#### TABA OU ALDEIA DE INDIOS

A aldeia era ordinariamente formada de grandes casarões, ou abarraçamentos, a que chamavam *ocas*, feitos de páo e de algum barro, cobertos em fôrma convexa de folhas de pindoba, tendo 150 pés de comprimento, 14 de largura e 12 de altura. Junto ao tecto tinha cada *oca*, *girâos* onde guardavam os utensilios e comestiveis.

A's vezes toda a povoação construia para si só um rancho, em que cabiam 200 pessoas.

Dentro não haviam repartições de esteiras ou tabiques, e sim esteios para as rédes.

No meio da *oca* accendiam uma fogueira para cosinhar, allumiar de noute, aquecel-os e livral-os de morcegos.

Eram as *ocas* dispostas, deixando no centro uma area (*ocára*) para a qual de cada rancho havia tres vãos, ou portaes baixos, ordinariamente sem porta ou postigo.

A *taba* era cercada de uma tranqueira de *palancas*, de fôrma pentagonal.

As vezes esta cerca, que chamavam *cahiçara*, feita sem fosso, era de uma palmeira espinhosa, ou de *taboca*,

e se tornava quasi sempre inexpugnável, e á entrada della espetavam em páos a pique as caveiras dos inimigos.

As *tabas* abandonadas se chamavam *taperas*, nome que se applica hoje a um sitio ou roça abandonada.

#### UTENSILIOS DOS INDIOS

Reduziam-se a um *patiguá* ou *petiguá*, especie de arca, algumas talhas ou *iguacaba* para os vinhos ou para a agua, testos para coser a mandioca, panellas de ferro, uma combuca de guardar farinha, e algumas cuias singellas, as quaes serviam de copos para beber agua, e ás vezes de pratos.

Tambem tinham rêdes (*ini* ou *maquira*) as cordas (mussurana), e outras de varias embiras.

Para onde se mudavam, levavam os utensilios.

O homem, a pretexto de que devia ir ligeiro para combater, só levava o arco e a flecha, e tudo o mais a mulher. A rêde ao hombro, o petiguá ás costas, o cabaço e cuia dependurados a um lado, o cão atado a uma corda pela mão, e o filho pequeno n'uma tipoia ás costas.

Outro utensilio ou arma indispensavel a algumas cabildas, era a canôa (*igara*).

#### VESTUARIO DOS INDIOS

Póde dizer-se que os indios e indias andavam sem o menor vislumbre de vexame, quasi nus.

Alguns indios de climas mais frios se cobriam porém com pelles de animaes, e outros para se fazerem temidos, usavam por carapuça e mascara de focinhos de

onça, e outros animaes—com dentes e com tudo—segundo diz Pero Lopes, e como ainda vê-se em tribus do Alto Amazonas.

Os chefes usavam de *cocares* em occasiões solemnes, e ás vezes para abrigal-os do sol, e eram feitos de pennas amarellas e vermelhas, côres pelas quaes teem muita predilecção.

Os *cocares* cobriam o craneo até as orelhas, aos quaes chamavam *acanguape* ou guarnição de cabeça.

Nos pés traziam umas axorcas feitas de certos fructos, que juntos tiniam como cascaveis, e da cintura, pela banda posterior, pendia uma tanga de plumas de ema, ou *enduape*.

Alguns se cobriam tambem de uma especie de mantos ou trofas de pannos, que denominavam—*açoyaba*.

#### SEPULTURA DOS INDIOS

Dispunham alguns as sepulturas dentro dos ranchos em que viviam. Ao morto servia de feretro a propria rêde, que ficava suspensa na cova, a qual era coberta de páos e ramagens, e de terra pelo parente mais chegado. Se o defunto era o principal, ia trajado de pennas com todas as armas, e na sepultura deitavam-lhe generos para comer, beber e fumar, e tinham-lhe fogo aceso por alguns dias.

Outras vezes, lá nos Ilhéos e Espirito-Santo, nas cabildas que dormiam sobre folhas no chão, mettiã o defunto de cocaras, em posição analogã a dos fetos no ventre, com todos os seus trajos, dentro de uma talha de barro.

Ainda se encontram muitas dessas talhas com qualquer desaterro ao abrirem-se estradas.

Chamam-se *camucins* essas urnas funerarias, e outr'ora assim se chamavam todas as talhas e potes pintados, a que tambem chamavam *iguacabas*,

A sepultura chamavam *tibi*, e ao cemiterio *tibi-caara*.

Em Minas descobriam-se sepulchros de barro, como caixões, de côr castanha, com pinturas de arabescos e pontinhos, feitos de barro de côres, tudo envernizado com resina, tendo, de ordinario, cinco palmos de comprimento, tres de largo e tres quartos de palmo de alto.

SENTENÇA DE UM TAMOYO EM ENTREVISTA COM LERY

— Porque viestes e os portuguezes de tão longe a buscar madeiras? A vossa terra não vos subministra tantas para queimar?

— Subministra, e em grande abundancia; mas não deste genero de arvores, quaes são as vossas, principalmente os *brasis*, que não servem para queimar, como julgais, mas para tingir como fazeis aos vossos fios escarlates e pennas, e outras cousas.

— E vós necessitades de tão grande abundancia de madeiras?

— Sim; ha entre nós um mercador que possui muitas pennas escarlates, facas, tesouras e espelhos, mais do que nós vos temos trazido; só elle compra todo o *brasil*, ainda que delle fossem carregados muitos navios.

— Contas-me cousas admiraveis, e mais do que tenho ouvido; dizei-me, esse homem tão rico não morre?

— Morre, assim como os outros homens.

— E morrendo, para quem ficam estes bens?

— Aos filhos, se os tem—quando não, a seus irmãos e irmãs—ou aos mais proximos parentes.

—Então, eu vos advirto, francezes, que vós sois muito loucos. De que serve fatigar-vos tanto, atravessando os mares, e para o vencerdes, passardes por tantos males, que vós tendes contado, a buscar riquezas para deixardes aos filhos, que vos hão de sobreviver? A terra que vos sustenta não bastará tambem para sustentar a elles? Nós tambem temos filhos e parentes, que vós vêdes, e os amamos muito; porém confiamos certamente que depois da nossa morte, a terra que nos sustentou, tambem os ha de sustentar da mesma fórma, e nisso descansamos.

#### TENDENCIA DOS SELVAGENS PARA A POESIA

O Sr. J. Norberto, distincto escriptor nacional, no capitulo II do 2º livro da *Historia da litteratura brasileira* falla sobre a tendencia dos indigenas brasileiros para a poesia, estabelecendo um exame sobre as tribus que mais se avantajaram na cultura dessa arte sublime, exame que no pendor da balança se declara a favor dos Tamoyos, ou Tupinambás, seguindo-se-lhes os Goytacazes.

Entre os *Caraibas*, que ignoravam todas as artes, tambem acharam-se canções, segundo o Commendador A. J. de Mello, em suas *Biogr. dos hom. ill. de Pernambuco*, vol. I.

Os celebres viajantes Spix e Martins colheram, durante sua viagem pelo Brasil, alguns fragmentos de poesia.

Almoçaram com um paulista em uma povoação, o qual era mui dado á lingua geral, e delle obtiveram os versos seguintes, que mostram, segundo a opinião do Sr. Norberto, que estes povos exagerados na sua linguagem, possuiram tambem um não sei que de jovial e satyrico em suas poesias.

- « Nitio xa potar cunhang
- « Setuma sacai waá ;
- « Curumú ce mana mamane,
- « Boia sacai majaué.
- « Nitio xa potar cunhang
- « Sakiva-açu waá ;
- « Curumú ce monto-monloque
- « Tiririca majaué. »

A traducção allemã é a seguinte :

- « Ich mag nicht Weib
- « Mit gar zu schlanken Beinen ;
- « Sonst wurde ich umwickelt
- « Wie von einer dunnen schlange.
- « Ich mag nicht Weib
- « Mit gar zu langem Kaar
- « Sonst mochte es mich schneiden
- « Wie ein Gehag von Gueisslgras. »

A versão portugueza é :

- « Não quero mulher, que tenha
- « As pernas bastante finas,
- « A medo que em mim se enrosquem,
- « Como feras viperinas.

- « Também não quero, que tenha.
- « O cabelo assaz comprido,
- « Que em matos de tiririca
- « Achar-me-hia perdido. »

Os viajantes allemães notam que a repetição da palavra *Curumú* nos terceiros versos de cada estrophe, encerra a graça principal desse *gaguejar poetico*.

Os seguintes versos, que talvez pertençam aos Guay-curús, apresentados como uma amostra de poesia indiana pelos mesmos autores, são de outra natureza; respiram mais melancolia, e comtudo não deixam de ter certa novidade, são pelo menos tão originaes como os primeiros :

- « Scha mann ramaé curi
- « Tejerru iaschió.
- « Aiqué Caracara-i
- « Serapiró aramú curi.
  
- « Scha mann ramaé curi
- « Se nombôre caá puterpi
- « Aiqué Tatú memboea
- « Se jutûma aramú curi. »

Os versos da traducção allemã são estes :

- « Wenn ich einst gestorben,
- « Wolte du nicht weinen ;
- « Da ist ja Caracara-i
- « Der wird mich beweinem.
  
- « Wenn ich einst gestorben
- « Wirf du mich in den Wald ;
- « Da ist ja das Armadill
- « Das wird mich begraben. »

Em portuguez é assim :

« Quando me vires sem vida,  
« Ah! não chores, não por mim,  
« Deixa que o Caracará-i  
« Deplore o meu triste fim.

« Quando me vires sem vida  
« Atira-me á selva escura,  
« Que o tatú ha de apressar-se  
« Em me dar a sepultura. »

Para que melhor se comprehendam estes versos, é necessario que se saiba, que, segundo uma tradição, pensam os Guaycurús, que foram elles creados pelo Caracará, quando já existiam os outros povos. Quem pois com mais razão deveria chorar a destruição de sua bella obra? Quanto ao tatu, sabe-se geralmente que elles penetram os sepulchros subterraneos, e nutrem-se de cadaveres humanos. Diz o Sr. Dr. A. Gonçalves Dias :

« Quando immundo tatú, na concha involto  
« Vae de manso volver minada campa. »

---

O indio só presa uma cousa no mundo—a sua liberdade. Mas uma liberdade completa, absoluta, sem limites; não uma liberdade como a nossa, mesquinha, limitada, igualitaria e despotica; impaciente para com um unico senhor, pacientissima para com muitos, encadeada em todos os musculos por prejuizos, leis, contractos, necessidades e vaidades estupidas; apertadas

malhas que prendem o homem como ás de uma rêde; mortalha immensa, cujas dobras o suffocam. O indio é

.... Cavale indomptable et rebelle  
Sans frein d'acier ni rênes d'or,

liberdade virgem, que não reconhece, não aceita, não se submete a cousa alguma, que não seja o seu capricho.

Vimos indios abandonarem o salario de um anno inteiro, e quanto possuiam, só para partirem algumas horas mais cedo.

(EMILE CARREY).





## PARTE III

### CURIOSIDADES

#### CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO

O nosso amigo St. Wanderley, de Maceió, escreveu-nos em Março de 1869, em relação ao que publicámos na 1ª serie da *Selecta*, sobre esta cachoeira, o seguinte :

« A proposito de sua publicação occorre-me lembrar-lhe que servindo ella aqui em concurso para prova oral e de regencia na parte que trata da Cachoeira de Paulo Affonso, notei que foi V. mal informado quanto à distancia, pois da barra do rio S. Francisco á cidade do Penedo são 7 leguas de viagem e do Penedo á Cachoeira são umas 70 e tantas leguas !

« Se um meu amigo ( Dr. Moura, procurador fiscal ) publicar um trabalho que fez acerca da provincia, lhe mandarei um exemplar, onde V. achará as distancias das comarcas, villas, etc. »

#### CATACUMBAS

Em 1858 estampou-se em Pernambuco um desenho mostrando o plano, córte e perfil elevado de um dos mais curiosos edificios, que seguramente possui o Imperio.

Este edificio, cujo architecto parece ter sido unicamente Deus, está situado não longe das nascentes do

Parahyba, quasi a 140 leguas de Pernambuco, no macisso da *Serra dos Irmãos*. Figure-se uma montanha de 300 metros somente de altura, porém cortada a pique por cima de uma corrente que muge estrepitosamente; depois tudo ao redor uma terrível solidão, bosques, arêas, massas de pedra calcinada, excavada, e ennegrecida pelo fogo de vulcões extinctos. Trepa-se a está montanha por uma senda natural, praticavel até para bestas cavallares, chegando-se á altura de 200 metros, ahi para-se, porque é uma plataforma, da largura sómente de algumas dezenas de pés, donde se descobre mais de 100 metros abaixo, a copa vecejante das arvores gigantescas de uma floresta virgêm, onde se ouve ainda, como um ruído longinquo e confuso, o rugido da torrente.

Naquella plataforma, á direita, ha uma abertura estreita, por onde se entra em vasta gruta, excavada na rocha viva, e tapetada de algumas plantas trepa-deiras, por entre as quaes se buvem correr os lagartos. No fundo, isto é, a 20 passos da primeira entrada, vê-se outra porta natural, dando accesso para uma immensa gruta, que tem 15 passos de largura media, e pelo menos 150 de uma extremidade a outra. As paredes, á direita e á esquerda, estão forradas de craneos humanos, canellas, cabeças de animaes, pelles de feras, flechas, plumas e massas. São indubitavelmente tropheos dos guerreiros indios, cujos tumulos alli estão alinhados nos dois lados, desde a entrada. Cossa singular são esses tumulos, porque constam simplesmente de grandes vasos de terra endurecida ao sol, sobre os quaes se assentaram enormes, e pesados tampos da mesma terra assim cozida, revestida de pelles cortidas.

Ahi repousam os guerreiros indios, acorados, com a cabeça encostada ás mãos, e os cotovellos descansados sobre os joelhos, e com as suas armas e joias postas ao lado. Contaram-se vinte e tres cadaveres, e a maior parte em perfeito estado de conservação.

Tentou-se tirar de dentro d'aquelles vasos, mas desfizeram-se logo em pó, e só ficou nas mãos dos curiosos visitantes uma pelle negra e dura, semelhante a pergaminho ennegrecido ao fogo. Todos tinham bem conservados os dentes, e alvos como o mais brunido marfim; os cabellos porém tinham-se desprendido dos craneos, e encontravam-se mechas delles ou pegadas ás costas das mumias, ou cahidas no fundo dos vasos. Na extremidade da galeria havia mais sete vasos, semelhantes em tudo aos primeiros, mas com a tampa no chão junto delles, esperavam de certo cada um ha longos annos o seu cadaver que nunca chegou.

Removeram-se para Pernambuco dous desses tumulos, e hoje ornam o seu museu. O gargalo destes vasos está adornado com um colar de contas encarnadas, misturadas com outras pretas e brancas. De certo suppriria elle as respectivas inscripções, e tinha por fim perpetuar a memoria do defunto. A que data podem remontar estes tumulos? A que povo se deverão attribuir?

#### A CAVERNA DE PARANAPANEMA

... Era o dia 7 de Junho de 1860. Residiamos em Itapetininga. A caverna distava desta cidade 15 leguas.

Caminhamos o primeiro dia 9 leguas, e fomos pernoutar no Ribeirão do Bom Retiro em um frondoso bosque, onde a custo penetrava os raios do sol.

.... Despontou o dia, e continuámos a viagem. Atravessámos muitos bosques de pinheiros, que erguiam para o céu suas frentes coroadas de verdura, e attrahiam nossa attenção. Aquellas grandes arvores, que pareciam gigantes de pé a devassar as nuvens, aquelles numerosos troncos, uns já abatidos, outros decrepitos, sem folhas nem galhos, ainda em pé symbolizando a imagem da destruição, sem mais nem um emblema da sua realleza; estes no vigor e na robustez de sua mocidade, aquelles em toda sua virilidade, todos emfim decorando um scenario pittoresco, offerecem ao poeta horas profundas de meditação, inspirações sublimes.

.... Chegámos a uma collina, onde ficamos extaticos diante de um painel todo novo, mais arrebatador que todos os que tínhamos visto e admirado. Eram as vastas campinas do Capão-Bonito, em cuja extremidade está situada hoje a villa de Paranapanema, que suavemente se desdobravam a nossos olhos.

..... A planicie é tão vasta, que a vista se perde entre o verde dos campos, e o azul do céu. Bem longe se distingue a custo a serra de Iguape que forma o sombreado desse quadro magestoso.

..... Entrámos á noute na pequena villa, falhamos aqui o dia 9 e 10 e seguimos no dia 11 para o termo de nossa viagem, que dista d'ahi tres leguas, e cujos caminhos são pelas mattas. Tivemos que vencer logares bem custosos, e chegámos a final á velha Paranapanema, cujas ruinas nada teem de notavel senão terem sido de uma acanhada povoação feita pelos antigos sertanejos, que trabalharam nas minas do Ribeiro, denominado Chapéo. D'aqui á caverna dista um quarto

de legua. Pernoutamos ao pé dessas ruínas, e no dia 12 partimos, parte da comitiva foi a pé, parte a cavallo.... Todas as proximidades das margens do ribeiro de Chapéo são auríferas, ainda se encontram signaes das velhas excavações dos antigos paulistas, e mineiros, que alli lavraram por espaço de muitos annos sempre com vantagem. Tendo interrogado alguns maiores do logar, por que chamavam o Ribeiro do Chapéo, nos foi communicada a seguinte tradição — que em um dos dias dessas antigas minerações, ou porque faltasse a *batea*, ou porque o metal que appareceu fosse em grande quantidade, se serviram de um chapéo para apanhal-o, e que disto vinha o appellido.

Chegamos felizmente ao logar dezejado

Achamo-nos emfim no adro desse templo mysterioso que tem motivado tantas legendas entre o povo tão propenso ao maravilhoso.

Não é nem collocado em cima da serra, nem na baixada, é verdadeiramente na encosta. O exterior todo é coberto de mattas virgens, porém as arvores em geral são pequenas, porque sendo toda a cupolá da caverna de pedras, ellas não encontram o alimento preciso para crescerem e aprofundarem suas raizes, as quaes tomam direcções diversas, e vão tocar a terra.

Pisamos o limiar do portico principal e lançamos os olhos para o seu interior. A impressão que recebemos á primeira vista foi desagradavel. Encontra-se um escuro tenebrozo, pontas de pedras calcinadas, e ouve-se um ruído surdo e longinquo, produzido pelo ribeiro, que atravessa as profundidades da caverna. Um não sei que nos affirmava que estes logares eram habitados por alguém, um não sei que nos fazia

respeital-os. Eu logo protestei de não me entranhar por esse labirinto.

Acendemos as tochas de ante mão preparadas, sem as quaes não se póde fazer a visita, e proseguimos. Cada um com sua luz na mão, formavam todos um grupo, que parecia antes uma procissão de enterro, com a differença porém de que em vez de se notar nos semblantes de todos a tristeza e o abatimento, só se lia a curiosidade e o espanto. Começamos a visita na primeira sala que segue em linha recta, e se eleva em sua extremidade, onde se vê uma especie de throno. O seu tecto é tão alto, que mal os raios dos tocheiros tocavam-o.

A' esquerda subindo-se encontramos uma grossa columna cheia de gomos, formada de pingos de um liquido filtrado pelo tecto, que formando pequenos gomados, chegou a este resultado pelo que observamos.

Nossa descripção não poderá ser interessante, por isso que nada sabendo de mineralogia, não podemos dar conta de tudo que alli dentro se acha.

... Adiante da columna, subindo sempre, encontram-se cubiculos com estreitas entradas, e uma pequena clara boia, unica que se divisa em toda a caverna. A luz que derrama é tão pallida, tão fraca, que nada se póde distinguir. E' semelhante a um raio de luz penetrando em um profundo valle. Ha não sei que de horrivel nessa luz, cahindo n'aquellas cavidades, que infunde indizivel terror.

Descendo e chegando ao primeiro ponto eis que tambem chegam alguns dos nossos companheiros de viagem, que se tinham atrasado. Assim como nós deram os mesmos passos, e deliberaram-se entranhar

pela caverna. Quando ainda não tínhamos tomado medida alguma no pequeno congresso que reunimos, eis que dous dos mais destemidos dos nossos companheiros embocaram por um outro portico praticado na parede direita, e lá sumiram-se.

Eu os acompanhei no correr até onde se começava a descer, e ahí fiquei aguardando o resultado desse passo. A curiosidade os enchia de coragem, foram aventurar. Logo depois voltamos á primeira sala, e ahí esperamos por elles, quando depois de longo tempo, ouvimos gritos na baixada, e voltavam orgulhosos de sua coragem, e satisfeitos de suas observações.

Disseram-me que a não percorrer-se toda a caverna, perderia a viagem — que tinham visto muitas cousas interessantes.

Assim, confiado nos companheiros, comecei a descer. Em distancia de quatro braças mais ou menos ha um despenhadeiro, é preciso tomar-se á direita. Assim o fizemos por um estreito corredor, em que apenas cabe um homem, e por entre as palavras de animação— coragem! não ha perigo— sahimos em uma segunda sala; ha de notavel aqui uma porta de pedra que sendo tocada, sôa como um sino. A sua voz por aquellas sombrias abobadas era solemne e grandiosa, e produzia em nós admiração misturada de terror. Não tocamos a extremidade desta sala. Continuamos a descer, chegamos a um ponto que não era possivel vencel-o sem o soccorro de um vara-páo, que tocando no fundo pudessemos por elle deslizar. De antemão já lá estava. De um em um descemos por elle, e todos nos achamos, reunidos em

uma medonha cavidade. Ainda ha um degrão, que não é tão alto; por isso que um dos nossos companheiros, de gatinhas, me recebeu sobre as costas.

Tocamos enfim as aguas do subterraneo, que encontramos muito crystalinas, e muito frias. Tivemos aqui um pequeno congresso. Dous dos nossos companheiros que nos tinham precedido na caverna, resolveram que esperassem enquanto elles subiam pelo ribeiro a indagar outros logares. Com effeito cada um com sua luz desapareceu por entre o fundo das pedras. Ficamos cinco pessoas; então lancei os olhos áquellas sombrias arcadas, seu aspecto era pavoroso. Conhecia que aquelle ar não era proprio para nossa vida; senti algum desassócego, vinha-me sempre a imaginação o faco de um desabamento, e durante todo o trajecto a lembrança da morte me perseguia. Cuidamos pois em sahir dessas regiões, a que não estavamos acostumados, e começamos a descer ora com agua pelos joelhos, ora mais baixo ou mais acima. Nestes longos corredores é que se encontra maravilhas. As paredes estão como que cravadas de brilhantes.

Ha um mineral que nos pareceu stalactites espalhado por todas ellas. A claridade dos archotes sobre essas substancias produz um effeito maravilhoso. E' um verdadeiro encantamento. Muitas vezes tocava com a mão, e só encontrava pedra.

Ha um phenomeno muito notavel da luz nesses logares. Em todas as abobodas deste templo de granito ha do dito liquido petrificado, pontas de mil fórmãs e maneiras.

Ao passo que se caminha, estes objectos desapparecem, fogem como uma sombra.

A luz derramada por entre elles dava-lhes um phantastico movimento, de modo que parecia-nos seres vivos, que se occultavam á vista do visitador curioso.

Continuamos a descer passando sempre pela agua. Pouco paravamos para observar, o que eu dezejava era ver-me fóra dessa tenebrosa habitação. De quando em quando viamos passar alguns morcegos brancos, únicos habitadores desse extenso subterraneo.

Em certo logar nos extraviámos da agua, e tomamos á direita, fomos de novo procural-a, encontrando um salto aparado, que descemos com alguma difficuldade, segurando-nos por alguns bicos de pedra, que felizmente se encontram. Chegados á um certo logar vi lobrigar uma pequena luz parecida com uma estrella. Perguntei logo por ella, se me respondeu que era uma das sahdas da caverna, pois ha uma outra pela agua, mais abaixo.

Esta resposta foi um raio de esperanza que me veio naquella noute profunda, pois confesso que receiava não sahir mais daquelle logar, que ficaria alli sepultado para sempre. Vimos muitas inscrições, fizemos tambem algumas, gravámos nas pedras nossos nomes, sahimos finalmente dessas tristes moradas, tendo consumido tres quartos de hora em todo o trajecto. . . . . Quando vi-me no gozo pleno do nosso elemento, passei as mãos pelos olhos para me certificar de que não estava dormindo. . . . Buscamos de novo a entrada principal da caverna, onde estavam nossas armas de fogo. Alli chegando, lembramo-nos dos companheiros que tinham tomado outro rumo.

. . . Ouvimos seus gritos que sahiam daquellas profundidades, e logo conjecturámos que pediam socorro.

Com effeito do logar onde elles tinham-nos deixado a umas 14 ou 16 braças, seus archotes apagaram-se, o ar não era sufficiente para sustental-os. Viram-se submersos na profunda noute da immensa caverna. Lembraram-se de nós, resolveram tornar para traz, umas vezes caminham de gatinhas, outras arrastavam-se pelas lages com difficuldade. Chegando onde nos tinham deixado, tudo era silencio. Gritaram, e só ouviram o echo de suas vozes retumbar pelas abobodas, e sumir-se. Passaram então um momento serio e solenne. O desanimo começava a pairar sobre elles, tanto mais que intentando subir pela vara, pela qual tinhamos descido, não poderiam conseguir. Neste esforço infructifero chegaram os companheiros em seu soccorro. Sahiram todos sujós da lama das pedras; reunimo-nos então, e partimos para o Capão-Bonito, bem empregando as leguas que tinhamos caminhado.

PADRE JOSÉ JOAQUIM DE ALMEIDA.

Araraquara, 1862.

#### CRIANÇAS DE DUAS CORES

Nos registros officiaes da camara da villa de Cuyabá, do anno de 1799, acha-se exarado o seguinte extraordinario facto:—O Rvd. coadjutor Manoel Machado de Siqueira, baptisou nesta freguezia no dia 18 de Junho, uma innocente criança, á qual poz o nome de Isabel (filha legitima de José de Arruda e Sá, e de Anna da Fonseca Corrêa, pessoas brancas destas minas); cuja menina nasceu, e ainda assim se conserva, branca da cabeça até ao umbigo, e dos joelhos até a extremidade dos pés, porém preta do umbigo até os joelhos.

DIAMANTE ESTRELLA DO SUL

Em 1855 o Sr. Halphen, da cidade de Paris, recebeu um diamante, verdadeiramente extraordinario pelas suas dimensões, e pela pureza de sua forma crystallina. Os lapidarios a quem foi mostrado, deram-lhe o nome de *Estrella do Sul*.

Pesava 52<sup>gr</sup>,275, e foi encontrado por uma preta empregada na lavra das minas da Bagagem, provincia de Minas-Geraes. E' o diamante maior que tem apparecido na Europa, proveniente do Brasil.

Figurou na Exposição Universal de Paris.

Delle se occupam o Sr. conde de La Hure em sua obra — *L'Empire du Brésil*, publicada em Paris em 1859, Hippolyte Carvalho em seus — *Etudes sur le Brésil au point de vue de l'emigration et du commerce français*, Paris, 1858, e o *Panorama*, 12<sup>o</sup> vol. de 1855, 17<sup>o</sup> de 1867.

Este periodico accrescenta que os mais notaveis diamantes que se conhecem, são os do Imperador da Russia, o do grão-duque da Toscana, o Regente, e o Ko-hi-no-or que houve occasião de admirar na exposição de Londres em 1851. Todos esses diamantes são originarios da India.

O valor de pedras semelhantes varia muito, segundo as circumstancias e é todo convencional. O que se conhece pela denominação de *Regente*, foi avaliado em 8 milhões de francos, ou 1,440:000\$000 pouco mais ou menos, nos inventarios da Corôa em 1848, e o Ko-hi-no-or esse cedeu-o o governo inglez á companhia das Indias por 6 milhões de francos ou 1,080:000\$000, calculando, em um e outro caso o franco, por 180 rs. da moeda portugueza.

A FONTE DO SENHOR

Assim se chama o remanso que fazem as aguas do rio Iguape na provincia de S. Paulo, em um recanto de pouco fundo.

As lendas tradicionaes, recolhidas pelos religiosos de outro tempo, rezam que tal nome lhe proveiu por se ter ahi lavado a imagem do Senhor, que se venera na ermida da Senhora das Neves, a qual encontrada em uma praia deserta, fora alli lançada para a purificarem da vegetação marinha que recebera das aguas do oceano.

« Boiava ella; diz o jesuita Manoel da Fonseca, e com piedosa audacia lhe pozeram uma pedra em cima, ajudando-se de seu peso para conservar coberta d'agua sobre outra pedra, emquanto a purificavam.

« Muitos annos se conservou este lago servindo de pisciua aos necessitados, e dando aos enfermos milagrosa saude com o trabalho só de se lavarem em tão santas aguas.

« Abusaram porém de tanta piedade, e a pedra, que até então era de pequena estatura, querendo a seu modo vingar esta injuria, cresceu, tanto que tomando todo o circulo, o tapou, deixando sómente livre o ribeiro em cujas aguas ainda hoje estão depositados grandes remedios para muitas enfermidades. »

INDEPENDENCIA DO BRASIL

Na *Bussola da Liberdade* n. 51 de 20 de Setembro de 1834, publicada no Rio de Janeiro, lê-se :

« Sr. Redactor.—Não pude ouvir a sangue frio que o Sr. Dr. José Bonifacio fosse o primeiro, que desse o grito da independencia do Brasil; esta gloria só a mim

pertence porque eu é que fui o primeiro, que na cidade do Recife de Pernambuco, a 6 de Março de 1817 pelas duas horas da tarde, fiz soar esta palavra magica que só depois foi echoada em 7 de Setembro de 1822 pelo Sr. Dr. José Bonifacio de Andrada nos campos do Ypiranga. Perdoe-me! o seu a seu dono.

Seu amigo e respeitador

O coronel PEDRO DA SILVA PEDROSO.

#### TYPOGRAPHIAS

Em 31 de Outubro de 1821 chegou á capital do Maranhão uma typographia mandada vir da metropole por conta da fazenda real, sendo logo nomeado director dos trabalhos, o official maior da secretaria do governo Antonio Marques da Costa Soares. Em 13 de Novembro foi-lhe dada uma administração composta do desembargador José Leandro da Silva e Souza presidente, director Costa Soares secretario, e Lazaro José da Silva Guimarães thesoureiro

A officina foi montada no predio em que hoje tem hospital a Santa Casa da Misericordia, e apenas em estado de funcionar, em uma bella tarde, ahi appareceram algumas familias, e anciosas por verem trabalhar a imprensa, conseguiram os seus desejos, compondo o major Rodrigo Pedro Pizarro esta decima, que foi logo impressa :

Certas deidades um dia,  
Seguidas do Deus vendado,  
Foram ver por desenfado  
A nova typographia;

Uma pagina se imprimia  
Não sei de que natureza,  
Mas Cupido com destreza-  
Taes voltas nos typos deu,  
Que na estampa appareceu—  
Viva amor! viva a belleza!

—A primeira typographia que houve no Brasil foi a que estabeleceram os hollandezes em Pernambuco pelos annos de 1634 a 1654, e parece ter pertencido a um tal Brée, que esqueceu-se de nos deixar informações sobre sua pessoa.

#### CAPELLA DE NOSSA SENHORA D'APARECIDA

A pouco mais de meia légua adiante da cidade de Guaratinguetá, na direcção de S. Paulo, acha-se situada uma solitaria capellinha. E' singela e graciosa a architectura; uma montanha serve-lhe de pedestal, e em horizonte infinito domina moldurado um dos panoramas mais arrebatadores, que se póde contemplar.

Reza a tradição, e constá do livro do tombo a respeito da imagem de Nossa Senhora, que alli se venera, o seguinte :

« No anno de 1719, pouco mais ou menos, passando por esta villa para as Minas o governador dellas e de S. Paulo o conde de Assumar, D. Pedro de Almeida, foram notificados pela camara os pescadores, para apresentarem todo o peixe que podessem haver para o dito governador. Entre muitos foram a pescar Domingos Martins Garcia, João Alves e Francisco Pedroso com suas canôas, e principião a lançar suas redes no porto de

José Corrêa Leite, continuaram até o porto de Itaguassú distancia bastante, sem tirar peixe algum, e lançando nesse porto João Alves a sua rede de rasto, tirou o corpo da Senhora sem cabeça, e lançando outra vez a rede mais abaixo tirou a cabeça da mesma Senhora, não sabendo-se nunca quem ali a lançasse.

« Guardou Alves esta imagem em uns pannos, e continuando a pescaria, não tendo até então achado peixe algum, dalli por diante foi tão copiosa a pescaria em poucos lanços, que os pescadores, receiosos de naufragar pelo muito peixe que tinham nas canôas, retiraram-se ás suas vivendas, admirando este prodigio.

« Fellippe Pedroso conservou seis annos esta imagem em sua casa, junto a Lourenço de Sá; depois mudou-se para a Ponte Alta, e dalli para o Itaguassú, onde deu a imagem a seu filho Athanasio Pedroso, o qual fez um oratorio para collocar a Senhora, e no sabbado iam todos os devotos alli rezar o terço.

« Em uma das occasiões em que rezavam, apagaram-se as vellas repentinamente, estando a noute serena; então Silvano da Rocha levantando-se para accendel-as, ellas por si accenderam-se; foi este o primeiro prodigio:—depois em outro dia viram tremer o nicho e altar da Senhora, bem como as luzes. Em outra occasião (sexta-feira para o sabbado, estando reunidas muitas pessoas para cantarem o terço) estando a Senhora guardada em uma caixa, ouviu-se dentro da mesma grande estrondo.

« As pessoas que presenciaram estes prodigios foram propalando a noticia, até que esta chegou aos ouvidos do vigario da vara José Alvares Villela; este e outros

devotos edificaram uma capelinha, que depois foi demolida, sendo edificada em seu logar a que actualmente existe. »

Dos sertões de Minas, dos confins de Cuyabá, e do extremo do Rio Grande, vão todos os annos piedosas romarias cumprir religiosas promessas, feitas á Senhora d'Apparecida, Virgem afamada pelos seus milagres. As paredes da capella não tem mais logar para as figuras de cêra, troncos, cabeças, braços, pernas e mãos de todos os tamanhos e feitios, que se vêm simultaneamente pendurados ao lado de numerosos paineis, que symbolisam os martyrios e dores que angustiam a existencia humana. Alli se mostram umas algemas de ferro, que o tempo não conseguiu enferrujar, apezar dos muitos annos que tem decorrido, depois que cahiram repentinamente dos braços e dos pés de um recrutado, que procurára a capella, e orara com fervor á Nossa Senhora para lhe restituir sua liberdade, extenuado de fadiga como se achava, devorado pela fome, exausto de forças por caminhar descalço, a pé, e encorrentado por entre sertões inhospitos.

A' pouca distancia da capella existe na beira da estrada uma pedra já meia encoberta pelos espinheiros, a que chamam a *pegada*.

Na sua face superior está perfeitamente gravada a planta de um pé humano.

Contam os moradores antigos do logar, que um filho desnaturado tendo concebido o nefando intento de assassinar sua mãe, a esperava sobre esta pedra, e que no momento em que ella passava, e elle ia perpetrar este monstruoso crime, sentiu o pé agarrado ao lagedo,

e tal foi o seu terror, que poucos momentos sobreviveu á esta tremenda punição dos céos! (\*)

A maravilhosa lenda da Aparecida aviventa nossa memoria a respeito da lenda de Nossa Senhora da Penha, imagem collocada no edificio levantado sobre uma rocha pela fé de Pedro Palacios, na villa do Espirito Santo, da provincia do mesmo nome, assumpto grave de que tratamos no *Ensaio historico e estatistico*, publicado em 1858, Victoria, e que, ainda ultimamente, fez mover a delicada penna, e fluente imaginação do Sr. Dr. Pessanha Pova em suas *Legendas*.



(\*) Vide o escripto do Sr. Zaluar sobre a capella á pag. 8 do volume XV da *Revista Popular*.



# INDICE



	PAG.
Juizo da imprensa	3
PARTE I	
1 André Vidal de Negreiros	13
2 Angela do Amaral Rangel	16
3 Anna Rodrigues	16
4 Antonio Augusto de Queiroga.	19
5 Antonio de Sá.	20
6 Antonio do Lado de Christo.	30
7 Antonio Manoel de Mello.	21
8 Antonio Marianno de Azevedo Marques.	33
9 Antonio Pereira (Padre).	35
10 Antonio Simplicio de Sallas.	23
11 Antonjo Vieira (Padre).	25
12 Antonio J. N. Burnier	31
13 Antonia Bezerra	35
14 Aureliano de Souza Oliveira e Coutinho	36
15 Aureliano José Lessa	37
Barão de Ayuruoca (22).	52
Barão de Iguarassú (27).	114
Barão de Quarahim (111)	272
16 Barbara Eleodora Guilhaermina da Silveira.	38
17 Beatriz Ferrão.	39
18 Bento Teixeira Pinto.	39
19 Bernardo Pereira de Vasconcellos.	39
20 Carlos Miguel de Lima e Silva.	49
21 Casimiro de Abreu	50
Conde de Irajá (92)	231
22 Custodio Ferreira Leite.	52

	PAG.
23 Delfina Benigna da Cunha	55
24 Diogo Antonio Feijó	57
25 Domingos Borges de Barros.	111
26 Domingos Caldas Barboza	112
27 Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto.	114
28 Euzebio de Mattos	114
29 Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso da Camara.	115
30 Fabianno de Christo (Fr.)	120
31 Francisco Alberto Teixeira de Aragão	121
32 Francisco Alvares Machado de Vasconcellos	122
33 Francisco Bernardino Ribeiro	124
34 Francisco Cordeiro da Silva Torres Alvim.	125
35 Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.	125
36 Francisco de Paula Menezes.	131
37 Francisco de S. Carlos	132
38 Francisco de Santa Thereza de Jesus Sampaio.	134
39 Francisco Ferreira Barreto (Padre)	136
40 Francisco Julio Xavier (Dr.) . . . . .	136
41 Francisco Maria dos Guimarães Peixoto.	138
42 Francisco Solano (Fr.) .	143
43 Francisco Vilella Barboza	145
44 Francisco Xavier Aranha (D.).	148
45 Frederico Sellow	148
46 Germana (a irmã).	149
47 Gonçalo Soares da França.	152
48 Gracia Hermelinda da Cunha Mattos . .	152
49 Henrique Dias .	153
50 Honorio Hermeto Carneiro Leão	162
51 Jacintha de S. José	166
52 Jeronyma Mendes.	167
53 Jeronymo de Albuquerque Maranhão	168
54 Joanna Angelica .	171
55 Joanna de Gusmão.	173
56 João Alves Carneiro (Dr.)	174
57 João <del>de</del> Lisboa Serra.	176
58 João Pedro Maynard	177
59 João Vieira de Carvalho .	179
60 Joaquim Ignacio de Seixas Brandão	176

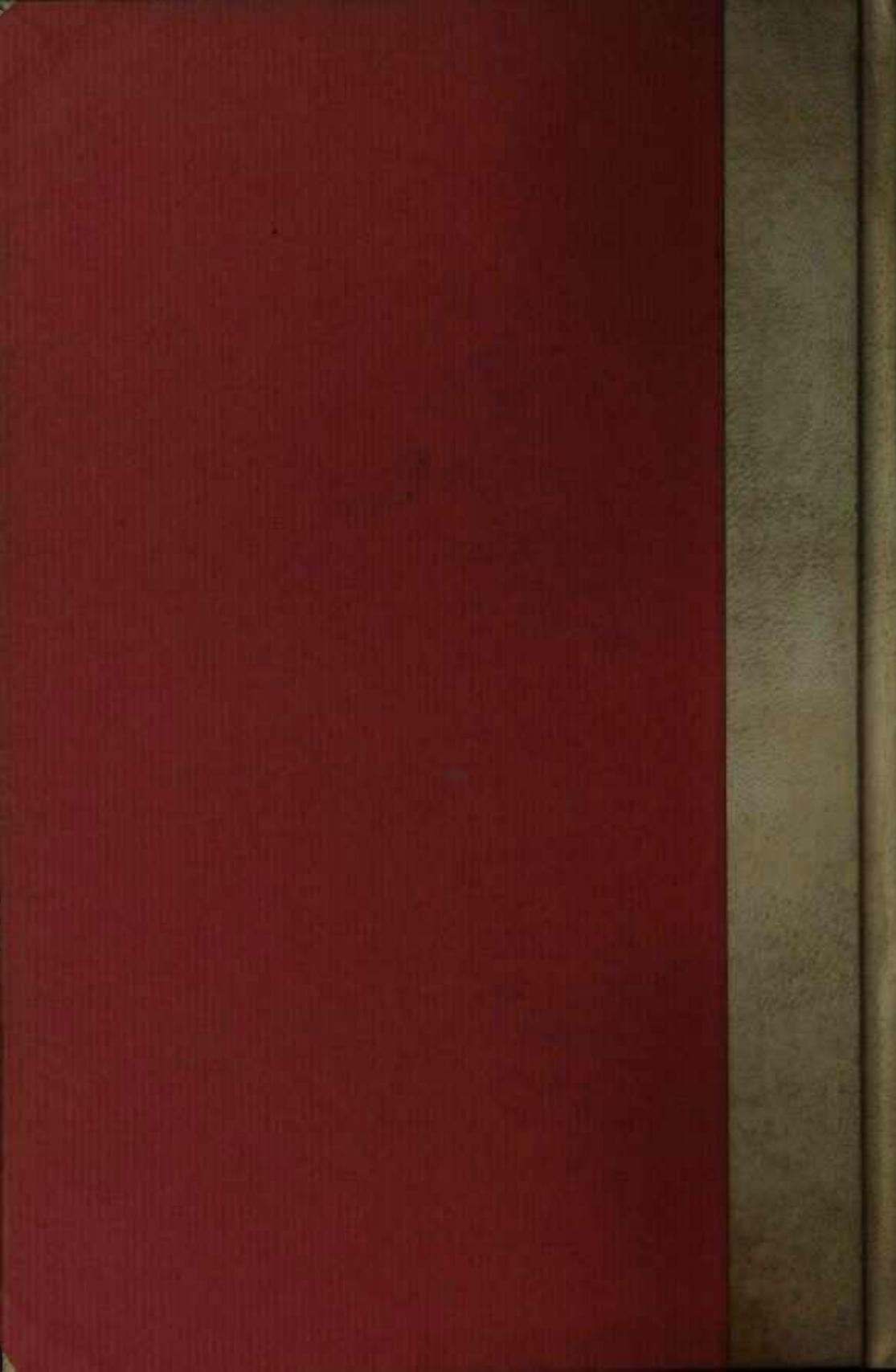
	PAG.
61 Joaquim Velloso de Miranda	180
62 José Affonso de Moraes Torres.	180
63 José Basilio de Souza.	182
64 José Clemente Pereira	183
65 José da Costa Azevedo (Fr.)	190
66 José da Natividade Saldanha	191
67 José de Assis Mascarenhas (D.)	194
68 José de Santa Rita Durão (Fr.)	196
69 José de Souza Pizarro e Araujo.	197
70 José Eloy Ottoni	199
71 José Gonçalves Fraga.	200
72 José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho	204
73 José Joaquim da Maia	205
74 José Joaquim Justinianno Mascarenhas de Castello- Branco.	208
75 José Leandro	209
76 Josefa de Mendonça .	211
77 Josefa Fernandes	212
78 Justinianno José da Rocha.	214
79 Libanio Augusto da Cunha Mattos.	215
80 Lindolfo Ernesto Ferreira França.	216
81 Lino Antonio Rebello.	216
82 Lourenço Ribeiro (Padre)	217
83 Lourença Tavares de Hollanda.	217
84 Lucas José de Alvarenga .	218
85 Luiz Alves Leite de Oliveira Bello.	218
86 Luiz Barbalho Bezerra	219
87 Luiz Barroso Pereira.	221
88 Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França.	224
89 Manoel Caetano de Almeida Albuquerque.	225
90 Manoel de Freitas Magalhães	227
91 Manoel de Macedo (Fr.).	230
92 Manoel do Monte Rodrigues de Araujo	231
93 Manoel de Moraes.	233
94 Manoel do Nascimento Castro e Silva	234
95 Manoel de Santa Maria Itaparica.	235
96 Manoel Felizardo de Souza e Mello	236
97 Manoel Joaquim de Menezes.	241

	Pag.
98 Manoel Mauricio Rebouças (Dr.).	215
99 Manoel Theodoro de Araujo Azambuja.	247
100 Marcos Teixeira	251
101 Maria Josepha Barreto	252
102 Maria Ortiz.	254
103 Maria Quiteria de Jesus Medeiros.	238
104 Marianna Pinto	254
Marquez de Lagas (59).	179
Marquez de Paraná (50).	162
Marquez de Paranaguá (43).	145
105 Martim Francisco Ribeiro de Andrada.	255
106 Martinho Alvares da Silva.	260
107 Mathias de Albuquerque.	280
108 Miguel de Souza Mello e Alvim	281
109 Miguel Eugenio da Silva Mascarenhas	264
110 Paulino José Soares de Souza.	265
111 Pedro Rodrigues Fernandes Chaves	272
112 Rita Joanna de Souza.	273
113 Sebastião da Rocha Pitta	274
114 Ursula Luiza do Monserrate	275
Visconde de Jerumerim (84)	125
Visconde da Pedra Branca (25)	111
Visconde de Sepetiba (14)	36
Visconde do Uruguay (110).	265
PARTE II	
Indigenas	277
PARTE III	
Cachoeira de Paulo Affonso.	307
Catacumbas.	307
Caverna de Paranapanema	309
Criança de duas côres	316
Diamante Estrella do Sul	317
Fonte do Senhor	313
Independencia do Brasil.	318
Typographias	319
Capella de Nossa Senhora da Aparecida	320









## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).